VARIOS DISCURSOS POLITICOS.

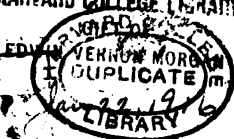
POR

MANOEL SEVERIM DE FARIA
CHANTRE, E CONEGO NA SANTA
SE' DE EVORA.

FIELMENTE REIMPRESSOS
POR
JOAQUIM FRANCISCO MONTEIRO
DE CAMPOS COELHO, E SOIZA.

LISBOA
NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.

ANNO M. DCC. LXXXXI.
Com lic. da R. Meza da Com. Ger. sobre o Exame, e Censura dos Livros.

C.H.

AO LEITOR.

COstumaõ os Arquitectos quando intentaõ levantar alguma fabrica, debuxala primeiro em huma pequena traça, para depois se acertar melhor o edificio. Este preceito, que a experiencia fez commum a todas as Artes, guardaraõ antiguamente com grande observancia os Escritores Gregos, e Latinos, procurando os mais d'elles provar primeiro o estillo em pequenos Tratados, para depois o poderem continuar com perfeiçaõ em obras de maiores argumentos. Chamáraõ particularmente os Poetas Gregos a estas primeiras obras, *Idylia*. Posto que o seu nome mais gèral foi: *Progymnasmata*, que quasi quer dizer: Primeiros exercicios literarios.

Deste genero de escritura he a pequena vida do monge Malco que S. Jeronimo fez com intento de ver se se podia empregar em huma historia Ecclesiastica que intentava compôr: *Prius* (*diz elle*) *exerceri cupio in parvo opere, & veluti quandam rubignem lingue abstergere; ut pervenire possim ad altiorem his-*

 to-

toriam: ſcribere enim diſpoſui ab Adventu Domini uſque ad noſtram ætatem, &c. Do meſmo genero foi a Defenſaõ do Emperador Theodoſio, que compoz Saõ Paulino Biſpo de Nola, ſendo ainda mancebo, e inviou a Saõ Jeronimo para que lhe emmendaſſe o eſtillo: e d'ella pronoſticou o Santo Doutor o muito, que depois ſe vio em Saõ Paulino, dizendo-lhe: *Macte virtute qui talia habes rudimenta, qualis exercitatus miles eris?* Semelhante intento dizem, que foi o do Dialogo em que ſe introduz S. Agoſtinho falando com Paulo Oroſio. Porèm nem todos tomaraõ eſtes argumentos graves para começarem a exercitar ſeus engenhos, antes muitos eſcolheraõ outras materias de letras humanas, de que ſaõ bom exèmplo entre os Antigos Heliodoro Biſpo Triccenſe na ſua ficçaõ de Theagenes, e Clariclea, como teſtifica Niceforo Caliſto, (*) e entre os modernos o Cardeal Adriano, que depois foi Summo Pontifice, no ſeu tratado das Fraſes Latinas. Pelo que com taõ grandes exemplos fico baſtan-

(*) *Nicef. lib.* 12. *c.* 34.

tantemente diſculpado, ſe antes de tirar á luz outras obras maiores, que tenho jà para eſtampar, publîco eſtes pequenos Diſcurſos: que ou na materia, ou na grandeza, parecerà por ventura a alguem que naõ dizem com ſeu Autor. E aſſi naõ ha para que trazer em abonaçaõ propria outras ſemelhantes compoſições de Eſcriptores profanos, poſto que graviſſimos, como a Batracho Myomachia de Homero, os Idylios de Theocrito, e Pindaro, a vida de Evagoras de Iſocrates, o Culex de Virgilio, as Slyvas de Eſtacio Papinio, as Epiſtolas de Falatides Agrigentino, a Epiſtola de Bruto, o Clarimundo e Grammatica de Joaõ de Barros, a Opugnaçaõ de Dio de Damiaõ de Goes as duas Comedias de Franciſco de Sá de Miranda, o comento de Gracilaſſo de Fernando de Herrera, os Diſcurſos do Meſtre Fernaõ Peres de Oliva, os emblemas de D. Joaõ Horoſco, os preceitos da Hiſtoria do Croniſta Luis Cabrera, e outras muitas obras, que deixo de apontar, pois baſtaõ as referidas para dar confiança a eſtes Diſcurſos, os quaes eſcolhi entre outros, aſſi

pe-

pelo que devemos ao bem publico deſte Reyno, como por ſerem varios, e tratarem de materias até agora naõ eſcritas no noſſo vulgar, ſendo dignas de ter d'ellas noticia, todo o homem politico.

DIS-

DISCURSO I.

DO MUITO QUE IMPORTARA' para a conservaçaõ, & augmento da Monarquia de Hespanha, assistir sua Magestade com sua Corte em Lisboa.

HE taõ conhecido no mundo o natural amor que os Portuguezes tem a seu Rey, que justamente se poderà duvidar, se os fundamentos que aqui aponto para sua Magestade assistir em Lisboa, nascem mais do desejo que todos temos de o ver presente, que de verdadeiras razones que para isso haja. Porèm como as causas, que para esta resoluçaõ offereço saõ taõ evidentes, e fundadas na milhor doutrina dos que trataõ de Estado, estou certo, que ninguem julgarà me movêo a persuadir este intento, paixaõ alguma natural, mas sómente o zello do bem publico de Hespanha cuja conservaçaõ, e augmento pende grandemente desta assistencia,

To-

(*) Todos os Authores, que modernamente escrevêraõ do governo politico, affirmaõ, que a Monarquia que ao presente Sua Magestade possue, he a maior de quantas atè agora se viraõ em todas as idades passadas. Porém, que assi como excede às quatro primeiras na grandeza do senhorio, assi lhe levàraõ ellas ventagem na qualidade delle. Porque os Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos tiveraõ seus dominios unidos, e continuados, que os fazia ser mais fortes, e duraveis: e pelo contrario Hespanha naõ tem Estado que naõ seja dividido, e apartado hum do outro, o que jà naturalmente enfraquece sua potencia. He a mesma Provincia de Hespanha quasi huma Ilha, porque de tres partes a cerca o mar, e sò pela mais estreita fica continuada com França. Os estados de seu senhorio saõ as principaes costas maritimas do novo Mundo, de Asia, e de Africa, as Ilhas do mar Oceano, e as melhores do Mediterraneo, com as

---

(*) *Bozius adverf. Machavel. c. 5. in fin Et design. Ecclesf. Dei tom. 1. lib. 8. c. 1. Relat. de Bot. p. 2. li. 4. tit. Reg Catho. et alij.*

as provincias de Napoles, Millaõ, e Flandres; quaſi todas eſtas Provincias eſtaõ deſmembradas humas das outras por muitos centos de legoas, e impoſſibilitadas a ſer ſoccorridas de Heſpanha per terra; e a meſma difficuldade ha para Heſpanha ſe valer de ſuas forças, quando lhe for neceſſario. Com tudo conforme aos meſmos Authores, eſte mal da diviſaõ ſe pòde remedear de maneira, que em nenhuma couſa fique a noſſa Monarquia inferior às paſſadas, o que ſerà ſenhoreando-ſe Sua Mageſtade do mar com poderoſas armadas. Porque como todos os Reynos de ſeu ſenhorio eſtejaõ poſtos ao longo da agua com muita facilidade pòde ſocorrelos com o numero de ſoldados, artelharia, e munições, que lhe forem neceſſarias, acodindo no meſmo tempo a diverſas, e mui diſtantes partes. E como quer que cada Provincia das ſugeitas à Heſpanha, tem as forças que lhe baſtaõ para ſe ſuſtentar eſperando eſte ſocorro, vem a ficar o noſſo dominio eſtando dividido, mais firme, que o de hum corpo ſó, no qual huma violencia pòde fazer maior ruina, que naõ no apartado: como ſe vio no

gran-

grande Imperio dos Perſas, à quem de todo acabou o impeto do vitorioſo exercito de Alexandre; e pelo contrario Carthago ſendo muito menor ſenhorio ſe defendeo largos annos contra os Romanos, por ter ſeus eſtados divididos em Africa, Sicilia, e Heſpanha, e ſer ſenhora do mar por onde os ſocorria. Para a confirmaçaõ deſta verdade, deixando outros Autores, trarei ſómente dous, por ſerem os mais celebres do noſſo tempo, hum na ſciencia, e outro na experiencia. O da ſciencia he Joaõ Botero, (*) que na ſua razaõ de eſtado fallando dos eſtados mais duraveis, diz dos de Heſpanha, que poſto que eſtaõ apartados huns dos outros, ſenaõ podem chamar deſunidos, tendo eſta Coroa dinheiro com que os ſocorrer, e podendo-o fazer por mar, de cuja navegaçaõ ſe podem chamar ſenhores os Catelães, Biſcainhos, e Portuguezes, e que por eſte meio fica o Imperio de Heſpanha feito hum ſó corpo, principalmente depois que ſe unio a Coroa de Portugal à de Caſtella, cujas navegações ſaindo de Heſpanha abarcaõ to-

(*) *Bot. li. 1. de Ragion de ſtato.*

todo o mundo de Occidente a Oriente com muita facilidade, por acharem em toda a viagem os pórtos, ou proprios, ou de amigos, como se vè destas palavras: *Apresso, si bene sono lontani l'uno de l'altro* (falla dos estados de Hespanha) *nose debbono pero stimare affato desuniti, conciosia ch'oltre ch'el denaro (del quale que la corona è dovitiosissima) vale assaiper tutto sono uniti per mezo del mare, avegnadio, che non è stato cosi lontano, che non possa ester socorso (fuor che la Fiandra per oppositione de Inghilterra) con l'armate maritime; ei Catalani Biscaini, i Portoguesi sono de tanta excellenza nella marineza, che se posso no dire veramente padroni dela navigatione. Hor le forze navali in mano de si fatta, gente, fanno che l'imperio, che altramente pere diviso, esmembrato se debbasti mare unito, & quasi continuo. Tanto piu adesso, che si è congiunto Portugalo con Castiglia le quali due natione partendosi, quella de Ponente verso Levante, e questa verso Ponente, s' incontrano insieme, al'Isole Philipine. Et in tanto gran viaggio trovano per tutto Isole, Re-*

Regni, e porti alor comando perche sono o del dominio, ò de Principi amici, ò de clienti, ò de confederati loro. &c. O da experiencia he Dom Bernardino de Mendoça, que fallando com Sua Mageſtade que Deos tem, ſendo Princepe, na ſua Theorica de guerra, diz o meſmo por eſtas palavras: *Eſta conſidaracion obliga a V. A. a favorecer y honrar a los ſoldados de mar, hazendoles merced, ya los pilotos, y marineros, y entretener grueſſas armadas de ordinario, proporcionando las fuerças dellas a las de tierra, que es con que ſe aſſegura mas la conſervacion de los imperios, ſeñoreando lo mar, y eſto es fundamento pera durar, ſegun razon humana ſu grandeza por la neceſsidad que las mas Provincias tienen de reſpetarle para mantener ſus tratos, y comercios por la facilidad con que puede offender en differentes partes a un miſmo tiempo, el que es poderoſo en la mar, y aun que eſto en general no obligàra a V. A. la Monarchia, que ha de poſſeer, y qualidad de ſus coronas, y Eſtados pide por la ſituacion dellos, tener armadas de mar, con que ſocorrerlos en qualquer ſuc-*

fucceſſo, y offender al enemigo, pues de ſi miſmo cada uno de por ſi, tiene fuerças con que mantenerſe eſperando ſocorro &c. Segundo iſto claro fica, que a nenhum Principe importa tanto o poder do mar, como ao de Heſpanha, pois ſò pelo meio das forças maritimas faz hum corpo unido de tantas, e taõ diſtantes Provincias, como ſaõ as de ſua Coroa, ſocorrendo-as a tempo, e recebendo dellas com ſegurança os immenſos theſouros com que a enriquecem, os quaes naõ ſendo os Heſpanhoes ſenhores do mar, ficaõ ſogeitos a ſerem roubados de ſeus inimigos. Donde podemos ter por certo, que a duraçaõ, e firmeza deſta Monarchia conſiſte em ſer ſenhora do mar, e que naõ tendo forças maritimas naõ pòde ter nenhum Eſtado por ſeguro. Aſſi o deu a entender excellentemente ElRey D. Manoel a ſeus deſcendentes, quando tomou os titulos de ſenhor da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India, chamando-ſe primeiro ſenhor da navegaçaõ, como moſtrando claramente (àlem do direito que no ditado acquiria) que com eſte ſenhorio poſſuia ſeguramente aquellas Pro-

vin-

vincias, e que sem elle as naõ podia com razaõ chamar suas.

Para Sua Magestade ter o senhorio do mar, de que como vemos pende sómente a conservaçaõ de sua Monarchia, saõ necessarias duas cousas. A primeira assistir com sua Corte em hum lugar maritimo de Hespanha. A segunda, que esse lugar esteja em sitio acomodado pera socorrer delle com facilidade suas Conquistas, e fazer as armadas que convèm; isto se prova per muitas razões.

A primeira he, que estando ElRey no sertaõ, se impossibilita a acodir ás cousas do mar como a necessidade o requere porque a ausencia dos negocios naturalmente causa descuido, e esquecimento delles, e ainda que se encarreguem a Ministros confidentes quando saõ de summa sustancia, cousa he notoria, que os naõ podem tratar, como seu dono proprio. E assi o mesmo tempo tem mostrado, que nenhum Principe teve poder no mar, senaõ os que assentaraõ suas Cortes em lugar maritimo. (*) E deixando os exemplos dos Per-

(*) *Just. lib. 2.*

Persas, que sendo taõ grandes Monarchas foraõ vencidos no mar por piquenas Respublicas, a experiencia no lo mostra hoje em quasi todos os Princepes do mundo. E começando pelos de Asia, sabemos todos, que dos maiores senhores della saõ os Reys da China, Bisnaga, o dos Mogores, Nizamaluco, e Idalcaõ; os quaes por residirem no sertaõ, ainda que tenhaõ muita parte de seus estados maritimos, saõ taõ pouco poderosos no mar, que lhes levaõ muita ventagem nesta parte os Reys do Malavar, Dachem, Pão, e Jâos. O mesmo aconteceo em Africa aos Reys de Argel, que tendo menor senhorio de costa que os Xarifes, os sobrepujàraõ nas armadas, por os de Argel assistirem naquelle porto, e os Xarifes pela terra dentro em Fez, e Marrocos. Em Europa bem vemos a ventagem que nas forças do mar fazem Inglaterra, Olanda, Veneza, Genova, e o Turco a todos os outros Principes que tem suas Cortes no sertaõ. (*) E deixando outros exemplos, ne-

(*) *Chron. d'ElRey D. Manoel p. 4. c. 86.*

nenhum nos póde moſtrar iſto mais claro que Portugal, no qual em quanto os Reys reſidiraõ em Lisboa, ſabemos que alèm das grandes frotas, que mandavaõ para as ſuas conquiſtas, todos os annos ſahiaõ deſte Reyno tres armadas, huma que andava em guarda da coſta delle, outra nas Ilhas, e a terceira no eſtreito, com as quaes conſervàraõ ſeus Eſtados de maneira, que nunca em ſeu tempo chegou inimigo algum a roubar lugar da coſta de Portugal, e defenderaõ o Eſtado da India contra o poder do Soldaõ do Cairo, e do Grão Turco, desbaratando-lhe poderoſiſſimas armadas. Porém deſpois que Sua Mageſtade ſe auſentou, começou logo a auſencia a fazer ſeus effeitos, de modo que em poucos annos ceſſaraõ de todo as armadas; e achando os inimigos o mar deſemparado dellas, roubaraõ as frotas do Braſil, e de Guiné, e muitas náos da India, e ſaquearaõ toda a coſta do Braſil, Ilhas do Cabo Verde, & dos Açores, e

---

Chron. d'ElRey D. Joaõ 3. p. 1. c. 14. e p. 4. c. 49. e 68.

e nos tomàraõ as Molucas, e finalmente entràraõ no mesmo Reyno, onde destruiraõ Faro, e toda a Costa do Algarve, e cercàraõ Lisboa passeando muitas legoas com hum exercito por Portugal, o que tudo aconteceo por os Reys estarem no sertaõ, e com sua ausencia faltarem as armadas, que defendessem a Costa do Reino, e as frotas que vem de suas conquistas.

A segunda razaõ porque estando os Reys no sertaõ naõ podem ser poderosos no mar, he, porque ainda que concedamos, que naõ obstante a ausencia dos Reys, se façaõ as armadas necessarias, com tudo assaz se tem conhecido,, que naõ estando ElRey a ellas presente, saõ de mui pouco effeito. Porque nenhuma cousa anima tanto, e provòca a esforço os Soldados, e Capitaens, como a presença do Principe. E sabendo que ElRey vê, e conhece os que se embarcaõ, e que acabada a jornada ha de ter noticia daquelles que bem o fizeraõ, aventuraõ-se a todo o perigo por alcançarem victoria. A experiencia disto se vio claramente em nossos dias nas armadas que ElRey D.

Felippe I. de Portugal, despachou de Lisboa, duas das quaes, estando presente, mandou contra os Francezes, que tinhaõ as Ilhas dos Açores, e duas estando ausente, contra Inglaterra; as primeiras alcançàraõ gloriosissimas vitorias de poderosos inimigos, e as outras per si se desfizeraõ sem nenhum effeito, e com grande perda da reputaçaõ de Hespanha.

A terceira razaõ he pelo mào aviamento com que as armadas vaõ despachadas na ausencia de ElRey por negligencia, ou malicia de alguns contratadores, ou officiaes inferiores. Porque com esta occasiaõ aconteceo algumas vezes roubarem os mantimentos, ou os darem máos, e contaminados, e os materiaes, e aparelhos da navegaçaõ velhos, e podres com grande damno dos navegantes, comendo os biscoutos danados, e mesturados com cousas nocivas, os vinhos corruptos, e às veses as pipas vasias, com que poem muitas vezes a risco as vidas, e saõ constragidos a arribar, e deixar suas viagens, como naõ ha muitos annos temos visto; o que estando ElRey presente, naõ poderà aconte-

tecer, porque de força ouvirà eſtas queixas, e caſtigarà riguroſamente os culpados.

A quarta, porque eſtando ElRey preſente, naõ ſe perderàõ as conjunções, que muitas vezes ſe perdem no partir das nàos da India, e mais armadas, as quaes deixaõ de dar à vella, tendo tempo feito, por eſperarem os deſpachos, que haõ de vir de Madrid, e com iſto ſe paſſaõ as occaſiões de maneira que muitas vezes vimos deixarem de hir as nàos à India, ou naõ partindo de todo, ou fazendo-o a tempo que tornàraõ logo a arribar; pondo aquelle eſtado a perigo de ſe perder, o que naõ acontecia em quanto os Reys aſſiſtiaõ em Lisboa, nem acontece agora aos Olandeſes: os quais fazendo mayor caminho que o noſſo, chegaõ primeiro que nós à India, porque naõ eſperaõ por eſtes deſpachos, e por eſta cauſa à vinda ſe recolhem tambem primeiro.

Nem contra iſto ſe pòde dizer, que ElRey aſſiſte em Madrid por razões de mór importancia, que para iſſo haja, como ſaõ eſtar no centro de Heſpanha, para com igual diſtancia acodirem a

Sua Mageſtade de todos os Reynos della, e que naõ tendo Heſpanha outro Reyno confinante de que ſe poſſa temer ſenaõ o de França, he bem conſiderado eſtar ElRey em parte, donde poſſa com facilidade ſoccorrer aquellas fronteiras, que ficaõ muito longe da coſta do mar Occeano, e que aſſiſtindo ElRey em lugar maritimo ſe aventura a perder a reputaçaõ pelas prezas que ordinariamente fazem os coſſairos junto das barras, o que eſtando auſente em Madrid, lhe naõ toca tanto, e fica mais ſegura ſua peſſoa. Porque todos eſtes inconvenientes tem facil repoſta.

E quanto ao primeiro de ficar Madrid nomeio de ſeus Reynos, haſe de conſiderar, que a Monarquia de Heſpanha naõ conſta ſó de Heſpanha, mas de todas as Provincias de ſuas conquiſtas, e que para eſtas naõ fica Madrid no meio, mas muito deſviado. Porque aos que haõ de vir por mar que he a maior parte de ſeus Vaſſallos, aſſi de Italia, e Flandres, como do novo Mundo, Africa, e India, mais perto lhe fica qualquer porto do Occeano, que naõ Madrid, metido

do no coraçaõ de Hefpanha, onde os requerentes vaõ com grandes incomodidades fuas, e dos negocios, que por eftas dilações fe perdem muitas vezes. E vindo à mefma Hefpanha tambem a havemos de confiderar do Occeano atè Madrid, e dahi atè os Perincos. E affi he claro, que affiftindo ElRey na cofta, ametade de Hefpanha lhe fica na mefma diftancia, e ainda que a outra parte do fertaõ naõ efteja taõ perto da cofta, importa pouco, pois he jufto que fe tenha mór refpeito às Cidades maritimas de Andaluzia, Valença, Catalunha, Galiza, e Bifcaya; a quem a comunicaçaõ do mar ficarà mais vezinha, por ferem de muito mòr importancia, e concorrerem nellas tantas occafiões de guerras, Conquiftas, e Cõmercios, o que nos lugares do fertaõ naõ fucede. E com tudo a diftancia que de novo fe acrecenta aos lugares mediterraneos, naõ he taõ grande, que com tres dias de caminho mais, fe naõ poffa acudir a qualquer parte em que Sua Mageftade eftiver na cofta.

(*) De menor confideraçaõ he a affiften-

(*) *Marian. lib.* 1. c. 15. p. 19.

tencia d'ElRey em Madrid para focorrer a vifinhança de França, porque alèm deftes Reynos eftarem hoje tam unidos em paz, e parentefco, coufa he notoria, a quem lêo as hiftorias de Hefpanha, como fendo efta Provincia muitas vezes Conquiftada de eftrangeiros nunqua o foi de Francefes. Os primeiros que fenhorearaõ Hefpanha foraõ os Fenices, que paffando com fuas navegações as Colunas de Hercules, plantaraõ muitas Colonias na quella cofta, e fe logràraõ largos annos de fuas riquezas. Sucederaõ-lhe os Cartaginefes, que fendo fenhores do mar, occupàraõ com facilidade os melhores pórtos della, e por elles poffuiraõ as Cidades do Sertaõ. (*) A eftes lançàraõ os Romanos fóra fó pelo fenhorio do mar, porque fendo jà expellidos de Hefpanha pelos Cartaginefes, tornàraõ a mandar por mar os Scipiões a Hefpanha, que de novo a Conquiftàraõ. Por mar fizeraõ Tarife, e Muça fuas entradas, com que fe fenhorearaõ de Hefpanha, e por mar paffaraõ depois a ella tantas vezes os Almoravides,

Al-

(*) *Id. l. 2. c. 18. 20.*

Almohades, e Benemerines pondo de novo o senhorio dos Reys Christãos de Hespanha a risco de totalmente se perder, senaõ fora socorrido com evidentes milagres do Ceo, e atè que os Hespanhoes naõ ganharaõ o mar aos Mouros naõ poderaõ cobrar as Cidades da costa, e lançalos totalmente fóra, como se vio nas tomadas de Lisboa, Sevilha, Alcacere, Sylves, Almeria, Algeziras, e Conquistas do Reyno de Granada. Por mar depois disto, saqueàraõ os Inglezes a Cadiz, e o Algarve, assaltàraõ a Corunha, e cercaraõ Lisboa. E por mar vimos ainda ontem aportar huma armada de Turcos a Galiza, e cativarem os Galegos dentro em suas casas. Pelo que com razaõ, do mar nos podemos temer, que da terra naõ ha que ter cuidado. Verdáde seja que antigamente vieraõ de França os Celtas, e povoàraõ boa parte de Hespanha, porèm isto fizeraõ como povoadores, e naõ como Conquistadores. Porque ficando Hespanha deserta daquella grande seca, de que todos os escriptores fazem mençaõ, os mesmos Hespanhoes trouxeraõ daquella Provincia os Celtas, para lhes ajudarem a cultivar,

var, e habitar a terra. (*) Tambem os Vandalos, Suevos, e Alanos, entràraõ em Hespanha pela parte de França, (*) más isto naõ se pòde atribuir aos Francesen, senaõ à traiçaõ dos soldados de Constante, que sobornados destas naçóes, lhe deraõ o passo livre; e achando Hespanha sem governo, e sem soldados, foi-lhe pouco difficultoso senhorear-se della, como o tinhaõ feito dà mesma França. (*) Finalmente ainda depois da entrada dos Mouros tiveraõ os Francesen algum senhorio em Catalunha recuperando do poder dos Arabès a Barcelona. Mas isto foi à instancia dos mesmos naturaes da terra, que antes se quiseraõ ver sugeitos a Carlos Magno, como Rey Catholico que era, que naõ aos Mahometanos, e com tudo foi pequeno este senhorio, e durou pouco tempo. Pelo que de França se naõ podem temer forças, aque naõ resistaõ aquellas fronteiras, como se vio em tempo d'El-Rey Catholico, (*) nos exercitos que vi-

(*) *Garib. lib.* 7. *c.* 59. (*) *Marlan lib.* 1. *c.* 14. (*) *Hist. de Barcel. de Frei Francisco Dieg.* lib. c. 19. (*) *Chron. de Carlos V. lib.* 10. §. 7.

vièraõ em favor de D. Joaõ dela Brit sobre Navarra, que todos se retiraraõ sem fazer cousa de consideraçaõ, o mesmo aconteceo em tempo do Emperador Carlos V. no qual entrando os Francefes em Hespanha com hum poderoso exercito, sahiraõ de todo desbaratados, e deixando a seu General cativo, sendo assi que estava o Emperador em Alemanha, (*) e toda Castella chêa das discensoens das comunidades que ainda em parte duravaõ. Nem passaraõ melhor os que ultimamente vieraõ a Hespanha por mandado da Princesa de Bearne, quando foraõ as revoluções de Aragaõ, porque poucos escaparaõ de mortos, ou de cativos. A ssi que de França naõ ha que temer, antes os Francefes se podem recear de Hespanha, pellas muitas vezes que os desta Provincia tiveraõ naquelle senhorio. Porque deixando a jornada de Anibal, que com o exercito Hespanhol passou toda França, e a de Galba, que com outro semelhante se fez senhor della, e do Imperio Romano: os Godos possuiraõ grande tempo boa parte da Gallia,

que

(*) *Bavia, p. 4. da Pont.*

que por isso chamàraõ Gotica. (*) E os Mouros que em Hespanha viviaõ passaraõ muitas vezes em França, onde Conquistàraõ a Provincia de Linguadoque, e estiveraõ em ponto de se senhorear de todo o Reyno. (*)

A ultima causa a que se tras pera a assistencia de Madrid, que he a perda da reputaçaõ pelas prezas dos piratas, naõ he digna de se considerar, porque estando ElRey em lugar maritimo, de necessidade ha de ter as armadas que dizemos, com que se senhore-e do mar, e assi naõ pòde haver estas prezas, antes a causa de se ellas fazerem he a ausencia dos Reys, por amor da qual tomaõ animo os cossarios para cometter semelhantes atrevimentos, os quaes naõ intentariaõ sabendo, que com os Reys presentes haviaõ de ser castigados. E se de presente vimos que estando Sua Magestade que Deos tem, em Lisboa ainda continuaraõ estas presas, naõ era isto de temerem pouco a presença Real, mas por verem que sua estada era de pas-

(*) *Moral. lib.* 11. *c.* 12. *e* 45. (*) *Marm. lib.* 2. *c.* 14.

passagem, e naõ de assento, e que por tanto lhe faltavaõ as armadas, que de força ouvera de trazer na costa quando nesta Cidade residira; quanto mais que naõ se alcança reputaçaõ com o descuido, ou dissimulaçaõ dos damnos recebidos, nem com deixar tomar as nàos da India depois de ancoradas em nossos pórtos, e as barcas à vista da terra, senaõ com ter Hespanha huma poderosa armada, que guarde suas costas, e com saberem todos os inimigos que està ElRey no porto de mar para castigar suas insolencias. E assi naõ ha Author que escrevesse de estado, que fizesse consideraçaõ deste inconveniente para por elle aconselhar aos Reys, que assistissem no Sertaõ, antes todos aprovaõ a residencia da Corte em lugar maritimo, e a tem por de summa importancia. Aristoteles nas suas Politicas diz, que a Cidade cabeça da Republica serà maritima: *Urbis autem situs*, diz elle, (*) *si formanda nobis illa est, secundum votum opportune, & ad terram, & ad mare debetiacere.* E em outra parte diz, que evidentemente he necessario, que

(*) *Polit. lib. 7. c. 6.*

que a Cidade Cabeça da Republica tenha tanto poder no mar, quanto convèm aos tratos, e exercicios da mesma: *De navali autem potentia quod melius sit eam habere usque ad aliquam quantitatem manifestum est, magnitudo autem, & multitudo huius potentii ad mores cinitatis erit accomodanda, &c.* O mesmo confirma Santo Thomas sobre este lugar, dizendo que em todo caso convèm, que a Cidade tenha poder maritimo. *Expedit igitur civitati potentiam habere nauticam.* Porém sobre todos o entenderaõ os Romanos, os quaes conhecendo que Carthago, Capua, e Corintho, por serem sitios maritimos, e mui acõmodados para o senhorio do mar, lhe podiaõ tirar o Imperio, as destruiraõ de todo, como affirma claramente Tullio, (*) dizendo delles: *Qui tres solum urbes in terris omnibus, Carthaginem, Corinthum, Capuam statuerunt, posse Imperii gravitatem, ac nomen sustinere &c. & ideo funditus substulerunt.* Pelo que nunca se entendeo que no lugar maritimo se perdia re-

(*) *Tul. de leg. Agraria contra Rullum.*

reputaçaõ, mas antes que sò de semelhantes sitios se podia conquistar, e governar o mundo. E se estes varões taõ insignes aprovàraõ por tam conveniente a assistencia do Princepe dequalquer Reyno em lugar maritimo, com quanta mais razaõ julgariaõ por totalmente necessaria a do Rey de Hespanha, cuja Monarchia sendo toda maritima parece que em certo modo fica monstruosa tendo no sertaõ a cabeça.

Nem se pòde dizer, que com a assistencia de Madrid està a pessoa d'ElRey mais segura, que nos lugares da costa, porque vemos, que nunca dos Reys assistirem em lugar maritimo se lhe seguio perigo algum. Lugar maritimo he Napoles, e naõ longe de Africa, e com tudo sempre assistiraõ nelle os Reys daquelle Reyno. Junto do mar està Londres, com França defronte, que he o inimigo ordinario de Inglaterra, e nem por isso se tiveraõ aquelles Reys por arriscados. O mesmo vemos no Senado de Veneza, e na Corte de Constantinopla. Pelo que assistindo sua Magestade em Lisboa como os Reys Portuguefes faziaõ, sendo o mais fortificado lugar de Euro-

pa

pa, pòde viver nelle taõ ſeguro, e com tanta reputaçaõ como os Reys de Portugal viveraõ, ou ainda muito maior, pois he tanto mais poderoſo que elles.

Por eſtas razões, e por as outras jà referidas, temos viſto claramente como importa a Sua Mageſtade aſſiſtir em algum lugar maritimo de Heſpanha, o que ſupoſto, facil fica de entender, como nenhuma Cidade de toda ella he mais propria para eſte effeito, que Lisboa, porque o lugar que Sua Mageſtade houver de eſcolher, he neceſſario que eſteja no meio da coſta do mar Oceano, que tenha maior, e mais ſeguro porto, muito aparelho de materiaes neceſſarios para fabricar grandes armadas, abundancia de mantimentos, comodidade para ſer previda, ſegurança de inimigos, facilidade para os acometter, e que haja nelle ſaude, e recreações devidas para os Principes, e corteſaõs. Todas eſtas qualidades ſe achaõ em Lisboa de maneira, que naõ haverà outra Cidade, onde todas juntas, e com tanta perfeiçaõ concorraõ.

E começando primeiramente pelo ſitio, elle he o mais acomodado de todos,

dos, porque como as principaes Conquiſtas de Heſpanha ſe comunicaõ pelo mar Oceano, he neceſſario que o lugar da Corte eſteja na coſta do meſmo Oceano, naõ nos pórtos do Mediterraneo, como ſaõ Barcellona Carthagena, e Malega. Nem do meſmo modo da parte do Norte de Biſcaya atè a Corunha. E aſſim no Oceano ficaõ ſò tres, de que ſe pòde fazer conta, que ſaõ, o Porto de Santa Maria, Sevilha, e Lisboa. Do Porto de Santa Maria naõ ha que tratar, por eſtar quaſi nas portas do Eſtreito, e ficar mais longe que Lisboa, as partes que vem do Norte. Sevilha naõ he perto de mar, ſenaõ do rio de Guadalquebir, onde naõ podem ſubir os Galeões por ſer muito baixo, e ficaõ em S. Lucas, e nem os navios que là ſobem eſtaõ ſeguros naquelle porto, pellas inundações do Rio, que juntamente fazem aquella Cidade mal sãa, e por eſtar em lugar chaõ a poem em perigo cada anno de ſe alagar. E aſſi he o ſitio de Lisboa o melhor de todos por eſtar quaſi no meio da coſta de Heſpanha, e para a comunicaçaõ dos outrós Reynos, e Conquiſtas mais facil, como

o

o teſtifica hum Douto Hiſtoriador de noſ-ſo tempo, ainda que pouco affeiçoado a eſte Reyno, dizendo de Portugal, que he ſituado na mais acomodada parte de Heſpanha, aſſi para as navegações antigas, como modernas, porque da parte direita lhe fica Galiza Biſcaya, França, Inglaterra, e Alemanha com as mais Provincias Septentrionaes, defronte as Ilhas dos Açores, Canarias, e Indias Occidentaes; da eſquerda, Andaluzia, com o Eſtreito; e no Mediterraneo, Italia, e Grecia, e paſſado elle, todas as Provincias, e Ilhas de Africa, e Aſia, que noſſas navegações deſcubrirão, e conquiſtàrão: *Situm eſt hoc Regnum* (diz elle) *loco commodiſſimo in medio multorum magnorum Regnorum, & tum ad antiquas, tum ad recentiores navigationes, idoneo: nam facie verſus Occidentem converſa, à dextra habet Galeciam, Biſcayam, Angliam, Germaniam, & reliqua Regna Septentrionalia, à fronte Inſulas Accipitrum* (*quæ aliàs terceræ nominantur*) *Inſulas fortunates vna cum Indiis Occidentalibus; à ſiniſtra Andaluziam, & fretum Herculeum, per quod in mare Mediterrane-*

ne-

neum, e inde in Italiam, & Græ-tiam navigatur. Relicto vero Freto, si à sinistra, Africam circumnaviges, plurima inveniuntur Regiones, & populi plurimi incogniti, ut constat antiquitati, quæ Zonam torridam, credidit esse inhabitabilem, ex quibus locis omnibus Olysiponem appellunt naves preciosissimis mercibus onustæ; imprimis ex Indijs Orientalibus, quas, ut mox dicemus Lusitani Imperio suo subiecerunt.

O porto de Lisboa, que he o segundo que se requere, conhecidamente he o mais capaz, e seguro de toda a Europa, quanto mais de Hespanha, por ser tamanho, que nenhum outro em grandeza póde em muita parte competir com elle, nem recolher taõ grande numero de navios com mais comodidade, por estar obrigado de todos os ventos, e ser de tanto fundo, que nelle se fazem grandissimos galeoens; e as nàos da India, que saõ as maiores embarcaçőes que navegaõ hoje o mar.

A madeira necessaria para fabrícar grandes armadas, tem Lisboa em seu territorio, e na ribeira do Tejo a melhor, que se sabe por ser de fermosissi-

mos pinhaes, e em tanta copia, que della se fizeraõ as maiores armadas, que nunca vio o mar Occeano: como foi a com que passou ElRey D. Afonso V. (*) a tomada de Arzilla, de duzentas vellas, e outra maior com que ElRey Dom Joaõ primeiro tomou Ceita, e a d'ElRey Dom Sebastiaõ, que passou de mil. (**) E pela mesma razaõ mandou ElRey Dom Felipe. I. de Portugal, fabricar neste porto a principal parte da armada, com que o Marquez de Santa Cruz desbaratou a Felipe Estrozi, e aquella famosa, que o Duque de Medina Sidonia levou a Inglaterra, e as com que depois o Adiantado continuou na mesma empresa; e ainda hoje daqui saem os galeões de estado da Coroa de Castella, e aqui se vem prover as esquadras de Biscaya pela muita commodidade, e abundancia que ha na terra de madeira, linho, breu, e outros materiaes, e excellentes officiaes de todos estes mesteres. E assi estando Sua Magestade presente póde aqui mandar fa-

(*) *Chron. d'El-Rey D. Afonso V.*
(**) *Conestag. liv. 1.*

fazer groſſiſſimas armadas de navios de alto bordo, ou de remo, ſem ſer neceſſario manda-los vir d'outras partes. As meſmas qualidades ſe achaõ no Porto de Setubal junto a Lisboa, e com que ſe acreſcenta mais eſta ſua grandeza, e com que Sua Mageſtade ſe póde fazer no mar o mais poderoſo Princepe do mundo.

De mantimentos he Lisboa muito abaſtada, logrando-ſe naõ ſó dos de ſeu termo (que he fertiliſſimo) mas de quaſi todo Portugal. Porque ſendo o Tejo navegavel depois que entra neſte Reyno, ſerve de lhos trazer de carreto com muita facilidade, aſſi de ſuas ribeiras, que ſaõ muito povoadas, como de todo Alentejo, Eſtremadura, e Beira, naõ fallando na grande copia de peixe do meſmo Tejo, e do porto de Setubal, de que ſe provê grande parte de Heſpanha. Da bondade deſtes mantimentos dá teſtemunho Joaõ Botero, (*) dizendo, que ſaõ os milhores de Europa. *I frutti de la terra vi naſcono nella, maggior perfetione che ſe ſapia*

 ne-

(*) *Bot. Relat. univ. tit. Portugal.*

nela Europa. Além deſtes fruitos da terra lhe entra de França, e Alemanha pelo mar infinita copia de trigo, e tantos mantimentos que até de fruitas verdes, e ovos freſcos he provida deſtas Regiões. Donde vemos que ſendo em Lisboa o numero da gente taõ grande, que ſe tem hoje pelo maior povo de Europa he tanta ſua abaſtança que todas as couſas neceſſarias valem nella a menor preço, que nas outras Provincias de Heſpanha. (*)

Naõ he menor a fortaleza deſta Cidade, e a ſegurança, com que ſe nella pòde eſtar dos aſſaltos dos inimigos, porque por mar fica tres ou quatro legoas metida pelo rio dentro, o qual eſtá guardado com ſete Caſtellos fortiſſimos (couſa que póde ſer ſenaõ achará em outra Cidade do mundo) que ſaõ o de Caſcaes, S. Antonio, Cabeça ſeca, Saõ Giaõ, Belem, a Torre velha, e o Caſtello da Cidade, poſtos todos em lugares taõ oportunos, que impoſſivel he por mar ſer acometida, e muito menos entrada; e pela terra eſtá

(*) *Eſpejo del Principe, l. 1, c. 9.*

tá muito longe da costa, a qual toda he brava, e nos portos ordinarios tem seus Castellos, pór onde fica sendo aos inimigos mui arriscada a desembarcaçaõ, depois da qual, antes de chegar a Lisboa, pódem ser primeiro desbaratados, alèm da mesma Cidade ser toda situada em lugar alto, e amparada pela terra de hum eminente, e forte Castello, e por si taõ defensavel, que com pouca fortificaçaõ fica segura, como o mostrou bem na grande resistencia que fez a ElRey Dom Afonso Henriques, (*) quando a conquistou, e depois nos longos e apertados cercos, que sustentou em tempo d'ElRey D. Fernando, e D. Joaõ. I. e ultimamente quando foi cometida dos Inglefes. (**)

A facilidade com que de Lisboa se póde Sua Magestade senhorear do mar Occeano, e socorer suas conquistas pela comodidade de seu sitio, he taõ evidente, que com razaõ a chamou o insigne Historiador Maffeu, Emperatris do Occeano dizendo: (***) *In Oceani velut imperium per*

(*) *Chr. de Duarte Nunes p. 1.*
(**) *Chr, D. Joaõ. I: p. 1. c. 150.*
(***) *Maph. hist. l. 1.*

per opportuno e minet locò. Porque como fica no meio da costa de Hespanha pòde igualmente ao mesmo tempo despedir della huma armada para a boca do Estreito de Gibaltar, outra para o canal de Inglaterra, das quaes se seguirà ficar o mar de Hespanha seguro, assi das nações de Africa, como das do Norte. Porque por muitas vezes se tem visto, com quanta facilidade se póde cerrar o Estreito de maneira, que contra vontade de Hespanha naõ saía vella alguma por elle. E quanto ao mar de Inglaterra, Joaõ Botero confessa que com huma boa armada que andasse naquella parte naõ somente asseguraria Sua Magestade as costas de Hespanha, e as frotas que vaõ, e vem do novo Mundo, Indias, e Africa mas traria em perpetuo receio a Inglaterra, e aos Estados de Olanda: (*) *Perche un bon numero*, diz elle, *di galeoni, & di vasselli da guerra ch'egli tenesse in quei mari non pur assicutrarebe le màrènnmè de Spagna, e dell' America, e le flotte, che vanno su, e giù, materrebbe in*

(*) *Boter. Relaçoes vnivers. p. 2. liv. 4. tit. Reg. catolico.*

in Gelosia, Inghilterra, nè lasciarebbe quieta Fiàdra ei pae si bassii. De tanta importancia seriaõ estas duas armadas, que naõ digo eu sòmente com Botero, bastariaõ para guardar as frotas, e costas de Hespanha, que sò por estes dous Estreitos se podem vir a offender, mas ainda, que com ellas se escusariaõ as mais das armadas, que de ordinario se trazem naquelles mares para sua defensaõ. Porque tendo tomado por aquella parte o mar as navegaçóes dos Olandeses, e naçóes do Norte, fora muito mais facil prohibirlhe a jornada da India, defendendolhe aquella paragem, que naõ ilos depois combater em Çurrate, na Sunda, e nas Molucas, dividindo Sua Magestade as forças por tantos milhares de legoas, achando-os naquellas partes muito mais fortes, assi por estarem abrigados das fortalezas, que naquelles lugares tem feito, como pelos socorros dos Reys; com que se tem confederado. Pelo que em quanto se naõ usar deste remedio, seraõ de pouco effeito todos os que se fizerem na India porque como naõ podem ser combatidos no mesmo tempo
em

em todas as partes se em huma forem vencidos, ficaõ na outra recuperados. Porém andando esta armada que dizemos na boca do Canal de Inglaterra, a todos elles, e num sò lugar se lhe impedia o caminho, assi à ida, como à vinda, pois naõ tem outro por onde navegar, e he parte, onde lhe falta o socorro de nossos contrarios, e o amparo de suas fortalezas, e com huma boa rota que nesta paragem tivessem, ficariaõ impossibilitados para intentar a segunda viagem; e assi senaõ passarmos este Rio em seu principio, muito menos se poderà vadear na foz, quando depois de crecido se vai meter no mar, se os custos, e armadas que se tem feito na India sòmente pelos Visoreys Dom Martim Afonso de Castro, e Dom Jeronymo de Azevedo, e Governadores das Filipinas, se empregaraõ em guardar o Canal de Inglaterra, com muito menor despesa se tivera alcançado o intento que se pretende, pois de todos aquelles apparatos naõ resultou mais que perda da reputaçaõ de Hespanha. Finalmente naõ ha mal que daqui se naõ siga. Porque deixando as perdas tempora-

ra-

raes de tantas nàos da China, e India roubadas, e fortalezas perdidas, com todo o trato do cravo, muito maior he o dano espiritual que se tem naquellas partes recebido, faltando a pregaçaõ do Evangelho a muitas daquellas nações e profanando-se tantos Templos por estes hereges em todas nossas conquistas, e ainda na mesma Hespanha. O remedio de tudo consiste em assistir ElRey em Lisboa. Porque se os Reys de Portugal sendo tanto menos poderosos, que sua Magestade, sò com residir nella foraõ os primeiros que conquistàraõ todas as costas de Africa, Ilhas do mar Occeano, e o Estado da India, com quanta mòr facilidade poderà Sua Magestade sendo senhor de tantos Reynos, conservar daqui estas mesmas conquistas, e acrecentalas, e engrandecellas de cada vez mais; e se de Lisboa se socorreo a India contra o poder do Soldaõ do Cairo, e graõ Turco, com quanta mòr comodidade se poderaõ socorrer às outras Provinci-as, de Africa, e novo Mundo, que ficaõ muito mais perto, por naõ fallar nas de Italia, e Flandres

De pouca importancia foraõ todas es-

eſtas boas qualidades, ſe faltàra a Lisboa a ſaude. Porem he tal ſeu ſitio, e clima, que parece a Cidade que Ariſtoteles, (*) e Plataõ deſejàraõ para ſuſtentar a vida largo tempo a ſeus moradores; porque eſtà debaixo do quinto clima, na parte mais temperada delle, poſta em ladeiras de montes, lavada de ventos ſalutiferos, cujo Ceo he taõ benigno, que ſe conhece pouca differença entre Inverno, e Veraõ, havendo perpetuamente flores no campo, e vendendo-ſe todo o anno pella Cidade, leite, nata, e queijos freſcos. Donde muitos eſtrangeiros deixando as patrias, ſe vem morar a Lisboa atrahidos da ſuavidade com que ſe nella vive. Aſſi o confeſſaõ della George Braum, e Franciſco Hogemberge nas ſuas Cidades do mundo dizendo: (**) *Quod autem ad loci ſalubritatem, & aeris temperamentum attinet, tanta certe ſoli cælique clementia, & amænitas eſt, ut nullo fere umquam anni tempore nec æſtas, nec hiems immode-*

de-

(*) *Ariſtot. Polit. lib. 7. c. 11. Plat. lib. 6. de legib.*

(**) *Civitates orbi. lib. 1. tit. Olyſippo.*

derata censeatur, quo factum est, ut multi mortales, ex diversis nationibus, terrisque remotissimis, cæli puritate pellecti, illic commigrarint, de relictoque solo natali, & patriæ cura post habita, perpetuam ibi sedem, vitaque domicilium posuerint. O mesmo refere Francisco de Monçon no seu espelho de Princepes. (*)

A isto se acrecentaõ as muitas recreações que ha nesta Cidade com a comodidade do rio, ora logrando a vista de seus fermosos edificios, e variedade da gente, que se vé no mar, e terra desde Belem até Xobregas, ora fazendo no rio copiosissimas pescarias. Naõ saõ menores as recreações da terra nas custosas quintas, ornadas de excellentes casas, fresquissimos jardins, com que está povoado todo o seu termo. Para o tempo do Veraõ tem os Reys perto da Cidade a estancia de Cintra, onde quanto as calmas saõ maiores, tanto mais frios, e saudaveis ares correm, dando lugar a se lograrem das montarias dos veados, de que aquellas serras estaõ che-

as.

(*) *lib.* 1. *c.* 90.

as. Naõ cede a eſte ſitio o de Almeirim para o Inverno, com os ſeus arneiros verdes, onde jà mais ha lodo por muito que chova, em cujas coutadas ſe vé infinita caça de coelhos, lebres, porcos, e veados, naõ ſendo menor o numero das aves que ali arribaõ no Inverno das partes do Norte. De todos eſtes lugares eſtando em Lisboa ſe podem lograr as peſſoas Reaes, e corteſaõs com muita comodidade, em ſeus tempos devidos, e com maior goſto, que em nenhuma outra parte de Heſpanha, por ſe gozarem todos eſtes ſitios do mar, e terra.

Viſto termos com evidencia, como a conſervaçaõ, e augmento da Monarhia de Heſpanha conſiſte em forças maritimas, e que eſtas as naõ póde Sua Mageſtade ter ſem aſſiſtir em porto de mar, e que em todos os de Heſpanha Lisboa he o melhor, por ſer ſituado no coraçaõ de ſeus eſtados, ſer mais capaz, e mais ſeguro porto, ter maior copia de materiaes para armadas, e ſer mais abundante, e provida de mantimentos, e mais acomodada para a defenſaõ de ſeus eſtados, e finalmente por ter os melho-

lhores ares, e recreações de todas. Pelo que só falta affiftir Sua Mageftade nella. O que podemos com rezaõ defejar, pois vemos a neceffidade que ha de prefente de acudir Sua Mageftade a feus eftados, e que o remedio confifte em huma mudança, taõ facil, e fegura, como a de hum lugar mediterraneo de regurofo temperamento, de Veraõ, e Inverno, para outro maritimo de Ceo benigno, e faudaveis ares em todo o tempo. Tudo curaõ os olhos do Rey, tudo concerta, e remedea fua prefença. E fe os principaes males que Hefpanha padece, lhe vem do mar, como poderà ter delles a noticia que convem, eftando tantas legoas apartado delle, quanto mais dar-lhe o remedio oportuno? fò efta affiftencia em Lisboa (ou em qualquer parte de Andaluzia) pode dar a Sua Mageftade inteiro conhecimento do que em feus fenhorios paffa. Daqui confirmará com perpetua duraçaõ fua Monarchia, porque fendo certo que os Eftados fe confervaõ pelos meios com que fe acquiriraõ, daqui fuftentará com fuas armadas as Provincias do novo Mundo Africa, e Afia, que com el-

las,

las, e com o mar livre ſeus Anteceſſores conquiſtáraõ. Daqui acrecentaráõ ſuas rendas fazendo chegar ſeguras as riquiſſimas frotas, com que todas as partes do mundo lhe vem todos os annos pagar tributo, e reconhecer ſenhorio, que ſaõ os móres rendimentos de ſua Coroa, com os quaes poderá fazer às armadas de ſeus Anteceſſores, e outras maiores. Daqui verà com grande augmento acrecentar ſuas conquiſtas, povoando-ſe, e cultivando-ſe cada dia mais as Provincias do novo Mundo, Braſil, e India, effeito proprio, e certo da paz, e ſegurança do cõmercio. Porém o que mais importa he que com eſta mudança ſe dilatará mais largamente noſſa ſanta Fé, prégando-ſe o Evangelho a tantas nações que o eſtaõ pedindo, e a outras aptas para recebello, com que ficarà mais firme, e perpetuo o Imperio de Sua Mageſtade, ſervindo de inſtrumento da gloria de Deos, e ſalvaçaõ das almas. Finalmente naõ ha bem que d'aqui naõ reſulte, porque ficando Sua Mageſtade poderoſo no mar naõ ſómente livrarà as coſtas de Heſpanha dos roubos dos coſſarios de Berberia, mas ainda

te-

teriaõ ditoſo fim as prolongadas guerras de Flandres, as quaes ſuſtentaõ os rebeldes ſó com o poder do mar, e como ſuas forças forem nelle inferiores, ficaráõ de todo vencidos, ou na meſma patria, ou impedindo-ſe-lhe o cõmercio da India, e Mina de que ſe ſuſtentaõ, com lhe defender o Canal de Inglaterra.. Deſte modo ſe alcançaria a verdadeira reputaçaõ, enfreando Sua Mageſtade o poder de ſeus inimigos, e tendo ſeus vaſſallos exercitados na milicia de continuar armadas, e a nobreza deſtes Reynos, e dos mais de Heſpanha ficaria excelentemente occupada, pois vendo que a eſtas armadas ſe ganhavaõ as honras, e as comendas, deixaria o prejuducial ocio em que cõmumente vive, e deſpenderia em beneficio publico o que agora gaſta em exceſſivas vaidades, e dando as vidas pela patria ceſſariaõ tantas diſcordias, e deſafios com que muitos as perdem em deſerviço de Deos, e de ſeu Rey. Pelo qne com razaõ, podemos entender, que em Sua Mageſtade aſſiſtir neſta Cidade, conſiſte termos Heſpanha ſegura, ſuas Conquiſtas proſperas, ſuas frotas li-

vres,

vres, ſeus Vaſſalos ricos, Sua Mageſtade poderoſo, e noſſo Senhor ſervido.

DISCURSO II.

DAS PARTES QUE HA DE HAVER na lingoagem para ſer perfeita, como a Portugueſa as tem todas, e algumas com eminencia de outras lingoas.

AVENTEJANDO a natureza muitos animaes ao homem nas forças do corpo, e perfeições dos ſentidos, ſò com o entendimento, e lingoagem o fez ſuperior a todos. Porque na razaõ lhe deu o verdadeiro conhecimento das couſas, e na lingoagem o meio para declarar ſeus conceitos, ſervindo-lhe a lingoa, como diz Tullio (*) de Interprete do entendimento. Deſte principio naſceo a eſtimaçaõ dos Idiomas, porque como da bondade, e clareza do interprete, penda ſer melhor entendida a couſa interpretada, as mais das nações politicas pretenderaõ moſtrar que a ſua lingoagem fazia eſte officio do entendimen-

(*) *Lib. 1. de legib.*

mento com maior perfeiçaõ, e elegancia; e tanto encareceraõ alguns Autores os louvores de humas, e a barbaria das outras, que chegou a dizer Plinio: (*) *Explanatio animi quæ nos distinguit a feris, inter ipsos quoque homines discrimen alterum æque grande quem à beluis ferit.* Por tanto, tem dado este intento naõ pequena materia a grandes engenhos para compôr muitos volumes em abonaçaõ de suas proprias lingoas. E vendo eu a nossa Portuguesa taõ falta destes livros escritos em seu louvor, como sobeja de razões para naõ reconhecer por superior a nenhuma, determinei de ao menos as apontar neste Discurso, posto que via o aventurava a ser tido por Paradoxo; pois sendo a nossa lingoa na opiniaõ de muitos quasi inferior a todas, a igualo com as melhores de Europa. Naõ pende porém a verdade de opiniaõ, senaõ de demonstrações, e assi tenho por certo, que quem quizer ver com atençaõ as que em favor da nossa lingoa aqui se offerecem, e as authoridades, e exemplos de

(*) *Plin. lib.* 11. c. 51.

varões gravissimos em que se fundaõ; que naõ sómente naõ teraõ este Discurso por Paradoxo, mas antes por evidencia manifesta.

Deixadas as opiniões dos Filosofos, que por carecerem de fè, naõ pudèraõ alcançar a verdadeira noticia do primeiro homem, nem da lingoa que fallou. Consta da Sagrada Escritura, que depois que Deos formou Adaõ, lhe apresentou no Paraiso terreal as cousas, que para elle criára, as quaes Adaõ vendo, chamou por seus nomes, que lhe entaõ novamante pôs. Esta lingoagem que nos descendentes de Adaõ se conservou atè o tempo de Nembrot, affirmaõ todos que era sem duvida prefeitissima, e chêa de muitos mysterios, pois foi inventada pelo primeiro homem, ou para milhor dizer inspirada nelle por Deos, e assi se pòde julgar por superior a todas. Vindo depois o tempo da edificaçaõ da torre de Babylonia, e querendo Deos castigar aos homens por aquelle soberbo atrevimento, diz a Sagrada Escritura, que lhe confundio a lingoagem. Esta confusaõ de lingoas entendem alguns expositores, que foi mudando-lhe nos en-

tea-

tendimentos as significações das palavras, de modo que por este mesmo nome pedra, ou páo, entendessem agua ou fogo; o que parece se collige claramente do nome, confusaõ, que quer dizer, tomar huma cousa por outra: e a este modo trocou Deos o entendimento de tantas gentes, como foraõ presentes ao Sermaõ de S. Pedro no dia do Pentecostes, quando fallando elle na lingoa Hebréa, os ouvintes de diversas nações entendiaõ aquellas mesmas palavras em varios idiomas, e estas eraõ as desvairadas lingoas de que se espantavaõ. (*) Segundo esta opiniaõ podemos entender, que a lingoagem primeira de Adaõ foi dividida pelo mundo com a divisaõ das gentes, quando deixàraõ a obra daquella torre, levando-a todos nos vocabulos, mas naõ nos significados. E que com o tempo, e transmigrações dos Povos, se vieraõ a corromper de maneira as palavras, que já desta primeira lingoa haverà mui poucas no mundo. Com tudo outros Authores tem para si, que

(*) *Joaquim-Panonio na origem da lingoa Franceſa.*

a confusaõ das lingoas se fez d'outra maneira, e foi, mudando Deos àquelles homens a lingoagem que falavaõ em outras novas, que os mais dizem foraõ setenta e huma. Alèm das quais affirmaõ, que ficou a mesma antiga, conservada inteiramente só na familia de Heber, que se naõ achou na quella obra, donde depois se chamou Hebraica. Porèm esta com o tempo veio a tamanha corrupçaõ que conserva jà muito pouco do seu bom principio, pois a vemos no estado de hoje huma das imperfeitas do mundo, como todos testificaõ, e o diz o Padre Bento Pereira: (*) *Lingua quidem Hebraica olim completa fuit &c. At nunc; imò vero post captinitatem Babylonicam imperfecta est, multorum. f. verborum inops: cum ea sola nomina manserint plane Hæbraica quæ in libris sacris continentur; cujus rei illa fuit causa, quod Hæbrei cum aliis gentibus mixti propriæ linguæ usum perdiderunt, & aliarum gentium linguas usurparunt.* O mesmo podemos dizer das demais lingoas, que tiveraõ seu principio nos edifica-
do-

(*) *Pereira in Genes. l. 16. c. 8. n. 24.*

dores da torre, porque depois de tantos ſeculos, e mudanças das gentes, e Monarquias naõ podiaõ deixar de ſe corromper, e mudar em outras formas, como vemos o fizeraõ as mais celebres do mundo, e de que temos mais noticia. E aſſi naõ ha para que refutar aqui as conjecturas com que Joaõ Goropio Becano (*) pretende moſtrar, que a ſua Teutonica ſe conſerva ainda incorrupta desdo tempo de Nembroth, pois Juſto Lipſio, e Joſefo Eſcaligero lhe reſpondem largamente. E o meſmo ſe pòde dizer aos Biſcainhos, que affirmaõ ſer o ſeu vaſconſo daquelle tempo, ſendo tal, que ſe naõ pòde eſcrever. Por onde ſegundo a melhor, e mais verdadeira opiniaõ, nem por primeira antiguidade, nem por incorrupçaõ do idioma, pòde nenhuma lingoa ſer tida por melhor que a outra. (**)

Suppoſto iſto, devemos buſcar outras razões, que naõ ſejaõ de origem, para julgarmos em que eſtá a melhoria de huma lingoa á outra. E as que ſe pó-

(*) *Hermaten. lib. 2.*
(**) *Perion. vb. ſup.*

pódem colligir assim de Joaõ Goroppio na sua Hermatena, como do que louváraõ, ou reprováraõ varios Authores nas mais estimadas entre os antigos, e modernos, saõ cinco qualidades, as que ha de ter a lingoagem para ser perfeita. s. ser copiosa de palavras, boa de pronunciar, breve no dizer, que escreva o que falla, e que seja apta para todos os estillos. De maneira que a que tiver estas qualidades em maior perfeiçaõ será de mór excellencia que as outras.

A copia, e abundancia da lingoa he necessaria por naõ repetirmos sempre os mesmos vocabulos, o que dà grande molestia aos ouvintes, e fastio á Oraçaõ, como o diz o Autor da Verborum copia latina: (*) *Neque raro usu venit, utidem nobis crebrius sit dicendum, ubi si destituti copia, aut hæsitabimus, aut, eadem identidem occinemus; neque poterimus sententiæ colores, aliosque vultus dare: pariter & ipsi ridiculi erimus nostram prodentes infantiam, & tædio miseros audi-*

(*) *Lib.* 2. *c.* 8.

ditores enecabimus &c. Quis autem est auribus usque adeo patientibus, ut vel paulisper ferat orationem ubique; sui similem. &c. Consta a copia de palavras, assi dos nomes, como dos verbos; e nesta parte parece, que a lingoa Hebréa tem o ultimo lugar, assi como a Grega o primeiro; porque na Hebréa os nomes saõ muito poucos, e faltaõ-lhe os comparativos, e superlativos, e por dizerem: Melhor he confiar em Deos que nos Principes dizem: *Bonum est sperare in Deo, quam sperare in Principibus*; e por montes altissimos, *Montes Dei*. O mesmo se vê nos verbos, onde naõ tem preterito imperfeito, nem plusquaõ perfeito, e se valem do Participio que chamaõ: *Benoni*, para significar estas vozes. Pelo contrario a lingoa Grega he abundantissima, porque além da multidaõ de nomes que nella ha atè no mesmo nome tem tres variações, e naõ havendo nas outras lingoas mais dos dous numeros, singular, e plurar, nella se acha o terceiro, que he, Dual, e nos verbos alèm do Activo, e Passivo, tem de mais outro que se chama, *Medio*, que significa hu-

ma, e outra vóz, e ſobre os quatro modos naturaes, que ſaõ, ſegundo Brocenſe, *Indicativo*, *Conjuntivo*, *Imperativo*, *Infinitivo*, uſa os dous Aoriſtos, que ſaõ outros preteritos, e o Exomeno, que he o outro ſegundo futuro. E havendo na lingoa Latina hum ſò Participio na Activa, e outro na Paſſiva, a Grega tem Participios dos Preſentes, e Preteritos do Indicativo, e dos Futuros, e Aoriſtos. E ſobre tudo no fallar Atico ſe admitia o Jonico, e Dorico. Com eſta copia ſe aventejou grandemente alingoa Grega, e os Latinos a tiveraõ em tanta eſtima, que de ſeus deſpojos procuràraõ enriquecer a propria: e ainda aſſi, ſegundo Quintiliano, lhe ficava a latina taõ inferior, que quando lhe pediaõ que fallaſſe com a elegancia Grega, ſe deſculpava com a pobreza da Latina: *Res plurimæ*, diz elle, (*) *carent appellationibus, ut eas neceſſe ſit transferre, aut circumire; etiam in his, quæ denominata ſunt, ſumma paupertas in eadem nos frequentiſſime devolvit: at illis non verborum modo ſed linguarum in-*

(*) *Lib.* 12. *c.* 10.

inter se differentium copia est. Quare qui à latinis exigit illam gratiam sermonis Attici det mihi in loquendo eandem jucunditatem, & parem copiam, &c. Com tudo ſendo taõ abundante a lingoa Grega, he de tanta importancia a copia de palavras, que ainda aſſim Cicero (*) a chama pobre, como ſe vê em muitos lugares de ſuas obras, e o refere Policiano contra Argiropilo Bizancio, que naõ podia ſofrer eſta queixa de Cicero. *Cæterum*, diz elle, *ut homo Græcus per quam ferebat iniquo animo nobilem illum, nec (ut Theodorus Gaza putat) importunam Marci Tulii Ciceronis exclamationem, qua Græciam verborum interdum inopem, quibus se putat abundare, non eloqentius fortaſſe, quam verius pronunciavit.* Donde ſe vè bem, quanto conſiſte a excellencia da lingoa, na copia de palavras.

A boa pronunciaçaõ he a ſegunda parte que ſe na lingoa requere, a qual he de tanta importancia, que ſem ella fica a lingoagem imperfeitiſſima, porque quando as palavras ſe naõ formaõ em ſeu

(*) *Miſcel. cap. 1.*

A propriedade dos vocabulos se vio mais na lingoa Hebréa, que em nenhuma outra, e por todas as suas estarem chêas de grandes significados, as translações, que se fizeraõ da Biblia nas outras lingoas foraõ muito mais diffusas, e he isto taõ certo que a propria Escritura o diz no prologo do Ecclesiastico: (*) *Deficient verba Hebraica, quando fuerint translata ad alteram linguam.* E com Arias Montano tem geralmente todos os Escripturarios, que o nome de Deos, *Geovà*, em nenhuma outra lingoa se pòde raduzir perfeitamnete: *Cuius ineffabile nomen illa tantum lingua rectè pronuntiatur &c.* Depois da Hebraica se concedeo o primeiro lugar à Grega na brevidade, porque sendo muito copiosa, se explicava por termos proprios, e escusava os rodèos causados da estreiteza Latina, como Macrobio confessa, quando nos seus Saturnaes, tràs hum distico de Prataõ, traduzido em desasete versos Latinos: (**) *Hos Platonis versiculos*, diz elle, *quorum magis venustatem, an brevitatem admireris incertum*

(*) *In Sophon.* (**) *Saturn. lib. 2. c. 2.*

tum est; legisse me memini in latinum tanto latius versos, quanto solet nostra, quam Græcorum lingua brevior, & angustior existimari. Por razaõ das palavras terem poucas sillabas, pretende mostrar Joaõ Goropio, (*) que a sua lingoa Cimbrica, ou Teutonica he mais abreviada de todas, porque quasi todas as palavras saõ monosillabas; mas ainda que isto seja grande argumento da brevidade, naõ basta, senaõ houver grande copia de palavras, pois tambem os Chinas tem todos os vocabulos monosillabos, e com tudo carecem de todos os tempos dos verbos, e dos pluraes dos nomes, como as mais das lingoas barbaras.

A parte da escritura (que he a quarta que apontamos para a lingoa ser prefeita) naõ he menos nobre, antes muito mais illustre, pois pela escritura se comunica a lngua a todas as Provincias estranhas, e dura igualmente com o tempo, de maneira que perdendo-se o uso da mesma lingoa, fica ella sempre em sua prefeiçaõ conservada nas letras. Por tanto convem, que o que se pro-

(*) *Hermaten. lib. 2.*

pronuncia se escreva, que doutro modo ficarà a escritura corrompendo a lingoagem, em lugar de a conservar: e assi diz Quintiliano: (*) *Hic enim est usus literarum, ut custodiant voces, & velut depositum reddant legentibus; itaque id exprimere debent quod dicturi sumus &c.* Sucede o defeito nesta parte, ou por se escreverem as palavras com menos letras do que saõ as silabas, ou com demasiadas. Por falta de vogais padeceo antigamente grande difficuldade a lingoa Hebraica, e para se naõ perder de todo o conhecimento della, se inventàraõ os pontos, e assentos, que agora se vem nas Biblias Hebréas, em baxo, ou em cima, ou no meio das letras consoantes; e ainda assim ha grande variedade nesta interpretaçaõ. (**) Pela demasia das letras vogaes cometem os Francezes outro naõ menor erro, porque nenhum dos diphthongos quasi pronunciaõ como escrevem, e acabando ordinariamente as dicções em consoantes, nas mais dellas as naõ exprimem: de maneira; que muito

(*) *Lib. 1. c. 14.* (**) *Ciguença na vida de Jeron. lib. 3. Disc. 1.*

to mòr difficuldade ha em aprender a ler Frances, que naõ em alçançar as significações dos vocabulos, ou a sua Gramatica. E assi Joaõ Piloto na Arte que compos da lingua Francesa calumnia a seus proprios naturaes deste defeito, dizendo no §. de literis mutis: *Reperies præterea literas multis in locis mutas, quod jam antea de nonnullis obiter significavimus, quæ licet vulgo scribantur; non tamen pronuntiantur. De his autem nihil potest tradi, quia omnes ejusmodi literas, ut superfluas, & otiosas omittunt plurimi viri docti, censentes nobis, aut ita scribendum, ut proferimus, aut ita proferendum, ut scribimus, quod utinam, vel ab omnibus, vel ubique fieri posset, &c.* Esta mesma imperfeiçaõ tem a lingoa Tudesca, tanto nas Letras vogaes quanto nas consoantes, das quaes muitas vezes ajunta cinco, e seis em huma silaba, e saõ taõ asperos na pronunciaçaõ, que todos os nomes ainda que sejaõ de muitas silabas, os fazem na expressaõ monosilabos. Na lingoa Italiana naõ he este erro da Ortografia taõ frequente porém tambem participa delle assas, pois pronun-

nunciando, *filbolo*, escreve, *filbivolo*, e outras muitas palavras semelhantes. (*) Tambem Quintiliano aponta algumas Latinas, em que a pronunciaçaõ naõ dizia com a Ortografia, que os Grammaticos lhe davaõ. O que querendo emendar o Emperador Augusto, naõ as escrevia senaõ com as letras com que as fallava, como diz Suetonio: (**) *Ortugraphiam, idest, formulam, rationemque scribendi à Grammaticis institutam non adeo custodit, ac videtur sequi potius opinionem eorum, qui perinde scribendum, ac loquendum existiment.*

A ultima perfeiçaõ que diziamos havia de ter a lingoa, era ser apta para todos os estillos. Dividem os Rethoricos os estillos do bem dizer em tres especies, que saõ, *gracil*, *grande*, *&* *medio*, que podemos chamar, humilde grave, e meam: e conforme a Quintiliano lib. 12. cap. 10. O officio de cada hum he: *Ut primum docendi, secundum movendi, tertium illud utrocumque nomine delectandi, sive aliud* in-

(*) *Uh. sup.*
(**) *In Augusto. c.* 88.

inter consiliandi præstare videtur officium: in docendo autem accumen, in inter consiliando lenitas, in movendo gravitas videatur &c. De modo que para que a lingoagem seja consumada, com tanta propriedade se ha de poder nella escrever hum poema heroico, como huma farça vulgar; e da mesma maneira a historia grave, que a carta jocosa. Pelo que aquella lingoa em que florecêraõ escritores em todos estes estillos tem a perfeiçaõ da eloquencia: e pelo contrario a que nelles faltar serà pobre e defeituosa. Donde Tullio querendo convencer aos seus Romanos naquelle principio da Monarchia, em que ainda naõ estimavaõ tanto a sua lingoa: desta aptidaõ de estillos lhe argumentava, dizendo: (*) *Ego autem satis mirari nequeo, unde hoc sit tam insolens domesticarum rerum fastidium? Non est omnino hic docendi locus sed tasentio, & sæpe differui, latinam linguam non modo non inopem, ut vulgo putatur, sed locupletiorem etiam esse, quam Græcam. Quando enim, ne nobis dican aut Oratoribus bonis, aut* E poe-

(*) *Lib.* 1. *de finibus.*

poetis, postea quidem quam fuit, quem imitarentur, ullus orationis, vel copiosæ, vel elegantis ornatus defuit.

Estas saõ as partes que ha de ter a lingoagem para ser perfeita: e do que està dito se pòde colligir claramente; que as lingoas que entre os antigos houve mais celebres, foraõ a Hebraica, Grega, e Latina, a que podemos chamar Princesas do mundo, porque esta authoridade lhe deu o titulo da Cruz, onde foraõ postas, das quaes a Latina foi a ultima que floreceo grandemente, e por industria de seus naturaes se dilatou tanto por todas as partes do mundo, que quasi veio a ser commua nas Provincias do Imperio, de maneira, que como diz della Plinio: (*) *Tot populorum discordes, ferasque linguas sermonis comercio contraheret ad colloquium.* Por onde muitos tem para si, que ella foi aquella prometida de Deos pelo Profeta Sofonias, quando disse: (**) *Tunc reddam populis labium electum, ut invocent omnes nomen Domini &c.* Desta lingoa Latina nos naõ ficou ja agora mais que a

(*) *Lib.* 3. *c.* 5. (**) *Sophonias. c.* 3.

a parte da Efcritura, e o ufo fe corrompeo em Italia, França, e Helpanha nas lingoas vulgares, que ao prefente fe fallaõ neftas Provincias. Pelo que querendo dar juizo entre humas, e outras, alèm das cinco qualidades acima referidas, havemos de acrefcentar a da origem, porque como notoriamente defcenderaõ eftas da Latinidade, aquella alcançarà mais de fuas perfeições, que inda hoje fe conformar mais com ella, affi nos vocabulos, como na Ortografia. E moftrando nòs, que a Portuguefa participa mais da Latina, que na copia, pronunciaçaõ, brevidade, Ortografia, aptidaõ para todos os eftillos, naõ he inferior a nenhuma das modernas, antes igual a algumas das antigas;com razaõ lhe poderemos dar o louvor de lingoa perfeita, e de fer huma das melhores domundo.

A lingoa Latina fe corrompeo em Italia, França, e Hefpanha, por varios modos. Porém na lingoa Portuguefa, e Caftelhana eftá o Latim menos viciado, que na Italiana, e Francefa; porque os Italianos nenhum nome, ou verbo, acabaõ em confoante, fenaõ em vogal, com que notoriamente ficaõ cor-

rompendo a mòr parte dos vocabulos Latinos. E os Francefes pelo contrario admittiraõ tantas confoantes nos finaes, que por efta via a naõ defcompuferaõ menos, a cabando muitas palavras em *f*; e pela vifinhança que tem com os Alemaens participàraõ tambem muitos termos da lingoa Theutonica, que naõ tem nenhuma origem, nem affinidade com a Latina, pelo que em nenhuma dellas fe achaõ tantos nomes Latinos em fua inteirefa, como na noffa lingoa, e Caftelhana, e na noffa particularmente podemos compôr muitas orações, e periodos, que juntamente fejaõ Latinos, e Portuguefes, como fe vè deftas palavras:

O' quam gloriofas memorias publico, confiderando quanto vales nobiliffima lingua Lufitana, cum tua facundia exceffivamente nos provocas, excitas, inflammas: quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos fperas, quam excelentes fabricas fundas, quam perverfas furias caftigas, quam feroces infolencias rigorofamente domas, manifeftando de profa, de metro tantas elegancias Latinas.

Defte modo fe poderaõ encher muitas pa-

paginas, naõ sòmente em prosa, mas o que he mais de estimar, em verso de todas as medidas, de que vi jà muitos, e Duarte Nunez *Orig. c.* 25. tras alguns, dos quaes só pòde dar o louvor a Joaõ de Barros, que foi o primeiro, que na sua Grammatica Portuguesa os compôs, e publicou. E porque se veja disto algum exemplo, porei aqui estes disticos, que hum curioso fez a Roma, e Bethlem:

Roma infinitos santissima vive per annos,
Pacifica gentes (vive quieta) tuas
Castiga grandes, violenta morte, tyranos,
Ingratos animos (es generosa) fuge.
Acquire insignes, varia de gente triumphos.
Distantes terras, imperiosa rege.
Tanto maiores titulos Bethlem alta celebra,
Quanto Romano maior es imperio.
Maior amor, maior es magnificentia, maior
Fama, tuas Christo, dando benigna casas.

Ainda que a lingoagem deste epigrama pareça que vai hum pouco fòra do uso commum, he mais por razaõ da medida dos versos, e rigor das sillabas, que obriga aos Poetas a naõ fallar da maneira dos Oradores, que por falta das palavras. Estes exemplos naõ pòdem mostrar na sua lingoa com facilidade os Italianos, e Franceses, e por elles se

pro-

prova a grande affinidade que com a lingua Latina tem à nossa: e assi com rezaõ fingio o nosso Poeta que Venus se affeiçoàra aos Portuguefes, por ver nelles naõ sómente o valor Romano, mas ainda a mesma lingoa, dizendo:

(*) *Na qual quando imagina*
Com pouca corrupçaõ crê que he Latina.

Porém vindo ás outras cinco qualidades referidas que se requerem na lingua, mostrarei brevemente, que todas se achaõ na nossa Portuguesa com particular perfeiçaõ. E quanto à copia de palavras já disse como esta constava assi de nomes, como de verbos. Nos verbos he cousa notoria, que todas as lingoas vulgares ficaõ inferiores à Latina, porque as mais dellas naõ tem voz passiva, nem participios do futuro, que respondaõ á *Amaturus*, e à *Amandus*: e assi mesmo lhe falta a mòr parte dos comparativos. Isto he geral nas tres lingoas vulgares, Italiana, Francesa, e Hespanhola. Porém a nossa participa menos deste defeito, porque a voz passiva supre bastantissimamente com estes pro-

no-

(*) *Lusiad. Canto I.*

nomes, *Me*, *te*, *ſe*: *Nós*, *vós*, *ſe*: e por *Appellor*, *Appellaris*, dizemos, Chamome, Chamaſte, &c. e por *Moveor*, Movome: e por *Veſtior*, viſtome; a qual paſſiva ſe acha que diz bem em todos os verbos, cuja acçaõ póde ſer moralmente exercitada pela meſma peſſoa, de quem ſe diz, como em parte o notáraõ Duarte Nunes, e Amaro de Roboredo. Além da qual paſſiva temos a outra ordinaria, ſuprida com o verbo Suſtantivo, e Supino, que tem as outras lingoas, dos quaes ſuprimentos os Latinos igualmente ſe aproveitaõ nos tempos Perfeitos, e Pluſquaõ Perfeitos paſſivos, e dos que delles ſe formaõ. Temos além diſto o Infinitivo (que alguns chamaõ nome verbal) que na noſſa lingua ſe conjuga por todas as peſſoas, e declina por todos os caſos, o que os Latinos ſó fazem pelo ſentido da Oraçaõ, mas naõ por terminaçóes variadas, como o moſtra largamente Priſciano, e Franciſco Sanches na ſua Minerva; onde prova, que o infinitivo tem a meſma força de nome, e que ſe declina por todos os caſos, na fórma já dita. Eſta noſſa

con-

conjugaçaõ, e declinaçaõ do infinitivo naõ tem os Italianos, nem Francefes, como tambem notou Amaro do Reboredo. Levamos mais a eftas lingoas outra ventagem, que he, termos o futuro do conjuntivo. Como eu *For*, ou como eu *Amar*, que lhe a ellas falta em todos os verbos, e affi dizem sómente, quando eu *Serei*. Quando eu *Amarei*. Carecem tambem os Francefes de todos os Superlativos, que nós temos com grande abundancia: de maneira que por *Chriftianiffimo*, dizem: *Tres Chriftão*. E por: *Boniffimo*, *Tres bom*. Porém na copia das palavras, e verbos proprios, naõ cede a noffa lingoa Portuguefa, nem á Latina, nem a nenhuma vulgar, porque he riquiffima delles. A copia de noffa lingoa, fe vè por quatro demonftrações. A primeira nos muitos verbos, que fignificaõ huma fó acçaõ. A fegunda no numero dos nomes que ha para huma mefma coufa. A terceira na multidaõ de vocabulos que nafcem de huma fó palavra. A quarta dos muitos termos, que a lingoa Portuguefa tem de verbos, e nomes, que explicaõ particulares coufas, e acções,

que

que em nenhuma outra lingoa nem por palavras proprias, nem por circumloquios se podem declarar. Dos Verbos seja exemplo esta acçaõ, de reduzir hum livro a menor leitura, que dizemos por sete verbos, que saõ: (*) *Abreviar*, *Recopilar*, *Resumir*, *Epilogar*, *Epitomar*, *Compendiar*, *e Encurtar*. E os Latinos tem sô: *abbreviare*, e o mais dizem por frases. E nem por estes nossos verbos serem dirivados de nomes Latinos, se podem chamar tembem Latinos, pois os Latinos naõ averbàraõ estes nomes. E os Portuguesses sim. Dos nomes seja demonstraçaõ o nome, (**) *Adagio* que he o mesmo que, *Proverbio*; *Rifaõ*, *Exemplo*, *Sentença*, *Ditado*, *e Anexim*. Dos quaes vocabulos os Latinos naõ tem neste sentido mais de dous, ou tres. O terceiro exemplo de nascerem muitos vocabulos de hum só nome mostrou já largamente Duarte Nunez na sua Origem da lingoa Portuguesa *c*, 20, e se vê bem nos que se dirivaõ desta palavra, *Pedra*, de que os

---

(*) *Copia de verbos, Portuguezes.* (2) *Copia de nomes Portuguezes.*

os Latinos naõ tem mais de ſeis, e nós quinze, que ſaõ: (*) *Pedra*, *Pedreiro*, *Pedreira*, *Pederneira*, *Pedrinha*, *Pedraria*, *Pedral*, *Pedrogaõ*, *Pedrado*, *Empedrar*, *Deſempedrar*, *Apedrejar*, *Pedrada*, *Pedroſo*, *Pedregoſo*, *Pedranceira*, *Pedrouço*, *Pedregulho*. He eſta abundancia de dirivações cauſa de grande propriedade na lingoa, e o contrario de defeito nella, como ſevè na Caſtelhana, que como jà notou Pero de Magalhaens no ſeu dialogo de Petronio, dizendo, (**) *Ojos*, naõ diz *Ojar*, ſenaõ, *Mirar*: e dizendo, *Mirar*, naõ chama aos olhos, *Miros*, no que ſe conhece notoria impropriedade. Da quarta e ultima demonſtraçaõ das palavras que ſe naõ achaõ nas outras lingoas, ſenaõ ſò na Portugueſa, ſeja exem plo, *Aderencia*, *Agazalhar*, *Alvoroço*, *Atinar*, *Bonina*, *Enxergar*, *Emcampar*, *Encarar*, *Geito*, *Inſar*, *Lembrança*, *Magoar*, *Mavioſo*, *Praguejar*, *Pairo*, *Pairar*, *Primor*, *Tomar-ſe* de alguma couſa, *Mano*, *Saudade*, *Sofrego*, e outros muitos que deixamos de.

(*) *Copia de dirivações.* (**) *Palavras Portugueſas, que ſe naõ achaõ n'outra lingoa.*

de trazer: por naõ eſtender eſte Diſcurſo mais, e por que o fazemos particularmente em huma copia de palavras Portugueſas, onde ſe vè por extenſo a abundancia de vocabulos, e excelentes modos de fallar de que he dotada, e enriquicida a noſſa lingoa com muita ventagem de outras. E porque naõ pareça que eſte conceito he ſómente meu, ou achado de novo, trarei huma authoridade que o confirma de hum Autor, aſſaz conhecido por douto nas linguas, e eloquencia; que foi o Biſpo de Leiria Dom Antonio Pinheiro eruditiſſimo Comentador de Quintiliano, o qual traduzindo em Portuguez o Panegirico de Plinio a Trajano (que he huma das Oraçōes mais ornadas de figuras Rethoricas, e das flores da eloquencia de toda a antiguidade) diz aſſi na Dedicatoria fallando com ElReyD Joaõ III.(*) *Alem deſte ſubſtancial preceito, trabalhei nas horas furtadas de vinte dias que paſſàraõ des que levei a V. A. o tratado ſobre os Pſalmos, atégora, por enfraquecer a falſa, e vaã opiniaõ, que da noſſa lingoa con-*

(*) *O original eſtá na livraria da Cartuxa de Evora.*

conceberaõ muitos, tachando-a de pobre, naõ copiosa, dura, e naõ ornada; injuriando-a de barbara, e grosseira, a gravando-a com a gabarem em trovas leves, em comparações, e apudaduras de homens com abatimento de sua pessoa, graciosos. E pois eu pela criaçaõ em terras estranhas, e naõ muita liçaõ de nossos Authores, de tal maneira pus em nosso commum fallar, estillo taõ sutil, taõ basto de figuras, taõ espesso em sentenças, taõ luzido de bons ditos, taõ discreto em avisos, e fiada taõ delgado; naõ sómente com ma nunca ver em afronta de necessidade, (se naõ foi de escolher) mas ainda com rastejar todos os primores do Latim, quanto mais eloquentes devem ser, e saõ, os que usaõ do mel do Paço, da doçura cortezaõ, e no thesouro de suas lembranças tem feitas provizões de palavras em abastança &c.

A pronunciaçaõ perfeita consiste no bom som das palavras, que se fórma do ajuntamento das letras em sillabas, e das sillabas em dicções, as quaes na lingua Portugueza saõ suaves, porque nem tem vehemente aspirações, nem a aspe-

reza dos Alemães, nem acabaõ nenhumas finaes em *t*, *f*, *c*, ou, *b*, que saõ letras àsperas, de que usaõ os Francezes, e Latinos; nem menos em, *d*, como tem os Castelhanos em todos os Imperativos do Plurar, como: *Hazed*, *Amad*. E em muitos nomes, como: *Merced*, *Ciudad*. E com ser a lingoa Portugueza em todas as sillabas facil, fica participando de maior gravidade nas palavras, que a Italiana, a qual por acabar todas em vogal, tem huma apparencia pueril. Sómente huma cousa nos podem tachar, que he usarmos frequentemente de diphtongos nos finaes. Porém havemos de considerar, que na nossa lingua ha huns diphtongos communs às outras, e outro nosso particular. Os communs saõ, *ai*, *ae*, *au*, *ei*, *eu*, *oe*, *ou*, *ui*, e estes tiveraõ os Gregos, e Romanos, como mostraõ largamente Francisco Sanches Brocense, e Angelo Policiano; e se hoje senaõ pronunciaõ nesta fórma, he por negligencia dos Modernos, como o prova com muitos exemplos na mesma lingua Portugueza o Brocense, (*) tratando dos Gregos, e se collige da mesma etimologia do nome,

(*) *Minerva c.* 43.

porque diphtongo se disse de, *Dis* dicçaõ Grega, que quer dizer dous, e: *Ptongos*, que he sôm: quasi dizendo, dobrado sôm de duas vogaes, e naõ de huma só, como o mostra Terenciano nestes versos:

Porro vocalem secuta, vim tenet vocalium
Et sonos utrosque jungit, unde diphtongos eas
Græciæ dicunt magistri, quod duæ junctæ simul
Sillabam sonant in unam, vique geminæ prævitæ, &c

Daqui infere Aldo Manuncio, que os diphtongos se pronunciaõ corruptamente ha muitos annos: *Quando quidem, vel hinc colligi potest, ætate nostra, & maiorum abbinc annos octingentos, perperam diphtongos omnes, & pronuntiari, & pronuntiates esse &c.* De maneira que estes diphtongos que hoje temos na lingoa Portuguesa, saõ os mesmos que antigamente pronunciavaõ os Gregos, e Latinos, e agora usaõ os Francezes. E naõ temos algum taõ proprio, que se naõ ache nas outras nações, posto que naõ falta quem affirme o contrario. Sò o diphtongo, *ão*, he proprio nosso, e o corrompemos do *om*, Francez, e Galego, em que naõ ha

ha muitos annos acabavaõ as mais das dicções que hoje terminamos em, *ão*, por ſe pronunciar eſte diphtongo por, *a*, com mais brandura, e ſuavidade que naõ por, *o*. Donde naõ ficou a lingoa peiorada com eſta mudança, mas antes com notavel melhoria; pelo que. he facil de tomar e aprender a todas as naçoes tirando a Caſtelhana. Porque os Franceſes, Ingleſes, Hibernios, Flamengos, Alemães, Catalães, Valencianos, e Biſcainhos, com tanta facilidade a pronunciaõ, como pòdem teſtemunhar as Cidades de Lisboa, Evora, e Coimbra, onde modernamente muitos Religioſos deſtas naſçoens prègaraõ, e enſinàraõ publicamente na noſſa lingoa vulgar. E a reſaõ de os Caſtelhanos a naõ pronunciarem com facilidade, he, porque onde nòs terminamos as palavras em, *m*, acabaõ elles com, *n*, e taõ familiar lhe he eſta letra, que nas terceiras peſſoas do plurar a uſaõ em todos os tempos dos verbos, como: *Aman*, *Amaban*, &c. E nos nomes a tem frequentemente, como: *Pan*, *Capitan*, e nos participios, *Comparacion*; e nas prepoſiçôes, como: *En*, *Sin*. Eſtas dic-

dicçóes todas nòs acabamos em , *m* , ou no noſſo diphtongo : o qual he quaſi como o , *am*, que os Latinos uſaõ nos accuſativos da primeira declinaçaõ , como : *Muſam* , *Famam* , e nas primeiras peſſoas dos pluſquam perfeitos do Indicativo dos verbos , como : *Amaveram* , *Legeram*, e n'outras palavras que acabaõ na meſma terminaçaõ quaes ſaõ , *Coram* , *Quinam* , *Quiſpiam* , &c. E ainda que o noſſo , *am* , e , *m* , dos finaes ſeja menos ſuave que o, *n* , dos Caſtelhanos , ſegundo Quintiliano , (*) que por iſſo o louva aos Gregos; com tudo elle meſmo acode pelo , *m* , dos Latinos dizendo : *Non poſſumus eſſe tam graciales* , *ſimus fortiores* ; *ſubtilitate vincimur* , *valeamus pondere &c.* E aſſi podemos dizer , que ſe a noſſa lingoa neſta parte fica menos ſuave , que fica mais grave. E como couſa nella muito notoria lhe daõ eſte honroſo epiteto , Joaõ de Barros , Duarte Nunes , Pero de Magalhães , Jorge de Monte Mayor , Franciſco Rodriguez Lobo , e Lopo da Vega Carpio , e outros ; e com tu-

(*) *Lib.* 12. *c.* 10.

tudo esta natural gravidade naõ he de algum impedimento a nossa lingoa para deixar de se exercitar em qualquer genero de escritura, como bem diz Joaõ de Barros: *A lingoagem Portugueſa, que tenha esta gravidade, naõ perde a força para declarar, mover, deleitar, e exortar, a parte a que se inclina em todo o genero de escritura, &c.* Isto naõ sei se se pòde assi affirmar dos, *nn*, nas finaes da Castelhana, pois lhe saõ de tanto impedimento para tomar bem as outras lingoas, que atè a Latina corrompem, e as dicções Latinas que acabaõ em, m. pronunciaõ muitos com, n, e por *Musam* dizem, *Musan*, e por *Templum*, *Templun.* Pelo que consta que a nossa pronunciaçaõ he facil, e boa, pois a exprimem bem os que bem fallaõ a lingoa Latina, e Francesa; e àlem disso he causa de os Portugueses alcançarem todas as lingoas estrangeiras com summa facilidade, o que he notorio a todas as gentes, e naõ pudera ser se tiveramos a pronunciaçaõ aspera, ou grosseira, como jà deixámos provado na lingoa Hebréa; mas he isto tanto ao contrario, que Authores graves Castelha-

nos, confeſſaõ haver na noſſa pronunciaçaõ, hum ſom ſuave, e deleitoſo aos ouvidos, como o teſtifica o Padre Joaõ de Mariana neſtas palavras: *Extremis Luſitanis peculiaris lingua eſt ex Gallico ſermone & Hiſpano temperata atque confuſa, eoque elegans, audituique grata.* E Miguel de Servantes varaõ eloquentiſſimo (e de quem ſe diſſe que deſcubrio a alteza da lingoa Caſtelhana) fallando das excellencias de Valença, e da boa graça da lingoagem da terra, acreſcenta: *Con quiem ſola la Portugueſa puede competir, en ſer dulce, y ſuave.* Mais avante paſſa o inſigne Poeta Lopo da Vega Carpio, pois lhe dà neſta parte ventagem à Latina e Toſcana, como ſe vê na ſua diſcripçaõ da Tapada celebre Boſque dos Duques de Bragança, onde introduzindo certas Nynfas, cantando eſtancias em varias lingoas, diz da noſſa, que ſe ſiguio à Latina, e Italiana, eſtes verſos:

Aſſi cantando fue la Portugueſa,
Con celebrado aplauſo larga hiſtoria,
A quien por la dulçura que profeſſa.
Entranhas concedieron la vitoria.

E porque naõ cuide alguem, que iſto he

he encarecimento poetico, a mesma opiniaõ teve já antes delle, hum Author grave Italiano.

A brevidade da lingoa se collige da copia dos vocabulos, das traducções, e dos modos de falar acomodados a varios sentidos. Da copia já tratamos acima, e vimos que naõ sómente era abundante das palavras que respondem ás das outras lingoas, mas de outras que as mais naõ alcançaraõ, donde se deixa ver com quanta brevidade declarára seus conceitos, pois tudo explica por termos proprios, e naõ por circuitos; e quando usa de frazes he com muita brevidade, o elegancia, como se póde ver neste ramo de cançaõ, onde em sete regras, se descrevem tres comparações da Pressa, com todo o ornamento poetico.

Bem qual onda de mar, na sêca arêa
Se desfaz n'um momento,
Qual leve pensamento,
Que os sentidos de noite senborêa,
Ou qual a flor, que na manham se arrêa
Toda de esmalte verde,
E logo folha, e graça á tarde perde;

E quanto às traduçoes claramente se mostra, assi nas de verso que fizeraõ Antonio Ferreira, e Luis de Camõens, como nas de prosa do Bispo Dom Antonio Pinheiro, e outros, que se naõ he mais breve que a Latina, ao menos naõ he mais larga. Admitte além disso a nossa lingoa com grande elegancia, e particular graça as metaphoras, as quaes como se pòdem applicar a tantas cousas, fica huma mesma sentença, servindo a muitos sentidos, como se vê nos versos do nosso Francisco de Sà e Miranda, que sendo pastorís servem aos Cortesãos, Filosofos, e Oradores, aplicando-os cada hum á sua profissaõ. O mesmo se póde dizer do grande numero de sentenças, adagios, ditos, e motes, que se trazem vulgarmente, onde com suma brevidade se mostraõ grandes conceitos. Pelo que com rezaõ louva, em particular a brevidade da nossa lingoa o Padre Frei Bernardo de Brito (a quem este Reino deve muito; e que em algumas de suas Obras mostrou bem o grande voto que teve na eloquencia Portuguesa) o qual na primeira parte de sua Monarquia (*) diz estas pa-

(*) *Prol. da Mon. Lusit. p. 1.*

lavras, fallando contra a quelles que lhe aconſelhavaõ naõ eſcreveſſe em Portugues: *Como eſta opiniaõ era taõ mal fundada, nunca fiz roſto a quem ma perſuadia, vendo que a primeira razaõ me arguia de intereſſeiro, em pertender gaſto da impreſſaõ; e a ſegunda de indigno do nome Portuguez, em ter taõ pouco conhecimento da lingoa propria, que a julgaſſe por inferior á Caſtelhana; ſendo tanto pelo contrario, que naõ hà lingoa em Europa (tomada nos termos que hoje a vemos) mais digna de ſe eſtimar para hiſtoria, que a Portugueſa: pois ella entre as mais he, a que em menos palavras deſcobre móres conceitos, e a que com menos rodêos, e mais graves termos dá no ponto da verdade, &c.*

Porém quando as outras lingoas nos levaſſem ventagem em qualquer das partes, que temos referido, notoria couſa he, que na Ortagrafia nos ficavaõ todas inferiores; porque nenhuma couſa eſcrevemos, que naõ pronunciemos, como o moſtra o noſſo Joaõ de Barros na ſua Grammatica Portugueſa, dizendo: *A primeira e principal regra*

na

na nossa Ortografia, he escrever todas as dicções com tantas letras, com quantas as pronunciamos, sem por consoantes ociosas, como vemos na escritura Italiana, e Franceza. E dado que a dicçaõ seja Latina, como a derivamos a nós, e perder sua pureza, logo a devemos escrever ao nosso modo, por semelhante exemplo, Ortografia he vocabulo Grego, e os Latinos o escrevem desta maneira atras, e nós o devemos escrever com estas letras, Ortografia, *porque com ellas o pronunciamos.* Este defeito he muito ordinario nos estrangeiros, como jà fica provado dos Franceses, Italianos, e Alemães, e o confessa em parte Quintiliano dos Latinos dizendo: *Quid, quæ scribuntur aliter qui enunciantur? Nam & Galus,* C, *litera notatur, quæ inversa,* Ɔ, *mulierem declarat: quia tam Caias esse vocitatas quam Caios, etiam exnuptialibus sacris apparet. Nec (neus eam literam in prænominis nota accipit, qua sonat: & Columna, exempta* N, *litera; & Consules, geminata* S, *litera* Coss. *legimus &c.* E sendo a lingoa Castelhana muito superior á Italia-

liana, e Franceſa, na copia, ſuavidade, brevidade, e aptidaõ para toda a materia; ſó no ler, e eſcrever as letras, lhe introduziraõ os vulgares alguns defeitos, que o meſmo Frei Franciſco de Robles, Author da ſua Ortografia Caſtelhana, lhe notou, como ſaõ entre outros pronunciar todas as dicções eſcritas por *v*, conſoante por, *b*, de maneira, que mudaõ o ſentido, á liçaõ Latina, ſendo por: *Volo Bolo*, e por: *Vivo*, *Bibo*, e por: *Vita*, *Bita*. Além diſto pronunciaõ o, *i*, como, *x*; e por: *Badajoz*, dizem, *Badaxos*, e o, *s*, pronunciaõ por, *z*, dizendo, *Zol*, por, *Sol*, e o, *h*, por, *g*, como: *Huerta*, *Guerta*, e ſobre tudo o, *m*, final de qualquer idioma, exprimem por, *n*, como já apontamos. E ainda que eſtas letras tenhaõ grande affinidade humas com as outras, nem por iſſo ficaõ deſculpados os vulgares que niſto peccaõ como o confeſſa o ſobredito ſeu Author, dizendo: *No por eſſo tiene eſcuſa eſte error, porque ſon letras diverſas; i volo, volas, i volo, vis, quieren dizir, yo buelo: yo quiero, i bolo, no quiere dizir nada, i aſſi de los otros exemplos, &c.*

O

outras Provincias, como já lhes tem começado a dar neste Reino. No estillo do meio compuseraõ os seus Dialogos Fr. Heitor Pinto, Francisco de Moraes, e Jorge Ferreira, que em seu tanto naõ se prezaõ menos; posto que os dous ultimos, por se naõ imprimirem, naõ saõ taõ commus a todos. Que direi do estillo humilde, e jocoso, o qual parece que em nenhuma outra lingoa póde ter a graça, e elegancia, com que Lourenço de Caceres, Fernaõ Cardoso, e Luis de Camoens compuseraõ as suas cartas, e satyras, e outras semelhantes obras? As quaes por serem infimas na frase, naõ saõ menos de estimar, pois muito mòr efficacia se mostra neste genero de escritura, por ser quasi incapaz dos ornamentos da Arte.

Na Poesia se exercitaõ os mesmos estillos, como se vè em Virgilio no principio de sua Eneida. E a aptidaõ que a nossa lingoa tem para os versos, se mostra bem da facilidade com que os Portuguezes se daõ à Poesia, a qual he taõ natural nelles, que os estrangeiros lhe concedem nella a palma, como o refere o Author da Biblio-

the-

theca Hispan. *t.* 2. Class. Poetarum, onde diz: *Lusitani in Poetica, ut & in Musica regnare feruntur mira animi propensione, velut enthusiasmo rapti &c.* E sendo a lingoa Castelhana taõ propria para as garridices dos versos pequenos muitos annos a deixàraõ seus naturaes pela nossa, compondo nella os cortesaõs suas coplas, de que se vem assas de exemplos nos livros antigos, e Gonçallo Argóte tras alguns lib. 3. cap. 148. a que accrescenta estas palavras: *Se alguno pensare por las coplas referidas, que Mancias era Portuguez, este advertido que hasta los tiempos d'ElRey D. Henrique el tercero, todas las coplas que se hazian comummente, e por la maior parte eran en aquella lengua, &c.* Mas, vindo aos particulares exemplos, bastenos no estillo grave o Poema heroico de Luis de Camoens, obra nunca assás louvada, como o daõ a entender as muitas traducçóes, que se della fizeraõ, e o juizo que sobre ella deraõ os milhores Poetas de Europa, de que tratamos em seu lugar. A brandura das Eglogas de Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, e Francis-

cis-

cisco Rodriguez Lobo, saõ de tanta suavidade, que o insigne Poeta Lopo da Vega confessa, que os escritos de Diogo Bernardes o ensinàraõ a fazer versos pastorìs, e os outros naõ causaõ menor deleitaçaõ, que he o que neste genero se requere. Porém a tudo excede o estillo Comico, que os Antigos chamàraõ Togato, de Francisco de Sàa de Miranda, que foi o primeiro, que na nossa lingoa Portuguesa o descobrio, com geral admiraçaõ de todos. Porque este genero de escritura, assi como he estremo dos outros, assi pede estremado modo de dizer: por onde os Latinos, que no heroico venceraõ aos Gregos, confessaõ de si que nunca puderaõ imitar perfeitamente o Comico, como o diz Quintiliano: (*) *Tenuiora hæc, ac prestiora Græci melius, in eoque vincimur solo, & ideo in Comœdiis non contendimus.* E na outra parte fallando do mesmo estillo Comico, diz: *Vix levem consequimur umbram, adeo, ut mihi sermo ipse Romanus non recipere videatur illam solis concessam Ati-*

(*) *Lib.* 10. *c.* 1. *&* *lib.* 12. *c.* 10.

Aticis venerem &c. E Celio Rodiginio confirma o mesmo: (*)*Cæterum quæ de Comico lepore, ac venustate dicimus, adhuc ad Græcam rationem magis spectant &c. Ita est in comœdia maximé claudicamus.* Esta brevidade, graça, e decoro, que os Latinos desejavaõ, se vem taõ praticadas nas Comedias Portuguessas de Francisco de Sáa, e Antonio Ferreira, e em algumas de Jorge Ferreira, que a juizo de todos os doutos naõ tem superior. Nem he para esquecer o louvor que se deve nas nossas farças a Gil Vicente, o qual imitando as fabulas Athelanas, que incluîaõ em si as representações que chamaõ Planipedias, e Tabernarias, por serem dos Infimos da Republica (de que tambem já Aristoteles na sua Poetica faz mençaõ) compôs algumas farças com taõ graciosa eloquencia, que do nosso Joaõ de Barros he por isso mui louvado: e o Mestre André de Rezende affirma, que se como escrevêo na nossa lingoa particular, compusera na Latina, que he commua a todos, naõ alcançàra menor no-

(*) *Antiq. lect. lib. 6. c. 17.*

nome que Menandro, Plauto, Terencio, como se vê nestes versos de seu Genetliaco do Principe D. Joaõ:

Cunctorum hinc acta est comœdia plausu,
Quam Lusitana Gillo Auctor, & Actor in aula,
Egerat ante, dicax, atque inter vera facetus
Gillo locis levibus doctus præstingere mores;
Qui si non lingua tomponeret omnia vulgi,
Et potius latia, non Græcia docta Menandrum
Ante suum ferret, nec tam Romana theatra
Plautinos ve saleis, lepidi vel scripta Terenti
Lactarent; tanto nam Gillo præiret utrisque
Quanto illi reliquis inter qui pulpita rore
Oblita corycio, digitum mer vere faventem. &c.

Por estes, e outros exemplos conclue Duarte Nunez de Liaõ (*) hum largo discurso sobre esta materia dizendo: *Naõ ha para que se negue a facilidade, e suavidade da lingoa Portuguesa, que para tudo tem graça, e energia, e he capaz de nella se escreverem todas as materias dignissimamente, assi em prosa, como em verso &c.*

Concluamos logo que se na lingoa Portuguesa se acha tanta conformidade com a Latina, que se póde escrever em verso e prosa pelas mesmas palavras em

(*) *Origem da lingoa Portuguesa c. 22.*

em ambas as lingoas? Se he taõ copiosa que a nenhum genero de Poetas, ou Oradores faltou com summa elegancia? Se os mesmos estrangeiros lhe confessaõ a suavidade da pronunciaçaõ? Se escreve sómente o que falla? Se he apta para todo o estillo? Que cousa se lhe póde desejar que ella naõ tenha? como diz o nosso Joaõ de Barros. Ou que parte lhe falta para ser perfeita? Ou quem ha que contra a razaõ queira contrariar huma cousa taõ manifesta? Certo que contra estes descontentadiços podemos exclamar com as palavras de Tullio, dizendo-lhe: *Unde hoc tam insolens domesticarum rerum fastidium? Quando enin aut Oratoribus bonis, aut Poetis ullus Orationis, vel copiosæ, vel elegantis ornatus efuit? &c.* E com o nosso Bispo Dom Antonio Pinheiro condena-los por ingratos á Patria, onde nasceraõ, como elle o faz nestas palavras, dizendo: *Desagradecidos Portuguefes, e desnaturaes saõ, os que por desculparem sua negligencia, culpaõ a pobreza da lingoa. Bem sei que se na minha eloquencia lançarem prumo, que lhe acharáõ poucas braças,*

mas

mas nunca taõ desleal serei á terra que na vida me sustem, e na morte consigo me ha de abraçar, que por me escusar a acuse, e por me livrar a condene; mas porque contra estes domesticos inimigos da nossa lingoa escrevi em hum tratado, que fis da eloquencia Portuguesa, colho por ora as vellas, &c. Grande perda foi para nós naõ sair á luz esta obra de taó erudito varaõ, por que resultára em grande proveito, e honra de nossa lingoa; à qual só esta falta lhe podemos dar, que estando a Latina, e as outras vulgares taõ chêas de volumes, de Traducções, de Copias, Frazes, Elegancias, e de Thesouros de sua eloquencia, com que as vemos ornadas de tam ricos atavios, sò a nossa està pobre de todo artificio, e sem mais compostura que a fermosura natural. Porém nem isto he defeito nella; antes maior grandesa, pois sem estes affeites compete com a beleza das outras, e vence aos armados desarmada. E se esta verdade naõ esta atégora conhecida de todos os Portugueses, cuido certo que he, por naõ ponderarem as rezões que

por

por si tem: porém entendo que consideradas ellas, ninguem haverá que queira obstinadamente sustentar sua opiniaõ, contra esta certeza: e ser taõ desconhecido, a sua Patria, que aborreça o proprio por envejar o alhêo, e consinta sermos vencidos no amor da lingoa materna de todas as outras gentes, assi barbaras, como politicas, que tanto as suas proprias estimàraõ. Dos Romanos sabemos que depois de estabelecido o Imperio, ordenàraõ com rigurosas Leis, que todos os Magistrados usassem nas provincias estranhas de lingoa latina, e naõ dessem n'outra, reposta alguma publica. (*) Os Carthaginenses prohibiraõ, que ninguem aprendesse outra lingoa mais que á da Patria. Os Escoceses ensinaõ na sua as sciencias, e para isso tem traduzido nella todas as Artes, e muitos dos expositores dellas. Ulid celebre Miramolim dos Arabes (**) (porque foi o primeiro que tomou Damasco) mandou que em todos os seus Reynos naõ se escrevesse mais

G que

(*) *Alexand. ab Alexand. lib. 2. c. 30. Boeth. in Scot.* (**) *Paulus Diaco. lib. 2.*

que na lingoa Arabia. (*) O mesmo públicou por Ley ElRey D. Duarte IV. de Inglaterra, ordenando que as cousas publicas se naõ tratassem, ou escrevessem senaõ na lingoa Anglicana. (**) Os Princepes Othomanos tem tanto respeito à sua, que as promessas que naõ haõ de cumprir mandaõ dar em lingoa estrangeira, e as que haõ de observar, na propria. E neste Reyno se vio outro naõ pequeno exemplo em Raix Xarafo Guasil de Ormús, (***) o qual tendo muita noticia da lingoa Portuguesa, e tratando seu livramento diante d'ElRey D. Joaõ III. nunca lhe quiz fallar senaõ por interprete, por naõ deixar a lingoa de sua Patria. ElRey D. Joaõ I. de Castella mandou tambem, que nas cousas públicas se usasse da lingoa Castelhana; donde parece que de entaõ para cá deixàraõ os Castelhanos de compôr os versos na nossa Portuguesa, e illustraraõ mais a sua. Grande afronta fôra certo para este Reyno, se contra tantos exemplos, pelo extravagante gosto de poucos mal contentes,

se

(*) *Polid. lib.* 19. (**) *Bemb. lib.* 4. *Hist. Venet.* (***) *Couto Decad.* 6. *lib.* 1. *c.* 1.

se entenderá que sò Portugal desprezava a lingoa propria; porém naõ he assi, antes nesta materia podemos tambem ser exemplo aos outros todos: pois além das authoridades alegadas de tantos varões nossos naturaes, insignes em letras, que em tanta estima tem a lingoa Portugueza, o mesmo Reyno por Decreto commum, pedio nas capitulações do casamento d'ElRey D. Joaõ I. de Castella com a Infanta D. Brites, filha do nosso Rey D. Fernando que vindo a esta Provincia a servir com aquella, os Reys que nella succedessem fariaõ escrever todas as cousas do governo público, na lingoa Portuguesa. O proprio se alcançou pelos tres Estados, quando El-Rey D. Manoel fez jurar o Princepe D. Miguel seu filho por successor de Portugal. E ultimamente a mesma mercê nos offereceo, e concedeo El-Rey D. Felippe I. quando entrou na successaõ desta Coroa, e á instancia das primeiras Cortes, a confirmou em Tomar. Pelo que pois esta he a opiniaõ de todo Reyno, naõ deve haver nenhum particular que tenha a contraria; porque d'outro modo ficará a parte desu-

nida de todo, e naõ poderá ser contado entre os verdadeiros Portuguesses.

DISCURSO III.

COM QUE CONDIÇÕES SEJA Louvavel o exercicio da Caça.

A Francisco de Faria Alcaide mòr de Palmela.

SENDO o exercicio da caça usado por recreaçaõ de muitos, com difficuldade se póde dar nelle juizo, de maneira, que satisfaça a todos; porque, como as leis do gosto sejaõ taõ poderosas, que levaõ a pos si, e quasi arrastaõ o entendimento humano, como já o considerou o Poeta Latino, quando disse.

— *Trahit sua quemque voluptas.*

Mal poderá consentir com liberdade no que se disser contra a caça, quem tiver posto seu gosto nella. Porém como isto he obedecer a rogo de quem póde mandar, e se escreve só para sabios, os quaes por serem taes, dominaõ as estrellas, e sómente a razaõ sua inclinaçaõ natural, tratarei a materia com liber-

berdade; pois faltando-nos que a haõ de julgar, animo apaixonado, naõ poderá deixar de ſer acertada a ſentença.

Caça chamamos vulgarmente aquella Arte, que enſina a prender, e matar as Aves, e animaes da terra. Eſte nome, ſegundo alguns, tomamos de *Caccia* palavra Italiana, derivada do verbo *Cacciare*, que quer dizer lançar fora; porque a caça para que ſe poſſa tomar, he neceſſario as mais das vezes levantala do lugar onde eſtá.

Podemos dividir commodamente a caça em montaria, e voltaria. A montaria tomando largamente o vocabulo (como dizem os Logicos) he a caça, que com cães, e armas mata os animaes do campo, poſto que mais propriamente a montaria he ſó aquella que ſe faz de ordinario contra os animaes ſylveſtres, e ferozes a cavallo, e com armas, e como eſtes animaes por ſerem de ſua natureza mais çafaros, naõ deſcem ao razo, e ſe eſcondem ſempre nos montes por razaõ do lugar, ſe chamou a tal caça montaria.

Della foi inventora, quaſi a meſma natureza, porque vendo os homens em ſe-

ſeus principios o dano, que dos animaes bravos recebiaõ, e achando-ſe juntamente faltos de mantimentos, e reparos, com que ſe ſuſtentaſſem, e defendeſſem o corpo das injurias do tempo, perſeguiaõ os animaes, para ſua ſegurança, ſuſtentaçaõ, e veſtido, como hoje fazem os mais dos habitadores do novo mundo, e por iſſo diz o Filoſofo, que he eſta caça natural, e juſta, como ſe vê deſtas palavras do 5. capitolo de ſua primeira Politica: *Feræ vero* (*ſub intelligitur, ſunt creatæ, et ſi non omnia at plurima illorum*) *propter cibum, & alia alimenta, ut & veſtes, ac cætera inſtrumenta exillis fiant. Si igitur natura nihil nequæ imperfectum facit, nequæ fruſtra, manifeſtum eſt, illa omnia hominum gratia feciſſe naturam. qua propter, & bellica ſecundum naturam quodammodo acquiſitiva erit: nam & venatoria pars illius eſt, qua uti oportet contra beſtias, & contra homines, qui ad parendum nati ſunt, nec volunt parere, quia natura id bellum juſtum exiſtat. &c.*

A voltaria, he caça de aves, que ſe faz com outras de rapina, e della

tem

tem por opiniaõ Ludovico Guiciardino, (*) que naõ foi conhecida dos Antigos; senaõ, que depois de instituido o Imperio Romano a acháraõ os Flamengos, e que elles foraõ os primeiros, que inventáraõ do mar as aves de rapina a fazelas obedientes, e os que deraõ os preceitos da citraria, que he a arte com que ellas se fazem, e curaõ, e diz, que do Norte levou esta caça a Italia o Emperador Federico Barbaroxa, e se derivou por todas as partes de Europa. A isto parece, que ajuda em parte Hyeronimo Mercurial, que no *liv.* 3. *cap.* 15. de sua Gymnastica affirma com Julio Firmico, que no tempo de Constantino Magno, se começou a usar da volataria. Porém he taõ antiga esta caça entre os Arabes; (*) e usaõ tanto della, e na Persia, que se póde cuidar teve lá outro principio mais antigo, principalmente, quando vemos, que jà na sagrada Escritura, parece, se faz mençaõ della, na quellas palavras de Baruch. 3: *Vbi sunt principes gentium*

qui.

(*) *Guiciar nos Paiz baixos tit. Bozeth.* (**) *Com. de Alb. c.* 9.

qui dominantur super bestias, quæ super t-rram, qui in avibus cæli ludunt &c. De ambas estas especias da caça, saõ varias as opiniões dos Authores, defendendo, e condenando este exercicio com diversas razoes. E começando pelas dos que o louvaõ, assaz he notorio quanto a caça foi sempre prezada dos maiores Principes do mundo, naõ sò barbaros, mas ainda politicos, sustentando os mais delles grande numero de monteiros, e caçadores, e dando os officios mòres da caça aos principaes senhores de suas Cortes.

Foi a caça tida dos Antigos por huma semelhança, e eschola de guerra, e assi criavaõ nella seus filhos para depois virem a ser bons cavalleiros, robustos, esforçados, sofredores de trabalhos, desprezadores dos perigos, e das injurias do tempo. Tal foi a criaçaõ de Achiles, Ulysses, Diomèdes, e dos Heroes famosos, que se achàraõ na guerra de Troya, segundo conta Xenofonte,(*) o qual diz de Cyro: *Exercitationis autem bellicæ gratia eos (scilicet nobi-*

(*) *Xenof. deven. c.* 1.

biles) ad venationem, educebat, quos hæc exercere oportere existimabat, hanc ratus, & omnino bellicarum exercitationum optimam, & equestris verissimam. O proprio se lê de Mitridates Rey do Ponto, e do nosso grande Viriato, conta Plinio, e Floro, que de caçador veio a ser Capitaõ dos Portugeses, defensor de Hespanha, e outro Romulo della. A esta causa atribue Salustio o valor do Jugurta. E o mesmo se tem experimentado em muitos nobres, e Principes de Hespanha. Porque he a caça huma eschola, e verdadeira semelhança da disciplina militar. Porque tem espias, atalayas, ciladas, corridas, ordenar, e repartir gente, duvîdas, e conselhos, chegadas incubertas, e finalmente, peleja, e batalha, e sobre tudo vitoria, com a prizaõ, ou morte do inimigo. He tambem a caça louvavel exercicio para a saude, e por isso foi usada daquelles grandes Filosofos, e pais da medicina Chyron, Machaonte, Podalirio, e Esculapis. De Galleno he grandemente louvada portal. Porque se faz, correndo, andando, saltando, atirando, bradando, e com outras semelhantes acções, que

aquen-

aquentaõ o corpo , secaõ os sobejos humores , geraõ por fundos sonos cozem as cruezas do estamago , e daõ particular sabor aos manjares, como respondeo hum Lacedemonio a Dionysio Syracusano , o qual sendo convidado em Esparta , e dizendo , que naõ achava sabor em huns guizados , que lhe deraõ de caça, tornou o Lacedemonio, que os achava sem gosto , porque os naõ caçára aquelle dia.

Serve assi mesmo este exercicio, para conservar a castidade, e por isso os Antigos adoravaõ à Diana, inventora da caça, por deosa desta virtude, e Seneca introduz a Hypòlito , por caçador casto, e desprezador da desordenada affeiçaõ de Phedra , e Horacio (*) passa seu effeito até aos casados, como se vê naquelles versos.

— Manet sub Iove frigido
Venator teneræ conjugis immemor.

Donde Ovidio no seu de Remedio Amoris , entre outros remedios dá este por muito efficaz , dizendo :

Vel tu venandi studium cole, sæpe recessit
Ju-

Hora libr. 1. Ode. 1.

Jupiter, à Phœbi victa forore, Venus.
Mostra-se na caça naõ pequena parte da industria humana. Fazendo disciplinaveis os cães, onças, leões, e outros animaes feros, doutrinado-os de maneira, que tomando a caça, a naõ comem, antes a entregaõ fielmente aos caçadores, e que por lhe obedecer se offerecem á morte. E naõ he menor maravilha o domesticar as aves de rapina, e sendo taõ agrestes, acostumalas a diversas relês; e reduzilas com tanta obediencia, que esquecidas de sua natural braveza, deixem os bosques, e sua liberdade, e se sogeitem aos que caçaõ com ellas, indo onde as mandaõ, e tornando-se a meter na prizaõ quando as chamaõ, cousa, de que com razaõ se admira Plinio, (*) e encarece muitos a Arte, que pode amançar a ferocidade das Aguias, de maneira que se caça com ellas, e que tragaõ a preza a seus senhores, como diz que fazia huma em Sesto.

Deste exercicio nasceo outro beneficio imcomparavel para os homens, que foi

(*) *Lib.* 10. *cap.* 1. & 5.

foi a historia dos animaes, que Aristoteles compôs, em que revelou tantos segredos da natureza, tantos remedios, e tantas industrias para os mortaes, como se neles contém, o que tudo alcançou dos caçadores, e creadores, que lhe Alexendre mandou de cujas relações, e experiencias compôs aquelles excellentes livros.

Por estas, e outras boas qualidades escrevêraõ da Arte da caça, e seus louvores, muitos Varões insignes, como foraõ Xenofonte, Polux, Opiano, o Emperador Henrique VI., Dom Afonso II. Rey de Castella, e Conde de Folx, Angelo Bargeo, Dom Fradique de Soto-mayor, senhor de Alcunchel, e outros Autores de nome.

Porém pela parte contraria, naõ ha testemunhos de menor consideraçaõ, antes gravissimos em toda a profissaõ, e o primeiro seja S. Jeronymo, *Dist.* 86. que diz: *Non invenimus in scripturis sanctis, sanctum aliquem venatorem.* E assi Lamech, Nembrot, Ismael, e Esaú, aquem a Sagrada Escritura chama robustos caçadores, saõ por testemunho das sagradas letras condemnados por homens

má-

máos, e facinorosos, e por tais eraõ tidos antigamente os Thebanos, que tinhaõ a caça por occupaçaõ ordinaria, donde sahio o proberbio dos Gregos: *Naõ caçaõ senaõ os máos*. Faz a caça os homens carniceiros, e deshumanos, e assi como mataõ sem piedade os brutos, o vem a fazer despois aos homens, como se tem visto muitas vezes em Hespanha. Destruem os caçadores sem piedade as searas, passeando-as a pé, e acavallo com grande estrago dellas, e damno dos pobres lavradores. He occaziaõ a caça de fazerem os Principes rigurosas leys contra aquelles, que a mataõ, de modo, que em Sicilia se mandou crucificar a hum lavrador por matar hum porco montez, como conta Valerio Maximo, (*) e muitos foraõ justiçados por tomar huma perdiz, ou coelho nas coutadas dos Principes.

Fazem-se os caçadores com o trato do campo agrestes, e inimigos da conversaçaõ dos homens, como o dizia a Ama de Phedra a Hypolito. (**)
Truculentus, & Silvester, & vitæ inscius
Trif-

(*) *Valeri lib. 6.* (**) *Senec. in Hyp.*

gaſtando com ellas o tempo, porque lhe faltaõ partes para o empregar em outra ocupaçaõ honeſta. Donde diz delle Franciſco Petracha: *Ad honeſtum igitur nihil idonei, ſylvas colunt: non vitam ſolitariam acturi, cui nom minus quam politicæ ſe ineptos ſciunt, ſed feris, ac canibus, & volucribus com victuri, quod non facerent niſi illis ſimilitudine aliqua juncti eſtent, qui ſi ex hoc voluptatem quandam, ſeu ſolam temporis fugam quærunt; ut cumque ſtulti voti compotes forſan evaſerint.* Por reſpeito da caça, perdeo a reputacaõ, e o Reyno o ultimo Rey dos Moravios. Eſvatacapo, e o Emperador Domiciano, que caçava atè as moſcas, e ao noſſo Rey D. Afonſo IV. chegàraõ a dizar os Conſelheiros em ſeu principio, que os Reys naſceraõ para governar, e naõ para caçar, pelo que deixaſſe a caça, ſenaõ, que buſcariaõ elles outro Rey, que os governaſſe, e finalmente, entre os que ganharaõ gloria, naõ ſe contàraõ nunca os caçadores; porque ſò as virtudes, as Armas, e Letras, fizeraõ illuſtres, e glorioſos os homnes, como diz o Poeta: (*) *Hic*

(*) *Aeneid. lib. 6.*

Hic manus ob patriam pugnando vulnera passi:
Quique Sacerdotes casti, dum vita manebat,
Quique pij vates, & Phæbo digna loquuti,
Inventas, aut qui vitam excoluere per artes
Quique sui memores alios fecere merendo.
Omnibus his nivea cinguntur tempora vitta.

Dos muitos Principes, que perderaõ a vida na caça, ou por occasiaõ della, estaõ as historias chêas, e deixando os antigos Adonis, Oriam, Sephalo, e Nizias, celebres pelos poetas, bastem os exemplos do Emperador Isacio, de Dom Favila Rey de Hespanha, de Henrique VI. Emperador de Alemanha, de Venceslâo terceiro Rey de Boemia, a quem puderamos ajuntar o do nosso Rey Dom Dinis, quando esteve em perigo de o despadaçar o Urso junto a Beja se lhe naõ socorrera milagrosamente S. Luis, Bispo de Tolosa, como se vê da Capella, e pintura, que por isso naquelle sitio lhe dedicou.

Estas saõ as razões, que se offerecem por huma, e outra parte; resta dizer agora o que se deve seguir, para o que faremos tres supposições, a primeira seja, que a caça naõ he arte condemnada nas Sagradas Letras; porque ain-

da que os caçadores, que na escritura se referem, naõ sejaõ tidos por bons, com tudo naõ se segue dahi, que a Arte seja mâ, assi o resolvem cõmumente os Theologos com S. Thomàs, e o tem o Padre Bento Pereira no capitulo 25. do Genes, n. 60. onde diz: *Studium, & exercitium venandi non esse malum; neque ob id culpabilem fuisse Esaü ex ipsa scriptura colligi potest, quia hoc loco ait, Isaac valde fuisse delectatum venationibus Esau, atque ob eam causam præcipue dilexisse eum, &c*:

A segunda supposiçaõ he, que a caça se faz por dous fins, que saõ, ou proveito publico, ou recreaçaõ particular. A caça que se faz por proveito publico, saõ aquellas montarias, que se ordenaõ contra as bestas feras, como leões, tigres, lobos, e assi as que se fazem contra outros animaes daninhos, quaes saõ rapozas, lebres, e coelhos; porque os animaes bravos, salteaõ os homens, e destróem os rebanhos, e os outros damnaõ as semeadas, e assi esta caça, naõ sómente he licita, mas necessaria, e quasi natural, como já apontamos do Filosofo. E pelo valor, que

com

com estas feras mostrou David, he louvado nas Divinas letras, e nas humanas, Cadmo, Theseo, e Hercules, que andou pelo mundo, livrando muitos povos das molestias, que padeciaõ destas feras como foi.

O leaõ Clioneo, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a Idra brava, &c.

E depois ordenáraõ as mesmas Respublicas, que em seus tempos saîssem os povos, e fizessem estas montarias, de que se colheraõ, e colhem ainda hoje grandes fruitos, porque com ellas fizeraõ os Xarifes habitar o Reyno de Tarudante em Africa, que os leões tinhaõ deshabitado, e nos Reynos de Congo, e Angola, saem por muitas vezes cada anno exercitos de gente de guerra, e seguraõ os caminhos dos tigres; que saõ os ordinarios salteadores de estrada daquellas Provincias. Com as dos ursos se extinguiraõ os muitos, que avia em Hespanha, onde tambem naõ houvera já lobos, se se cumpriraõ inteiramente as ordenanças, que sobre isso saõ feitas. Das rapozas se fazem em Alemanha muitas; e já nos Cantares as mandava matar a Esposa, pelo damno das vinhas, dizendo:

 Ca-

Capite nobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas. E Plinio conta, que ás Ilhas Baleares mandou o Emperador Augusto, huma legiaõ de socorro, para matar as lebres que as tinhaõ reduzido ao ultimo estado; o mesmo fizeraõ por vezes os coelhos na Ilha da Madeira, como conta Joaõ de Barros. (*)

A terceira, e ultima supposiçaõ seja, que a caça que se faz por particular recreaçaõ, tambem he licita; porque como o entendimento naõ póde estar sempre em operaçaõ de cousas graves, he necessario alivia-lo com algum divertimento, e exercicio corporal, este se alcança na caça, assim com a acçaõ, como com a variedade dos successos, que nella acontecem, contendendo huns animaes com outros, em que a seu modo se vem com grande alegria as agniçóes, e peripecias das tragedias. Porém para esta caça de recreaçaõ ser aprovada, e louvavel, convém, que tenha estas condiçóes com que os Politicos, e Medicos a concedem, que saõ tres. A primeira, que hade ser a caça de qualida-

de,

(*) *Dec.* 1. *l.* 1. *c.* 2. *&* 35.

de, que naõ haja nella manifesto perigo de vida, nem tal, que naõ adestre os caçadores para a guerra. A segunda, que naõ seja exercicio ordinario, senaõ a seus tempos devidos. A terceira, que os que a usarem com maior continuaçaõ naõ passem da idade de 25. annos atè. 30. Pelo primeiro preceito, se exclue da caça de recreaçaõ, a caça de animaes bravos, pela qual foi Alexandre muito condemnado, quando se pôs a matar hum leaõ, por se parecer com Hercules, do qual ouvera de ser morto. E nas fronteiras de Africa custou semelhante recreaçaõ a vida a muitos dos nossos, que morreraõ despedaçados dos leões. Ainda, que o primeiro Conde de Redondo foi grande caçador delles, e matou muitos por suas maõs, como se vé na Historia de Arzilla. Mas por evitar semelhantes perigos, mandáraõ os nossos Reys, que os Capitães daquellas fronteiras naõ saissem mais aos rebates de leaõ.

Por tanto resta sómente a Volataria e Montaria ordinaria, que se faz a pé, e acavallo com cães, e armas. Esta segundo Plataõ, *liv.* 7. he a principal caça; que

que se deve uzar por recreaçaõ, como o mostra por muitas razões na sua Republica, as quaes resolve com estas palavras: *Solum itaquæ terrestrium venatio, captura vê, Athletis nostris reliqua est, atquæ harum, quæ dormientia animalia peculiari vocabulo nocturna vocata; persequitur segnibus convenit, nullamquæ meretur laudem, sicuti nec illa, que laborum intermissiones habens retibus, & laqueis, non laboriosi animi victoria ferarum robur, evincere conatur. Unde solam optimam esse relinquitur, in qua homines quadrupedia equis, canibus, & propriis corporibus venantur, quos omnes superant illi, qui fortitudinis divinæ possessionem curantes, propriis manibus currendo, feriendo, & jaculando venationi operam navat, &c.*

Pela segunda condiçaõ naõ ha de ser a caça exercicio ordinario, assi por naõ mostrar o caçador, que he inhabil para a vida politica (como ja dissemos) como por ser muito prejudicial á saude e por tanto a defende rigurozamente Hieronimo Mercurial na sua Arte gymnastiça, ou dos exercicios, onde depois de

de dizer o damno, que traz em ser continuo o exercicio da caça advirto, que naõ será, nem no rigor das calmas, nem no dos frios, e lhe poem outras muitas condiçóes, que ultimamente resume nestas palavras: (*) *Quicumque enim suarum virium aeris, temporis, quantitatis, loci, & moderationem aliquam habere volut, multa profecto eorum malorum vitare possunt, quibus casu sic se exercentes subjiciuntur, eo magis quod venatio illud præcipuum in se habet, quod nulla alia exercitatio in eum modum obtinuisse apparet; ut scilicet totum fere diem non raro sibi requirat. Unde aut venatores inter exercendum cibum capere, & à cibo magnos labores aggredi coguntur, quo valetudini nihil perniciosius esse potest, aut totam diem jeluant, quod tametsi fortasse minus offendat, neque tamen ipsum noxa penitus caret, quando præter consuetudinem illud efficitur, nec non postea adhuc præfame exsaturantur, ut ventriculum in concoquendo mirum in modum fatigent, sicque, & cruditates, & alia in numera mala subeant.* O

(*) *Merc. l. 6. Gymn. c.* 13.

O terceiro preceito da idade, e partes do caçador, aponta Xenofonte (*) brevemente, dizendo: *Cum igitur pueris excesserint primum venandi studium obire opportet, deinde aliarum artium &c.* E pouco depois: *Opportet rei venatoriæ studiosum ætate annorum circiter viginti esse, statura sane agilem, & validum, animo vero patientem, ut laboris victor re ipsa lætetur.* Por onde o mesmo Author, diz do seu Cyro, *l.* 1., em quem quiz dar hum exemplo de perfeito Principe: *In adolescentiæ flore venandi maximo desiderio tenebatur; & in pugnando adversus belluas pericula nulla fugiebat.*

Como este exercicio requeira tantas forças, e boa disposiçaõ, fica sendo muito prejudicial para os velhos, e para os magros, e fracos de compreiçaõ, ou tocados de qualquer achaque, segundo Hieronimo Mercurial, e os mais Medicos no lugar allegado; e assi naõ convém nem a todos os mancebos: donde o Poeta Latino, que em tudo falou adverti-

(*) *lib.* 1. *de Venat. c.* 4.

tidamente, chamou aos caçadores; (*)
—*Delecta inventus.*
E para estes taes mancebos, convém sómente a caça por exercicio ordinario; assi porque aquella idade he a propria de aprender a destreza das armas, como, porque atè entaõ, naõ saõ ainda aptos, para avida civîl, e governo da Republica, na qual quando estiverem occupados, poderàõ ter outros exercicios mais acommodados para entreter os gostos, e conservar a saude, como he o fazer mal aos cavallos, a vectaçaõ, ou andar nos coches a ver os prados fora das Cidades, o jogo da pella, exercicio proprio de cortezãos, aos quaes diz o mesmo Galleno, que he dé muito mòr proveito, que a caça, como se vè no volume que dos louvores deste jogo escrevêo. Porém como naõ ha regra sem excepçaõ, o que temos dito, naõ tira usarem da caça os grandes, e governadores da Republica, quando nos dias feriados se retiraõ a suas casas do campo, como o fazem os Reys de Hespanha. E Santo Thomas Opusculo segundo, libvo segundo

(*) *Aenid.* 4.

do Capitulo ſexto, approva, e louva eſte exercicio, aos de França, e Inglaterra, porque o uſavaõ com eſta moderaçaõ. Reſumindo finalmente o que eſtá dito, moſtra-ſe ſer a caça hum exercico indeferente, que póde ſer licita, e louvavel recreaçaõ, uſando-a os mancebos nobres para ſe adeſtrarem para aguerra, e fazerem robuſtos, mas naõ por proſiſſaõ de vida, nem fòra de ſeus convenientes limites,

Quos ultra, citraque, nequit conſiſtere rectum.

DIS-

DISCURSO IV.

SOBRE A ORIGEM, E GRANDE Antiguidade das veſtes, que uſa por habito Eccleſiaſtico o Clero de Portugal.

COSTUME foi geral entre todas as gentes differencear-ſe os Eſtados da Republica por trajos e veſtidos proprios de cada hum, pelos quaes eraõ diſtinctos os nobres dos plebêos, os homens publicos dos ordinarios, e os Eccleſiaſticos dos Seculares. De tudo temos largos tiſtimunhos na Sagrada Eſcritura, aſſim no Teſtamento velho, como no Novo. Donde a Igreja Cotholica allumiada pelo Eſpirito Santo, e enſinada pelos Apoſtolos, aſſinalou a cada ordem, e eſtado da Igreja particulares, e deſtintas veſtes, para que os Eccleſiaſticos foſſem entre os outros homens conhecidos por particulares Miniſtros de Deos, e pelo habito, que exteriormente veſtiaõ, ſe viſſem as virtudes, com que interiormenre deviaõ de eſtar ornados. Tiveraõ eſtas veſtes di-

diversos principios, e como a Igreja se estendeo por todo o mundo; nas mais das Provincias se variaraõ algumas na fórma, ainda que naõ na substancia. E com tudo os Summos Pontifices, a cujo cargo está o governo da Igreja naõ quiseraõ nunca obrigar geralmente a todos os Ecclesiasticos, que seguissem nisto hum só costume, naõ sómente approvando o que os Synodos Provinciaes (*) nisto dispuzeraõ, mas o que mais he, ordenando assim nos Concilios universaes. Porque sendo todos estes usos santos, cada hum abundava em seu sentido. E desta variedade nacia a universal fermosura da Igreja, aquem o Profeta louvava já, vendo-a em espirito ornado d'ella. Por tanto he muito justo, que os Ecclesiasticos de cada Provincia se prezem de conservar seu santo, e antigo habito. E ainda que esta razão seja universal para com todos, deve particularmente obrigar mais ao Clero de Portugal. Porque as vestes, que até gora usa saõ quasi todas derivadas da primitiva Igreja, e chêas de gran-

(*) *Concil Bas. sess.* 21. *Concil. Trid. sess.* 24, *Can.* 6. *De ref.*

grandes myſterios. E para que por falta deſte conhecimento ſenaõ eſtimem em menos, que as de outras Provincias, ſerá bem moſtrarmos ſua origem, e antiguidade, começando primeiro do habito particular dos Conegos, como parte principal do Clero, e depois dizendo dos outros geralmente.

O nome, e inſtituto de Conegos teve principio na Igreja Latina pouco depois do anno de 362 que foi o tempo em que Santo Euſebio Biſpo de Vercelli veio do Oriente, onde andàra alguns annos fazendo grandes ſerviços á Igreja. E como em quanto eſteve naquellas partes, teve muita communicação com os Monges que floreciaõ em Egypto, inſtituidos pelo grande Antonio, Eremita, determinou eſte Santo Prelado reformar, o Clero da ſua Igreja (que naquelle tempo eſtava já muito deſcaido de ſeus primeiros principios, como o mais de Italia) introduzindo nelle algumas regras da vida monaſtica, de maneira, que do Clericato, e monaquiſmo ſe fizeſſe huma excellente miſtura. Eſte Santo, e maravilhoſo penſamento poz por obra tanto, que chegou

a

a Vercelli, persuadindo aos Clerigos de sua Igreja Cethedral, a que com effeito tomassem do Monaquismo, o que lhe pareceo necessario para conservaçaõ do estado, e ordem da vida Clerical, como affirma Santo Ambrosio *liv.* 10. *Epist.* 82 ao Clero de Vercelli, dizendo, *Hæc primus Occidentes partibus diversa inter se Eusebios sanctæ memoriæ conjungit ut, & in civitate positus instituta Monachorum teneret, & Ecclesiam regeret jejunii sobrietate. Hæc duo in attentione Christianorum devotione præstantiora esse, quis dubitat, Clericorum officia, & Monachorum instituta? Ista ad comitatem, & moralitatem Disciplina, illa ad abstinentiam assuefacta, & pænitentiam, hæc velut in quodam theatro illa in secreto: spectatur ista, illa absconditur; ut cætera taceam, illud quam admirabile, quod in hac sancta Ecclesia eosdem Monachos instituit, quos Clericos, ataque iisdem penetralibus, Sacerdotalia Officia contineri, quibus, & singularis castimonia conservatur, ut esset in ipsis viris contemptus rerum, & accuratio levitarum, ut si videris Monasterii lectulos instar*
Ori-

Orientalis propositi judices, si devotiones Cleri perspexeris, Angelici ordinis observatione gaudeas, &c. Seguiraõ outros muitos Prelados daquelle tempo em Italia o exemplo de Eusebio, aceitando em suas pessoas da regra monastica o que lhe pareceo necessario, e trazendo ao mesmo modo de vida os Clerigos de suas Igrejas Cathedrais, aos quaes por esta razaõ chamàraõ Canonicos, que he o mesmo, que regulares, por differença dos que naõ viviaõ obrigados áquelle certo modo, e instituto de vida, o qual nome tomou a Igreja Latina da Grega juntamente com o novo instituto, por quanto *Canon* em Grego, quer dizer *Regra*, e assim no Oriente aos Religiosos chamavaõ já dantes *Canonicas*, e até às molheres, que professavaõ vida regular, davaõ o mesmo nome, como se vê da Novella sincoenta e nove de Justiniano, e de hum sermaõ de Saõ Joaõ Chrysostomo, em que ensina: *Non decere Canonicas, idest, regulares fœminas ut cum viris cohabitent.* E deixando outros lugares e testemunhos dos Padres da Igreja Grega, e Latina, baste-nos a authoridade do Sy-

no-

nodo Colonienſe, parte terceira capitulo quarto o qual anda no tomo quarto dos Concilios, e o confirma com eſtas palavras: *Ut de Canoncis dicamus paucis, reſpondeat eorum vita titulo, reſpondeat nomini, ſint re ipſa, ut nomine Canonici, ideſt regulares, neque enim clam eſt primam eorum originem monaſticæ diſciplinæ fuiſſe &c.* Eſta reformaçaõ paſſou depois de Italia a outras provincias, e ſegundo o Cardeal Baronio, S. Martinho Turonenſe a introduzio primeiro em França, e Santo Agoſtinho em Africa na ſua Sé de Hippone, donde ſe devia communicar a Heſpanha, e foi taõ geral nella a reformaçaõ dos Clerigos das Igrejas Cathedraes, que por ella parece que divide Santo Iſidoro em ſeu tempo o Clero, dizendo. (*) *Duo ſunt genera Clericorum, unum Eccleſiaſticorum ſub regimine Epiſcopali de gentium, alterum Acephalorum, ideſt, ſine capite, qui quem ſequantur, ignorant, &c.* Que he o meſmo, que dizer. Ha dous generos de Clerigos, huns que vivem com ſeus Biſpos em obdiencia, e outros, que ſem re-

(*) *Iſid. de divin. ofi. lib. 2. c. 2.*

regra, ou particular modo de vida, vivem livres, sem estas obrigações. A mesma reformaçaõ floreceo em Alemanha, segundo se vê do Concilio de Maguncia, (*) que se celebrou em vida do Emperador Carlo Magno, que diz assim. *In omnibus igitur, quantum humana permittit fragilitas decrevimus ut Canonici Clerici Canonice vivant, observantes Divinæ Scripturæ doctrinam, & documenta Sanctorum Patrum, & nihil sine licentia Episcopi sui, vel magistri eorum positi agere præsumant in unoquoque Episcopatu, & ut simul manducent, & dormiant, &c.*

Além dos Conegos das Igrejas Cathedrais, que em tudo viviaõ governados pelos seus Bispos, foraõ conhecidos na Igreja Occidental outros, que eraõ Monges, e viviaõ na obediencia de seus Priores, ou Abbades, como consta claramente do cap. 21 do mesmo Concilio Maguntino, que se celebrou no anno de 813. e diz assim: *Præcipimus, ut unusquisque Episcopus sciat per singula Monasteria quantos quisquis Abbas Canonicos in suo Monasterio habent, &c.*

(*) *Consil. Magunt. cap. 7.*

Segundo isto parece claramente, que destes Conegos regulares tiverão sua origem os que ainda hoje se conservaõ com nome de Santo Agostinho em Espanha, e em outras Provincias fòra della. E que naõ he taõ moderno este instituto, como quer o Padre Fr. Jeronimo Romano liv. 10 cap. 16. Da sua Republica Christãa, que lhe dá principio em S. Ruffo Bispo de Leaõ de França. O qual Santo, ainda, que illustrou muito esta ordem de vida, parece que foi mais, como reformador que naõ, como novo fundador della. Pois consta de algumas escrituras dos conventos deste Reino, que me communicou o Reverendo Padre D. Marcos da Cruz Conego Regular de S. Vicente de Lisboa, que tratava de escrever as cousas daquella Religiaõ, que o seu Mosteiro de S. Salvador de Moreira foi fundado no anno de 862. e o S. Salvador de Grijó, no 922., e o de Villaboa, no de 990, e daquelles tempos até gora sempre foraõ possuidos por Conegos regulares de Santo Agostinho, o que tudo he muito antes de S. Ruffo, de quem o Padre Fr. Jeronimo confes-

essa, que floreceo pelos annos de 1117.

Mas, como quer que seja, ambos estes institutos, assim dos Conegos das Cathedraes, como dos outros Monges que agora chamamos Conegos regulares floreceraõ grandemente em Hespanha de que tambem coube boa parte ao nosso Portugal. E he mui provavel, que de Africa, como jà dissemos, passassem cà os Discipulos de Santo Agostinho, quando pelos annos de 430. foraõ lançados daquella Provincia pelos Vandalos. E que assim como S. Gelasio foi a Roma, onde fundou o Mosteiro dos Conegos Regulares na Igreja Lateranense, assim passariaõ outros a Hespanha, pois lhe ficava mais perto, e havia tanta conrespondencia entre as Igrejas destas duas provincias. E quando naõ fosse nesta occasiaõ, tambem podia ser depois, com as vindas, e fundaçóes, que S. Donato, e Paulino fizeraõ em Hespanha; posto, que a memoria particular de tudo isto nos falte com a perda das escrituras Ecclesiasticas, que pereceraõ na entrada dos Arabes. Porém he grande sinal, e demonstraçaõ disto assim ser, ver que tornando depois os

Hespanhóes a libertar as Cidades Episcopaes do poder dos Mouros, tornàraõ a erigir naõ só muitas das Sès Cathedraes debaixo do instituto regular, mais ainda as Igrejas Colegiadas, de que ha grandes documentos por quasi toda a Hespanha, e o dizem os nomes de Abbadias, e Priorados, que ainda taõ geralmente nella se conservaõ. Taõ metido tinhaõ no coraçaõ este santo modo de vida, que nella florecêraõ. E deixando para outros o que nisto passou nas mais Provincias, sabemos, que em Portugal nas mais das Sès antigas viveraõ regularmente. Disto ha muitos testemunhos nas Igrejas de Braga, Lisboa, Lamego, segundo mo affirmou o Licenciado Gaspar Alvarez de Lousada, que na Historia Ecclesiastica de Hespanha he universalmente conhecido por huma das pessoas mais doutas, que hoje temos, e como tal o allegaõ muitos Authores graves. O mesmo parece de Coimbra pois os Religiosos de Santa Cruz tem por certo, que o Arcediago della, D. Tello, fundou aquelle Mosteiro, quando tornando da Casa Santa com o seu Bispo Mauricio, achou os Conegos re-

du-

duzidos à vida secular, e naõ lhe sofrendo o animo ver perder o Santo Instituto, que professára, ajuntou comsigo outros Clerigos virtuosos, que o quiseraõ seguir, e fundou o celebre Convento de Santa Cruz no anno 1131.

A Sè de Viseu teve tambem seu principio em outro Mosteiro de Conegos regrantes, de que era Prior S. Theotonio, o qual naõ querendo aceitar o Bispado daquella Igreja, que entaõ ultimamente se reformou, e passou a Santa Cruz, e ficou sendo primeiro Prelado de Viseu Odoario outro religioso do mesmo Convento. Em Evora foi primeiro Bispo D. Payo Conego Regrante do Mosteiro de Banhos, e consta pelas Escrituras do Cabido, que os Conegos viveraõ com o Bispo em commum até o anno de 1200. em que se fez a divisaõ das rendas entre o Bispo, e Cabido. E finalmente da Igreja do Porto, consta isto mais claro, como se vê do Cathalogo dos seus Bispos p. 2. c. 1. que compoz o Reverendissimo Senhor D. Rodrigo da Cunha Prelado della, Obra illustre, e digna de seu Author, e muito mais de ser imitada de outros semelhantes Prela-

lados. Este grande zelo, e providencia, com que aquelles piissimos Principes procuraraõ restaurar as Igrejas Cathedrais em regular observancia he digno de grande consideraçaõ. Porque entendendo bem quanto a condiçaõ humana seja inclinada a descair da virtude, quiseraõ dar-lhe principio em huma grande perfeiçaõ, para que quando pelo tempo adiante degenerassem, ficassem ainda em competente estado. O qual exemplo fora mui justo, que se seguira nas novas Sés que modernamente plantamos em Asia, Africa, America, e Ilhas do mar Occeano, applicando-as a algumas relegiões observantes. Porque se nas Provincias onde a Christandade estava fundada havia tantos seculos, em poucos annos se mudou a vida regular dos Conegos em taõ differente estado, que podemos esperar daquelles, que começáraõ já nestes, e noutros mais relaxados principios.

Foi este modo de vida commum descaîndo nos Conegos, pouco a pouco até se relaxar na maior parte; assi, porque as forças do espirito envelhecem mais depressa nos homens, que as do corpo,

co-

como por pedir este modo de vida huma virtude altissima, e mui constante, por ter o Monaquismo muitas cousas encontradas com o Clericato, segundo testefica S. Gregorio, que depois de experimentar bem ambos, diz na carta, que escreve ao Bispo, e Clero de Ravena: *Nemo enim potest, & Ecclesiasticis obsequiis deservire, & in Monastica regula ordinate persistere, ut ipse Monasterii destrictionem teneat, qui quotidie in ministeris Ecclesiastico cogitur permanere, &c.* Por estas razões se foi desfazendo a clausura, e aquella maneira de viver em commum, que os Conegos tinhaõ; porém inda assi naõ lhe pode o tempo roubar de todo o nome de Conegos, ou Regulares, e muitas cousas outras da ordem Monastica: porque o seu governo ainda consiste em communidade com Estatutos particulares, os quaes para serem guardados, como convêm, tem o Bispo obrigaçaõ de os fazer pôr em devida observancia. Tem os reditos Ecclesiasticos em commum, de que se mantem, e se dividem por pessoas eleitas. Tem em Espanha a côr do habito de que usaõ, que he negra: tem

tem as Murças, e as capas do Côro por commum habito canonical, e até os edificios das mesmas Sés conservaõ ainda as claustras, o que tudo se tomou dos Monges, como logo veremos.

Consta do Sermaõ 50. de Diversis, de Santo Agostinho, (*) em que deu a regra de vida commum aos seus Conegos, que o habito que traziaõ, era o Birro, e Tunica de linho: como bem o notou Baronio tom. 2. anno 261. §. 42. e os que escrevêraõ a vida do mesmo Santo modernamente, como o Padre Fr. Luiz dos Anjos, e Fr. Jeronymo Romano, que o trazem de muitos Authores. Era o Birro veste commum a todos os Sacerdotes, e Bispos daquelle tempo, como se vê de Paladio in laut. cap. 51. e de Venancio Fortunato, e Gassiano: mas naõ se chamava *Birro*, simplesmente, senaõ *Lacernum Birrum*, segundo parece dos actos do martyrio de S. Cypriano. Porque onde Paulo Diacono diz *Expoliavit se Birro, & tradidit carnificibus &c.* Diz o Author daquelles actos: *Exvit se Lacernum Birrum, quem indutus erat, &c.* E outros

(*) *Murça.*

tros actos do mesmo Santo: *Et ita idem Cyprianus in agrum sexti perductus est, & ibi se Lacerno Birro expoliavit.* De maneira, que o Birro, e Lacerna era tudo huma cousa. Para o que he de saber, que Lacerna foi hum habito, que os Romanos usáraõ de feltro curto, que cobria a parte do corpo, que ha dos hombros até a cintura, como agora fazem as capas dos feltros, ou as esclavinas dos peregrinos. Usavaõ os Antigos desta Lacerna nos caminhos. E diz Lazaro Baifo capit. 16. que se chamava Lacerna: *Quasi Lacerna, quod capite minus sit.* E de Cicero, Plinio, e Festo Pompéo, confirma esta verdade Baronio anno 261. §. 40. Por onde Venancio Fortunato tratando de S. Germano Bispo de Pariz, quando visitou a El-Rei Clotario, lhe chama com razaõ Palliolo, ou capinha, dizendo delRei: *Alambit sancti viri palliolum.* Esta Lacerna, ou Lacernum (que de ambos os modos se acha escrito) tomou o nome *Birrum*, que segundo Festo significava antigamente entre os Latinos côr vermelha, e se derivou de *Pirrobon, idest purpureum*, como o toca eruditamente

o Padre Fr. Luiz dos Anjos, porque as lacernas eraõ ordinariamente desta côr vermelha (posto que tambem as havia de outras côres) e assi lhe vieraõ a chamar Birros tomando a côr pela veste. Esta mesma *Lacerna*, ou *Birro*, que como vemos era huma murça sem capelo, ou cogulla, foi commua a todo o Clero, e affirmaõ alguns Authores, que a tomaraõ por habito os Ecclesiasticos da primitiva Igreja, porque sendo o mesmo que capa de caminho, significavaõ com ella que deviaõ usar das cousas deste mundo só como peregrinos, e passageiros confessando com ella aquillo do Apostolo: *Non habemus hic civitatem permanentem, sed futuram inquirimus*. Consta ser este o trajo entaõ commum dos Clerigos além dos Autores allegados pelo Concilio Gangrense onde cap. 12. se diz: *Siquis virorum propter continentiam, quæ putatur, amictu pallii utitur, quasi per hoc habeat se justitiam credens, & despicit eos, qui cum reverentia Birris, & aliis communibus vestibus, & solitis utuntur, anathema sit, &c.* O mesmo se vê de Cassiano

quan-

quando fallando de certas capas, que traziaõ os Monges do Egypto, diz: *Et ita planeticarum, atque Birrorum pretia simul, & ambitionem declinant.*

Este Birro, ou murça (*) sem capelo he ainda hoje commum a todos os Clerigos de Portugal, que a querem trazer posto que muito mais se usa nos Beneficiados das Cathedraes, que naõ saõ Conegos, e particularmente na Sé de Evora, e só se differença esta murça das murças dos Conegos, em as dos Conegos terem Capêlo, como tem as dos Bispos, e Cardeaes: o qual capelo parece sem duvida a cogula monacal, que os Conegos lhe acrecentáraõ, quando aceitáraõ o Monaquismo. Provase isto claramente por duas razões evidentes. A primeira, porque o Capêlo, ou Cogulla he só insignia de Monges, e propria sua. A segunda, porque ainda hoje só os Clerigos, que foraõ Monges, que saõ os Bispos, e os das Cathedraes, e os regulares as trazem com Capelo, e os mais sem elle.

Ser a Cogulla propria insignia dos Mon-

(*) *Inst. monast. lib.* 1. *c.* 7.

Monges, e antiquiſſima nelles, ſe vê de muitos Authores, e em particular de Niceforo Calixto lib. 9. cap. 11. Sozomeno lib. 3. cap. 13. S. Jeronymo in vitis Patrum lib. 3. cap. 15. e finalmente de Caſſianõ lib. 1. cap. 4. o qual diz, que neſta veſte quizeraõ os Monges moſtrar a innocencia de vida, e caſtidade, que profeſſavaõ tomando-a dos mininos, e donzellas, que entaõ a traziaõ no Egypto, como ainda agora a trazem em Caſtella em terra de Valledolid, e Medina do campo, onde os meninos de pequena idade, e as donzellas uſaõ eſtes capellos, ou capirotes, e os deixaõ quando caſaõ. As palavras de Caſſiano ſaõ eſtas: *Sunt præterea quædam in ipſo Ægyptiorum habitu non tantum ad curam corporis, quantum ad morum formulam congruentia, quo ſimplicitatis, & innocentiæ obſervantia, etiam in ipſa veſtitus qualitate teneatur. Cucullis namque per parvis, uſque ad cervicis, humerorumque demiſſis confinia, quibus tantum capita contegant, indeſinenter diebus utuntur ac noctibus, ſcilicet, ut innocentiam, & ſimplicitatem parvulorum jugiter cuſtodire,*

etiam

etiam imitatione ipsius velaminis commoneantur qui reversi ad infantiam Christi cunctis horis cum effectu, ac virtute decantant, &c.

Daqui tomáraõ tambem no Occidente os Monges de S. Bento, e outros, que se delles derivaraõ os capellos, e Cogullas, e assi mesmo os de S. Agostinho, o qual a recebeo dos Monges, que vio em Italia, que parece tiveraõ seu principio da boa vinda de Santo Athanasio a Roma, que succedeo no anno de Christo de 340. a cuja imitaçaõ fez depois em Africa hum Mosteiro junto a Hippone em huma horta que para esta obra lhe deu Valerio Bispo Hiponense. E sendo Bispo, seguio as pizadas de Eusebio Vercellense na reformaçaõ do Clero, fazendo na sua Episcopal hum Colegio dos Clerigos da sua Igreja, com os quaes se recolheo ordenando-lhes hum religioso Instituto, misturado do Clero, e do Monaquismo, e para que no traje se visse que seguiaõ a vida Monastica lhe acrecentou aos Birros (que até entaõ eraõ sem Capello) a Cogulla, ou Capello Monacal com que agora os trazem os Conegos das Cathedraes, e os outros

tros que chamamos regulares, a que elle tambem deu principio.

Passou este habito a Italia, onde já hoje o naõ usaõ mais que os Cardeaes, e os Conegos Regrantes, como nota o Cardeal Cesar Baronio no lugar allegado, e nem aos Bispos de Italia o concede o novo Ceremonial Romano, senaõ em suas proprias Provincias, como se vê do livro 1. cap. 1. Porém em França, parece commum aos Conegos segundo Lazaro Baifo cap. 16. nestas pavras: *Sacerdotes, qui Canonici dicuntur, lacernis nigris ornatur, ut cucullo, cum in ædis chóro sedentario Divinos Davidis versus alternis ultro citroquæ vicibus de cantant: tempore vero æstino utuntur amictu pelliceo, quem ab amiciendo opinor vulgo aumuciam vocant. Quin etiam videntur lacernæ esse ea, quibus Cardinales Romæ obequitando triumphatium more utuntur, Sacerdotii, ut ita dicam, Dibaphicilus adepti cum cucullo, &c.* O mesmo uso parece do Concilio Basiliense, que houve em Alemanha; suas palavras saõ estas, fallando dos Clerigos das Igrejas Cathedraes sess. 21. *Horas Canonicas di-*

dicturi, cum tunica talari, ac superpelliciis mundis, ultra tibias longis, vel cappis, juxta temporum, ac regionum diversitatem Ecclesias ingrediantur, non caputia, sed almucias, vel Birreta tenentes in capite &c.

Porém neste Reino se conserva mais que em nenhuma outra parte o uso das murças, porque àlem dos Bispos as trazerem por habito proprio todos os Conegos das Igrejas Cathedraes, e como tal em muitas constituições de Bispados, he prohibido aos outros Clerigos, principalmente no Arcebispado de Evora; e na Sé de Braga, manda hum Estatuto do Côro, (*) que sem murça naõ possaõ os Conégos ser contados ás horas. E modernamente em Lisboa as forraraõ os Conegos de vermelho, para com esta differença ficar o dito habito Canonical mais distinto das outras murças dos Quartanarios, ainda que as dos Quartanarios saõ sem capellos. Esta he a origem das murças dos Conegos, o qual nome tomáraõ, deixando o de Birros, e Lacernas, segundo parece a Lazaro Bai-

(*) *Estatuto do Regimento do Còro, cap. 2.*

Baifo, pela razaõ que na ſua authoridade referida aponta.

Além da Murça, trazem tambem os Conegos outra Veſte por habito Canonical, chamada Capa de Coro, a qual he commum aos Biſpos, e Conegos: della ſe faz mençaõ no Ceremonial Romano lib. 1. c. 3. onde manda que vaõ com ella veſtidos os Biſpos quando fórem admitidos no lugar do Conſiſtorio em Roma, e que nas ſuas Igrejas aſſiſtaõ com ella aos Officios Divinos. E na Sé de Evora ha huma declaraçaõ da Congregaçaõ dos Ritos, que ordena ſe naõ faça Ceremonia alguma ao Biſpo na Igreja, aſſiſtindo ſem capa. A meſma capa dá o Ceremonial por habito aos Conegos em certos tempos do anno, como no Advento, e Quareſma, e outros ſegundo o particular uſo que cada Igreja niſſo obſerva. Eſta Veſte tomáraõ os Biſpos, e Conegos do Monaquiſmo, como o affirma o Padre Fr. Jeronymo Romano (ainda que erradamente lhe chama Birro) e D. Bernardo de Sandoval Meſtre Eſcola da Sé de Toledo no ſeu Tratado do Officio Divino p. 5. c. 1. e ſe vê claramente da meſma fórma dos Capel-

pellos dellas, que he propria dos Monges de S. Bento, e dos forros de pelles, que nellas se usaraõ sempre em muitas partes, de que já falla Cassiano, e o Ceremonial Romano ainda agora faz mençaõ. Por isso se permittem ainda hoje estas capas de chamalote, que se tece dos pelos de camelos, ou de cabras; e assi parece, que se trazem em lugar das capas de pelles, que sobre as mais vestiduras traziaõ os Monges do Egypto, os quaes as tomaraõ já dos primeiros instituidores de vida Eremitica, de quem o Apostolo diz: *Circuierunt in me lotis, & pellibus caprinis.* Assi o confessa Cassiano liv. 1. cap. 8. *Ultimus est habitus eorum pellis caprina.* E mais abaixo: *Qui tamen habitus pellis caprinæ significat mortificata omni petulantia carnalium passionum debere eos in summa virtutum gravitate consistere, nec quidquam petulcum, vel calidum juventutis ac mobilitatis antiquæ in eorum corpore residere &c.*

Destas capas de côro parece, que tiveraõ origem os Pluviaes, a quem chamamos ordinariamente capas de Asperges, porque nos capellos, e feiçaõ se

parecem com ellas, e como taes manda o Ceremonial Romano, que nos Pontificaes dos Bispos só os Conegos as vistaõ, e assistaõ com ellas no côro, como habito canonical, naõ concedido aos outros Beneficiados.

A côr de ambas estas vestes murça, e capa de côro he negra, (*) e por ella se vê cleramente, além do que temos dito, serem Monachaes. Porque a côr negra era antigamente propria das vestes dos Monges, e naõ dos Clerigos, como consta de S. Jeronymo, que dando regra a Nepociono, como se havia de haver no Clericato, lhe diz: *Vestes pullas devita, atque candidas.* Quasi dizendo, que fugisse á hipocresia das vestes negras, e a louçainha das brancas, por serem as negras só dos Monges, e que professavaõ vida penitente; porquanto foi costume dos Orientaes, e particularmente dos de Palestina, vestirem-se de negro, os que se confessavaõ por réos, e pediaõ misericordia; como o traz Baronio, de Josepho anno Christi. 34. §. 81. E como esta era a

(*) *Côr negra do habito Canonical.*

a profissaõ dos Monges, segundo affirma S. Jeronymo ad Rusticum: *Monachus non Doctoris, sed plangentis habet Officium.* Todos os Monges mais antigos tomáraõ esta côr, como foraõ os de S. Antaõ, S. Basilio, S. Agostinho, e S. Bento, e por se differençarem delles os outros Relegiosos que depois vieraõ, mudáraõ, e tomáraõ outras côres, e particularmente o branco por contraposiçaõ, como se vê nas Religiões, que sahiraõ das de S. Bento; qual he a da, Camaldula, Valumbrosa, Cister, &c. e depois á imitaçaõ destas usaraõ do habito branco, os Cartuxos, Dominicos, e outros, que fora largo referir.

Ambas estas vestes murça, e capa de côro usaõ os Conegos sobre Sobrepellizes, ou Tunicas lineas, como lhe chama S. Agostinho, e alguns dos Padres antigos, ás quaes deraõ depois nome de *superpellicium*, ou Sobrepellizes, segundo Guilhelmo Durando lib. 3. c. 1. por serem antigamente estas as ultimas vestiduras, que se lançavaõ sobre outras de pelles, que entaõ o Clero trazia *Dictum est super pellicium*,

 diz

diz elle: *eo quod antiquitus super tunicas pellicias de pellibus mortuorum animalium factas induebatur, quod adhuc in quibusdam Ecclesiis observatur, &c.*

A fórma em que se usaõ as sobrepellizes nas Igrejas, he varia, segundo as Provincias; porém a que tem as nossas sobrepellizes de Portugal, que he ser huma veste como hum capuz, comprida, sem mangas, e que igualmente dece dos hombros, por todas as partes até os pés, he da maior antiguidade da Igreja. Porque ou estas nossas sobrepellizes de Portugal saõ as mesmas planetas antigas com que se dezia Missa, ou he manifesto que as planetas naõ differiaõ na fórma dellas em cousa alguma, senaõ fosse na materia. Que sejaõ as planetas, casullas, ou vestimentas, com que na primittiva Igreja se dizia Missa, e ainda muito perto de nossos tempos, da mesma fórma das nossas sobrepellizes, o confessaõ muitos Authores graves, e expressamente se confirma, naõ só com exemplos das casullas com que em muitas partes se pinta S. Pedro, e os outros Apostolos, mas

o que mais he com algumas, que ainda se conservaõ daquelle primeiro tempo, e particularmente com a que Nossa Senhora deu a S. Illefonso, da qual diz assi o Padre Francisco Porto Carreiro da companhia de Jesus na vida deste Santo, cap. 31. quando trata das reliquias que se acháraõ na arca dellas, que está em Oviedo: *La ultima fue la casulla, que se hallo en el rincon de la dicha arca, en una caxita pequeña con su titulo, y abierta se hallo la dicha casulla embuelta en tres lienços, la qual era de un delicadissimo sendal, sin costura, ni textura, su color turquezada de color de cielo, su hechura de fórma de un capuz Portuguez sin Capilla, &c.* Do mesmo modo saõ as casullas de S. Rozendo, de quem Morales fallando do Mosteiro de Conegos regrantes de Caveiro, (*) que este Santo fundou, diz o seguinte: *Alli muestran una casulla mui antigua, y de estraña hechura, es de la propria forma de un capuz sin capilla, y ansi era menester, que le alçassen al Sacer-*

(*) *Moralles lib. 16. c. 36.*

cerdote, quando estava vestido, lo que le cahia sobre los braços y se lo embibiessen por de dentro, o quedasse por de fuera, como quando alçan los lados del capuz. Alli dizen fue aquella casulla de los Apostoles. Mas yo tengo por cierto ser aquella dada alli por sant Ruzendo, y que era de la forma ordinaria de las casulas de aquel tiempo; pues otra que muestran en el Monasterio de Cella nova, con que el santo dizia Missa, es del todo semejante a aquella.

A mesma fórma se confirma destas palavras do liv. 3. cap. 9. Da Missa, de Hugo de Sancto Victore: *Casula autem talia significat opera, quæ in itinere observari non possunt: significat enim per latitudinem suam, charitatis amplitudinem, hæc autem exigitur & in loquendo, propter quod collo circundatur, & in eperando, quia super utrumquæ brachium replicatur, & in cogitando, quoniam pectus inde tegitur, &c.*

O Padre Fr. Jeronymo Romano lib. 4. cap. 20. de sua República Cristãa, affirma o mesmo do seu tempo: *De-la*

la casula , diz elle , *atreverme yo a dizer , que tuvo principio delo que llamamos capuzes Portuguezes. La razon que tengo , es que se mira cen las casullas de Italia , y de Francia , hallaran que emanaron de los capuzes ; porque van muy tendidos por los hombros y , porque para alçar la Hostia y Caliz , embaraçan y ni pueden menear los braços , en acabando de dizir el Sacerdote sanctus , el que ayuda ala Missa , le pone sobre los hombros todo aquello que se estende por los hombros abaxo , para que mas desembaraçadamente pueda alçar la Hostia , Caliz , de manera , que como qua usan nuestros Españoles alçar los capuzes sobre el hombro para desembaraçar el braço , y mano , asi lo hazem con la casulla los Sacerdotes en Italia , y Francia ; y ansi aquel alçar la consello por de traz , quando el Sacerdote alça , no es ceremonia , mas necessidade para que el Sacerdote haga mas desembaraçadamente los signos , y pueda alçar el Caliz y Hostia ; nos otros hemos polido mas aquel ornamiento , y ellos tambien lo van puliendo cada dia , &c.*

Fi-

Finalmente o muito erudito Padre Henrique Henriques confessa esta verdade mais claramente que todos p. 2. lib. 9. De Missa. cap. 29. nestas palavras: *Casullam, seu planetam, quæ erat ut superpellicium rotundum, sine manicis, cujus limbus super brachia projectus circuibat totum corpus.* E logo na Glosa diz. *Planeta dicitur á Plane, scilicet, erorre quasi errabunda vestis, ea forma antiqua fiunt apud Luzitanos superpellicia, & caputia, sine manicis, ad honorem.*

O outro ponto da casulla ser o mesmo que a sobrepelliz agora, parece, que consta do lugar referido de Cassiano lib. 1. cap. 7. em que dá o uso da planeta por universal ao Clero, como a dos Birros. E de Amalario Fortunato Arcebispo de Treveris, que confessa que a casulla pertence a todos os Clerigos, como hoje a sobrepelliz, o que naõ differa, se fora só dos Sacerdotes: Suas palavras saõ estas, lib. 2. cap. 19. *De Ecclesiastico Officio*: *Casulla vero, quæ pertinet generaliter ad omnes Clericos debet significare opera quæ pertineant ad omnes, hæc enim*

sunt

sunt fames, sitis, vigiliæ, nuditas, lectio, psalmodia, oratio, labor operandi, doctrina, silentium, & cætera hujusmodi, &c. Comprovase mais esta opiniaõ; porque as vestimentas, com que se dizia Missa na primittiva Igreja eraõ de linho, como ainda se usa em parte na Igreja Grega. E poucos annos ha que com ellas celebravaõ os Sacerdotes dos Christãos de S. Thomé no Oriente, como o affirma Fr. Antonio de Gouvea Bispo de Syrene lib. 1. c. 3. da jornada da Serra do Arcebispo de Goa. Pelo que sendo a nossa sobrepelliz da mesma fórma das casullas da primittiva Igreja, ou sendo ella em todo, he mui digna de veneraçaõ, e que todos os Prelados deste Reino pretendaõ conserva-la na mesma fórma em que atégora a usaraõ em suas Igrejas, e naõ consintaõ, que se acabe em Portugal esta taõ santa, e veneranda antiguidade.

Assi como o Clero naõ fez mudança na casulla, ou sobrepelliz, assi a naõ fez em outras insignias do Sacerdocio, e Ordens Sacras, pela grande excellencia destes gráos. Pelo que conservou o

mo-

modo da tonſura da cabeça, e barba, a qual ſe coſtumou ſempre na Igreja Romana, e teve principio ſegundo Amalario Fortunato de officio Eccleſiaſtico lib. 4. c. 39. do Apoſtolo S. Pedro, que a uſou, em memoria da paixaõ de Chriſto noſſo Senhor, ſignificando nella a ſua Coroa de Eſpinhos. E Germano Biſpo Conſtantino diz, que S. Pedro foi pelos Gentios rapado em Roma dos cabellos da barba, couſa de inſigne afronta naquelles tempos, a qual depois foi havida por taõ honrada na Igreja em ſua lembrança, que por iſſo a uſaraõ, e uſaõ os Clerigos por todo o Occidente, como o nota largamente Baronio no primeiro tomo de ſeus Annaes anno 58. onde traz huma Epiſtola de S. Gregorio VII. a Jacobo Biſpo Calaritano em que lhe diz que conſtranja aos Clerigos a que cortem as barbas; por ſer eſte coſtume des do principio da Igreja, e o Cardeal Bellarmino lib. 2. De Monachis, cap. 4.: controv. 5. refere muitas authoridades de Padres antigos, porque conſta o coſtume da tonſura, e o Concilio Carthaginenſe can. 44. manda. *Quod Clerici nequæ comma*

enu-

enutriant, *nequæ barbam*. E o Can. *cap. Clericus* 3. *De vita & honestate Clericorum*, onde se lê: *Os Clerigos, que criaõ o cabello, & barba, sejaõ trosquiados, ainda, que seja contra suas vontades pelos Arcediagos*: O qual texto he do Papa Alexandre III. ao Arcebispo Canturiense. Bem sei, que Pierio Valeriano pretende mostrar, que estes textos se lem corruptamente, e que só falaõ do cabello da cabeça, e naõ da barba. E prosegue esta materia prolixamente em huma larga declamaçaõ, que fez em favor das barbas dos Sacerdotes. Porém claramente se vê, que a correcçaõ, e emenda, que elle dá a estes textos, naõ he boa, pois naõ foi admitida nas muitas impressões, que depois se fizeraõ dos textos dos Canones, nos quaes se emendaraõ outras muitas palavras que por negligencia dos escreventes tinhaõ entrado nos textos. Além do que se mostra pelo uso antiquissimo, que até o seu tempo se tinha observado na mesma Italia, França, e Hespanha, onde os textos mandavaõ, que a barba se cortasse, pois o tal costume se observou com a tonsura da Cabeça.,

O

o que naõ fora, se o texto mandára o contrario: pelo que devemos entender, que naquella declamaçaõ mais quiz fazer o gosto a quem lha mandou fazer, que sentir, e ter por verdadeiro, o que dizia, pois aprovando o criar as barbas, elle a trouxe sempre rapada, como ainda hoje se vê dos seus retratos, que andaõ em suas obras. E quando estas razões naõ houvéra, bastava-nos a authoridade do Santo Cardeal Carlos Borromeo, o qual desejando restituir, e conservar no seu Clero os antigos, e santos costumes da primittiva Igreja sendo já Arcebispo de Milaõ, e trazendo até aquelle tempo barba comprida: elle a cortou, e a fez cortar aos Clerigos de sua obediencia, e sobre isso lhes escrevêo huma excellente Epistola exhortatoria, em que os persuade a conservar este antigo costume, com taes palavras, e razões, que bem parecem saídas do animo de taõ Santo Prelado. Anda esta Epistola na 3. parte dos seus Actos da Igreja de Milaõ, na qual ainda que se naõ alleguem as authoridades de Pierio, he assaz mais authorizada, assi por se fundar no costume antigo

go, e Canones da Igreja, como por ſeu Author, que por ſua ſantidade, e dignidade naõ ſómente fica excedendo notoriamente a Pierio na peſſoa, mas ainda no exemplo, pois o Santo depois de trazer muitos annos barba a cortou, tendo por melhor a tonſura della. E Pierio louvando o uſo das barbas, naõ o ſeguio. Porém nem por iſſo ſe deve condemnar o coſtume dos que uſaõ as barbas, porque cada hum deve guardar o da ſua Provincia, como o diz o Cardeal Bellarmino no lugar allegado: *Nec tamen propterea reprehendimus uſum hujus temporis, quo Clerici, & monachi raduntur: nam nec unquam fuit probibitum radi, & propterea hujuſmodi ceremoniæ pro temporum, & locorum diverſitate variari poſſunt.* E o Cardeal Baronio anno 58. de Chriſto. *Sed de his pene jam contrarius irrepſit uſus, nec conſtans habetur ubique ritus, cum alii tondant, radant alii, alii rurſus barbam promittant abſque jactura fidei, unuſquiſquis abundans in ſenſu ſuo.* Com tudo podemonos prezar muito de neſte Reino ſe guardar ainda inteiramente eſte coſtume. E porque

que nos de Castella começava ja haver alguma alteraçaõ nelle, ordenou agora o Senhor Cardeal Infante D. Fernando Abbade de Alcobaça, e Prior do Crato neste Reino, e perpetuo Administrador do Arcebispado de Toledo, no Synodo que mandou fazer na mesma Cidade, no anno de 1620. em que presidio em seu nome o Doutor Alvaro de Villiegas Conego Magistral daquella Santa Igreja, & seu coadministrador, que o costume da tonsura da barba, se guardasse inteiramente, como se vê destas palavras lib. 3. const. *Fue instituido, que los Clerigos elegidos para servicio de Dios truxesen coronas en sus cabeças, y habito decente, y differente de los seglares: porque por ello fuessen conocidos por Ministros de Dios. Por lo qual los Pontifices, y Emperadores los decoravan com grandes privilegias, y excempciones en sus personas, y bienes: de que sé vistos hazerse indignos, y negar su professiom; quando las tales personas encubren, y dexam de tener su habito Ecclesiastico, conveniente a su menisterio, y nos queriendo proveer de remedio acerca de lo usa dicho, y*

lo

lo que conviene a su vida, y honestidad S. S. A. declaramos, y ordenamos, que los Clerigos de Ordem sacra, y Beneficiados de qualquier beneficio traygan la corona abierta, y la rasura de los Presbiteros, se a del tamaño del circulo mayor, que aqui mandamos poner, y de los Diaconos, y Subdiaconos, sea del tamaño del segundo circulo, y delos de menores y de corona se a del tamaño del tercero circulo menor, que aqui vá señalado, y que traigam el cabello cortado igualmente, y llano, y la barba hecha baxa, pareja redonda, sin punta, ni vigote? &c.

He tambem o Barrete, veste commua a todos os Clerigos. Faz-se menção delle, como de veste Ecclesiastica no cap. 2. do Ritual Romano. §. 2. e no Ceremonial lib. 1. c. 18. quando manda, que o tragaõ os Bispos debaxo da Mitra, e por imposiçaõ do barrete se daõ as collações dos beneficios Ecclesiasticos. Os Antigos lhe chamaraõ *Pileus*, ou *Birretum.* O nome de Pileus, diz Lazaro Baifo, lhe deraõ, porque se fazia de Pelos, ou porque cobria os da cabeça; como se vê do cap. 20. nestas

pa-

palavras. *Pileus, quod & pileum dicitur (ut quidam putant) vel quod ex pilis fieri soleret, vel quod pilos capitis, tegeret.* O nome de *Birretum*, lhe veio de *Birro* (que he o mesmo que *Lacerna*) como já vimos. E porque o Birreto era do mesmo panno, e côr do Birro, e servia de cobrir a cabeça, lhe chamaraõ diminutivamente *Birretum*. Mostra-se isto claro de hum lugar de Marcial lib. 14. Epigram. 132. onde debaixo do titulo de Pileus, diz assim:

Si possem totas cuperem misisse Lacernas,
Nunc tantum capiti munera mitto tuo.

Antiquissimo foi o uso do Pileo, como o mostra Lazaro Baifo de muitos lugares de Plutarco, Estrabo, e outros Authores. E Pierio Valeriano nos seus Hieroglyficos lib. 40. trata delle largamente, e diz que o costumáraõ os Gregos, e os Latinos, e affirma, que era proprio trajo dos nobres, e dos livres, que naõ reconheciaõ senhorio de Reis *Is apud græcos*, diz elle, *nobilitati indicium fuit, hique ea de causa ulyssis capat peleatum fieri solitum autumant, quod magna, scilicet, ab utro-*

que

que parente nobilitas illi obtigisset, &c. E pouco depois. *Quod vero Castorum quoque capita pileata pingerentur, nihil aliut sibi velle tradunt, nisi ut inditio esset eos fuisse Lacones, hos vero pileatos pugnaremos fuit, quod indomitum animum adversus barbaros Reges, & tyrannos significatione libertatis ostentarent. Quique aliquot ab hinc annis Venetias confugerunt Græci, extorres à Turca facti, nobilitatem suam, & ingenuam libertatem unanimiter pilei illius sui gestatione profitentur, &c.*

Em confirmaçaõ de o pileo significar liberdade, traz o mesmo Pierio muitas medalhas antiguas, onde se vê impresso juntamente com a palavra *libertas*, e Alciato fez hum emblema de huma que se acha de Bruto, e Cassio, quando com a morte de Cesar tornáraõ a introduzir a liberdade da patria, em que está huma espada, e hum barrete para mostrar que com ella alcançáraõ a liberdade. por esta razaõ usaraõ os Persas, e as outras Nações Orientaes do barrete nos seus Principes, e Sacerdotes; por quanto os Sacerdotes

antigos; nos trajos sempre se igualáraõ com os Principes. E os Flamines a quem Numa Pompilio fez semelhantes nas vestes aos Reis de Roma, traziaõ tambem o Pileo, como o mostra Pierio no lugar allegado. Esta foi a causa segundo parece, porque se deu tambem aos Pontifices, e Sacerdotes no testamento velho de quem, segundo muitos Authores, o tomáraõ os Sacerdotes da *lei* da graça.

A fórma deste barrete foi em todas as partes até nossos tempos redonda, e naõ quadrada, como consta de todas as estatuas, e pinturas de Italia, França, Alemanha, e Espanha, e se vê das palavras de S. Jeronymo, ad Fabiolam: *Quartum genus est vestimenti rotundum pileolum, quale pictum in ulisseo conspicimus quasi sphæra media sit divisa, ut pars altera ponatur in capite; hoc Græci, & nostri tyarum, non nulli galerum vocant Hebræi Misnephbit: non habet acumen in summo, &c.* E logo diz abaixo: *His quatuor vestimentis, idest, fæminalibus tunica linea, cingulo; & pileo, de quo nunc diximus, tam Sacerdotes quam Pontifices utuntur.* E

mais

mais expresamente de S. Isidoro *Pileus est ex bysso rotundus, quasi sphæra media caput tegens Sacerdotale.* E Guilhelmo Durando no seu Racional lib. 3. cap. *De indumentis legalibus*, diz que a Tyara commum dos Sacerdotes era: *Quasi formam rotundi cassidis repræsentans.* O mesmo confessa Pierio no lugar allegado, dizendo: *Antiqua vero forma pilei est, quam Lucianus in Dypsade describit. Dimidiem quippe corticis alicuius ovi, &c.* E a nova fórma dos quatro cantos, com que em Italia se usa, he cousa de seu tempo como elle refere lib. 40. De Pileo. §. ultimo De fórma pilei onde diz: *Neque tamen nesctius sum pilea apud Romanos ex lacernis cæsis consui solita, quod & apud Papinium, & Martial habetur. Quem morem longo antiquatum tempore, nostra ætas revocavit, pileoque elegantissima ex conjunctis panni frustulis quatuor, tam adornatum capitis, quam etiam ad umbræ usum fecit, non ea tamen ovi singula dimidii spheriem referentia, sed quatuor veluti costis ad quatuor instar mundi cardinum assurgentibus divisa, &c.*

Com tudo os barretes, que os Bispos trazem debaxo da mitra, ainda saõ redondos, como notoriamente se vê, e o aponta o S. Cardeal Carlos Barromeu na supellectile do Bispo. Pelo que os barretes redondos, que ainda usa o Clero de Portugal, saõ os mais antigos da Igreja, e por tanto mui dignos de os conservarem nesta fórma os Ecclesiasticos deste Reino, pois sem ser natural delle, o fez assi o insigne Doutor Martim de Aspilcueta Navarro, que conhecendo a grande antiguidade deste nosso Barrete, o estimou tanto, que nunca mais usou d'outro depois que veio a Portugal, è com elle andou em Roma todo o tempo, que nella viveo atè seu fallecimento.

Loba chamamos outra veste commua a tado o Clero de Portugal, mas mais usada nos Conegos das Cathedrais, principalmente na Sé de Evora: a qual teve sua origem segundo os Padres Fr. Joaõ de Madriaga Cartuxano, e Fr. Jeronymo Romano, das dalmaticas, e ainda hoje parece que tem quasi a mesma fórma, e feitio dellas. Foi a Dalma-

ma-

matica commua a todo o Clero, (*) como até nossos tempos se vê na Igreja Oriental da Ethyopia, a que chamamos Preste Joaõ, e se prova dos Actos do martyrio de S. Cypriano: porque onde dizemos seus Actos *Tunicam tulit, & Diaconis tradit*, diz Paulo Diacono, *Dalmaticam tradit Diaconis &c.* De maneira, que já naquelle tempo traziaõ os Bispos a dita dalmatica, ou Loba por veste do seu Habito, como ainda agora a trazem em Portugal os Bispos e Conegos. Porem naõ sómente foi geral ao Clero a Dalmatica, mas tambem aos Monges: E segundo os mesmos Authores era o Colobio de quem Cassiano faz mençaõ lib. 1. c. 5. o qual em tudo se parecia com a Dalmatica, tirando na materia, que era de linho; ainda que depois a usaraõ do mesmo pano dos seus habitos, e della tiveraõ origem os Escapularios dos Religiosos. Por esta razaõ diz o Padre Fr. Joaõ de Madriaga na vida de S. Bruno, que naõ usaõ na Relegiaõ da Cartuxa de Dalmaticas nas Missas solemnes: porque

(*) *Repub. Christ. lib. 4. c. 4.*

que estes seus mesmos escapularios, ou colobios saõ as verdadeiras Dalmaticas, da Igreja; e o serem abertas, ou cerradas, naõ lhe muda a sustancia: e que aos Frades Leigos da mesma Ordem prohibiraõ os Padres desta Sagrada Religiaõ trazerem estes escapularios, por naõ serem Ministros do Altar, e lhe concederaõ sómente Cogullas curtas, como insignia propria de Monges.

O manteo Clerical he o mesmo, que o antigo Pallio usado dos Philosophos Gregos, como o mostra largamente Lazaro Baifo c. 23. e se vê de todos os Authores antigos, e era veste taõ propria sua, que por ironia diz de hum Aulo Gelio: *Video barbam, & pallium, Philosophum non video.* Este uso se communicou por todas as Provincias de Asia trazendo-o as pessoas graves que trataváõ do desprezo do mundo, e como tal usaraõ delle os Apostolos. (*) Era o Pallio antigo quadrado, e chegava até o chaõ, atava-se no collo com huma fivella, como agora vemos as capas dos Religiosos, e por denotar particular es-

(*) *Baron. ann.* 57. §. 95.

estado de perfeiçaõ, ainda que muitos Christãos usavaõ delle, naõ eraõ todos, mas sómente aquelles que professavaõ mais estreita vida, como se vê no Concilio Gangranse cap. 12. já referido; que poem excomunhaõ áquelles que usando dos Pallios desprezavaõ os que traziaõ os Birros. Esta veste chamamos agora Manteo, nome Grego, derivado de Mantyen, que quasi era o mesmo, que o Pallio, segundo Polidoro Virgilio nos seus Authores das cousas lib. 3. c. 6. e Lazaro Baifo cap. 16. E daqui parece, que ficou o nome de Mantos, ás capas dos Religiosos, e o de manteletes aos que trazem os Prelados Italianos.

Ao chapeo chamaõ os Latinos Pileus, e Galerus. O nome de Pileus lhe veio, por ter seu principio do Pileo, ou barrete, segundo quer Pierio Valeriano, o qual no liv. 40. §. Forma pilei, diz: *Variatum autem apud has, & illas nationes ut alii marginem dilatarint, tam pluviis a moliendis, quam sereno umbris captandis.* E S. Jeronymo no lugar allegado ad Fabiolam, depois de descrever o barrete diz: *Hoc nostri, & Graeci tyarum, nonnulli ga-*

le-

lerum vocant. Porem o Ceremonial lhe chama sempre Pileo, e naõ Galero.

Usavaõ do chapeo os Antigos nos caminhos sómente, e na Cidade era insignia propria do Pontifice Maximo entre os Romanos, como entre outros o nota Alexandre ab Alexandro lib. 2. c. 8. & lib. 6. c. 12. A sua antiga fórma era de aba larga, e copa baxa, como hoje trazem os Prelados, e Cardeaes em Roma. Entre os Ecclesiasticos he trajo antiquissimo, e nelle falla o Ceremonial novo Romano lib. 1. cap. 1. e 2. e ordena, que os Bispos o tragaõ forrado de verde, e com cordões da mesma côr. Pelo que pois he Veste Ecclesiastica se deve usar na mesma fórma antiga, e naõ mudar-lha fazendo o alto de copa, e curto de aba, tirando-lhe os cordões, com que os Ecclesiasticos vem a ficar semelhantes aos seculares. Assi o ordenou o Senhor Cardeal Infante D. Fernando nas suas Constituições Synodaes de Toledo, já referidas lib. 3. Const. 1. como se vê destas palavras: *Los sombreros para quando los devieren, y pudieren usar, y traer, no sean boleados, ni como los usan los le-*

legos, tentillos de fieltro; o de seda, o toquilla, sino con cordon, y con falda larga no menor que seis dedos, y la copa, enproporcion y no puntiaguda.

Este grande zelo, que hoje resplandece no Senhor Cardeal Infante D. Fernando he mui justo, que seja imitado de todos os Prelados de Portugal, pois floreceo tanto em seus antecessores, que nunca permitiraõ aos seus Clerigos alterarem alguma cousa nos costumes Ecclesiasticos antigos. E sendo notados todos os Portuguezes de mudarem com facilidade o trajo, e de serem mais affeiçoados ao estrangeiro, que ao proprio, com tudo a vigilancia, e santo zelo dos Bispos fez permanecer sempre nos Clerigos Portuguezes hum mesmo costume, des da primitiva Igreja atégora, conservando por tantos seculos o habito que receberaõ da Igreja Romana. E naõ basta para se cuidar o contrario; vermos, que ao presente em Italia está alterado em parte, porque do mesmo modo se guardaõ ainda hoje muitas Ceremonias na Igreja de Portugal, que tiveraõ sua origem da Roma, as quaes já se naõ observaõ em

Ita-

Italia: fazendo o tempo nisto sua mudança como o costuma nas outras cousas, ainda que Authores (*) graves daõ o principio desta alteraçaõ na larga residencia, que os Summos Pontifices fizeraõ em Avinhaõ, donde quando tornáraõ a Italia trouxeraõ os Clerigos Romanos alguns costumes Francezes.

Para confirmaçaõ disto trarei sómente dous exemplos, com que se dará fim a este discurso. (**) primeiro seja a ceremonia, de se levantar o Clero em pé, da Igreja Latina, quando se canta o verso: *Gloria Patri*, o qual costume he taõ antigo, que já Cassiano faz delle mençaõ liv. 2. cap. 8. dizendo: *Illud etiam quod in hac provincia vidimus uno cantantes in clausula Psalmi, omnes stantes consinant cum clamore: Gloria Patri, & Filio, & Spiritui Sancto, nusquam per omnem Orientem audivimus*. Deste costume, como universal faz particular mençaõ. S. Boaventura, (***) e o

(*) *Fr. Bernardo Sandoval. Tratat. de of. divino.* (**) *Observancia de Portugal nas ceremonias Romanas.* (***) *S. Boavent. esp. disp. c. 15.*

o Concilio Basiliense sess. 21. manda que todos o guardem, dizendo: *Cum dicitur: Gloria Patri, & Filio, & Spiritui Santo omnes consurgant, &c.* Esta ceremonia taõ santa, e pia, se guardou sempre em Portugal com grande observancia, e ainda hoje se guarda, e pelo contrario em Italia está de todo esquecida, segundo se vê do Ceremonial Romano.

O segundo exemplo sejaõ os nomes dos Dias da Semana, os quaes começando já no tempo dos Apostolos a chamar-se Domingo, Segunda, Terça, Quarta, Quinta, Sexta feira, e Sabbado, segundo prova largamente Baronio anno 58. de Christo, §. 86. até 90. com muitos lugares dos primeiros Padres da Igreja, depois S. Sylvestre mandou por hum decreto universal, que assi fossem nomeados por todos os Catholicos. Este decreto, e costume se guarda ainda em Portugal sómente, e naõ nas mais provincias de Europa, onde tirando os nomes do domingo, e Sabbado, nos outros dias usaõ ainda, com grande indecencia, dos nomes Gentilicos: do que com razaõ se doe Polido ro-

ro Virgilio, e diz, que he couſa vergonhoſa naõ ſe obſervar eſte preceito entre todos os Chriſtãos, para que os falſos Deoſes dos Gentios naõ tenhaõ ainda entre nós taõ honroſa, e aſſinalada lembrança, como ſe vê deſtas palavras lib. 6. c. 5.: *Multo ante Sylveſtrem, aut Conſtantinum Pius Pontifex conſtituiſſe perhibetur, (ſicut infra demonſtrabitur) Paſcham Dominico die celebrari, & Tertullianus eum diem Dominicum appellat, ut proximo capite docuimus. Quare iſtud inſtitutum, forte id temporis minus ſervatum, Sylveſter per hunc modum innovaſſe dicitur. Cæterum hæc dierum ratio nunc tantum in rebus divinis habetur, cum vix Dominico die, cum Sabbato ſuum tenent locum (& id credo permittentibus Sole, & Saturno) reliqui priſtinum nomen recuperaverint, unde profecto pudendum eſt, ſimulque dolendum quod non ante hac data ſint iſtis diebus Chriſtiana nomina, ne Dii gentium inter nos tam memorabile monumentum haberent, &c.*

Deſtes exemplos fica claro, como os coſtumes, e ceremonias que em Portu-

tugal se uzaõ, foraõ tomadas da Igreja Romana ainda que ao presente haja em Roma, e Italia outro costume. E com quanto maior razaõ condena Polidoro Virgilio as outras provincias por naõ guardarem este preceito do Santo Pontifice Sylvestre, tanto fica sendo mais digno de louvor o nosso Portugal na singular observancia, com que depois de tantos seculos conserva ainda os antigos preceitos, e Canones da Igreja assi nas ceremonias como no habito Clerical, o qual, quando de nós naõ fora muito estimado, por ter taõ santos principios, bastava só ser este o costume geral do Reino, para se naõ alterar. Deixo já, que toda a novidade dos trajos traz comsigo pela maior parte huma certa especie de louçainha, o qual he taõ alheia dos que servem na casa de Deos, como propria daquelles que habitaõ os paços dos Principes, segundo o mesmo Senhor no Evangelho affirma: *Qui milliter vestiuntur in domibus Regum sunt.* Por onde he muito justo, que todos os Ecclesiasticos sigaõ aquellas divinas regras, que o veneravel Abbade Cassiano lhe dá nesta mate-

te-

teria, dizendo: que o ſeu veſtido ha de ſer tal que cubraõ com honeſtidade o corpo, e naõ com vaidade, e taõ pouco aſſinalado pelas cores, e novidade do feitio, como pela demaſiada vileza, e deſprezo, e que naõ fuja menos á imitaçaõ dos trajos ſeculares que a ſingularidade dos meſmos Eccleſiaſticos, porque tudo o que entre os ſervos de Deos ſe pretende introduzir, naõ por decreto commum, mas por opiniaõ de hum, ou de poucos, mais tras eſpecie de vaidade, que de vertude, e que por tanto ſó aquelles coſtumes ſe devem de ter por mais louvaveis nos Eccleſiaſticos, que trazendo ſeu principio dos primeiros Padres da Igreja, ſe guardaraõ depois por ſeus ſucceſſores até noſſos tempos, como ſe póde ver mais largamente neſtas palavras lib. 1. c. 3. *Opperimenta quæ corpus operiant tantum, non quæ amictus gloria blandiantur: ita vilia, ut nulla coloris, vel habitus novitate inter cæteros hujus præpoſiti viros habeantur inſignia: ita ſtudioſis accurationibus aliena, ut nullis rurſum ſint affectatis per injurias ſordibus decolora-*

rata Postremò sic ab hujusmundi separentur ornatu, ut cultui servorum Dei in omnibus comunia perseverent. Quidquid enim inter famulos Dei præsumitur ab uno, vel paucis, nec catholicæ per omne corpus fraternitatis tenetur, aut superfluum, aut elatum est, & ob id noxium judicandum est, magisque speciem vanitatis quam virtutis ostentans. Et id circo hæc quæ nec a veteribus sanctis qui hujus professionis fundamenta jecerunt, neque apatribus nostri temporis qui eorum per successiones instituta, nunc usque custodiunt, tradita videmus exempla, ut superflua, & inutilia nos quoque resecare conveniet.

FINIS.

VIDA
DE
JOAÕ DE BARROS.

NA Republica de Athenas (que entre os antigos foi a primeira que ensinou a honrar com premios públicos as virtudes excellentes dos Cidadaens (naõ se via levantado maior numero de estatuas aos Capitaens, que aos Escritores; antes eraõ estes tanto mais galardoados, que só a Demetrio Phalereu, discipulo de Teofrasto, dedicaraõ mais de 300. em seu louvor: e muito mór cuidado pozeraõ em escrever as vidas dos seus Filosofos, e Oradores, que as dos Principes, e Capitaens da mesma Republica. Moviaõ-se, parece, os Athenienses, a premiar taõ largamente o trabalho da escritura, naõ só por elle ser espiritual, e o da milicia corporal pela maior parte, mas por ainda nesta parte lhe levarem os escritores muita vantagem; porque na milicia naõ

póde hum Capitaõ alcançar victoria sem ó valor dos soldados, a quem deve grande parte de sua gloria: mas os Escriptores acabaõ naõ menores emprezas na composiçaõ de suas obras, sem se valerem nellas mais que de seu trabalho, e valor proprio. E do mesmo modo, na milicia trabalhaõ muitos pella conservaçaõ de hum só Principe, ou Governador, que muitas vezes he hum tyranno da Republica; e na escritura hum só trabalha pela conservaçaõ de todos, e faz com ella viver na lembrança dos homens, aquelles, que pela patria entregaraõ liberalmente as vidas, e conservando a memoria das cousas passadas, dá regras para acertar nas futuras. Porém como este bom costume de Athenas tem cessado ha muitos annos, vemos agora isto pelo contrario, sendo muitos os que escrevem historias de Capitaens, e raros os que se occupaõ em nos dar noticia dos que as escrevêraõ, particularmente neste Reyno, onde, ainda que naõ he pequena a falta que temos do conhecimento dos Escritores antigos, he mais para sentir o pouco, que comummente se alcança do nosso grande Joaõ de

Bar-

Barros, trabalhando elle toda a vida por illuſtrar a patria, e deixar de ſeus naturaes glorioſa memoria. Pelo que, por naõ perecer de todo com o tempo, a que delle ainda ſe conſerva, e por ſatisfazer em parte á obrigaçaõ em que todos os Portuguezes lhe eſtamos, direi o que delle pude alcançar, aſſim por informaçoens de peſſoas graves, que delle tinhaõ noticia, como do que elle meſmo de ſi refere em ſeus livros, e de outras eſcrituras, que pertencem a ſuas couſas.

Naſceo Joaõ da Barros pelos annos de mil e quatrocentos, e noventa e ſeis. (*) Sobre o lugar da patria ha varias opinioens; porque como o naſcimento dos bons, ſegundo Santo Ambroſio, ſeja bem comum, pertendem muitos ſer delle participantes. Huns affirmaõ que he de Braga, confundindo (pode ſer) ſeu nome com o do Doutor Joaõ de Barros, Autor da Deſcripçaõ d'entre Douro, e Minho, que della foi natural: outros o fazem de Vizeu, onde ſeu Pai foi morador, e ainda tem parentes; e al-

M ii guns

(*) *Patria de Joaõ de Barros.*

guns de Villa Real, e finalmente muitos o tem por natural do Pombal, porque alli teve sua fazenda, e alli se retirou muitas vezes a huma quinta sua, e esta escolheo por vivenda na ultima velhice, que he o tempo, em que os homens tornaõ com natural desejo a buscar a patria, para acabar, parece, o circulo da vida no ponto donde a começaraõ. Seu pai se chamou Lopo de Barros, pessoa nobre, e dos principaes desta familia, porque era filho de Lopo de Barros, e neto de Alvaro de Barros senhor do morgado de Moreira, junto a Braga, que dizem ser fundador do Mosteiro de Raquim, da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, cujo Avô foi Martim Martins de Barros, hum dos mais antigos fidalgos, que se achaõ desta linhagem, os quaes tomaraõ o appellido do lugar de Barros entre Douro, e Minho, e naquella Comarca possuem ainda alguns morgados, e antigamente tiveraõ Lugares com jurisdicçaõ. Destes foi hum Nuno Fernandes de Barros, a quem ElRey D. Pedro deo a terra de Perozello, e Gonçalo Nunes de Barros, que por mercê de ElRey D. Joaõ Primeiro foi senhor
de

de Castro d'Airo, de juro, e herdade. E ainda que esta linhagem tenha estas, e outras semelhantes memorias, de que se póde gloriar, naõ a honráraõ menos os Varões que nella se dedicáraõ ás letras, entre os quaes (álem do nosso Joaõ de Barros, bastante por seu engenho para illustrar muitas familias) se deve perpetuo louvor a D. Fr. Brás de Barros (primeiro irmaõ do mesmo Joaõ de Barros) Religioso que foi de S. Jeronymo, (*) e depois primeiro Bispo de Leiria, o qual sendo por sua virtude, e doutrina, eleito Reformador dos Conegos Regualares de Santa Cruz de Coimbra, álem de reduzir aquella Casa, e Religiaõ á sua antiga observancia, persuadio a ElRey D. Joaõ Terceiro, que impetrasse a desmembraçaõ das rendas de Santa Cruz para fundaçaõ da insigne Universidade de Coimbra, com que deu occasiaõ, e principio, a florecerem os naturaes deste Reino naõ menos nas letras, que nas armas, como o testificaõ tantos, e taõ grandes sujeitos, que destas Escólas tem sahido, com cujos

(*) *Chr. de S. Hier. de Ciguenç. p. 3. lib. 2. c. 42.*

jos escritos naõ sómente se tem illustrado este Reino, mas ainda toda Hespanha.

Entrou Joaõ de Barros no serviço d'ElRey D. Manoel, de taõ poucos annos, que elle mesmo confessa, que da idade do jogo de peaõ começára a servir no Paço. (*) Costumavaõ naquelle tempo os Reis de Portugal mandar doutrinar os moços fidalgos, (**) e os da Camara, de que se serviaõ, em toda a boa disciplina, e tinhaõ para isso mesmo tres no Paço, que lhes ensinavaõ as linguas, sciencias Mathematicas, letras humanas, dançar, jugar as armas, e outros virtuosos exercios; e os Mestres tinhaõ certo dia no mez, em que ElRey sabia delles, quem bem exercitava estas Artes, ou quem se havia remisso, e negligente nellas. E era taõ grande a benegnidade daquelles Principes, que se lembravaõ de louvar a huns, e reprehender aos outros, com o que muitos se accendiaõ nos desejos de aprender. (***) Estes foraõ os claros estudos, em

(*) *Exclamaçaõ contra os abusos do tempo.*
(**) *Estudos de Joaõ de Barros.*
(***) *Prologo de Clarimundo.*

em que Joaő de Barros cultivou ſeu engenho, como elle refere a ElRey D. Joaő III. E quanto elles ſe pódem menos comparar na antiguidade, e fama das letras, com as celebres Univerſidades de Europa, tanto ſaő de maior honra para Joaő de Barros; pois elle ſómente foi baſtante para honrar aquellas Eſcólas, que o houveraő de honrar a elle. Aqui aprendeo a lingua Latina, e Grega, e as ſciencias Mathematicas, e letras humanas com grande perfeiçaő. Entre os Poetas, ſe deo mais á liçaő de Virgilio, e Lucano, e nos Hiſtoriadores, á de Saluſtio, e Livio, dos quaes imitou bem o juizo, e eſtilo levantado, que vemos em ſuas obras, como elle o dá a entender no Prologo do ſeu Clarimundo. (*) Com eſtas, e outras boas partes, ſe aventajou tanto a ſeus condiſcipulos, que por ellas o deo ElRey D. Manoel ao Principe D. Joaő por ſeu Moço da Guardaropa, quando lhe aſſentou caſa: e indo cada vez creſcendo mais em Joaő de Barros a noticia das letras, levado do amor da patria, determinou de

(*) *Ub. ſup.*

de occupar todo ſeu engenho em ſerviço della, eſcrevendo huma univerſal hiſtoria de Portugal. Porém como a grandeza daſta obra era tamanha, que parecia temeridade cometella, ſem primeiro experimentar ſuas forças, compoz hum livro de hiſtoria fabuloſa, (*) a que deo titulo do Emperador Clarimundo, para provar o eſtillo; como fazem os bons ſoldados, que antes da batalha ſe exercitaõ em pelejas, e eſcaramuças fingidas, para depois ſe acharem adeſtrados nas verdadeiras.

Era entaõ Joaõ de Barros de pouco mais de vinte annos de idade, (**) e como andava em ſerviço do Principe, que lhe occupava a mór parte do tempo, ſó nos eſpaços, que lhe reſtavaõ, publicamente, e como elle diz, na meſma Guardaropa do Paço, ſem outro repouſo, nem mais recolhimento, onde o juizo quieto pudeſſe eſcolher as couſas que a fanteſia lhe repreſentava, em oito mezes compoz eſta hiſtoria, que para tal idade, e occupaçaõ ſe póde ter por grande couſa. Ainda que o Principe D.

(*) *Compoſiçaõ de Clarimundo.*
(**) *Ub. ſup.*

D. Joaõ (a quem elle comunicou ſeu intento) o favorceo tanto, que elle meſmo lhe hia revendo, e emendando os quadernos que compunha: (*) eſte favor lhe fez publicar logo o livro: e eſtando ElRey D. Manoel na Cidade de Evora, no anno de mil e quinhentos e vinte, lho apreſentou, dizendo-lhe, que a intençaõ com que o fizera fora para ſe empregar na hiſtoria de Portugal, e principalmente na Conquiſta do Oriente, por ſer couſa mais ſua: ElRey lhe mandou ler alguns Capitulos, e ſatisfazendo-ſe do eſtilo, lhe diſſe, que havia dias deſejava mandar pôr em memoria as couſas da India, mas que nunca achara peſſoa de quem as fiaſſe, que ſe elle ſe atreveſſe a ſahir com eſta empreſa, naõ ſeria ſeu trabalho ante elle perdido. Com eſta confiança, que ElRey delle moſtrou, começou logo Joaõ de Barros a aperceber-ſe para eſta obra; e eſtando, como elle diz, para abrir os alicerces de taõ grandioſo edificio, ſuccedeo a morte d'ElRey D. Manoel d'ahi a pouco mais de hum anno, que foi no

de

(*) *Dedac.* 1. *da Aſia no principio.*

de mil e quinhentos e vinte e hum, em treze de Dezembro, com que ficou suspensa a empresa; porque entrando o Principe nas occupaçoens da administraçaõ do Reyno sobresteve por alguns annos, com que cessou de todo a pratica da historia Oriental.

Despachou ElRey D. Joaõ III. neste principio de seu governo alguns criados, que o tinhaõ servido sendo Principe, entre elles foi dos primeiros Joaõ de Barros, que havia pouco que cazára em Leiria, deo-lhe a Capitanía da Mina, (*) a qual naquelle tempo ainda que rendia mais aos Reys, naõ era de tanto Proveito aos Capitaens, como depois foi.

Partio Joaõ de Barros para a Mina no anno de mil e quinhentos e vinte e dous, e desta sua viagem faz elle mençaõ na Decad. 3. lib. 3. cap. 1. quando conta como indo hum dia navegando com prospero tempo, começou a estremecer subitamente o Navio, e acodindo todos a saber a causa, viraõ fóra da agoa hum grande bico de peixe, o qual prezo

(*) *Viagem da Mina.*

prezo em hum anzol que o Piloto levava por popa para as Albecoras, barafustando para se soltar, fazia aquelle tremor na embarcaçaŏ; o que vendo os marinheiros, com fisgas, e harpoens trabalháraŏ tanto até que o mataraŏ, a alaraŏ acima. Duvidaŏ alguns se este peixe he o Remora, de que Plinio faz mençaŏ no lib. 32. cap. 1. e no lib. 9. cap. 25. e parece que naŏ póde ser, porque o Remora celebrado de Plinio he muito pequeno, e por tanto admira mais poder deter huma embarcaçaŏ á véla, mas estoutro he taŏ grande, que diz Joaŏ de Barros, que vinte homens o naŏ podiaŏ arribar ao convés, e outro semelhante que encontrou a Náo de D. Joaŏ de Barros Lima de que o mesmo Joaŏ de Barros neste lugar faz mençaŏ, e era ainda maior: pelo que claramente se vê ser outra especie de peixe muito differente, á qual os nossos mareantas do Occeano chamaŏ Agulha.

Vindo da Mina lhe deo ElRey em Maio de 1525. o Officio de Thesoureiro da Casa da India, Mina, e Ceita, o qual servio até Dezembro de 1528. e depois de dar conta, continuou em Lisboa, até que os rebates do mal da peste

(que

(que no anno de 1530. começáraõ naquella Cidade) obrigaraõ a cada hum buſcar os ares puros dos campos, e povoar as quintas. Com eſta occaſiaõ ſe foi Joaõ de Barros para huma, que tinha junto a Pombal, chamada a da Ribeira de Alitem. (*) Alli lhe mandou pedir Duarte de Reſende, parente ſeu, alguma obra ſua, pelo bem que lhe parecera o ſeu Clarimundo quando o vira em Ternate, donde havia pouco que tinha vindo de Feitor: Joaõ de Barros por o comprazer acabou de compor hum Dialogo moral, que antes tinha começado, ao qual deſtes dous nomes gregos, *Ropica*, e *Pneſmaticos*, faz por oppoſiçaõ hum compoſto, de *Ropica neuma*, a que em noſſa lingua podemos chamar *Mercadoria eſpiritual*. Neſte colloquio, que quaſi todo he metaforico, introduz por peſſoas o Entendimento, e a Vontade, que ſaõ as principaes partes da Alma, as quaes deixando a razaõ ſua ſuperior ſe ajutáraõ com o Templo, e ſe fizeraõ mercadoras de eſpirituaes mercadorias que ſaõ os vicios, que eſtas duas

(*) *Prolog. e Dedicatoria da Ropica neuma.*

duas potencias acceitaõ, e compraõ, quando desobedecem á razaõ, e por este modo mostra as vias por onde muitos officios, e cargos da Republica saõ administrados viciosamente, e as cautélas, e meios, que para isto tem achado o tempo, na figura do qual representa o appetite desenfreado, e solto de toda a lei, pondo os argumentos que o incitaõ a buscar os bens deleitaveis, e nos outros interlocutores lhe da as devidas respostas, e mostra os erros do tempo. Esta Obra imprimio depois em Lisboa em Maio de 1532. (*) dedicada ao mesmo Duarte de Resende, o qual por pagar a seu parente Joaõ de Barros este obsequio lhe dirigio tambem depois hum tratado, que compoz da navegaçaõ, que Fernaõ de Magalhães, e seus companheiros fizeraõ ás Ilhas de Maluco, (**) como quem tivera na maõ todos os papeis, e roteiros daquella jornada por entaõ estar servindo de Feitor da nossa fortaleza de Ternate. Mas tornando á *Ropica neuma*, ella foi naquelle tempo tida em tanta estima, que o

(*) *Decad.* 3. *lib.* 5. *cap. ultim.*
(**) *Decad.* 3. *lib.* 5. *cap.* 10.

o eruditissimo Ludovico Vives se movêo por este respeito a dedicar a Joaõ de Barros outro tratado que fez da Oraçaõ mental no anno de 1535. intitulado: *Exercitationum anni Deum*, como se vê destas palavras da Dedicatoria, que anda com esta obra no segundo Tomo daquelle Autor. *Christopherus Mirandius meus declaravit nobilitatem tui generis, tum ingenium, eruditionem, & probitatem, quæ ego ex opusculo quodam tuo, vestrati lingua conscripto facile perspexi: non potui, non complecti, & suspicere dotes animi, exercitas inter negotia tam varia & magna &c.* Este Dialogo da Ropica neuma correo até o anno de 1581. o qual sahio no Cathalogo dos livros prohibidos neste Reino, de D. Jorge d' Almeida Arcebispo de Lisboa, e Inquisidor Mór, em que se vedou, naõ por conter condemnada doutrina, mas porque naõ tomassem delle alguns accasiaõ para usarem em seus officios das invenções viciosas que tinha achado o tempo; porque está taõ enferma nos costumes a natureza humana, que as mais das vezes convertem os homens em peçonha, os mes-

mesmos meios, que lhes daõ para seu remedio.

Passada aquella contagiaõ, e outros trabalhos, que naquelle tempo succederaõ a este Reyno, de grandes inundaçoens de agoa, e tremores de terra, veio Joaõ de Barros a Lisboa, onde ElRey o provêo do Cargo de Feitor da Casa da India, e Mina, (*) de propriedade; e segundo parece, foi este Provimento no anno de 1532. porque no de 1534. diz elle, que por razaõ do Officio mandára certas embaixadas a alguns Principes de Guiné, como se vê na primeira Decada lib. 3. cap. 12. Estes cargos (que agora estaõ repartidos por o Provedor da Casa da India, e outros Officiaes) eraõ naquelle tempo de grande cuidado, e importancia, assi pelo muito que entaõ rendia o comercio de Asia, e Africa, como por tudo pender da industria do mesmo Feitor que o administrava. E sendo estes Officios occasiaõ de grande acrescentamento de fazenda aos que os trataraõ, para Joaõ de Barros foraõ de muito pouco, porque ainda que lhe naõ faltava industria

(co-

(*) *Feitor da Caza da India.*

(como quem ſabia tanto dos coſtumes do tempo) ſempre a limitou dentro das balizas da conſciencia.

Mas poſto que eſta grande occupaçaõ lhe fazia, como elle diz, acurvar a vida com ſeu pezo, (*) levando-lhe todos os dias com o deſpacho das armadas, e comercios, e outros negocios baſtantes para affogar, e cativar todo liberal engenho; todavia naõ deixou nunca a liçaõ dos livros: porque como eſte exercicio era nelle natural, foi ſempre mais prompto em dar eſte fructo como proprio, que naõ o dos negocios como encomendado. E nem por iſſo ſe ha de entender, que faltou no cuidado que devia a ſeus cargos, antes foi nelles taõ pontual, que todas as mercês que dos Reys deſte Reyno recebeo (depois de os acceitar) lhe foraõ feitas por reſpeito da ſatisfaçaõ com que os ſervio: por onde parece que naõ eſtudava menos em huma occupaçaõ que na outra, tendo tambem eſta adminiſtraçaõ publica por parte da boa Philoſophia, como o entenderaõ grandes Varoens, e de ſi o dizia Plinio II. quando ſe queixava a ſeu ami-

(*) *Prolog. da 1. Decad.*

amigo Clemente, de outra occupaçaõ ſemelhante: (*) *Diſtingor officio, ut maximo* (diz elle) *ſic moleſtiſſimo, ſedeo pro tribunali, ſubnoto libellos, conficio tabulas, ſcribo plurimas, ſed illiteratiſſimas literas; ſoleo non nunquam (nam id ipſum quando contingit.) ae his occupationibus apud Euphratrem queri: ille me conſolatur: affirmat etiam eſſe hanc Philoſophiæ, & quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum &c.* Para acudir a ambas eſtas obrigaçõens partio o tempo, dando os dias aos negocios públicos, e as noites aos ſeus proprios, que eraõ os livros, como elle o diz em muitas partes de ſuas obras.

Neſte tempo quiz ElRey D. Joaõ III. mandar povoar a Provincia de Santa Cruz, vulgarmente chamada Braſil, que Pedralvres Cabral levado da força dos ventos deſcobrio nas primeiras prayas do Mundo novo, indo para á India no anno de 1500. E para ſe apovoaçaõ fazer com maior facilidade, e menos deſpeza da fazenda Real, re-

N par

(*) *Plin. Epiſt. lib. 1.*

partio ElRey aquella Provincia em varias Capitanías, na forma que os Reys primeiros fizeraõ povoar as Ilhas achadas no mar Oceano; mas naõ foi igual o successo, porque sendo cada Ilha huma pequena porçaõ de terra, onde naõ havia habitadores, que defendessem a entrada aos estrangeiros, foi facil cousa povoar cada Capitaõ a sua; ajudando-se principalmente da visinhança do Reino, e da prestança, que humas ás outras se faziaõ, por estarem perto, e quasi á vista. Porém no Brasil como cada Capitanía era de cincoenta leguas de costa, e habitada de gentes guerreiras, tendo o soccorro de Portugal duas mil legoas distante, e cada Capitanía taõ fraca, que naõ podia soccorrer a vesinha, vieraõ as mais destas povoaçóes, que intentaraõ os Donatarios, a perecer de todo, e só quasi tiveraõ bom successo as que os Reis tomaraõ para si; porque como as fazendas neste Reino, pela estreiteza delle, sejaõ muito limitadas, naõ tiveraõ aquelles povoadores cabedal para se valerem do novo soccorro, se padeceraõ qualquer infortunio, principalmente nos principios. Joaõ de Barros

ros com tudo como era de nobre eſpirito, e deſejoſo de ſe empregar em couſas grandes, pedio a ElRey huma deſtas Capitanías, e elle lha concedeo de juro, e herdade, com os privilegios, e doaçoens das outras; mas alcançando bem as difficuldades da empreſa, determinou dar parte della a Aires da Cunha, e a Fernaõ Alvrez d'Andrada, Theſoureiro mòr do Reyno (pai de Franciſco d'Andrada Chroniſta mór) para, com eſte cabedal maior, poder reduzir a empreza a proſpero fim. Fezſe por parte deſta companhia a maior armada, que para aquellas partes até entaõ tinha ido, porque ſe apreſtaraõ dez Navios, com nove centos homens, dos quaes eraõ mais de cento de cavallo; e com todo o neceſſario para a jornada, de mantimentos, muniçoens, e artilheria, ſe fizeraõ á véla no anno de 1539. indo por Capitaõ o meſmo Aires da Cunha, que levava comſigo dous filhos de Joaõ de Barros.

Era a Capitanìa que lhe coube em ſorte a do Maranhaõ parte ſeptentrional do Braſil, e a mais enobrecida delle, em grandeza de rios, fertilidade de

plantas, abundancia de animaes, e fama de riquissimas minas. Foi este Rio descuberto por Vicente Annes Pinçon, no anno de 1499. pela Coroa de Castella, mas por estar na demarcaçaõ da conquista deste Reyno, deixáraõ depois os Castelhanos de o povoar. Chegado Aires da Cunha à barra do Maranhaõ, com a pouca pratica que inda os Pilotos tinhaõ delle, deo em huns baixos que tem á entrada, por espraiar alli o mar muito, em que se perdeo com toda a armada, sahindo só alguma gente em terra em huma Ilha, que està na boca do rio, onde se conservaraõ algum tempo, fazendo pazes com os Gentios Tapuias, que por aquellas praias habitavaõ: até que vendo que naõ podiaõ levar avante a povoaçaõ por falta de gente, e mais cousas necessarias, se tornáraõ para o Reyno. Deste modo ficou desamparado aquelle porto, e conquista até o anno de 1614. em que ElRey Dom Filippe II. de Portugal enviou Jeronymo de Albuquerque Coelho de Pernambuco, com huma armada para fundar huma nova Colonia, o que elle fez com muito cuidado, e com igual esforço des-

ba-

baratou hum bom numero de Francezes, que o aſſaltáraő para o fazer deixar o ſitio, querendo-ſe conſervar ſómente nelle, por huma fortaleza, que já tinhaő na Ilha, a qual pouco tempo depois lhe tomou tambem Alexandre de Moura, com que os noſſos ficáraő de todo ſenhores daquelle porto, e a nova Colonia vai cada dia em maior creſcimento por os ſocorros com que ſua Mageſtade lhe tem mandado acudir. Donde ſe vê claramente, que ſemelhantes emprezas de conquiſtar, e povoar novas terras, naő ſe podem reduzir a perfeito fim por homens particulares, eſpecialmente neſte Reyno, ſenaő por Principes e Republicas.

Eſte taő deſgraçado ſucceſſo deixou a Joaő de Barros mui gaſtado de fazenda, perdendo taő grande cabedal, como naquelle negocio tinha metido, ſem nenhum fructo: más foi tal ſeu animo, que compadecendo-ſe do infortunio de Aires da Cunha, e de outros, pagou ainda por elles o em que ficáraő empenhados para eſta preza, como o teſtifica Antonio Galvaő, (*) dizendo: Foy

(*) *Galvaő nos deſcobrimentos do mundo an. 1531.*

Foi tambem a este rio do Maranhaõ hum fidalgo Portuguez que se chamava Aires da Cunha, levou dez Navios, novecentos Portuguezes, cento e trinta cavallos, fez grandes gastos, em que se perderaõ os que armaraõ, e o que mais perdeo nisto foi Joaõ de Barros Feitor da Caza da India, que por ser nobre, e de condiçaõ larga, pagou por Aires da Cunha, e outros que lá falleceraõ, com piedade das mulheres, e filhos, que lhes ficaraõ &c. Porém era tal seu animo, que parece que nenhum successo prospero, ou adverso, o tirava da applicaçaõ de seus estudos; porque pouco depois deste naufragio se offereceo de novo a ElRei D. Joaõ para escrever as cousas da India; aceitou-lhe ElRey o offerecimento, porque tendo encomendado este cuidado a Lourenço de Caceres Mestre do Infante Dom Luiz, no anno de 1531. era já fallecido sem ter dado principio a taõ grande obra. Começou Joaõ de Barros logo esta Historia, (*) e com tudo, antes de imprimir a primeira Decada a imterrompeo antepondo a seu gosto a piedade christãa,

(*) *Prologo da Decada* 1.

tãa, e proveito publico, em cujo beneficio sahio com alguns opusculos á luz, (*) e tambem para em idade mais madura tornar a provar o estilo. Dos tratados que entaõ publicou entre outros, foi huma Grammatica Portugeza, á qual lhe deo occasiaõ a conversaõ dos Malavares, ou Paravás da costa da Pescaria, que succedeo pelos annos de 1538. donde vieraõ a este Reyno quatro dos principaes aprender a lingua Portugueza, para assi poderem ser melhor ensinados na Fé, e preceitos da Igreja; os quaes Malavares mandou El-Rey recolher na Casa de S. Eloy de Lisboa com os Ethiopes nobres de Congo, que ahi estudavaõ, para assi todos serem melhor doutrinados. Esta obra imprimio no anno de 1539. dividida em dous tratados, no primeiro ensina a ler, e para com maior facilidade aprenderem os principiantes as letras, em cima de cada huma dellas poz huma figura, cujo nome se começa pela tal letra a modo de Arte memorativa, ficando o A. debaixo de huma Arvore, e o B, de huma Bésta, e assi as mais;

O

(*) *Dialogo da viciosa vergonha.*

o que foi tambem achado, e proveitoso, que ainda hoje se conserva; e porque a dedicou ao Principe Dom Filippe, filho d'ElRey D. Joaõ III. que entaõ começava a ler, e elle aprendeo por ella, sendo seu mestre Frei Joaõ Soares, Bispo que depois foi de Coimbra, anda esta Cartilha erradamente com titulo do Bispo, sendo verdadeiramente de Joaõ de Barros, o qual ajuntou tambem nella em certos circulos toda a diversidade de syllabas, que a natureza de nossa linguagem padece, e depois accrescentou os preceitos da lei de Deos, os Mandamentos da Igreja, e hum tratado da Missa com algumas oraçoens, para que por ella se ensinassem os meninos a ler. No outro tratado escreveo os preceitos da Grammatica Portugueza, e Ortografia, e foi o primeiro Author, que reduzio nossa lingua a Arte, e com muita brevidade. A' Grammatica ajuntou hum Dialogo em louvor da lingua Portugueza, em que mostra a grande affinidade, que tem com a Latina, e para prova disto traz huns versos Portuguezes, e Latinos, que foraõ os primeiros deste genero.

Ou-

Outro Dialogo imprimio, a que intitulou da Viciosa vergonha, naõ sómente para evitar que naõ lessem os meninos por feitos de Tabellioens, que ordinariamente saõ de ruim letra, e sem nenhuma Ortografia, com que ficaõ escrevendo depois barbaramente; mas por lhes tirar a occasiaõ de aprenderem por autos publicos de causas criminaes, e trapaças civís, de que ficaõ ensinados em vicios, em lugar de boa doutrina: e assi para estes tenros sugeitos compôz este Dialogo da Viciosa vergonha, em que lhes dá os avisos necessarios para aquella idade. E era tanta a diligencia que fazia para estar bem inteirado das cousas, que havia de tratar, que pedio ao Doutor Antonio Luiz, grande Medico, e Filosofo daquelle tempo, que lhe desse o que nesta materia da vergonha tocava á Filosofia natural, para com toda a perfeiçaõ, e certeza poder tratar de seus naturaes principios, ainda que o Tratado era moral. Porque os doutos quanto mais o saõ, tanto menos se satisfazem de si, entendendo o muito que ainda ha para saber; que he o que disse o outro Filosofo: que só huma cou-

sa

ſa ſabia, que era naõ ſaber nada a reſpeito do muito que via lhe faltava. Por onde ſó os ſabios duvidaõ, e tem por honra perguntar, e conſultar ſuas couſas com quem lhes póde dar acertado parecer: o que naõ alcançando os ignorantes, o julgaõ por couſa affrontoſa, e aſſi ficaõ ſempre no meſmo eſtado, ſem procurarem de ſe melhorar. Fez o Doutor Antonio Luiz o que Joaõ de Barros lhe pedio, compondo hum tratado, que intitulou *De Pudóre*, que lhe dedicou, e anda entre outras obras deſte Author, que ſe imprimiraõ em Lisboa no anno de mil e quinhentos e trinta e nove. Porém Joaõ de Barros naõ ſe aproveitou deſte tratado, porque he muito differente do da Vicioſa vergonha, e Antonio Luiz pertendeo ſó nelle trazer todos os lugares que achou nos Authores, que tocaſſem á vergonha, como ſe vê deſtas palavras de ſua dedicatoria: *Prius itaque aliqua quæ Philoſophi de pudore cenſerunt, apponemus, deinde vero ejus parentes, ſi quos invenire poterimus, reddemus, ultimo exempla &c.* Tambem nas obras de Plutarco anda hum diſcurſo, que elle intitulou:

tulou : *De immodica verecundia*, no qual ainda que em parte leva o intento de Joaõ de Barros, segue outro caminho, como póde ver quem ler ambas as Obras.

Esta occupaçaõ (que em tal idade teráõ muitos por desigual á reputaçaõ de Joaõ de Barros) lhe fez tomar o zelo da honra de Deos, e o desejo de aproveitar a todos, sentindo-se por devedor naõ sómente aos doutos, mas aos barbaros, e assi aos grandes como aos pequenos: e esta julgou elle pela maior honra, que lhe podia vir, como o confessa nestas palavras, no Dialogo da lingua Portugueza: *Certo he, que naõ ha gloria, que se possa comparar a quando os meninos Ethiopes, Persianos, e Indios dáquém e dálém do Ganges em suas proprias terras na força de seus templos, e pagodes, onde nunca se ouvio o nome Romano, por esta nossa Arte aprenderem a nossa lingoagem, com que possaõ ser ensinados em os preceitos da nossa Fé, que nella vaõ escritos. &c.*

Outro semelhante zelo o fez intentar outra obra de naõ menor engenho, (*) e

(*) *Decada* 2. *lib.* 4. *cap.* 4.

e foi, que vendo como os homens occupavaõ o mais do tempo jugando, inventou hum jogo de tabolas, a que reduzio as Ethicas de Ariſtoteles, introduzindo nelle as virtudes, e vicios, por exceſſo, e por defeito: o qual jogo imprimio no anno de 1540. e o dedicou à Infanta Dona Maria, Princeza que depois foi de Caſtella, a qual o jugava com ElRey Dom Joaõ ſeu pai deſtramente, ſegundo elle affirma em varias partes; e teve intençaõ de pôr a Economica tambem em jogo de Cartas, e a Politica no Enxadres, por eſtes tres jogos ſerem os mais communs, e para nelles, ao menos, aprenderem os homens o nome das virtudes, e como ſe devem de haver no uſo dellas, já que naõ ha modo para deixar de jugar; mas vendo os poucos que ſe affeiçoáraõ ao primeiro, deixou de ſahir à luz com os outros.

Eſtas, e outras obras compôs Joaõ de Barros, pela maior parte em Dialogo, ſeguindo o eſtilo de Plátaõ, que neſte genero de eſcritura nos deixou toda ſua doutrina: e na verdade os Dialogos tem para iſto muita conveniencia;

por-

porque como neſtas materias ſe tocaõ opinioens diverſas, he neceſſario haver perguntas, e repoſtas, para melhor ſe ſatisfazer ás duvidas; donde louva muito Guarino Veronenſe a Plataõ, por illuſtrar eſte eſtilo, dizendo *Omnia vero quæ gravius, accuratiuſque diſputanda fuerunt, in Dialogorum forma conſcripta fuiſſe, & recte ſane; ea enim, quæ hujuſmodi colloquendi ratione tractantur, introductis pro dignitate perſonis, apertius diſputantur, & vehementius imprimuntur &c.* Pela meſma razaõ uſou tambem Tulio delles, como o diz no primeiro das ſuas Tuſculanas; *Quo commodius diſputationes noſtræ explicentur, quaſi agatur res, non quaſi narretur.* Neſtes Dialagos ſe introduz ordinariamente fallando com ſeu filho Antonio de Barros, ainda que tinha outro filho mais velho, o que parece fez, ou por o bom ſujeito que neſte achava, ou por aquella ſua idade ſer entaõ mais propria de aprender, e por iſſo lhe dedicou alguns tratados moraes, como tambem fizeraõ outros grandes Filoſofos a ſeus filhos, particularmente Ariſtoteles, de quem lêmos as

Ethi.

Eticas que compôs ao seu Nicomato; e Tulio o livro dos Officios a seu filho Marco, com que os deixaraõ mais lembrados nas memorias dos homens, do que o puderaõ fazer com rendozas, e magnificas heranças.

Deo o Papa Paulo III. o Capello de Cardeal ao Infante D. Henrique Arcebispo de Evora, (*) na undecima creaçaõ que fez de Cardeaes em 16. de Dezembro de 1545. Mandou logo o Infante no anno seguinte de 1546. dar as graças desta dignidade ao Summo Pontifice por Gaspar Barreiros Conego de Evora, discipulo, e sobrinho de Joaõ de Barros, filho de Maria de Barros sua irmãa, e de Rui de Barreiros. Concorriaõ em Gaspar Barreiros muitas letras, e engenho, e porque naõ fizesse o caminho infructuosamente, lhe encommendou (segundo o mesmo Gaspar Barreiros refere ao Cardeal na Dedicatoria da sua Corographia) que escrevesse particularmente todos os lugares por onde passasse, com tudo o que ácerca de suas fundaçoens, nomes antigos, e mudança delles pudesse saber por quanto espera-

va-

(*) *Corographia de Gaspar Barreiros.*

va de ſe aproveitar deſta informaçaő na ſua Geographia, que havia annos tinha começada. Fez Gaſpar Barreiros eſta diligencia com tanta perfeiçaő, que ſe póde dizer por elle o que outros affirmàraő de Ceſar: que querendo dar materia aos Eſcriptores nos ſeus Cőmentarios, lha tirara, porque da Corographia deſtes lugares, deſde Badajóz até Milaő compôs hum volume taő erudito, que he tido de todos univerſalmente em grande eſtima, e aſſi podemos agradecer a Joaő de Barros, o poſſuirmos hoje eſta excellente obra, com a qual tomou occaſiaő Lopo de Barros, Conego tambem de Evora para imprimir outros opuſculos, de ſeu Irmaő Gaſpar Barreiros, que todos andaő no meſmo volume da Corographia impreſſos em Coimbra no anno de 1561. como foraő os Cőmentarios de *Ophira regione*, e as cenſuras ſobre os fragmentos ſuppoſiticios, que hoje correm com o nome de Beroſo Caldeo, Maneton Egyptio, e Marco Portio Cataő de Originibus, as quaes cenſuras por ſua muita erudiçaő andaő traduzidas em Latim na Biblioteca Heſpana, por André Scotto. Neſtas, e outras obras me-

receo

receeo bem Gaſpar Barreiros o nome de ſobrinho, e diſcipulo de Joaõ de Barros, ainda que na ultima recebeo o maior louvor de todos, que foi deixar tudo por amor de Deos, e entrar na Religiaõ de S. Franciſco, onde morreo com grande opiniaõ de Virtude.

O dezejo, que Joaõ de Barros tinha de aproveitar a todos, fez que pedindolhe no anno de 1549. Joaõ Ricio de Monte Policiano Arcebiſpo de Syponto (que naquelle tempo eſtava em Lisboa por Nuncio do Papa Paulo III.) algumas informaçoens das partes da India, lhas deſſe liberalmente, para mandar ao Cardeal Farnes, que lhas pedia á inſtancia de Paulo Jovio celebre Eſcritor daquelle tempo, e com ellas lhe deu mais dous livros, hum de eſcritura dos Chinas, e outro dos Perſas: naõ ſe havendo neſta materia com a eſcaceſa que alguns coſtumaõ, procurando eſconder o theſouro de ſemelhantes obras, para elles ſòs com avarento animo as lograrem. Porém pagou-lhe mal eſte beneficio Paulo Jovio, porque eſcrevendo larguiſſimamente as couſas da Perſia, e do Oriente, e allegando para iſſo as informa-

çoens

çoens Portuguezas, nunca, noméa a Joaõ de Barros, no que se houve assaz differente de Plinio, que no principio de sua natural historia, foi o primeiro que pôs o Cathalogo dos Autores donde a collegia, accrescentando aquella taõ louvavel sentença, que o fazia, porque era de animo nobre publicar os nomes daquelles, por quem nós melhoramos: *Ingenui est enim animi fateri per quos profeceris*. Porém com isto ser assi, ainda hoje tem mais imitadores o silencio de Jovio, que o agradecimento de Plinio.

No anno de 1552. imprimio Joaõ de Barros a sua primeira Decada da Asia, e foi tambem recebida de todos geralmente, que ainda que havia Chronista no Reyno, ElRey Dom Joaõ lhe encommendou logo a Chronica de ElRey D. Manoel seu pay (*) entendendo da perfeiçaõ, e gravidade de estilo com que escrevera esta Decada, que ninguem poderia compôr aquella Chronica com a devída eloquencia aos feitos que se nella trataváõ, como Joaõ de Barros, o

O qual

(*) *Chronica delRey D. Manoel p. 4. c. 37. e no Prolog.*

qual aceitou a empresa, parecendo-lhe que para tal occupaçaõ lhe dessem o repouso necessario: mas como estes serviços muitas vezes pezem pouco diante dos Reis, naõ alcançou Joaõ de Barros a cõmodidade que esperava; e assi naõ se poude empregar de novo na composiçaõ desta Chronica, alèm da Historia da Asia, que já tinha entre mãos, cuja segunda Decada imprimio no anno seguinte de 1553. Por onde vindo a fallecer ElRey Dom Joaõ no de 1557. foi entregue Damiaõ de Goes do cuidado da Chronica delRey Dom Manoel, por ordem do Cardeal Infante Dom Henrique; que entaõ governava, e ainda que o mesmo Damiaõ de Goes affirme no cap. 37. da 4. parte da mesma Chronica, que nella naõ trabalhou Joaõ de Barros cousa alguma; com tudo, naõ poderá negar, que nas Decadas da sua Asia, que já naquelle tempo tinha impressas, achou larga, e ordenadamente escrita toda a historia da India, que a ElRey Dom Manoel pertencia. De maneira, que aos escritos do mesmo Joaõ de Barros podemos atribuir grande parte da sua Chronica. No mesmo anno de 1553. em que

im-

imprimio a ſegunda Deçada tornou a imprimir ſegunda vez o ſeu Clarimundo, o qual depois no de 1601. ſe tornou a eſtampar terceira vez: e ſendo eſte livro fabuloſo, e o primeiro parto de ſua idade juvenil, teve melhor fortuna nas impreſſoens, que as outras obras, e Decadas do meſmo Autor: donde ſe vê como o goſto do vulgo naõ ſe governa pela razaõ, ſenaõ por appetite, e que o bom de ordinario contenta aos menos.

A terceira Decada imprimio no anno de 1563. e com eſta tirou á luz tres Decadas da Aſia, obra taõ perfeita, e louvada de todos, que ſe tem por huma das melhores, que naquelle genero de eſcritura ſe compuſeraõ. He a hiſtoria (ſegundo de Tullio em outra parte temos moſtrado) o ſugeito mais capaz da Oratoria que nenhum outro, porque nella ſe uſa do genero Demônſtrativo, contando varios feitos, condenando os vicios, e louvando as virtudes; e do Deliberativo, introduzindo oraçoens, conſelhos, e diſcurſos, e muitas vezes do Judicial, o qual raramente ſe aparta do Deliberativo. Em todos eſtes generos he eſta hiſtoria de Joaõ de Barros

admiravel, porque além do sujeito que trata ser nobilissimo, pela variedade, grandeza, e novidade dos casos admiraveis, guardou com summa inteireza todas as leys da historia, assi as essenciaes que se nella requerem; que saõ verdade, clareza, e juizo, como as outras partes, a que chamaõ integrantes.

Consta a verdade da Historia assi da certa noticia, que o historiador tem do que ha de dizer, como do verdadeiro animo do mesmo historiador em naõ callar o bem, ou mal, que fizeraõ aquelles, de quem trata. Para escrever com noticia verdadeira teve Joaõ de Barros as mais certas Relaçoens, que para tal materia se podiaõ alcançar; porque havendo de tratar de tres cousas que eraõ os Feitos dos Portuguezes, a Noticia dos Reys, e Naçoens do Oriente, e a verdadeira situaçaõ Geografica daquellas Provincias: Para o que tocava a historia Portugueza lhe foraõ entregues todos os papeis, assi dos Regimentos Reaes, como das Relaçoens, e cartas dos Vice-Reys, devassas, diligencias, mais cousas, que àquella materia pertenciaõ, como se vê na Decada

I.

1. liv. 3. cap. 13. quando trata das cousas de Guiné, e na Decada 2. liv. 8. c. 1. e na Decada 4. liv. 10. cap. 21. onde diz, que só de papeis do Governador Nuno da Cunha lhe foraõ entregues duas arcas: Para a noticia dos Reys do Oriente, e seus póvos, naõ se contentou com menor diligencia, que mandar buscar as Chronicas daquelles mesmos Reynos, escritas em suas proprias lingoas, como consta da 1. Decada liv. 8. cap. 6. (*) em que refere a Genealogia dos Reys de Quilóa tirada da sua mesma Chronica, e no liv. 9. cap. 3. diz, que conta as cousas dos Malavares tiradas de hum livro da sua Religiaõ, e historia: houve outra Chronica dos Reis de Ormuz, e outras dos Reis de Gusarate, Bisnagá, e Decaõ; e para dar noticia dos Arabes, e Persas, (**) mandou vir o seu Tarigh, que he hum summario de todos os Reis, que foraõ da Persia, (***) até que os Arabios com sua seita a subjugaraõ, e dos feitos que os seus Califaz fizeraõ na conquista das partes do Oriente,

(*) *Decada* 2.*liv*. 2. *cap*.1. (**) *E liv*. 2. *c*. 9.
(***) *Decada* 1. *liv*. 1. *c*.1. *Decada* 2. *liv*.4. *c*. 4, *E liv*. 10. *c*. 5.

te, os quaes livros lhe foraõ interpretados, como elle refere allegando-os em muitas partes, cousa que naquelle tempo era facil, por terem os Reis deste Reino muitos homens assallariados praticos nas principaes linguas do Oriente para lhe servirem deste mister. Pelo que com pouca razaõ affirma Pero Teixeira (*) nas suas Relaçoens da Persia (tiradas da Historia do Tarigh) que o nosso Joaõ de Barros por falta de interprete nos naõ deo mais noticia delle, que do nome, sendo assi que das cousas da Persia trata larguissimamente, allegando este livro de que as tirou: e de sua interpretaçaõ faz particular mençaõ na 2. Decada liv. 2. cap. 2. e no liv. 4. cap. 4. onde accrescenta, que até da vida do Gran Tamorlaõ, que tambem alcançou escrita naquella lingua; tinha feito traduzir a maior parte. Pelo que parece que naõ faltaria na traduçaõ do Tarigh, que tanto lhe importava, quem fazia occupar o interprete em outra obra, que quasi lhe era desnecessaria.

Para a graduaçaõ das Provincias se valeo dos nossos mesmos pilotos Portugue-

(*) *Teixeira no Prologo das. Relaçoens.*

guezes, (*) que navegando todos aquelles mares com o Aſtrolabio, e ſonda na maõ, fizeraõ reprovar as mais das opinioens dos Gregos, e Romanos, que fallaraõ das couſas do Oriente com muito pouca noticia; cheas eſtaõ as Decadas (**) deſtas emendas, e correcçoens feitas a Ptolomeo; Arriano, e aos mais Geografos antigos, que da India trataraõ. (***) E para poder deſcrever as Provincias mediterranias, mandou vir os livros, que de ſua Greogrofia ſe podéraõ haver, como foi hum da Geografia da China, com todas ſuas Regioens em taboas, e para o Interpretar comprou hum Chim douto em ſuas letras, que lhe ſervio deſte officio. E na Decad. 2. liv. 5. cap. 1. allega outro livro da Geografia da Perſia. Pelo que com razaõ lhe deraõ muitos Authores taõ grande lugar entre os famoſos Coſmografos do mundo.

Pois o animo verdadeiro, com que tratou dos homens, vemos bem claro neſtas Decadas, onde com ſumma liberdade reprova os vicios, e louva as virtu-

(*) *Noticia da Geografia.* (**) *Dec.* 3. *liv.* 2. *c.* 1. (***) *Decad.* 3. *lib.* 2 *cap.* 1.

tudes, que alguns Capitaens tiveraõ, dando a cada hum o ſeu; e aſſi o proteſta elle na 1. Decad. liv. 3. cap. 12. dizendo: *Pois a Deos aprouve que naõ por officio, mas por inclinaçaõ, naõ por premio, mas de graça, e mais offerecido que convidado, tomaſſe o cuidado de eſcrever as couſas, que paſſaraõ neſte deſcobrimento, e conquiſta do Oriente, naõ permitirá, que eu perca algum premio, ſe o deſte trabalho poſſo ter, trocando, ou negando os meritos de cada hum &c.* E ſe alguem lhe notar, que deixou de eſcrever algumas particularidades, que houve por vezes entre os noſſos meſmos Capitaens, a iſſo reſponde elle, que neſtas ſuas Decadas mais trabalhou por referir o eſſencial da hiſtoria, que naõ em ampliar miudeſas, deſcobrindo vicios alheios, de que muitos naõ ſabiaõ parte, com que ſem beneficio publico ſe infamaõ as almas dos defuntos, naõ ſervindo tais exemplos ſenaõ de accreſcentar odios entre ſeus deſcendentes, e de ſer mais licença de vicios, que abſtinencia delles, o que em toda a boa hiſtoria ſe deve com muito cuidado evitar.

A

A clareza da narrativa he aſſás evidente, por fallar com palavras muito proprias, e naturaes; e com tudo ſe vê nelle tanta mageſtade, que cauſa admiraçaõ poder ajuntar com tanta gravidade, tanta clareza; porque nas diſpoſiçoens he taõ facil, que muitas vezes parece mais poeta, que hiſtorico, poſto que neſta parte a hiſtoria . e poeſia ſejaõ muito conformes. Vejaõ-ſe neſta materia as deſcripçoens das tromentas, das batalhas, das baterias, as viſtas, e embaixadas, onde àlém de eſcrever tudo como ſe o viſſe diante dos olhos, move notavelmente os affectos de admiraçaõ, e alegria: e as deſcripçoens das Provincias, Ilhas, Cidades, e portos, declara com taes palavras, que eſcuſou pór taboas Geograficas: porque comparando cada couſa deſtas a algum ſinal conhecido (ſegundo as regras da Arte Memorativa) faz comprehender dos leitores a figura, ou couſa, de que trata, com ſumma diſtinçaõ.

O Juizo conſta naõ ſó em obſervar as leys integrantes da Hiſtoria, mas na boa ordem, e diſpoſiçaõ della, e no julgar o que ſe errou, ou acertou nas ac-

çoens

çoens publicas, e particulares de que trata. As leys da Historia integrantes seguio propondo no principio a materia que tratava, introduzindo hum excellente exordio da origem das guerras entre os Mouros, e Portuguezes: no que tem faltado muitos modernos, que começaõ suas historias como se escreveraõ huma carta; naõ se pejando de professarem compor em huma Arte, sem aprenderem primeiro os preceitos, e regras della.

A ordem da Historia foi convenientissima, seguindo os annos; e os governos, e dividindo-a por Decadas; divisaõ tambem achada, que a ella se tinhaõ já reduzido os livros de Tito Livio, e depois seguiraõ nella a Joaõ de Barros os que escreveraõ as Historias das Indias Orientaes, e Occidentaes, como o vemos em Diogo do Couto, e Antonio de Herrera. As digressoens saõ poucas, e essas necessarias, e taõ cheas de exemplos, e casos raros, que de muitos delles se aproveitou Joaõ Botero nos seus Apothemas. As mais perfeiçoens desta Historia pode julgar quem a ler, e verá nella muitos discursos, conselhos, e casos diversos, que sempre resol-

resolve, e refere o Autor com acertado parecer, e assi aqui se achaŏ as sentenças, os prognosticos, e excellentes elogios: onde, como diz Tullio, se vê: *hominum ipsorum tum gesta, tum mores, et ingenium.* E desta parte judicial tirou Dom Fernando Alvia de Castro huns Aphorismos politicos com tanta erudiçaŏ, e exemplos, que se podem comparar aos melhores de Tacito, e fazem muita ventagem a outros que neste genero de escritura se compuseraŏ. Finalmente pelas excellencias desta obra he tido Joaŏ de Barros universalmente por hum dos mais insignes Historiadores do mundo, e celebrado de muitos e graves Authores com titulos honorificos, dos quaes Frei Vicente Justiniano, (*) e o Padre Mapheu lhe chamaŏ *Grave Escritor.* (**) Joaŏ de Pineda, *Preclaro*, o Author das Viagens do Mundo, (***) *Diligentissimo*, Fr. Simaŏ Coelho, *Muito douto, e elegante.* Pero de Magalhaens, Pero de Mariz, Diogo do Couto, e o Chro-

(*) *Fr. Vicente vida de S. Luiz Beltraŏ.*
(**) *Maph. l.* 1. (***) *Pineda de Reb. Salom.* l. 4. c. 11. *Viagens do Mundo p.* 1 *in fine. Chronic. do Carmo l.* 2. *c.*6. *Possiv. Sect.* 6. *fol.* 199.

Chroniſta mór Joaõ Bautiſta Lavanha, *Eſcriptor famoſo.* Porém outros naõ contentes ſó com eſtes illuſtres epitetos ſe alargaraõ a maiores encomios, como ſe vê neſtas palavras do Padre Antonio Poſſivino, que na ſua Bibliotheca Selecta tratando dos Hiſtoriadores diz delle: *Joanes de Barros Luſitanus in Aſia ab ſe deſcripta, qui egregium ſe ſcriptorem hac noſtra ætate præſtitit &c.* O Padre Fr. Antonio de S. Romaõ (1) lhe chama Tito Livio Portuguez dizendo: *Juam de Barros unico Tito Livio de aquellos Reynos, cuyas, Decadas, aunque ſe traduxeron en Italiano, ſe han conſumido de manera, que no ſe allan, aun entre ſus miſmos naturales, deviendo perpetuar-ſe coſa tan memorable en tablas de bronze &c.* E Dom Fernando Alvia de Caſtro (**) o compara a Homero, a quem os antigos tiveraõ por Pay da hiſtoria, dizendo: *Juan de Barros excellente hiſtoriador Portuguez lo eſcrive con tanta perfeccion, que ſi el miſmo Alexandro le alcançara no embidia-*

(*) *Fr. Antonio de S. Romaõ prologo da Hiſtoria geral da India.* (**) *D. Fernando Alvia na dedicatoria dos Aphoriſmos.*

bidiara a Achiles por Homero &c. E Affonſo de Ulhoa na Dedicatoria da traducaŏ Italiana ao Duque de Mantua affirma ſer eſta hiſtoria huma das melhores, que ſe compuſeraŏ no mundo: *E una delle rare, e pretioſe coſe che in queſto ſuggetto fin hoggidi ſieno ſtate vedute &c.*

Eſta eſtimaçaŏ dos doutos approvaraŏ tambem os Principes do mundo, porque em Veneza ſe mandou pôr ſua imagem entre os Varoens famoſos: (*) e o Papa Pio IV. a fez collocar nos Paços do Vaticano junto com a de Ptolomeu: e ElRey D. Filippe II. de Portugal ſó por conſervar a memoria de tal hiſtoriador, e por participar o mundo de ſuas obras, mandou imprimir á cuſta de ſua Real Fazenda a quarta Decada da Aſia, que Joaŏ de Barros tinha deixado ainda imperfeita, ſem embargo de eſtarem já aquellas meſmas hiſtorias eſcritas neſte Reyno, e impreſſas por Fernaŏ de Caſtanheda, Diogo do Couto, e Franciſco d'Andrada. A eſtes dous teſtimunhos dos Principes, e doutos, po-

(*) *Magalhaens no Dialogo da lingua Portugueza. Petronio Cronica do Carmo ubi ſupr.*

podemos accreſcentar a commua opiniaõ de toda a Europa, onde foraõ taõ buſcadas, eſtas Decadas, que chega a affirmar Diogo do Couto, (*) que na India naõ ha mais de humas, e em Portugal pouco mais de dez, tanto ſe levaraõ pelos eſtrangeiros, e com taõ exceſſivos preços, que quaſi naõ he crivel o que niſto paſſa: e fazendo-ſe huma traducçaõ dellas em lingua Italiana por Affonſo de Ulhoa, ſe gaſtaraõ de maneira, que nem em Italiano, nem em Portuguez ſe achaõ de venda em parte alguma, como jà o vimos na autoridade referida do Padre Fr. Antonio de S. Romaõ, e o affirma D. Fernando Alvia de Caſtro (**) elegantemente neſtas palavras: *Viendo que cara a cara no podia calumniar ſus Decadas, por haver guardado con igualdad, y primor, las tres partes neceſſarias a una buena hiſtoria, verdad, claridad, y diſcurſo, como rabioſa, traidora, de mala caſta, parece diſpuſo para diſſimulacion de ſu gloria, ſe ayan acabado tantas, que ay* mai

(*) *Couto no Prologo da Decada* 4.
(**) *D. Fernando Alvia no prologo dos Aphoriſmos.*

mui pocas, y quasi ninguna de venta, aun a mucho, precio, que qualquiera mereciera, mejor que el grande, que se dio por el pinzel de Apelles, cujas figuras, aun que de suma perfeccion, eran al fin muertas, y Barros con su pluma dexa vivos en la fama, y celebrados perpetuamente los gallardos Portuguezes, que murieron vitoriosos de varios, admirables, y felices successos &c. De maneira que quem alcança hoje hum livro destes, o tem em preço de huma joia de grande valor.

Porém quanto mais saõ estimadas as obras com que sahio á luz, tanto maior pena nos podem causar as que deixou começadas; e intentadas, que sem duvida seriaõ de grande ornamento para este Reyno; mas pois naõ pudémos lá lograr a excellencia destes volumes, apontarei aqui, ao menos, a traça, e desposiçaõ delles, para ainda assi serem de porveito (como já foraõ) aos curiosos. Que se saõ tidos dos Architectos em muito preço os livros de pinturas, e dessenhos de edificios imaginados, com quanta mais razaõ se devem estimar os pensamentos de Joaõ de Barros; que

que trataõ de outras fabricas, tanto mais nobres quanto as obras manuaes cedem as do entendimento?

Da historia deste Reyno além da sua Asia, prometeo compor Joaõ de Barros tres partes intituladas, *Europa*, *Africa*, *e Santa Cruz*: na Europa determinava tratar da Milicia dos Portuguezes, começando do tempo que os Romanos conquistaraõ Hespanha, na qual guerra os Lusitanos alcançaraõ ácerca delles grande nome por feitos illustres, (*) e dahi discorrendo por os tempos té o Conde Dom Henrique, e seu filho Dom Affonso, e seus successores. Desta promessa se desobrigou no Prologo da quarta Decada, pela contradiçaõ que achou em alguns emulos, dizendo, que o mesmo direito o favorecia para naõ cumprir o prometido, pois lhe naõ fora aceitado. Ao que tambem se ajuntou o pouco descanço, e tempo que teve para se occupar em taõ grande escritura: porém com este seu intento deu motivo a que esta historia se compuzesse depois pelo Padre Fr. Bernardo de Brito nas duas partes da Monarquia Lusitana, que prin-

(*) *Decad.* 1. *liv.* 1. *cap.* 1.

principalmente contém as guerras dos Romanos em Lusitania com o mais que nella succedeo até a ultima doaçaõ que se fez de Portugal ao Conde D. Henrique, como elle o dá a entender na dedicatoria da sua primeira parte: e assi mesmo foi tambem occasiaõ para o Licenciado Duarte Nunez de Leaõ por mandado delRey D. Filippe I. reformar algumas cousas que andavaõ escritas nas Chronicas de Portugal, como o mesmo Author (*) confessa na censura da Chronica d'ElRey D. Affonso Henriques, seguindo a opiniaõ, que Joaõ de Barros teve em favor da fama deste valerosissimo Principe, e da Rainha Dona Tareja sua mãy, onde diz, que se Joaõ de Barros escrevera os livros de sua Europa, fora escusada nesta materia toda a outra diligencia, e trabalho. A mesma occasiaõ deu Joaõ de Barros a Damiaõ de Goes para escrever na Chronica do Principe D. Joaõ hum largo discurso em favor da honestidade da Rainha Dona Joanna de Castella mulher d'ElRey D. Henrique IV. como se vê do Prologo da terceira Decada contra Antonio de Nebrixa, cuja

P mal

(*) *Decad.* 3. *liv.* 1. *c.* 4.

mal fundada opiniaõ condenou depois Damiaõ de Goes com taes palavras, que o Condeſtabel de Caſtella Joaõ de Valaſco exclama invocando-o a elle contra o Padre Joaõ de Mariana, por falar com a inurbanidade de Grammatico nas peſſoas dos Principes indecentemente, e contra o decóro da perfeita Hiſtoria.

A outra parte da milicia de Portugal, que Joaõ de Barros juntamente prometteo chamava, Africa, cujo principio começava na tomada de Ceita. Eſte livro, ainda que o allega muitas vezes nas ſuas Decadas, naõ o compôs, e deixou de o fazer pelas meſmas razoens que diſſemos da Europa: porém, ſe bem conſiderarmos, naõ he pouco benemerito aos trabalhos, que os Portuguezes paſſaraõ no deſcobrimento deſta parte do mundo, pois os primeiros tres livros da ſua primeira Decada naõ trataõ de outra couſa; além do que depois eſcreve no proceſſo da meſma hiſtoria tocante a Africa, como ſaõ os ſucceſſos de Quilóa, Mombaça, Sofalla, e Ethiopia ſobre o Egypto, a que vulgarmente chamamos Reino do Preſte Joaõ.

A ultima parte da milicia Portugue-

gueza intitulou *Santa Cruz* (que he a Provincia que agora dizemos Brafil) e lhe dava principio no defcobrimento de Pedralvres Cabral, defta fe naõ acha nada efcrito; que naõ he pequena falta para efte Reino, porque tendo hoje efta Provincia crefcido notavelmente em riqueza, e policia, com muitas povoaçoens populofas, e nobres, eftá quafi totalmente falta de Hiftoria, defendendo nella os Portuguezes aquelles pórtos, e coftas maritimas contra poderofos Piratas, que juntos com os barbaros Gentios, obrigaraõ os noffos a militar mais, que a cultivar a terra por muitos annos: eftando naquelle tempo os pórto abertos, fem Fortalezas, ou Caftellos, que prohibiffem eftas entradas, em que houve cafos mui dignos de memoria, e fendo as coufas naturaes da terra mui notaveis, e eftranhas a nòs, por quam maravilhofa fe moftrou nellas a natureza, he mais para fentir a falta que nefta parte nos faz a Hiftoria de Joaõ de Barros.

Em materias moraes, álém das obras que imprimio, e de que já fallamos, faz elle mençaõ do Tratado de

Causas, ou Problemas moraes, e o allega no Dialogo da Viciosa vergonha fallando com seu filho Antonio de Barros, para que o compunha, pelo discurso dos tempos, onde lhe diz estas palavras: *As causas do teu tratado naõ saõ naturaes, mas moraes, ou por fallar verdade, saõ de homens temporaes, que em humas mesmas obras deraõ diversos frutos por differentes causas, donde nasceo o titulo ao teu tratado.* Esta obra me affirmaraõ algumas pessoas graves, que viraõ de todo acabada, e que o original estava em Viseu em poder de hum sobrinho do mesmo Author.

No prologo da quarta Decada allega tambem outro tratado, que intitula das Abusoens do tempo, e diz que lhe dá este titulo, por ser em defensaõ de suas occupaçoens, a que os amigos, e parentes davaõ nome de Abusoens, e diz que nelle particularmente escreve das abusoens, de que o tachavaõ, e das que vio usar ao mesmo tempo, e que nelle se verá a razaõ porque imitou antes a doutrina de Tales, que a mercancia do seu azeite. Este tratado compôs em trovas pequenas de oito syllabas, a que

cha-

chamaõ, *Redondilhas*, e o dedicou a Joaõ Rodrigues de Sá de Menezes, com quem tinha particular amizade: o titulo delle he *Exclamaçaõ contra os vicios*: saõ mais de 460. coplas, e a primeira começa:

Em aquella eternamente
Alta luz inacessivel, &c.

Repartio-o em tres partes, a que reduzio todos os actos da Filosofia, e parece o escreveo no anno de 1561. segundo de tudo me advertio o Licenciado Francisco Galvaõ de Mendanha, que o leo, e me communicou esta, e outras muitas particularidades de suas obras.

Das obras Mathematicas deixou imperfeita a sua Geografia Universal, (*) a qual hia compondo em lingua Latina de todo o descuberto, assi em graduaçaõ de taboas, como em commentarios sobre ellas, applicando o moderno ao antigo, como o declara no primeiro capitulo de sua primeira Decada, e no liv. 4. da mesma cap. 2. diz, que nos primeiros livros da sua Geografia escreve do Astrolabio, e adiante no capitulo sexto allega o capitulo dos instrumentos da na-

ve-

(*) *Decada* 1. *lib.* 1. *cap.* 1.

vegaçaõ, por onde parece que primeiro dava os preceitos da Arte, e depois descrevia as Provincias: os commentarios tambem deviaõ ser muito eruditos, pois tratavaõ das fundaçoens das Cidades, da Religiaõ, e costumes das gentes, e outras cousas raras, como se vê de muitos lugares das suas Decadas, em que deixa semelhantes noticias para a sua Geografia. Esta obra parece dividia em quatro partes, segundo se collige da segunda Decada liv. 8. cap. 2. em que diz, que faz huma quarta parte da sua Geografia, em que trata particularmente de todas as Ilhas do mundo: o qual conceito seguio depois Joaõ Botero, como se vê nas suas Relaçoens Universaes. Naõ ficou esta Geografia de todo acabada, ainda que fez grande parte della, e quando ultimamente deixou o intento de compôr a Europa, e Africa, foi para se dedicar todo a esta empresa, segundo parece do Prologo da quarta Decada. Porém como depois de seu fallecimento correraõ seus papeis por tantas mãos, he pouco o que chegou a poder de Joaõ Bautista Lavanha Chronista mór deste Reino, a quem ElRey D Filippe II.

de

de Portugal os mandou entregar. Mas ainda que naõ compôs a Geografia inteiramente, assaz deixou escrito nas suas Decadas das Regioens de Africa, e Asia, de maneira que he hoje a melhor cousa que ha nesta materia: e assi as descripçoens Geograficas da sua primeira Decada, como cousa rara, andaõ traduzidas em Italiano no fim do primeiro volume das Viagens do Mundo. Tambem na sua quarta Decada sairaõ algumas taboas daquellas Provincias da Asia com largas relaçoens della, no que puseraõ os nossos maior cuidado, por ser materia de intelligencia, que em pintar figuras de homens, e mulheres, como fizeraõ os Olandezes enchendo grandes volumes destas impertinentes pinturas, e na materia da Geografia, que era o essencial, naõ deraõ noticia alguma de novo, que fosse de consideraçaõ; como que importava mais para o bem do mundo ver pintados os furtos que se fizeraõ em Goa, que a Geografia da mesma Provincia. Mas como naõ haja conselheiro mais cego que o odio, este fez escurecer huma obra taõ insigne, como saõ os livros das suas navegaçoens Orientaes,

taes, com eſtas, e outras ſemelhantes relaçoens, e pinturas: pois ſendo taõ geral em todas as Republicas ſuccederem caſos facinoroſos, e algumas empreſas menos proſperas, a paixaõ, e inimiſade que contra nós tem, lhes cegou o entendimento de maneira, que eſtes acontecimentos particulares nos imputaõ por crimes de toda a naçaõ, mal lembrados daquelle excellente dito de Menon Capitaõ de Dario, o qual ouvindo a hum ſeu ſoldado praguejar de Alexandre, lhe reſpondeo: *Cala-te que te naõ dou ſoldo para dizeres mal de Alexandre, ſenaõ para pelejares contra elle.*

Outra obra tinha tambem intentado Joaõ de Barros, que intitulava, *Sphera da inſtructura das couſas*, o qual livro allega na parte da Mecanica, que diz ſer toda de Architectura, como ſe vê na ſegunda Decada lib. 1. cap. 3. que tambem naõ ſahio á luz.

Além da hiſtoria militar da Aſia prometteo Joaõ de Barros, pelo que tocava ao commercio, eſcrever hum livro de todas as couſas naturaes, e artificiaes, que da India (*) ſe traziaõ a eſtas partes,

(*) *Dec. 1. c. 1. l. 6. c. 4. l. 8. c. 6. Dec. 2. l. 2. c. 3.*

tes, declarando a qualidade, e natureza de cada huma dellas, com os pesos, medidas, e preços communs das cousas; para que o commercio que, como elle diz, andava por todas as gentes sem lei, nem regras de prudencia, e sómente se governava pelo impeto da cobiça que cada hum tinha, o reduzisse a Arte, com regras universaes; e particulares; como as tem todas as sciencias, e Artes activas para se exercitarem bem, e politicamente. Segundo isto continha esta obra dous argumentos, hum era a historia natural do Oriente das plantas, e animaes daquellas Provincias, e outro das obras artificiaes, e cousas pertencentes á commutaçaõ, e commercio: de ambas estas materias deviaõ de ficar fragmentos que naõ sairaõ á luz. Mas em lugar de Joaõ de Barros escreveo das drogas do Oriente em vulgar o nosso Doutor Garcia d'Orta com grande louvor, cujos livros saõ mui estimados, e andaõ traduzidos em lingua Latina por Carolo Clusio, impresso em Anvers no anno de mil e quinhentos setenta e tres, e despois outro discipulo do mesmo Garcia d'Orta chamado Christovaõ da Cos-

ta,

ta, natural de huma das nossas Colonias de Africa, seguio esta empresa mais largamente, no tratado que compôs em lingoa Castelhana, das drogas, e medicinas do Oriente, com os retratos das mesmas plantas, o qual no seu Tratado do Elefante diz, que tambem tinha escrito outro livro de todas as Aves, e outros animaes da Asia: (*) pelo que com pouca rezaõ dizem de nòs alguns estrangeiros que passamos á India só com cobiça de suas riquezas, e naõ com curiosidade de manifestar ao mundo as maravilhas que nella tem obrado a natureza. O outro Tratado das cousas artificiaes dá a entender Joaõ de Barros que o deixou quasi acabado, posto que se naõ publicou, e os Olandezes aproveitando-se deste conceito, trataraõ esta materia em muitos lugares de seus livros das navegaçoes Orientaes: de maneira, que ainda que Joaõ de Barros naõ acabou esta, e outras obras; com tudo foi causa de termos hoje muitas dellas, ou dando o conceito, ou ainda insinuando a ordem, e materia. E podemos ter por sem duvida, que todas estas empre-
sas

(*) *Lagun. sobre Dioscorid.*

ſas acabàra ſe tivera livre o tempo, que o Cargo lhe roubava, como o diz largamente o Padre Meſtre Fr. Simaõ Coelho Carmelita em hum diſcurſo que faz ſobre Joaõ de Barros, lamentando-ſe ainda em vida do meſmo Author, de lhe naõ darem os Principes o deſcanço neceſſario a ſeus eſtudos, o qual conclue com eſtas palavras: *Eſte mal, como natural enfermidade, tem ſoterrado eſte Varaõ digno de o porem com muita honra, e deſcanço em lugar que com mais facilidade pudeſſe avivar com ſua penna a fama de ſua Patria, como atéqui o fez com muito trabalho.* (*) Naõ devemos com tudo de nos eſpantar de faltar a ſemelhantes engenhos eſte repouſo; pois he taõ grande a eſcaceſa com que o mundo galardoa, que em todas as Republicas ha muitos Miniſtros com poder de caſtigar; e hum ſó o tem, para dar o premio.

Porém levando o Officio a Joaõ de Barros os dias inteiros, ſó lhe ficava parte das noites para poder compor, e aſſi naõ ſómente devemos ter em muito, que hum homem dividido em taõ varios negoci-

(*) *Chron. do Carm. ubi ſup.*

gocios se applicasse tanto ás letras, mas ainda que pudesse acabar com perfeiçaõ tantas obras no pouco espaço que lhe restava das noites. Pelo que com razaõ se admiraõ disto Ludovico Vives no lugar já referido, (*) e o Doutor Antonio Luiz, que fallando com o nosso Author diz assi: *Quanvis tum Regnum, tum Reipublicæ negotia tuis humeris incumbant; tot tamen legisti, & scripsisti naturali quadam mentis adintus acie, ut legentibus occasionem inquirendi tribuas, quando homini tam occupato, & tantis curis destricto ast hæc tam concinna, tam docta scribere vacavit &c.* Daqui podemos julgar, que se os antigos celebráraõ tanto as Lucernas de Cleantes, e Aristofanes, que ficáraõ em adagio ácerca dos Gregos, e Latinos, com resultarem só deste estudo algumas poesias tragicas; com quanta mais razaõ devem ser estimadas as vigias do nosso Joaõ de Barros, pois dellas nasceraõ, naõ sonhadas fabulas, mas historias verdadeiras, e gravissimas, e tantas outras obras mathematicas, e moraes, as quaes podem além disso servir de exemplo aos estu-

(*) *Na dedic. do opusculo de Pudore.*

eſtudioſos para naõ deſanimar no meio de grandes occupaçoens, entendendo que lhe naõ faltará tempo para ſi, e para ſeus eſtudos, pois naõ faltou a Plinio, (*) e a Joaõ de Barros entre tantos negocios publicos ſe o ſouberaõ a proveitar, como eſtes Varoens fizeraõ, por ſer certa aquella ſentença de Seneca, que o tempo naõ falta ſe o naõ perdemos: *Non exiguum temporis habemus*, diz elle, (*) *ſed multum perdimus, ſatis longa vita, e in maximarum rerum conſumationem large data eſt, ſi tota bene collocaretur, ſed ubi per luxum ac negligentiam defluit, ubi nulli rei bonæ impenditur, ultima demum neceſſitate cogente, quam ire non intelleximus, tranſiſſe ſentimus*: De maneira, que naõ ſomos pobres de tempo, ſenaõ prodigos delle.

Deſtes fragmentos, e obras poſthumas de Joaõ de Barros mandou ElRei D. Felippe I. de Portugal (como protector que ſempre ſe moſtrou das boas artes) recolher no anno de 1591. as que ſe puderaõ achar em poder de Dona Lui-

za

(*) *Plinio. Epiſt liv. 3.*
(**) *Senec. de Brevit. vit cap. 1.*

za Soares, Nora de Joaõ de Barros, que ficara viuva de Jeronimo de Barros ſeu filho mais velho, e ſó pelos quadernos da quarta Decada, e Geografia, lhe mandou dar quinhentos mil reis, e deſejando que ſaiſſem á luz mandou entregar eſtes papeis a Dom Fernando de Caſtro Pereira Fidalgo de grandes partes, e muito douto nas letras humanas, o qual por fallecer dahi a pouco, tempo, os naõ pôde aperfeiçoar. Por ſua morte ordenou ElRei, que ſe recolheſſem eſtes originaes em Saõ Roque, com tençaõ de fazer vir o Padre Chriſtovaõ Clavio da Companhia de Jesus para dar fim ao livro da Geografia, o que naõ teve effeito pelas occupaçoens em que eſtava em Roma das ſuas Compoſiçoens. Daqui mandou entregar a quarta Decada a Duarte Nunes de Leaõ, pela opiniaõ que delle tinha em materia de hiſtoria, e a outros homens doutos, que por diverſos impedimentos naõ puderaõ tirar eſtas obras á luz: o que ſentindo ElRei, e querendo que ao menos ſe conſervaſſe a ordem, e eſtilo deſta hiſtoria, mandou a Diogo do Couto que ſe ſeguiſſe a da India do ponto em que Joaõ de

Bar-

Barros deixara a terceira Decada, o que elle fez com diligencia, e acabou ainda em vida do mesmo Rei a quarta no anno de 1597. como se vê da dedicatoria da mesma. Porém succedendo depois El-Rei Dom Felippe II. e querendo fazer mercê á memoria de Joaŏ de Barros, e a todo este Reino, ordenou, que estes fragmentos da sua quarta Decada se entregasse a Joaŏ Bautista Lavanha, quasi cincoenta annos depois de compostos, os quaes elle com muito trabalho, e diligencia reformou, e os illustrou com annotaçoens, e taboas Geograficas, de modo que ficou esta quarta Decada hum dos melhores livros, que hoje temos em nosso vulgar.

Estas foraŏ as obras de Joaŏ de Barros, o qual no fim do anno de 1567. achando-se cançado dos trabalhos, e Cargos, que tinha, e de algumas enfermidades, que já por a idade o molestavaŏ, desejou de se tirar de negocios, para que dedicado todo a seus estudos vivesse só para si; e posto que tinha filhos em idade sufficiente para quem pudera pedir o Officio, naŏ o fez assi, antes livremente o renunciou nas maŏs del-

Rei,

Rei, querendo mais deixar ſeus filhos menos ricos, e fóra de occaſioens, em que podiaõ enlaçar a conſciencia, que, por ficarem com mais rendas, mete-los neſtes perigos. Acceitou-lhe ElRei D. Sebaſtiaõ a ceſſaõ do Cargo, e por eſte reſpeito lhe fez algumas mercês, de que as principaes foraõ, dar-lhe mil cruzados de tença em vida, e licença para poder mandar trazer da India tanto em drogas, e mercadorias, que lhe ficaſſem no Reino quatro mil cruzados de ganho liquidos; e libertando-o de todos os direitos, e fretes: filhou-o por Fidalgo com dous mil reis de moradîa, e que por ſua morte ficaſſem cincoenta mil reis de tença a ſua mulher Maria de Almeida, e cento cincoenta mil reis a ſeu filho Jeronymo de Barros, até o provêr de huma Commenda de mór quantia, e para caſamento de huma de ſuas filhas lhes déo a Capitanía de duas Náos de viagem da India, o que tudo depois ſe cumprio.

Concluidos eſtes deſpachos em Janeiro de 1568. foi-ſe Joaõ de Barros para a ſua quinta da Ribeira de Alitem junto a Pombal para poſſuir aquelle ocio

da

da velhice, pelo qual ſuſpiraõ tanto os homens, que ſó o cuidar, e fallar nelle tem por deſcanço, como de ſi confeſſava o Emperador Auguſto, quando eſcrevendo ao Senado lho dizia: (1) *Me tamen cupido temporis optatiſſimi mihi provexit, ut quanquam rerum lætitia moratur, adhuc perciperem aliquid voluptatis ex verborum dulcedine.* Para eſte repouſo deſculpaõ os homens todos os tratos, trabalhos, e perigos da vida, e com tudo ſaõ rariſſimos os que o alcançaõ, por grandes, e poderoſos que ſejaõ, padecendo os mais delles o naufragio da morte, antes de tomar eſte porto; ou em chegando a elle.

Que a vida já gaſtada em buſcar vida,
Falta para a lograr quando ſe alcança.

Como bem diſſe hum Poeta noſſo: de maneira, que acabaõ a vida quando cuidaõ que começaõ a viver. He porém eſta vida ſolitaria do campo mui propria dos velhos, e ſabios, ſegundo Tullio, que por eſte reſpeito tem eſta idade por melhor afortunada: e tanto a eſtimou o famoſo Similo de Diaõ Caſſio, que ſó os annos que a poſſuio, confeſ-

Q ſou

(*) *Senec. de Brevit. vit. cap.* 8.

ſou em ſeu epitafio, que vivera.

Durou eſte repouſo a Joaõ de Barros perto de tres annos, nos quaes parece que tratou mais comſigo, que com os livros; porque levando a quarta Decada acabada de Lisboa (ſegundo ſe vê da ſua Apologia, que moſtra ſer feita ſervindo ainda o Officio) nem a imprimio neſte eſpaço, nem deo fim á ſua Geografia, e ainda que as indiſpoſiçones daquella idade (que já ſegundo a Eſcritura hia entrando nos annos de trabalho, e dôr) pódem ſer deſculpa deſte ſilencio, aſſaz a tem tambem ſe tomou eſte tempo para ſi meſmo, pois tantos annos tinha vivido para os outros: e nelle ſe aparelhou para a ultima jornada, para ſe naõ achar naquella hora deſapercebido, a qual lhe ſobreveio neſte terceiro anno a 20. de Outubro de 1570. e foi enterrado em huma Hermida da invocaçaõ de Santo Antonio, que eſtá além do rio Arunca, no termo de Leiria. Ao tempo que falleceo devia de ſer de 70. annos, e mais: o que ſe vê claro, porque ElRei Dom Manoel lhe encomendou a hiſtoria da India no anno de 1520 em que ao menos devia ſer de 20.

até

até 25 annos, pois ElRei o julgava já por pessôa de quem se podia fiar tal empresa, e accrescentando mais os cincoenta, que vaõ até o de 1570. fazem mais de 70. e por estas conjecturas se póde ter por certo o anno do nascimento, que lhe dei ao principio desta Relaçaõ.

Era Joaõ de Barros (segundo mo referio o Padre Joaõ Alvares, Assistente, e Provincial que foi da Companhia de JESUS deste Reino, que o vio, e tratou em Lisboa no anno de 1563. e se vê do seu retrato) homem de veneravel presença, alvo de côr, olhos espertos, e nariz aquilino, barba comprida, e toda branca, magro, e naõ grande do corpo; na pratica ainda que grave, era aprasivel, e de grande conversaçaõ. Foi Varaõ de vida exemplar, e mui pio, como se vê bem de suas obras, que pódem ser nisto exemplo a outros Escritores modernos; os quaes compõem seus livros com tal esquecimento das cousas divinas, que lidos elles, naõ se póde determinar, se he o Author Christaõ, se Gentio, como já se disse de Joviano Pontano, e de outros. Esta piedade lhe fez procurar por tantas vias o melhoramento dos costu-

mes de seus naturaes, compondo tantas obras, como foraõ as de Espiritual mercancia, Viciosa vergonha, Exclamações contra os vicios, Jogo das virtudes, e ainda os Tratados da Grammatica; de maneira que tomou o Officio de Prégador com naõ pequeno fruto para todos os tempos, e idades; o que sendo nelle tanto de louvar deo occasiaõ á aquelles que naõ querem ver seus vicios reprehendidos, para o notarem de atrevido, de maneira que lhe foi necessario responder no Dialogo da Viciosa vergonha a seu filho Antonio de Barros entre outras estas palavras: *Naõ fez Deos differença de genero de idade, ou de algum estado, que desobrigue de aprender, e ensinar os preceitos da lei, a todos em comum está encomendado. Naõ te pareça, que este cuidado se encarregou só a Doutores graduados em Pariz, a graça do Bautismo habilitou a todos: muitos offerecêraõ no Templo grandes offertas, e sómente louvou Christo a megalha da pobre Viuva, porque deo de coraçaõ toda sua possibilidade. Todos corremos em aprazer ao Senhor, e quem zelar sua lei merecerá ser aspirado para o minis-*

terio

terio della, e dado que eu naõ seja dos escolhidos para o ministerio do enfinar; sou dos chamados para obsequio da lei; e se me por isso reprehendem, bemaventurados aquelles que padecem perseguiçaõ pela justiça, mas naõ mereço tanto ante Deos, que veja esta bemaventurança.

A inteireza, e verdade com que procedeo, sem ser vencido do interesse, podemos ter por milagrosa, pois a Sagrada Escritura lhe dá este titulo, quando diz, que o homem que despreza o ouro, faz milagres em sua vida. O como nesta materia se houve Joaõ de Barros, consta da abonaçaõ dos mesmos Reis, a quem servio, os quaes em todas as provisoens das mercês, que lhe fizeraõ, dizem sempre, que lhas fazem pela satisfaçaõ com que servio o Officio de Feitor da Casa da India, e Mina, como o já referimos. He tambem assaz bom testimunho disto, o pouco que deixou a seus herdeiros, havendo outros, que com o mesmo Officio os encheraõ de heranças; e assim desculpando-se elle com seu filho Antonio de Barros no Dialogo da Viciosa vergonha, diz que o

que-

queria deixar bem herdado em virtuosos coſtumes, e em outras praticas de ſciencias, por ſer herança composta de ſuas proprias achegas; e logo ſegue dizendo: *Trabalharei por te naõ envergonhar com edificios, que tem a mageſtade, e opiniaõ da Torre de Babylonia, os quaes depois de compoſtos, vem a confuſaõ eterna, que os devide em tantas linguas, quantas foraõ as achegas de que ſe fundaraõ: e daqui vem quantas heranças vemos ſem proprios herdeiros; porque como ſe ajuntaraõ de eſtranhas fazendas, eſtranhos as herdaõ. Cre-me, que nunca alguem perdeo o proprio; e por iſſo me ficaõ deſte meu trabalho duas eſperanças, huma que nunca por elle ſerás citado, pois ſaõ noites minhas veladas, e a outra, que tempo virá em que ſerei julgado por homem zeloſo do bem da patria.* Neſte lugar vai diſcurſando ſobre os exceſſos, que os pais comettem por deixarem os filhos ricos ſeja donde for, ganhando com iſſo muitas vezes para ſi proprios condenaçaõ eterna, e deixando os filhos naõ herdados de bons coſtumes, mas àzados para lançarem maõ de todos os vicios, e para

per-

perderem tanto da honra de seus avós, quanto ganharaõ outros, que naõ herdaraõ esta isca de erros. Tambem no Prologo da Quarta Decada se torna a desculpar com os seus desta contínua queixa, que delle tinha, dizendo: *Se no mesmo Officio naõ temos tanto ser, como elles dizem, que viveraõ aquelles, a quem nós succedemos, naõ será, porque elle tivesse nelles mais do que tem em nós, mas porque elles tiveraõ delle mais, do que nós tivemos. E a causa fique para outro lugar, porque aqui naõ soffre o tempo ser manifesta &c.* Esta rara inteireza moveo aos Reis a lhe fazerem por vezes algumas mercês, entre as quaes El-Rei Dom Joaõ III. no anno de 1550. lhe deo licença para em quanto vivesse poder mandar vir por sua conta da India tantas mercadorîas, que tirasse dellas fôrros cada anno no Reino quinhentos cruzados. E ElRei Dom Sebastiaõ lhe perdo-ou as dividas em que lhe estava de certa artilheria, armas, e munições, do tempo da viagem do Maranhaõ, que importariaõ mais de seiscentos mil reis. E no anno de 1563. lhe fez mercê de algumas mercadorîas, que estavaõ na Ca-
sa

ſa da India, e outras couſas de valor de ſeiſcentos e cincoenta mil réis. Depois de ſeu fallecimento pelo meſmo reſpeito fez mercê a ſua mulher da quantia de quinhentos mil réis. E ElRei D. Felippe I. deo cem mil réis de tença a Jeronymo de Barros ſeu filho, com licença de teſtar de trinta mil réis delles, em quem lhe pareceſſe. Mas ſe por cumprir Joaõ de Barros com ſua obrigaçaõ, naõ deixou grandes heranças a ſeus deſcendentes, nem por iſſo ſe devem elles ter por menos afortunados; porque ſe os pais ajuntaõ eſtas riquezas para que fiquem ſeus filhos mais honrados na Republica, naõ podiaõ os de Joaõ de Barros poſſuir morgados, por mais rendoſos que foſſem, que tanto os honraſſem, como terem tal pai, o qual por ſuas illuſtres obras he taõ inſigne no mundo, que lhe pódem ter inveja muitos poderoſos, e Principes delle; pois he certo, que hum engenho raro, e eminente, honra naõ ſómente huma familia, Cidade, e Provincia inteira; mas ainda a idade, e ſeculo em que naſceo fica illuſtrado com produzir hum Varaõ taõ excellente.

Teve felice memoria, á qual ajudou mui-

muito com a artificial. Foi de grande conſelho, prudencia, verdade, e credito com todos; e por eſtas, e outras boas partes era buſcado, e amado de muitos: poſto que lhe naõ faltaraõ alguns emulos (de quem ſe elle queixa na ſua Apologia da Quarta Decada) que he final manifeſto de virtude; porque os máos naturalmente aborrecem os bons, por ſerem contrarios a ſeus coſtumes. Foi caſado com Maria de Almeida, irmãa, de Lopo de Almeida, morador em Leiria, e filha de Diogo de Almeida de Pombal, da quál teve dez filhos, que foraõ, Jeronymo de Barros; Antonio de Barros, e Joaõ de Barros, que lhe ElRei Dom Joaõ filhou por moços fidalgos: Lopo de Barros, a quem tambem filhou ElRei Dom Sebaſtiaõ no meſmo foro. Das filhas, huma foi Dona Maria de Almeida, de que faz mençaõ no Dialogo do Jogo das virtudes moraes, e a outra Dona Iſabel de Almeida, que caſou com Lopo de Barros, e Dona Catharina de Barros, mulher de Chriſtovaõ de Mello, filho de Diogo de Mello da Silva, Veador da Rainha Dona Catharina; de ambas eſtas filhas ha hoje deſ-

cen-

cendencia. Das outras duas, naõ chegáraõ os nomes á minha noticia. Dos filhos, o mais velho, Jeronimo de Barros, casou com Dona Luiza Soares, e morreo sem ter geraçaõ; dos outros, Joaõ de Barros morreo na batalha de Alcacere. A' India foraõ Diogo de Barros, a quem mataraõ os Mouros, e Lopo de Barros, que foi Capitaõ de Baçaim, e casou lá com Dona Mecia de Sequeira, de quem teve a Dona Catharina de Barros, mulher de Pero Peixoto da Silva.

Esteve o corpo de Joaõ de Barros naquella Hermida de Santo Antonio até o anno de 1601. Em que o Bispo Capellaõ mór D. Jorge de Ataîde, Commendatario perpetuo do Mosteiro de Alcobaça, lhe fez trasladar os ossos para a Capella mór da Igreja Parochial da mesma Villa de Alcobaça, que elle mandou acabar, onde lhe queria fazer huma sumptuosa sepultura. Procedeo este piadoso cuidado ao Bispo, de saber que fora Joaõ de Barros seu padrinho de pia, porque o Conde da Castanheira, o tomou por compadre no tempo de sua mór valia, antepondo as virtudes, e partes que

ha-

havia nelle, aos titulos, e honras, que outros em ſemelhantes actos pertendem. Naõ pôde todavia o Biſpo Capellaõ mór acabar eſta obra com aquella grandeza, e perfeiçaõ, com que fez outras muitas neſte Reino, porque lho atalhou a morte. Porém ſe neſta ſepultura faltaõ a Joaõ de Barros os tumulos de marmore, Pyramides e outros ornamentos funeraes, com que os poderoſos do mundo procuraõ dilatar ſua lembrança, tem logo com ſeus eſcritos, e virtudes levantado na memoria dos homens maiores, e mais duraveis Mauſoléos, que os que em Aſia fizeraõ, huma das maravilhas do mundo.

IN IMAGINEM JOANNIS BARROS.

ELOGIUM.

JOANNES Barros hic eſt, ſcriptor Aſiæ, ſed non Aſiaticus: qui res Indicas in ultimo Occidui Oceani litore, toto pene diviſus orbe, in annales contulit: provincias, litora, promontorio, inſulas, portus delineavit: mores, & ingenia gentium deſcripſit, ea fide, atque diligentia, ac ſi manibus negotia contrectaſſet, pedibus terras percurriſſet: tanta vero luce, ac venuſtate, ut ſcriptor, an pictor prorſus dubites. Adeo legentem capit, non tam ſermonis lenocinio, quam placido, & occulto quodam, ſi fas eſt dicere, veneficio. Unde videtur gentile cognomen, *Barros*, non caſu ſed Vaticinio adeptus, e arum futurus provinciarum hiſtoriographus, quæ Barris, id eſt elephantis, ſunt frequentiſſimæ: ea ingenii felicitate atque excellentia ſcripturus, inter omnes tam veteres, quam recentiores (nullum excipimus) orbis ſcriptores, qua Barros cæteris

ris animantibus vastitate corporis, & solertia quadam mentis natura prætulit. Sed primam ætatem varia fortuna exercuit. Studiis liberalibus, simulque Principis Joannis, cui famulabatur, obsequiis deditus, inflorentissima, juxta & moratissima Regis Emmanuelis aula, animum bonis artibus sanctisque moribus excoluit. Et cum vix otium esset, fabulam pene puer succissivis horis contexuit vernaculo sermone, quæ typis sæpius mandata, Clarimundo fuit nominis, præsagiumque atque commendatio ad eam gloriam, quam postea ex Indica scriptione comparavit. Inde in præmium aulici meriti donatus à Rege, nobilis emporii præfectura in Africam navigavit Minam vocant. Pars est Occidentalis Æthiopiæ, illustrium virorum, vel regimine, vel sepulcris vertente tempore nobilitata. Aurifera regio, Mercurio vix unquam operantem, Minervæ semper, scientiis, quam pecunia opulentiorem remisit. His fidei obsidibus, Ærario primum Regio ab Joanne III. mox Indicæ Basilicæ procurandis Orientis mercibus præficitur: quo in honore egregium veri laboris, & temperantiæ præstitit exemplum. Nam cum unti incumberent universa negotiationis munia, quæ postea ob magnitudinem, & difficultatem in plures distribu-

ta sunt ministros : solus ipse omnia obire, solus assiduitate, & consilio omnibus sufficere : & quod maius est, unde multi agro sibi & prædia singuli paraverunt, palatia ædificaverunt : ille in summa copia inops, in abundantia Tantalus, nullo corrumpi avaritiæ contagio satis amplum se liberis suis patrimonium nominis, & memoriæ relicturum ratus. Quin interim, ut fortunas omnes suas Patriæ impenderet, longinquã, & gravissimi sumptus expeditionem inBrasiliam suscepit, quam Maranione flumine alluitur. Classem comparavit, melite, equitatu, machinis, & omni bellico apparatu instruxit: in super meliori sui parte, hoc est duobus filiis tyrocinium ibi ponere jussis ornatam amicis commisit: quæ fæliciter delata in fluminis ostiam mox allisis ad ignota vada navibus, pene omnis miserê periit. Sed mirum dicto, quo animo adversitatem tulerit, edoctus à Philosophia, quam facile Fortunæ bona efluant, & naufragorum sublevavit inopiam, & amicorum æs alienum de suosoluit. Nec tamen à studiis unquã feriabatur, diem regio negotio noctẽ suo, nempe scribẽdo impertiẽs. Ingravescẽte ætate modico prædio, quod amabat, ad Palumbatiam oppidum se condidit, paucisque quos sibi soli viveret sumptis diebus,

cbiit

obiit ſeptugenarius XIII Kalend. Novembris anno 1571 Sacello D. Antonii ad Aruncam fluvium in agro Leyrienſi humatus, eandem moriens in eligendo ſepulcro modeſtiam ſervavit, quam in cæteris vitæ actionibus. Suos tamen vera virtus ſemper invenit patronos. Poſt. 39. annum vir graviſſimus, Georgius Ataydius Viſienſis Epiſcopus, amici Paterni ac deſe non minus, quam de patre benemeriti, quippe qui ejus ſe ductu, & auſpicio, undis ſacris fuiſſe luſtratum noverat, oſſa in primarium Alcobaccæ templum transferri, digne collocari, marmore, & elogio ornari curavit. Ejus hæc ſententia. Joanni Barros, cujus ſcritorum majeſtate nom minus Luſitaniæ Regibus blandita eſt Fortuna, quam per fractis, Indici Occeani clauctris, & ſubacto Oriente, ne humili ſolo inter ſuos deliteſceret mortuus, qui exteris nationibus notiſſimus in omnium ore atque, ſermone meritò virtutis, & ſtudiorum laude vivit, Georgius Viſienſis Epiſcopus, duorum Philipporum, primi, & ſecundi, maior Capellanus, amico paterno, ac ſuo optimè merenti libens poſuit anno 1610.

VI-

VIDA DE
DIOGO DO COUTO,
CHRONISTA DO ESTADO DA India, e Guarda mòr da Torre do Tombo della.

TEM tanta força as obras dos homens doutos, para fazer estimar seus Authores em toda a parte, que naõ sómente ganhaõ com particular affeiçaõ as vontades dos que os vem, mas ainda levaõ a pôs si os desejos dos ausentes para pertenderem sua communicaçaõ. Estes me fizeraõ procurar com cartas desde este Reyno a amisade de Diogo do Couto na India, e agora me obrigaõ a que ponha em lembrança a noticia, que alcancei de suas cousas, assi por cumprir em parte neste officio com o que lhe devo, como por entender, que com isso faço huma obra agradavel a todo este Reyno, de que pelo muito, que trabalhou no serviço publico, com razaõ he tido por merecedor de outras avantejadas memorias.

Foi Diogo do Couto filho de Gaspar

par do Couto, e de Isabel Serrã de Calvos, pessoas nobres, e ella foi filha de Vasco Serraõ de Calvos, por cuja via ficava Diogo do Couto, segundo primo daquelle insigne prégador, e grande Religioso o Padre Luiz Alvarez da Companhia de Jesus. Nasceo Diogo do Couto em Lisboa no anno de 1542. estando seu pay Gaspar do Couto em serviço do Infante Dom Luis, aquem o dera El-Rey D. Manoel. Por esta razaõ entrou Diogo do Couto, como teve idade, no serviço do Infante, o qual o mandou estudar em Lisboa, e de onze annos começou a ouvir grammatica entre os primeiros estudantes do collegio de Santo Antaõ da Cidade, que foi o primeiro collegio que a Religiaõ da Companhia teve em toda Europa. Seu mestre na lingoa latina foi o padre Manoel Alvares celebre humanista, e Author da Arte da grammatica, que hoje se lé em todas as Universidades, e estudos, que a Companhia tem a seu cargo. A Rhetorica ouvio do Padre Cypriano Soares que compôs a Rhetorica, porque se ensina esta Arte nas escholas da Companhia. E se he verdadeira aquella senten-

ça,

ça, que: O primeiro fervor, e motivo da ſabedoria, he a excellencia dos meſtres, com razaõ ſe podem ter em muito as obras de Diogo do Couto, pois além de ſerem naſcidas de ſeu grande engenho foi elle cultivado por taõ celebres, e doutos varões daquelle tempo.

Acabados os Eſtudos da humanidade parou Diogo do Couto na continuaçaõ das eſcholas, porque ainda entaõ ſe naõ liaõ em Lisboa, mais que as letras humanas, e aſſi ficou continuando no ſerviço do Infante, o qual mandando algum tempo depois o Senhor Dom Antonio ſeu filho, ao moſteiro de Bemfica para ouvir a Filoſofia do Santo varaõ Fr. Bertolameu dos Martyres, que depois foi Arcebiſpo de Braga, vendo a boa, e natural habilidade, que já em Diogo do Couto ſe deſcobria, lho deu por condiſcipulo. Aprendeo Diogo do Couto deſte inſigne meſtre, naõ ſómente as Artes liberaes, em que elle foi eruditiſſimo, mas juntamente as virtudes, que nelle mais reſplandeciaõ, como bem o moſtrou depois na temperança, modeſtia, e piedade, que em toda ſua vida guardou, aſſi no eſtado de ſoldado, como

no de cidadaõ, ſem lhe as delicias da India poderem fazer mudança nos coſtumes em taõ largos annos, como teve de vida.

Falleceo o Infante ao tempo, que Diogo do Couto acabava a Philoſophia, e pouco dipois deſta perda, recebeo a ſegunda com a morte de ſeu pay, e aſſi cortandoſe-lhe o curſo de ſuas eſperanças, foi conſtrangido a mudar de eſtado, e deixando as letras, ſeguio as armas, a que ſeu animo naõ pouco o inclinava. E como já naquelle tempo naõ havia outra conquiſta, ſenaõ a do Oriente, por quanto ElRey D. Joaõ III. tinha largado os lugares de Africa, ſuſtentando ſòmente aquelles que podiaõ ſervir de roteiro de Heſpanha, determinou paſſar à India, como o fazia entaõ a mór parte da Nobreza de Portugal, por neſta empreza terem muitos em breve tempo ganhado honra, e proveito, o que ſempre aſſi acontecera, ſe os que depois vieraõ, quiſeraõ continuar no valor, e virtudes dos primeiros, que àquellas partes paſſaraõ, e naõ ſeguiraõ os vicios da ſenſualidade, e avareza, com que corromperaõ aquelle taõ bom prodecimento antigo.

Em-

Emabarcou-se Diogo do Couto no anno de 1556. militou na India oito annos, achando-se nos mais dos feitos assinalados de seu tempo, mostrando com particular valor, que as letras naõ impedem antes favorecem as armas, como deraõ a entender antigamente os Gregos na imagem de Apollo, a quem pintavaõ armado de arco, e setas, e o veneravaõ juntamente por Deos das sciencias. Cumpridos dez annos de milicia continúa, tornou ao Reyno, a requerer o premio de seus trabalhos, e ainda, que chegou a Lisboa, quando com maior força ardiá o mal de peste, que vulgarmente se chama, grande, foi brevemente, e bem despachado, com este despacho se partio logo para a India, onde se casou na Cidade de Goa com Luisa de Mello, pessoa nobre, cujo irmaõ foi o Padre Fr. Deodato da Trindade, da Religiaõ de S. Agostinho, que depois cá no Reyno, lhe assistio à impressaõ das suas Decadas.

Tanto que o estado de Cidadaõ pacifico, e livre das occupações da guerra, lhe deu lugar para se lograr do ocio, tornou a renovar no a nimo os antigos

es-

eſtudos das letras humanas, e aſſi por-eſtas, como por ſua cortezia, e boa condiçaõ ſe fez mui conhecido na India, e amado de todas os doutos, nobres, e curioſos, e atè dos Principes pagãos da quellas partes.

Foi Diogo do Couto mui douto nas mathematicas, e particularmente na geografia, ſoube bem alingoa latina, e Italiana, nas quais compoz alguns poemas, e aſſi na noſſa vulgar, em que teve particular graça, tudo obras Liricas, e paſtoris, de que deixou hum grando tomo de elegias, eglogas, canções, ſonetos, e gloſas. Teve particular amiſade com o noſſo excellente Poeta Luis de Camões, oqual o conſultou muitas vezes, e tomou ſeu parecer em alguns lugares dos ſeus Luſiadas, e a ſeu rogo commentou Diogo do Couto eſte ſeu heroico poema, chegando com os commentarios até o quinto Canto, oqual naõ acabou detodo por outros impedimentos, que lhe ocorreraõ. Porém nem por iſſo deixaõ de ſer muito eſtimados eſtes ſeus fragmentos, e em poder de D. Fernando de Caſtro Conego de Evora eſtá o volume original delles, que foi de ſeu tio D. Fernando

de

de Caſtro Pereira, aquem Diogo do Couto o inviou, por ſer particular amigo ſeu.

Succedendo ElRey Dom Felippe I. na Coroa deſtes Reynos, como era Principe taõ prudente, e que ſempre trazia nos olhos o bem cômum de ſeus vaſſallos, deſejou de mandar proſeguir a hiſtoria da India, do tempo, em que a deixou o noſſo Joaõ de Barros, e que ſe continuaſſem as ſuas Decadas com o meſmo titulo, e eſtillo, pelo grande aplauſo, com que as tres primeiras foraõ recebidas em toda Europa. Para tam grande empreſa foi nomeado a ElRey Diogo do Couto, ainda que eſtava morador em Goa, abrangendo tam longe a fama de ſuas partes. Encarregou-o ElRey deſta obra com titulo de Chroniſta da India, aqual Diogo do Couto aceitou animoſamente, e a trouxe a taõ perfeito fim, como depois ſe vio.

A primeira couſa em que pôs a maõ, foi a decima Decada, por começar do dia, em que o meſmo Rey foi jurado, e recebido naquelle eſtado, e aſſi lho mandar ſua Mageſtade, mais, ſegundo parece, por pagar primeiro a divida em que

que estava aos vassallos que o serviraõ naquellas partes, que pelo gosto que Tullio confessava ter ao historiador Luceio, de ver suas proprias acções escritas em historia, ainda em vida sua.

Por esta razaõ acabou a decima Decada concluindo-a com o governo de Manoel de Sousa. Estimou ElRey muito esta obra, e a agredeceo a Diogo do Couto por carta sua, encomendando-lhe de novo, que tornando atras com a historia continuasse as Decadas do tempo, em que Joaõ de Barros as deixara. Obedeceo Diogo do Couto, e com grande brevidade compôs a quarta Decada, e assi a quinta, sexta, e setima, undecima, e duodecima.

A oitava, e nona, a cabou no anno de 1614. no qual, querendo-as mandar ao Reyno, enfermou taõ gravemente, que esteve desconfiado da vida. Com esta occasiaõ lhe desapareceraõ estes dous volumes de casa, tomando-os alguem para se depois aproveitar dos trabalhos alhêos. Mas foi Deos servido de dar saude, e forças a Diogo do Couto (que jà neste tempo era de setenta e dous annos) para das lembranças, que lhe ficàraõ, e da

me

memoria, que atinha feliciſſima, ajuntar outra vez o que naquellas duas Decadas tratava; de que fez hum ſó volume, recupilando nelle as couſas de mór importancia, e relatando as maiores mais largamente, com que remediou eſte furto, de maneira, que quando alguma hora aparecerem, aſſi pela ordem, como pela materia, publicaráõ claramente ſeu Author.

Deſtas Decadas eſtaõ ſómente atégora impreſſas, a quarta, quinta, ſexta, ſetima porém à ſexta ſuccedeo hum grande deſaſtre, foi que eſtando aimpreſaõ acabada em caſa do impreſſor, ſe acendeo o fogo nas caſas, e arderaõ todos os volumes, eſcapando ſómente ſeis delles, que a caſo eſtavaõ jà em o Convento de S. Agoſtinho de Lisboa. As mais Decadas naõ ſairaõ ainda á luz, e quando falleceo Diogo do Couto, ficàraõ empoder do Padre Fr. Deodato da Trindade ſeu cunhado.

O eſtillo que neſtas Decadas guardou Diogo do Couto, he muito claro, e chaõ, mas chéo de ſentenças, e com que julga as acções de cada hum, e moſtra as couſas dos ſucceſſos adverſos, e proſperos, que

que naquellas partes tiveraõ os Portuguefes. Porém ainda que nefta parte póde fer com outros comparado na verdade do que efcreve, que he a alma da hiftoria no que trata dos Principes do Oriente, nos coftumes daquelles povos, e remotas provincias, na fituaçaõ da fua verdadeira Geografia, levou a muitos conhecida ventagem: como fe pòde claramente ver das fuas Decadas, nas quaes fe moftraõ os erros que neftas materias tiveraõ, os que antes delle efcreveraõ as coufas do Oriente. Para efta noticia além da grande aplicaçaõ, com que fe deu ao eftudo dos Geografos antigos, e modernos, lhe valeo a affiftencia, que teve naquellas partes por mais de cincoenta annos, nos quaes vio por razaõ da milicia, e comercio, muitos daquelles Reynos, e depois fendo cidadaõ d'Goa, cabeça daquelle Eftado pôde bem alcançar a verdade dos fucceffos que refere, pois naquella Cidade affiftem todos os Viforeys, e della faem todas as Armadas, e a ellas fe tornaõ a recolher, de maneira, que recebeo as informaçóes dos mefmos que fe achàraõ nas emprefas, e a tempo, que as teftemunhas de vifta,

que

que na meſma Cidade havia, os obrigaraõ a fallar verdade. A eſta razaõ ſe lhe acrecentou outra, que foi a do officio de Guardamór da Torre do Tombo do Eſtado da India, o qual cargo lhe deu ElRey D. Felippe I. quando mandou ordenar eſte arquivo pelo Viſorey Mathias de Alburquerque, no qual ſe recolheraõ todos os contratos de pazes, proviſões, regiſtos de Chancellaria, e os mais papeis de importancia, que coſtumavaõ andar em poder do Secretario, e de outras peſſoas da quelle Eſtado, com que lhe ficou huma noticia original de tudo o tocante aquella hiſtoria, donde com razaõ podemos ter eſta por naõ menos verdadeira, que a de Polibio, e Saluſtio, aquem eſte deſejo levou de Grecia a Italia, e de Italia a Numidia, para verem os ſitios das Provincias, de que aviaõ de eſcrever, e alcançar as informaçoens dos feitos, de que tratavaõ, dos quaes (por ſerem paſſados muitos annos antes.) de força lhe faltaria a noticia em muitas partes eſſenſiaes, tendo juntamente o meſmo tempo, mudada a face das terras, e lugares, como cada dia vemos.

Naõ he menos de eſtimar eſta obra por

por sua grandeza, porque além de escrever Diogo do Couto noventa livros nestas nove Decadas, numero a que raros escriptores chegaraõ, foi toda esta historia escrita por elle novamente, e naõ tomada de outros Authores, no que se mostra bem a grandeza, e valor de seu engenho, a que naõ chegou Livio, ainda que lhe excedeo no numero dos volumes, por quanto a maior parte de sua historia foi tomada de outros, e principalmente de Polibio, o qual tambem confessa de si, que das obras que muitos escritores tinhaõ publicado de cada conquista dos Romanos, em particular, compusera a sua universal historia. Mas Diogo do Couto foi o primeiro que tirou á luz a historia da India, do tempo, em que a deixou Joaõ de Barros (senaõ foi o que até o principio do governo de Nuno da Cunha tinha escrito Fernaõ de Castanheda. Por quanto a Quarta Decada de Joaõ de Barros, que acaba com o governo do mesmo Nuno da Cunha sahio muitos annnos depois.

Para aperfeiçoar esta obra, e dar huma consumada noticia do Oriente compôs outro livro, a que chamou Epilogo da histo-

ria

ria da India, no qual tratando de cada fortaleza nossa, aponta as cousas principaes que ali aconteceraõ, as em que faltaraõ os nossos historiadores, e outras que de novo foraõ sucedendo, de maneira, que neste volume està sumariamente tudo o que toca à historia, commercio, e policia Oriental, acomodando o estilo a este compendio com muita clareza, e brevidade. Naõ foi menos eloquente no estilo Oratorio, porque além do que se vê nas suas Decadas, que naõ he pouco, por insigne nesta faculdade foi escolhido para fazer as praticas aos mais dos Governadores, e Visoreis, que em seu tempo entraraõ em Goa, mas isto naõ era só pela lingoagem, e ornato de palavras com que fallava, mas pela verdade, e desengano com que as dizia, das quaes algumas andaõ impressas, que naõ desdizem de seu Author.

Acompanhou a Diogo do Couto desde seus primeiros annos hum grande zelo do bem publico da patria, que junto com o entendimento e experiencia, de que era dotado, lhe fez considerar as causas de alguns inconvenientes, que havia no governo da Republica, e princi-

cipalmente no eſtado da India, onde elle aſſiſtia, e onde por auſencia dos Reys, e exceſſos dos miniſtros, hiaõ as deſordens em maior crecimento. Para remedear eſte mal, vivendo ainda ElRey D. Sebaſtiaõ compôs hum livro, a que chamou, o *Soldado pratico*, noqual introduzío por modo de Dialogo hum Viſorei novamente eleito, fallando com certo ſoldado velho da India, que andava na Corte em ſeus requerimentos, para ſe informar das couſas que lhe importavaõ para a jornada, e do mais que tocava ao governo da Fazenda Real, e milicia daquelle eſtado, e em todas eſtas couſas aponta com cortezaõ eſtillo, e brevidade, o que ſe deve ſeguir, ou evitar, dando os exemplos, e razões fundamentaes, de maneira que póde ſer huma excellente inſtrução para a quelle governo. Porém antes de aperfeiçoar eſta obra, lhe foi furtado o original della, e ſem mais o poder haver ás mãos, chegou a eſte Reyno ſem nome de Author, onde ſe tresladaraõ algumas copias, que foraõ tidas em grande eſtima dos que as puderaõ haver. Sendo diſto advertido no anno de 1610. por hum amigo ſeu, tornou a reformar eſta

obra,

obra, ou quasi a fazela de novo; porque introduzio por pessoas do Dialogo hum Governador, que tinha sido da India, com hum soldado pratico della, ambos em casa de hum despachador, tratando sobre as cousas daquelle Estado, trasendo-as ao tempo presente; com tanta ponderaçaõ, e juizo que sómente póde servir de Norte aos que o governarem, mas em todo o tempo de claro desengano das cousas delle. Esta obra didicou ao Marquez de Alemquer: e o original está na livraria de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora, a quem elle o mandou.

Este zelo da honra da patria lhe fez escrever hum livro, contra o que compôs o Padre Frei Luis de Ureta Dominico, da historia, e policia do Reyno da Ethiopia, a que vulgarmente chamamos, Preste Joaõ, no qual o Padre com a pouca noticia, que tinha do Oriente, e sem ler as historias da India nem deste Reyno (como quem escreveo entre os bosques e dilicias de Valença, sem ver mais que hum só homem, que o informou, e a quem crêo) disse muitas cousas contra toda a verdade da historia,

sen-

ſendo todo o ſeu livro huma obra fabu-
loſa, e temeraria. E poſto que os Pa-
dres Fernaõ Guerreiro, e Nicoláo Go-
dinho da Companhia tinhaõ reſpondido
ao Padre Urreta com particulares Apolo
gias; os meſmos Padres da Companhia
de Goa, pediraõ a Diogo do Couto reſ-
pondeſſe tambem pela honra deſte Rey-
no, o que elle fez, eſtando ja quaſi com
o corpo na ſepultura, mas com tanto vi-
gor de animo que bem parece que ſe lhe
faltavaõ as forças corporaes, que as do
entendimento ſam ſempre em maior per-
feiçaõ. Eſte livro trouxeraõ os Padres da
India ao Arcebiſpo de Braga D. Fr. Alei-
xo de Meneſes por ordem de ſeu Au-
thor.

Com eſtas o cupações naõ pode aca-
bar de todo outra empreſa, que deixou
cameçada para luz do cõmercio da In-
dia: em que tratava de todos os tem-
pos, e monções, em que ſe navega pa-
ra todas as partes do Oriente, e dos pe-
zos, medidas, e moedas, com todas as
mais couſas que a eſte particular perten-
ciaõ.

Neſtas taes obras gaſtou Diogo do
Couto a maior parte de ſua idade: exer-
ci-

citando o talento que lhe foi entregue, como bom, e util servo, atè o anno de 1616. noqual sendo de 74. annos o levou Deos para si, sabado a 10. de Dezembro para lhe dar o premio que suas obras mereceraõ. Foi Diogo do Couto homem de mêa estatura, de alegre, e veneravel presença, olhos vivos cor atereciada, o nariz algum tanto aquilino, mui laborioso, como o mostra a multidaõ de seus escritos, teve grande conselho, e por essa causa era chamado muitas vezes dos viso-Reys a elle, nos negocios de mór importancia. Era pouco cobiçoso, que para homem que viveo tantos annos na India, grande he maravilha, e assi foi mais rico de partes, e merecimento, que de fazenda, posto que esta lhe naõ faltou em seu estado, como quem sempre passou honradamente.

De sua molher, com que viveo largos annos teve huma so filha que morreo antes de casar, donde naõ ficou delle geraçaõ, o que os antigos julgavaõ por infelicidade, porém naõ tal que lhe possa tirar a bemaventurança, que os mesmos antigos tinhaõ por grande, que era escrever feitos alhios, e dar materia para que se escrevessem os seus proprios, o

que elle fez na ſua milicia; e hiſtoria; compondo, e peleijando. Pello que com razaõ lhe puſeraõ a quelle Diſtico ao pè de ſeu retrato, que como eſtatua immortal lhe imprimiraõ nas ſuas Decadas, que diz:

Exprimit effigies, quod ſolum in Cæſare viſumeſt.
Hiſtoriam calamo tractat, et arma manu.

FINIS.

VI-

VIDA DE
LUIZ DE CAMÕES.

JUlgava Plinio por a maior felicidade da vida fazer hum homem taes obras, que todos defejaffem faber qual foffe o Author dellas: *Ut equidem arbitror* (diz elle) (*) *nullum eft felicitatis fpecimen, quam femper omnes fcire cupere qualis fuerit aliquis.* Nafce efte defejo da condiçaõ do entendimento humano, o qual como o feu fim feja o conhecimento da verdade, naõ fe fatisfaz, como diz o Filofofo, até naõ alcançar a caufa verdadeira das coufas. Daqui tiveraõ feu fundamento todas as difputas, e queftões das fciencias, querendo moftrar cada qual, que a fũa noticia eftá mais ajuftada com a razaõ natural de cada coufa. Daqui nafceo efcreverem-fe fobre huma materia tantos livros. Daqui tambem comporem-fe tantas hiftorias da vi-

S ii da

(*) *Plin. l. 35 c. 2.*

da de hum meſmo Principe, ou varaõ illuſtre, nas quaes o que ultimamente a refere, procura apurar a verdade com mais particulares circunſtancias, contando naõ ſómente os caſos, e ſucceſſos das couſas, mas os conſelhos, e razões com que foraõ feitas. Pelo que por ſatisfazer a eſte taõ devido deſejo, nos pareceo, deviamos tambem eſcrever a Vida do noſſo Poeta Luiz de Camões Principe dos Heroicos de Heſpanha, por quanto o que delle anda impreſſo he taõ pouco, e diminuto, que naõ ſatisfaz em muita parte com o que todos pertendem ſaber de ſemelhantes varões; como he a qualidade, vida, coſtumes, engenho, feições, e outras particularidades, ſem as quaes fica muito imperfeita a noticia que ſe requer na hiſtoria de hum homem inſigne. De todas eſtas couſas vai accreſcentada eſta Relaçaõ quanto foi poſſivel á boa diligencia que ſobre iſſo ſe fez, aproveitando-nos principalmente do que o meſmo Luiz de Camões de ſi refere em ſeus verſos, onde ordinariamente os Poetas deixaõ eſcritas ſuas vidas; porque he natural aos homens deleitar-ſe

de

de contar os trabalhos que padecêraõ, depois de eſcaparem delles. E como Luiz de Camões paſſou a maior parte da vida em perigrinações, e ſucceſſos varios, naõ he muito que os deixaſſe poſtos em memoria; e porque a pobreza com que viveo tinha eſcurecido em parte a clareza de ſeus antepaſſados, começaremos eſta Relaçaõ de ſua vida, dando-a hum pouco mais larga de ſua familia, para que ſobre eſte illuſtre fundamento fique mais eſtimado ſeu engenho.

A familia dos Camões he natural do Reino de Galliza; ſeu appellido dizem alguns que he alcunha tomada do paſſaro Camaõ, a que os antigos chamáraõ *Porfirio*, celebrado de muitos Authores pela admiravel propriedade de morrer vendo commetter adulterio contra o ſenhor da caſa. Alciato o traz no Emblema 47 por ſimbolo da vergonha, e honeſtidade, com eſtes verſos:

Porphyrio, domini ſi inceſtet in ædibus uxor,
Deſpondetque animum, præque dolore perit:
Abdita in arcanis naturæ eſt cauſa: ſit index
Sinceræ hæc volucris certa pudicitiæ.

O meſmo refere Camões em huma

Car-

Carta em verſo, que anda nas ſuas primeiras Rimas, dizendo:

Experimentou-ſe alguma hora
D'Ave que chamaõ Càmaõ,
Que ſe da caſa onde mora
Vê adultera a ſenhora,
Morre de pura paixaõ.

Porém o mais certo he naõ ſer eſte ſobrenome alcunha, ſenaõ appellido tomado do Caſtello de Camões, taõ antigo no Reino de Galliza que já ſe faz delle mençaõ na Chronica de S. Maximo, ſituando-o junto do promontorio Nereo, que agora ſe chama Cabo de Finis terra. Deſte territorio ha noticia, que tomáraõ nome os peros chamados camoezes, taõ conhecidos em toda a Heſpanha, e que daqui ſe leváraõ para as outras Provincias della, onde hoje ſe vem em grande cópia, e o que mais he:

Melhor tornados no terreno alhêo.

Principalmente neſte Reino, porque ſaõ os noſſos muito avantajados no ſabôr, e ſuavidade aos de Galliza, e por iſſo muito mais prezados. O primeiro da familia de Camões que paſſou a Portugal foi Vaſco Pires de Camões em tempo

po delRei D. Fernando, por ter seguido suas partes contra ElRei D. Henrique de Castella o bastardo. Deo ElRei D. Fernando neste Reino a este fidalgo em lugar do que deixára em Galliza, as villas do Sardoal, Punhete, Maraõ, e Amendoa, com o Concelho de Gestaço, e as herdades, e terras que foraõ em Estremôs, e Avís da Infante Dona Beatriz; e o fez Alcaide mór de Portalegre, e Alemquer, e hum dos principaes fidalgos de seu Conselho. Obrigado Vasco Pires destas mercês seguio depois as partes das Rainhas Dona Leonor, e Dona Beatriz contra ElRei D. Joaõ I. de Portugal, como largamente se contém tudo nas Chronicas do mesmo Rei (*). Pelo que sendo prezo na batalha de Aljubarrota perdeo todos os Vassallos, e fortalezas que tinha no Reino, e sómente lhe deixou a benignidade Real as terras, e herdades de Estremôs, e Avís, e outros bens particulares que tinha em Alem-

(*) *Chron. delRei D. Joaõ I. p. 1. c. 30. e 160. e 168. 179. e p. 2. c. 39. 46. 62. e Registos delRei D. Fernando.*

Alemquer, e Lisboa de que ſeus deſcendentes inſtituíraõ depois morgados rendoſos, principalmente em Aviz, e na Cidade de Evora, onde poſſuem algumas herdades, as quaes pelo appellido dos poſſuidores deo o povo nome de Camoeiras. Foi caſado Vaſco Pires de Camões com huma filha de Gonçallo Tinreiro, a quem ElRei D. Fernando fez Capitaõ mór das armadas de Portugal, e ElRei D. Joaõ I. ſendo ainda defenſor do Reino lhe deo a Capitanía de Lisboa (*). E depois, ſeguindo as partes da Rainha Dona Beatriz, ſe intitulou Meſtre de Chriſto. Deſte matrimonio teve Vaſco Pires a Gonçallo Vaz de Camões, Joaõ Vaz de Camões, e Conſtança Pires de Camões, mulher de Pedro Severim fidalgo Francez, de quem ſe faz mençaõ na tomada de Ceita. Gonçallo Vaz, que foi o filho mais velho, caſou com Conſtancia da Fonſeca, filha de Affonſo Vaſques da Fonſeca, Alcaide mór de Moreira, e Marialva (filho de Vaſco Fer-

(*) *Chr. DelRei D. Joaõ I. p. 2. c. 62. e Regiſtos DelRei D. Fernando, e D. Joaõ I.*

Fernandes Coutinho Meirinho mór, e senhor de Liomil, progenitor dos Condes de Marialva) da qual teve Antonio Vaz de Camões, o qual foi pai de Lopo Vaz de Camões, e de Dona Aldonça Annes de Camões, mulher de Rui Caſco, Alcaide mór de Avís.

Lopo Vaz de Camões caſou com Ignez Dias da Camara, filha de Diogo Affonſo de Aguiar da Ilha da Madeira, e de ſua primeira mulher Iſabel Gonſalves da Camara, filha de Joaõ Gonſalves da Camara, primeiro Capitaõ do Funchal, e progenitor dos Condes da Calheta, da qual teve Antonio Vaz de Camões, Simaõ de Camões, e Duarte de Camões.

Antonio Vaz de Camões caſou com Dona Iſabel de Caſtro filha de D. Joaõ de Caſtro (irmaõ de D. Fernando de Caſtro, que foi Avô do primeiro Conde de Baſto) e de Dona Franciſca de Brito filha de Fernaõ Brandaõ o Velho de Evora, da qual teve a Lopo Vaz de Camões, e Luiz Gonçalves de Camões, que fez hum morgado em Avís chamado da Torre, que hoje poſſue Simaõ de Camões filho de Duarte de Camões,

mões, teve mais a Dona Francisca de Castro, mulher de D. Martinho de Sousa.

Lopo Vaz de Camões casou com Dona Maria da Fonseca, filha de Gaspar Rodrigues Preto, filho de Jorge Rodrigues Preto Estribeiro mór da Emperatriz Dona Isabel, da qual teve a Antonio Vaz de Camões, e Dona Anna de Castro mulher de Diogo Lopes de Carvalho, Senhor dos Coutos de Negrellos, e Abbadim.

Antonio Vaz de Camões casou com Dona Francisca da Silveira, filha de D. Alvaro da Silveira, filho de D. Diogo da Silveira, Conde de Sortelha, e Guarda mór delRei D. Joaõ III. da qual teve a Lopo Vaz de Camões e outros filhos que hoje vivem.

Joaõ Vaz de Camões Filho segundo do primeiro Vasco Pires de Camões, foi Vassallo delRei D. Afonso V. (titulo muito principal naquelle tempo) e servio ao mesmo Rei nas guerras de Africa, e Castella. Viveo na Cidade de Coimbra da qual foi benemerito Cidadaõ, indo por seu Procurador ás Cortes daquelles trabalhosos tempos da cria-

çaõ

çaõ delRei D. Afonſo , teve o cargo de Corregedor daquella Comarca: officio entaõ de grande juriſdicçaõ; porque naõ havia mais de ſeis no Reino, e ordinariamente eraõ fidalgos muito honrados, e naõ profeſſavaõ letras, como ainda agora ſe uſa em algumas partes de Heſpanha. Tudo iſto conſta do Epitafio de ſua ſepultura, que eſtá em huma Capella da Craſta da Sé de Coimbra, que o meſmo Joaõ Vaz de Camões mandou fazer, onde á parte do Evangelho ſe vê hum tumulo levantado de marmore, todo lavrado de figuras de meio relevo, e nos cantos duas maiores com eſcudos das ſuas armas nas mãos, e emcima do tumulo eſtá a figura do meſmo Joaõ Vaz armado ao modo antigo com huma eſpada na maõ, e aos pés hum rafeiro deitado. Eſta Capella tem agora o arco quaſi tapado de huma parede de tijollo, porque como faltaraõ os deſcendentes do inſtituidor, ficou devoluta, e ſem haver quem a ornaſſe, e tiveſſe cuidado della.

Caſou Joaõ Vaz de Camões com Ignes Gomes da Silva, filha baſtarda de Jorge da Silva, o qual era filho

lho de Gonçallo Gomes da Silva, e neto de Diogo Gomes da Silva, irmaõ de Joaõ Gomes da Silva, Alferes mór del-Rei D. Joaõ I., e ſenhor de muitas terras. Della teve a Antaõ Vaz de Camões, o qual caſou com Guimar Vaz da Gama (dos Gamas do Algarve que trazem ſua origem dos de Alentejo) e della houve Simaõ Vaz de Camões, que indo por Capitaõ de huma náo á India, ſegundo Pero de Maris, ſe perdeo na Coſta de terra firme de Goa, e eſcapando do naufragio morreo pouco depois na meſma Cidade. Foi caſado Simaõ Vaz com Anna de Macedo (dos Macedos de Santarem) e della teve o noſſo Poeta Luiz de Camões. Eſtes foraõ ſeus progenitores, pelos quaes ſe moſtra que naõ foi menos illuſtre no ſangue, que no engenho; e ainda que a falta dos bens da fortuna em que ſe criou (como quem perdeo o pai de taõ pouca idade) lhe tiraſſe em parte os ornamentos exteriores, com que ſe faz eſtimar a nobreza naõ lhe póde nunca tirar a grandeza de penſamentos, que de ſeus antepaſſados herdára.

Naſ-

Nasceo Luiz de Camões Reinando ElRei D. Manoel, pelos annos de 1517. na Cidade de Lisboa, como o testefica Manoel Correa seu Comentador, que o conheceo, e foi seu familiar amigo, e naõ em Coimbra como alguns cuidaraõ, pela vivenda antiga que seus Avôs alli tiveraõ. Por esta razaõ chama tantas vezes ao Tejo, patrio, e invoca no principio dos seus Luziadas as Nynphas do mesmo rio, dizendo:

E vós Tagides minhas, pois criado
Tẽdes em mim hũ novo engenho ardẽte,
Se sempre em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Daime agora hũ som alto, e sublimado,
Hum estillo grandiloco, e corrente;
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que naõ tenhaõ inveja ás de Hypocrene.

E no Canto 3. estan. 2. quando pede favor a Caliope:

Põe tu Nympha em effeito meu desejo,
Como merece a gente Luzitana,
Que veja, e saiba o mundo, q̃ do Tejo,
O licor de Aganippe corre, e mana, &c.

Porém naõ foi só Coimbra a que contendeo sobre ter por seu filho taõ excellente engenho; pois antigamente as se-

ſete Cidades Gregas pretenderaõ com naõ menores invejas o naſcimento de Homero, querendo cada qual, ſer ſua patria. Sendo moço foi eſtudar a Coimbra, que entaõ começava a florecer em todas as ſciencias por beneficio de El-Rei D. Joaõ III. conduſindo eſte excellente Principe para meſtres dellas, varões inſignes, e dos mais peritos que entaõ havia em Europa, dos quaes elle aprendeo a lingoa latina, e Filoſofia, e mais letras humanas com tanta perfeiçaõ, como moſtraõ ſeus eſcritos, e adiante diremos. Deſta eſtada em Coimbra fazem mençaõ alguns dos ſeus verſos, e em particular a cançaõ que na primeira parte das ſuas Rimas he a 4. e começa:

Vaõ as ſerenas agoas
Do Mondego deſcendo,
Manſamente que até o mar naõ paraõ.
Por onde minhas magoas
Pouco, e pouco creſcendo
Pera nunca acabar ſe começáraõ, &c.

O meſmo ſe vê no Soneto terceiro da ſegunda parte das Rimas que diz:

Doces agoas, e claras do Mondego,
Doce repouſo de minha lembrança,
On-

Onde a comprida, e perfida esperança
Longo tempo apos si me trouxe cego;
De vós me aparto, &c.

Destes, e outros versos que fazia naquelle tempo se vê bem quam cedo começou a exercitar a Poesia, e com quanta perfeiçaõ; e como esta arte seja ás vezes mais estimada nas Cortes dos Principes, que nas Escolas, parece que esta o trouxe outra vez a Lisboa, onde continuou algum tempo, até que huns amores, que (segundo dizem) tomou no Paço o fizeraõ desterrar da Corte. Desta ausencia parece se queixa naquella sua ellegia que começa:

O sulminense Ovidio desterrado, &c.

Onde depois de descrever o sentimento que Ovidio tinha no desterro, diz assi:

Desta arte me a figura a phantasia,
A vida com que vivo desterrado,
Do bem que noutro tempo possuia.

E mais abaixo:

Alli me representa esta lembrança
Quã pouca culpa tenho, e me entristecè
Ver sem razaõ a pena que me alcança.

E porque naõ cuidemos que falla de alguma das suas peregrinações fóra do Rei-

Reino, diz logo abaixo as cousas que via do lugar onde estava degradado:

Vejo o puro suave, e brando Tejo,
Com as concavas barcas que nadando
Vaõ pondo em doce effeito seu desejo.
Humas cobrando vento navegando,
Outras cos leves remos brandamente
As cristalinas agoas apartando.
Dali fallo com agoa que naõ sente,
Com cujo sentimento a alma sai,
Em lagrimas desfeita claramente.
O' fugitivas ondas esperai,
Que pois me naõ levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai!
Ate que venha aquelle alegre dia,
Que eu va onde vos is, contente, e ledo,
mas tanto tempo quem o passaria?
Naõ pode tanto bem chegar tam cedo,
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tam aspero degredo, &c.

Neste comenos devia de passar a Ceita, onde esteve algum tempo, como se vê da sua elegia, que começa:

Aquella que de Amor descomedido, &c.

Onde abaixo diz:

Ando gastando a vida trabalhosa,
Espalhando a continua saudade,
Ao longo de huma praia saudosa, &c.

E

E logo :

E como isto a figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira gente, e estranha usança.
Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar mediterrano.
Dali estou tenteando aonde vio
O pomar das Hesperides, matando
A serpe, que a seu passo resistio;
Em outra parte estou afigurando
O poderoso Anteo, que derrubado,
Mais força se lhe estava acrescẽtãdo, &c.

Aqui parece teve sua primeira milicia, e que n'algum recontro com os Mouros, foi ferido de hum pelouro no olho direito, com que o perdeo, como elle toca na Cançaõ que começa:

Vinde qua meu taõ certo secretario.

Onde depois de cantar os sentimentos de sua afeiçaõ, diz assi:

Desta arte a vida n'outra fui trocando,
Eu naõ, mas o destino fero, irado,
Que eu ainda assi por outra a naõ trocára;
Fesme deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes, me teve a vida cara;
Agora experimentando a furia rara

De Marte, que c'os olhos quis que logo
Visse, e tocasse o acerbo fruito seu.
E neste escudo meu,
A pintura veraõ do infesto fogo, &c.

Que lhe acontecesse isto em Africa, e naõ na India, se mostra pola carta primeira que escreveo da India a hum amigo ao qual, dando novas de hum Manoel Sarraõ; diz Que *sicut & nos, manqueja de hum olho*, como cousa já antiga, e notoria nelle em Portugal. Esta ferida lhe afeou notavelmente o rosto, por onde era chamado das damas, Diabo, e Cara sem olhos, a que elle respondeo muitas vezes cortesã, e graciosamente, como se vê de seus versos. Porém ainda que a falta da vista lhe tirou a gentileza exterior com as damas, naõ a perdeo no conceito dos que o viaõ assinalado no rosto da maõ dos infieis; porque semelhantes finaes de Marte fazem as faces mais fermosas, que os de Venus. E assi se na Poesia o podemos comparar a Homero (que tambem, segundo alguns, careceo da vista) nas armas naõ irá menos ufano, que Felippe, Antiocho, Annibal, e Sertorio, que de perderem hu-

ma

ma viſta na guerra ſe naõ gloriaraõ pouco: Tornando ao Reino, ou por cauſa dos amores da Corte, ou por ver que as flores de ſua poeſia lhe naõ davaõ fruito (como coſtumaõ) ou por os reſpeitos que na primeira carta que anda nas ſuas Rimas, aponta, determinou de ſe paſſar á India, por ſer eſta (ſegundo elle diz) ſepultura de todo o pobre honrado, e ſem duvida que elle levara penſamento de a eſcolher por ſua, porque além de ſe embarcar dizendo aquellas palavras de Sipiaõ: *Ingrata patria, non poſſidebis oſſa mea*, como refere na ſua Carta, naõ ſe veio da India acabados os annos da milicia ordinaria, mas depois de 16. annos de aſſiſtencia como veremos adiante. Naõ achei em ſeus verſos, nem em memoria alguma o anno em que ſe embarcou; ſómente eſcreve que tanto que chegou a Goa ſahio o Viſo-Rei com huma grande armada ſobre ElRei da Pimenta. Foi eſta empreſa ſegundo referem as hiſtorias da India no fim do anno de 1553. (*) Pelo que conſta que partio de Lisboa no Março de 1553. com Fer-

(*) *Chron. delRei D. João III. p.44. c.103.*

nand'Alvres Cabral, que indo por Capitaõ mór de quatro náos, ſó elle chegou á India nos primeiros de Setembro do meſmo anno. Era entaõ Viſo-Rei, daquelle Eſtado D. Afonſo de Noronha, com o qual logo no Novembro ſeguinte Luiz de Camões ſe embarcou em huma groſſa Armada, em que o Viſo-Rei foi ao Malavar, para favorecer ElRei de Cochim, e o de Porca, e outros amigos do Eſtado, a quem ElRei da Pimenta (que por outro nome Chamaõ de Chembé) tinha apertado, e tomado algumas Ilhas. Tanto que o Viſo-Rei ſurgio no porto mandou ſahir a gente nas ilhas, e com morte de muitos Malavares foraõ deſtruidas, e queimadas pelos noſſos, o que obrigou a pedir pazes ao Rei da Pimenta, como largamente ſe conta na Chronica delRei D. Joaõ III. (*) e na Sexta Decada de Diogo do Couto. Eſta primeira jornada deſcreve Luiz de Camões breve, e elegantemente na Elegia da ſua viagem, que começa:

O Poeta Simonides fallando, &c.

On-

(*) *Chr. delRei D. Joaõ III. p.* 4. *c.* 103. *Couto Decad.* 6. *lib.* 10. *c.* 16. *&* 17.

Onde depois de contar como partira de Lisboa, e passára o cabo de Boa-Esperança, diz assi:

Desta arte me chegou minha ventura
A esta desejada, e longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós se encerra;
E nos proprios quam pouca, contra quē
Foi logo necessario termos guerra.
Que huma Ilha que o Rei de Porca tem,
Que o Rei da Pimenta lhe tomára
Fomos tomarlha, e succedeo nos bem.
Com huma Armada grossa, q̃ ajuntára
O Visorei, de Goa nos partimos,
Cõ toda a gente de armas, q̃ se achara.
E com pouco trabalho destruimos
A gente, no curvo arco exercitada:
Com mortes, com incendios os punimos.
Era a Ilha com agoas alagada,
De modo que se andava em Almadias,
Em fim outra Veneza trasladada.
Nella nos detivemos sós dous dias,
Que foraõ pera alguns os derradeiros.
Que passaraõ de Stygie ás agoas frias.

Provase tambem passar neste anno á India, porque no mesmo tempo succedeo em Ceita a perda de D. Pedro de Me-

ne-

nefes, a quem ElRei D. Joaõ III. (*) mandára por Capitaõ daquella Cidade no anno de 1549. em lugar de D. Afonſo de Noronha, quando foi para Viſo-Rei da India, e entre outros fidalgos, a quem os Mouros matáraõ naquelle recontro, foi D. Antonio de Noronha ſobrinho do meſmo Capitaõ, filho do Conde de Linhares D. Franciſço de Noronha, o qual tinha ſido particular amigo de Luiz de Camões no Reino. Chegáraõ eſtas novas á India, juntamente com as do falecimento do Principe D. Joaõ que foi em Janeiro de 1554. no Setembro do meſmo anno, e deraõ occaſiaõ a Luiz de Camões compor a Egloga de Umbrano, e Frondelio que anda nas ſuas Rimas, como elle meſmo diz na ſua primeira carta que eſcreveo da India no Janeiro de 1555. em que lamenta eſtas duas mortes. Neſte meſmo anno de 1555. (**) mandou o Viſo-Rei D. Pedro Maſcarenhas (que já ſuccedera a D Afonſo de Noronha) huma armada ao Eſtreito

(*) *Chron. delRei D. Joaõ III. p. 4. c. 69.*
(**) *Couto Dec. 7. lib. 1. cap. 3.*

to de Meca, de que deu a Capitania mór a Manoel de Vaſconcelos, o qual partio de Goa em Fevereiro, e levou ordem do Viſo-Rei que ſe foſſe pôr nas portas do Eſtreito, junto do Monte Felix, a eſperar as náos dos Mouros. Eſteve neſte porto Manoel de Vaſconcellos até ſe lhe gaſtar a monçaõ, e depois ſe foi invernar a Ormus, donde dando guarda á frota, tornou a entrar em Goa nos primeiros de Outubro. Neſta armada, parece foi Luiz de Camões, e que na eſtancia do monte Felix compôs aquella ſua Canſaõ em que deſcreve particularmente aquelle monte, e paragem, como ſe della vê, que diz aſſi:

Junto de hum ſeco, fero, e eſteril monte
Inutil, e deſpido, calvo, informe,
Da natureza em tudo aborrecido
Onde nem ave voa, ou fera dorme,
Nem rio claro corre, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce roido;
Cujo nome do vulgo introduzido,
He Felix por antifraſi infelice.
O qual a natureza,
Situou junto á parte
Onde hum braço de mar alto reparte
A Abaſſia, da Arabica aſpereſa,
On-

Onde fundada já foi Berenice
Ficando á parte donde
O Sol que nella ferve se lhe esconde.
Nelle aparece o Cabo com que a costa
Africana, que vem do Austro correndo,
Limite faz, Aromata chamado,
Aromata outro tempo que correndo
O tempo, a rude lingoa mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar que quer apressurado
Entrar pola garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo, e teve,
Minha fera ventura;
Aqui nesta remota, aspera, e dura
Parte do mundo, quis que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço;
Porque ficasse a vida,
Pelo Mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastãdo huns tristes dias,
Tristes, forçados, máos, e solitarios,
Trabalhosos, de dor, e de ira cheos,
Naõ tendo taõ sómente por contrarios
A vida, o Sol ardente, as agoas frias,
Os ares grossos, fervidos, e feos,
Mas os meus pensamentos, &c.

Chegado a Goa, diz Pero de Mariz que o mandou o Viso-Rei por Provedor mór dos defuntos da China, o que

que parece naõ póde ser ; porque o Viso-Rei D. Pedro Mascarenhas , falleceo em Goa , aos dezaseis de Junho deste anno de 1555. , e a armada do monte Felix tornou áquella Cidade no Outubro seguinte do mesmo anno em que já governava havia quasi quatro mezes Francisco Barreto ; pelo que mais certo parece o que outros affirmaõ , e he que chegando Luiz de Camões a Goa fez aquella Satira que anda no fim da primeira parte das suas Rimas, contra alguns moradores daquella Cidade, com titulo , de Festas que se fizeraõ á successaõ do Governador , do que sentindo-se Francisco Barreto, ou por zelo da justiça , ou por queixas dos motejados, o mandou prender , e desterrou para a China, no anno seguinte de 1556. (*) em que despachou alguns Capitães para o Sul. A isto favorecem os versos do mesmo Poeta , o qual se queixa deste desterro , e prisaõ mandada fazer pelo Governador, e de hum terrivel naufragio que padeceo na costa de Cam-

(*) *Couto Deccado* 7. *lib.* 4. *c.* 3.

Camboja, junto do rio Mecon, como diz na eſtan. 128. do Cant. 10.

Eſte receberá placido, e brando
No ſeu regaço os cantos, que molhados
Vem do nauſragio triſte, e miſerando,
Dos proceloſos baixos eſcapados:
Das fomes, dos perigos grãdes, quando
Será o injuſto mando executado
Naquelle, cuja lira ſonoroſa,
Será mais afamada que ditoſa.

E no canto 7.: eſtan. 81. onde pede favor ás Nynfas do Tejo para cantar os Varões Illuſtres que finge levava D. Vaſco da Gama pintados nos toldos, e bandeiras, e moſtrava ao Catual ſeu irmaõ Paulo da Gama. Entre outras queixas que da dos poucos premios que recebia de ſeus verſos, diz aſſi:

E ainda Nynfas minhas naõ baſtava
Que tamanhas miſerias me cercaſſem;
Se naõ que aquelles q̃ eu cantãdo andava,
Tal premio de meus verſos me tornaſſem.
A troco dos deſcanços que ſperava.
Das capellas de louro que me honraſſem,
Trabalhos nunqua uſados me inventaraõ,
Com que em taõ duro Eſtado me deitaraõ

E na Cançaõ 10. das primeiras Rimas:

Em

Em fim naõ houve tranſe de Fortuna,
Nem perigos, nem caſos duvidoſos
(Injuſtiças daquelles, que o confuſo
Regimento do mundo antigo abuſo
Faz ſobre os outros homens poderoſos)
Que eu naõ paſſaſſe, &c.

De maneira que eſta jornada naõ foi por deſpacho ſenaõ por pena, e degredo, pois diz que a fez quando foi contra elle o injuſto mando executado. Neſte tempo em que andou pelas partes do Sul eſteve nas Ilhas de Moluco, e particularmente na de Ternate, de quem, e do ſeu Vulcano que eſtá no ſimo do monte faz particular mençaõ na ſua Cançaõ 6. que diz:

Com força deſuſada
Aquenta o fogo eterno
Huma Ilha, lá nas partes do Oriente,
De eſtranhos habitada,
Aonde o duro inverno
Os campos reverdeſſe, alegremente:
A Luſitana gente
Por armas ſanguinoſas,
Tem della o ſenhorio:
Cercada eſtá de hum Rio
De maritimas agoas ſaudoſas;
Das ervas que aqui naſcem

Os

Os gados juntamente, e os olhos pascem.
Aqui minha ventura
Quis que huma grande parte
Da vida que naõ tinha se passasse,
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte,
De sãgue, e de lẽbranças matisasse, &c.

A assistencia de Macáo parece que foi a ultima do tempo que andou no Sul, pois vindo de lá padeceo o naufragio, que foi o derradeiro trabalho antes de chegar a Goa. Em Macáo teve o officio de Provedor mór dos defuntos, e com a commodidade do lugar devia de compôr aqui alguma boa parte dos seus Luziadas, pois de lá os trouxe consigo. Acabado o seu tempo se embarcou para Goa com esperanças de lograr algum descanço nella; porque vinha rico do que houvera do cargo, e dos amigos; porém succedeo-lhe ao contrario, como acontece ás mais das esperanças do mundo. Porque navegando pela Costa de Comboja se perdeo na paragem da Foz do Mecon, Rio que nascendo na China, corre por muita distancia de terras, e de-

devidindo pelo meio a Camboja, cref-cido com as grandes corrtntes de ou-tros rios que recebe, vem ſair ao mar em hum lago de mais de ſeſenta le-goas de Comprido. Aqui deu a ſua náo em huns baixos onde ſe fez em peda-ços padecendo todos hum miſeravel naufragio: Luiz de Camões ſe ſalvou em huma taboa, e em taõ apertado, e manifeſto perigo ſó teve lembrança dos cantos dos ſeus Luſiadas para os levar conſigo, eſquecendo-ſe de tudo o mais que trazia, no que naõ merece menor louvor, que o que ſe dá a Ce-ſar, quando eſcapou no porto de Ale-xandria nadando com huma maõ, e le-vando os ſeus Comentarios na outra. Deſte naufragio ſe queixa Luiz de Ca-mões muitas vezes, e em particular no Canto 7. eſtan. 80. referindo-o entre outros trabalhos ſeus:

Agora com pobreza aborrecida,
Por hoſpicios alheios degradado,
Agora da eſperança já acquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás coſtas eſcapando a vida,
Que de hum fio pendia taõ delgado,
Que naõ menos milagre foi ſalvar-ſe,

Que

Que pera o Rey judaico acrescentar-se.

E na Cançaõ 10. das Rimas:

A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via
No primeiro perigo, e no segundo
Terra em que pôr os pés me falecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltavame em fim o tẽpo, e mundo &c.

No porto deste Rio esteve Luiz de Camões algum tempo reparando-se da perda do naufragio, e com esta occasiaõ, dizem que compôz aqui aquella sua traduçaõ do Psalmo: *Super flumina Babylonis*, que começa:

Sobolos rios que vaõ, &c.

Na qual acomodando a si aquelles trabalhos, e sentimento de que trata o Psalmo, mostra bem o que padeceo, e como recorreo logo a Deos por remedio de seu mal, conformando-se Cristãmente neste, e nos outros infortunios da vida, com o que delle despunha a divina Providencia, como se vê da sua Cançaõ já referida onde diz:

Já de mal que me venha naõ me arredo,
Nem bem que me falleça já pretendo
Que pera mim naõ val astucia humana,
De força soberana,

Da

Da providencia, em fim divina, pẽdo &c.

Reformado deste naufragio se veio a Malaca, e dahi a Goa, onde chegou Governando o Viso-Rei D. Constantino, e naõ Francisco Barreto, como diz Pero de Maris. O que além de constar pelo seu Comentador Manoel Correa, se prova tambem pola razaõ dos tempos. Porque vindo Luiz de Camões da armada do monte Felix em Outubro de 1555. naõ podia partir para o Sul senaõ já no anno de 1556. em que o Governador Francisco Barreto despachou os Capitães das viages para aquellas partes, como temos dito. E acabando o governo de Francisco Barreto a 3. de Setembro de 1558. (*) em que chegou o Viso-Rei D. Constantino a Goa, naõ podia ser, que em espaço de dous annos sómente fosse a Malaca, estivesse em Maluco, e voltasse á China, e exercitasse lá o cargo de Provedor mór, e tornasse a Goa. Por onde o certo parece, que veio a Goa depois que o Viso-Rei D. Constantino entrou no gover-

(*) *Couto Dec.* 7. *lib.* 5. *c.* 8. *o Com. de Cor. Canto* 7. *est.* 18. *& no Canto* 10. *est.* 128.

verno daquelle Estado. Ajudaõ tambem a estas conjecturas as oitavas que fez ao mesmo Viso-Rei estando já em Goa, que começaõ:

Como nos vossos hombros taõ constantes,
Principe illustre, e raro, sustenteis
Tantos negocios arduos, e importantes,
Dignos de largo Imperio, q̃ regeis, &c.

Nas quais oitavas se trata já da tomada de Damaõ, e jornada de Jafanapataõ, feitas pelo Viso-Rei. Pelo que segundo isto chegou Luiz de Camões a Goa depois do anno de 1560. em que o Viso-Rei D. Constantino tinha já acabadas estas empresas. Pouco mais durou o governo ao Viso-Rei, em cujo tempo naõ parece que Luiz de Camões teve prizaõ alguma, pelo officio que administrou na China; antes mostra nas oitavas referidas, estar favorecido delle, e pareça que devia ser seu antigo Mecenas, como tambem o tinha sido antes no Reino o Duque D. Theodosio seu irmaõ. Além disto consta que neste tempo foi o seu graciosо banquete, para o qual convidou a D. Francisco de Almeida, D. Vasco de Ataide, Eitor da Silveira, Joaõ Lopes Leitaõ,

e Francisco de Mello, e depois de os receber em huma casa bem adereçada, e os sentar á Mesa, que tinha muito composta, descobrindo-se os partos acháraõ nelles versos escritos, em lugar de iguarias, como se vê na primeira parte das suas Rimas; com o que o banquete ficou assaz festejado, e celebrado entaõ, e depois em toda a parte. Todos estes Fidalgos andavaõ em Goa no ultimo anno do Visorey D. Constantino, e na Setima Decada de Diogo do Couto, se faz entaõ mençaõ delles. Deste tempo saõ as oitavas q̃ fez do desconcerto do mundo a D. Antonio de Noronha, q̃ depois governou aquelle Estado, e outros muitos versos a varios fidalgos q̃ estaõ nas suas Rimas; dos quaes se vê bem quam estimado andava o nosso Poeta de toda a fidalguia da India, e naõ com novas molestias. Aqui gastou liberalmente o que trouxe do Sul, e lhe deraõ seus amigos, e foi nisto taõ largo que em breve tempo tornou á pobreza com que começára; o que lhe aconteceo por vezes, com alguma nota dos que por isto o tinhaõ em conta de mal considerado, naõ atentando que os generosos espiritos padeceraõ muitas ve-

zes esta falta, porque naõ lhe sofre a grandeza do animo aplicar-se ás cousas inferiores, e de interesse; assi lemos de Homero, Socrates, Crates, Marcial, Valerio Flaco, e outros sublimes engenhos, que nunca curáraõ de ser ricos, mas de enriquecer a todos com suas obras.

Em Setembro de 1561. teve sucessor no cargo o Visorei D. Costantino. E diz Diogo do Couto, que atè seu tempo durou naquelle Estado a primitiva India, em que os homens pretendiaõ sómente ser vaserosos, e honrados, e desprezavaõ o interesse; e que dali por diante começou a ser idolatrada a avareza, ao qual vicio chama a Sabedoria Divina, raiz de todos os males, e como este se foi apoderando daquelle Estado, tem introduzido nelle tantos, que parece ja agora irremediavel sua cura, se Deos milagrosamente lhe naõ acode.

Começou logo Luis de Camões a sentir esta declinaçaõ, porque naõ lhe valeo o favor que o Conde do Redondo novo Visorei lhe fez (como se vê dos versos que lhe compós) para deixar de ser em seu tempo prezo: e segundo parece, pelas culpas de que foi acusa-

do

do na administraçaõ do officio da China. E naõ bastou livrarse desta accusaçaõ para sair do cacere, onde esteve algum tempo, porque Miguel Rodriguez Coutinho fios seccos, pessoa nobre, e rica o embargou na prizaõ por certo dinheiro que lhe tinha emprestado. De maneira, que lhe foi necessario a Luis de Camões socorrer-se de novo ao Conde Visorei, como se vê daquellas redondilhas, que andaõ na segunda parte das Rimas, e começaõ:

Que Diabo ha taõ danado,
Que naõ tema a cutilada,
Dos fios secos da espada,
Do fero Miguel armado?

Livre desta prizaõ continuou depois alguns annos em Goa, invernando em terra, e embarcando-se os Verões nas armadas, onde compôs as mais de suas Odes, e Canções, como se dellas vê, que todas fallaõ com Neptuno, com as Nereidas, e outras Ninfas, a quem a Gentilidade venerava por Deidades maritimas. Nos successos de guerra em que estas armadas se acháraõ, se mostrou sempre valeroso soldado, como quem naõ sabia voltar as costas aos ini-

migos. Nem lhe embotáraõ as letras a lança, antes lhe acrescentaraõ o valor, porque por isso fingiaõ os Antigos, que a mesma Pallas era Deosa das sciencias, e das armas; e Luis de Camões servio nestas occasiões de maneira que sempre se louvou disso, como se vê no Canto 10. estanc. penult. fallando com ElRey D. Sebastiaõ, onde diz:

Para servirvos braço ás armas feito,
Para cantarvos mente ás Musas dada &c.

E no Canto 7. estanc. 79.

Agora o Mar, agora exprimentando
Os perigos Movorcios inhumanos,
Qual Canace que á morte se condena,
N'uma maõ sẽpre a espada, e noutra a penna.

He esta abonaçaõ que Luis de Camões dá de seu esforço de grande credito, pelas muitas testemunhas vivas que tinha naquelle tempo, e os Portuguezes saõ taõ rigurosos censores da verdade, que só naõ consentem, a seus visinhos gabarse do que naõ tem, mas ainda ás vezes lhe confessaõ difficultosamente o que na verdade possuem. Tinha ja neste tempo composto o seu Poema heroico dos Lusiadas, e como elle conhecia o grande preço desta obra, de-

ter-

terminou de ſe embarcar para o Reino a oferecella a ElRey D. Sebaſtiaõ (ainda que entaõ por ſer de pouca idade naõ governava)Porém Pero Barreto o tirou deſte penſamento, por o levar conſigo a Moçambique, onde hia entrar por Capitaõ de Sofalla. Foiſe com elle Luis de Camões movido de ſuas promeſſas, mas embreve tempo ſe vio deſenganado dellas. Pelo que chegando áquella Ilha a náo Santa Fé, que vinha para o Reino ſe quis nella embarcar. Acodio a lho impedir Pero Barreto, e ou movido do deſejo de o ter conſigo, ou por quaeſquer outros reſpeitos lhe pedio duzentos cruzados que gaſtára com elle na matalotagem de Goa atè Moçambique. Vinhaõ naquella náo muitos fidalgos amigos de Luis de Camões, em que entravaõ Eitor da Silveira, Antonio Cabral, Luis da Veiga, Duarte de Abreu, e Antonio Sarraõ, aos quais deu noticia do que paſſava, e elles fintandoſe entre ſi, pagaraõ eſta contia, e o trouxeraõ á ſua conta atè o Reino. Vinha tambem neſta náo Diogo do Couto, que depois foi Chroniſta, e primeiro guarda mór do Tombo do Eſtado da

In-

India, o qual diz em huma carta, que no anno de mil e seiscentos e onze escreveo a hum amigo seu deste Reyno, que por o ser grande de Luis de Camões lhe comunicou elle a obra dos seus Lusiadas, e que lhe pedio os quisesse comentar, o que Diogo do Couto fez depois em parte como em sua vida se verá.

Chegou Luis de Camões a Lisboa na maior força da peste, que chamaõ grande, correndo o anno de mil e quinhentos sessenta e nove, e assi lhe foi necessario esperar que acabasse aquelle mal para poder pôr suas cousas em ordem, e imprimir o seu poema; em que se passaraõ quasi dous annos, porque no de mil e quinhentos setenta e dous sahio á luz com esta admiravel obra; porque de sua miliçia e peregrinações está bastante dito, falaremos agora da excellencia de seu engenho, e doutrina, que nos Varoens doutos he o que principalmente se considera.

Para poder explicar as perfeições deste poema saõ necessarios mais livros que os que gastou Macrobio em apontar as das Eneadas. (*) Porque este ge-

ne-

(*) *Macro. á l. 3. Satur. usq. ad totum sextu.*

nero de poema, assi como tem o principal lugar na poesia, (*) assi he taõ dificultosa na composiçaõ, se se houverem de guardar perfeitamente todos os preceitos da arte, que des do principio do Mundo atè o tempo do nosso Poeta naõ houve mais que quatro a quem se pudesse dar este louvor. Estes foraõ Homero entre os Gregos, Virgilio nos Latinos, Torquato Tasso entre os Italianos, e o nosso Poeta em Hespanha. Com tudo entre estes, merece Luis de Camões particular louvor, porque ainda que naõ excedeo em tudo atodos, ao menos se a ventejou a cada hum em alguma parte, como logo veremos.

O Poema heroico, a que os Gregos chamaõ Epico, tem cinco partes essenciaes (a que parece se redusem todas as mais) que saõ: ser Imitaçaõ heroica, honesta, util, e deleitosa. O ser huma só acçaõ he cousa taõ importante, que no poema Epico se tem por sua sustancia, como se vê de toda a arte poetica de Aristoteles, e fundase este preceito na razaõ natural da imitaçaõ, e pin-

---

(*) *Scaligerus Poetices. lib 1. c. 13.*

tura, que moſtra naõ ſe poderem imitar duas acções juntamente, e eſta he a diferença q̃ ha entre o Poeta Heroico, Hiſtoriador, porque o Hiſtoriador eſcreve a narraçaõ das couſas como aconteceraõ ſucceſſivamente, mas o Poeta eſcolhe huma ſó acçaõ de hum Heroe e eſſa refere, naõ pontualmente como foi, mas como convinha ſer ornada a narraçaõ com varios Epiſodios, que ſaõ digreſſões de fabulas, acontencimentos, e enredos, com que com ſuavidade perſuada aos que o lerem, e ouvirem: *Oportet, igitur*, diz Ariſtoteles, *quem admodum in alijs imitatricibus, una imitatio unius eſt, ſic & fabulam, quia actionis imitatio eſt, uniuſque eſſe, & hujus totius*. E noutra parte. *Fabula quidem eſt una, non quemadmodum nonnulli urbitrantur, ſi circa unum fuerit; multa enim, & infinita genere contigunt, ex quibus nennullis nihil eſt unum: ſic autem, & actiones unius multæ ſunt, ex quibus una multa fit actio: quare omnes videntur peccare quicumque poetarum Heracleidem, & Theſeidem, & huiuſcemodi poemata fecerunt, putant enim, quia unus erat Hercules, unam*

&

& fabulam esse oportere. Homerus autem quemadmodum & cæteris rebus antecellit, & hoc videtur pulchre vidisse, sine propter artem, sive propter naturam; Odysseam enim faciens non complexus est carmine illo omnia quæcumque illi contigere &c. Verum circa unam actionem, qualem dicim us odisseam mansit, eodem pacto & Illiadem. O mesmo resolve Horacio na sua Poetica dizendo:

Denique, sit quoduis simplex duntaxat, & unum.

Por faltarem neste essencial fundamento de huma só acçaõ Ovidio, Siso Italico, e Lucano, senaõ tem por poetas heroicos; e entre os Modernos cahio tambem neste defeito Ludovico Ariosto, que no seu Orlando seguio, e propoz tão multiplicadas acções; cousa tanto contra os preceitos da Arte, o que verdadeiramente he muito de sentir em taõ florido e ornado Poema, como o de Ariosto, hum dos mais engenhosos, e abundantes entendimentos que até seu tempo houve, porque por errar esta acçaõ, naõ tomou a palma a muitos dos antigos e modernos, e se propusera, e

se-

ſeguira perfeitamente o furor de Orlando, que ella fez acçaõ ſecundaria, ainda tivera deſculpa, mas propondo tantas acções, como ſaõ:

Le done, i cavalier, l' arme, gli amori,
Le corteſie, l' audaci impreſe io canto &c.

Errou muito, aſſi em as multiplicar, como em as propor primeiras. E ſe o que diſſe por acçaõ ſecundaria de Orlando.

Dirô de Orlando en un medeſmo tratto
Coſa no detta inproſa, mai ne in rima,
Che per Amor veñe in furore, & matto
Huomo che ſi ſaggio era ſtimato prima. &c.

O propuſera por primeira, pudera defender-ſe, e foraõ entaõ menos e mais curtos epiſodios, que por razaõ das acções multiplicadas accumulou, com que o pema ficára mais proporcionado, e fermoſo: ainda que ſempre lhe faltára o principal, que he a qualidade da acçaõ, pois por ſer furia naſcida de couſa taõ indigna, como os amores de Angelica, naõ deve ſer imitada. Tanto perdem ainda os grandes engenhos faltos de Arte, avendo, como diſſe Horacio, de ſo-

ſogeitar a fertilidade do engenho aos preceitos della (*).

Ego nec ſtudium ſine divite vena,
Nec rude quid proſit video ingenium: alterius
Altera poſſit opem res, & conjurat amice &c.

Eſte preceito de ſeguir huma ſó acçaõ guardou excellentemente o Noſſo Poeta propondo o deſcobrimento da India, o qual fez D. Vaſco da Gama com ſeus ſoldados, como ſe vê do diſcurſo do poema, que começa navegando Vaſco da Gama junto a Maçambique: e acaba quando o meſmo Capitaõ entrou em Lisboa. Porém na propoſiçaõ, e titulo (como eſta obra era de outros ſegundos Argonautas) ſeguio a Appolonio Rhodio a quem ſe dá o primeiro lugar entre os Gregos, depois de Homero, o qual intitulou o ſeu poema, dos Argonautas, e na propoſiçaõ naõ nomeou a Jaſaõ Capitaõ da jornada, ſenaõ a todos os que cometeraõ aquella empreſa, e aſſi começa: (**)

A te principium ó Phæbe, priſcorum laudes virorum
Memorabo, qui Ponti per os, & petras
Cir-

(*) *Horat. de Arte poetica.*
(**) *Appollon. Rhod. lib. 1. Argo naut.*

Cyaneas, regis mandato Peliæ,
Aureum ad vellus probé instructam
transtris impulerunt Argo.

Depois desta primeira acçaõ tocou tambem Luis de Camões alguns dos principaes Episodios do Poema, o que por ser depois da principal acçaõ proposta, naõ he defeito, segundo se vê em Homero, e Virgilio, que tambem propuseraõ estas acções secundarias como julgará facilmente quem os bem considerar.

A segunda condiçaõ do Poema heroico, he ser acçaõ Honesta, e digna de se imitar, por quanto o fim da poesia, e principalmente heroica, he ensinar, incitar, e mover deleitando. Nesta parte excedeo muito Luis de Camões a Estacio na sua Thebaida, e a Claudiano no seu Rapto de Proserpina, porque ainda que estes Poetas acertáraõ mais que os outros em escolher huma só acçaõ, com tudo faltáraõ na qualidade della; porque as suas acções naõ saõ verdadeiramente dignas de se imitar, que he o fim, e intento de toda a poesia, pois o Argumento de Estacio foi o odio dos dous irmãos Etheocles, e

Po-

Polynices, acçaõ indigna de ser sabida, quanto mais imitada; e a de Claudiano he o roubo de Proserpina, tanto mais aborrecivel, quanto maior foi o roubador della. O argumento do poema heroico ha de ser honesto para se imitar, e admiravel para mover, e deleitar, no que Homero he digno de louvor em quanto conta os trablhos que Olysses padeceo até tornar á sua patria, mas naõ na conclusaõ do Poema; com as mortes que deu privadamente aos pretensores de Penelope desarmados. A esta materia se avantaja pouco a chegada de Eneas a Italia, e guerras sobre o Cervo que andando á cassa ferio Ascanio, acções em que ha poucõ do grande, e admiravel. E assi fica mui superior a todas ellas o argumento do nosso Poeta que trata do descobrimento da India, em que Vasco da Gama rodeou a maior parte da terra, vencendo com singular valor as forças dos elementos, as treições, e armas dos inimigos, fomes, sedes, estranhesa de climas, injurias dos tempos, e mostrou ao mundo o verdadeiro conhecimento de si mesmo, em que des de seu principio até entaõ esti-

tivera ignorante achando novas estrellas, e novos mares, comunicando o Oriente com o Occidente, de que se seguio dar aos povos de Europa a noticia de tantas drogas, fruitos, e pedras em que a natureza se mostrou maravilhosa, e benigna para com os mortaes, e aos moradores de Asia o conhecimento das Artes, policia, sciencias de Europa, e sobre tudo do verdadeiro Deos, de que os mais delles estavaõ totolmente ignorantes. Por onde na qualidade da acçaõ heroica fica o nosso Poema supereor a todos os Antigos, e Modernos.

Nem obsta contra isto, dizerem alguns, que profanou o Poeta esta honestidade, e grandeza da acçaõ com naõ guardar á Religiaõ o decóro devido, invocando Musas, e fingindo Concilios de Deoses, indecentes a Poeta Catholico, e que como tal devia entes invocar os Santos, e usar nas ficções de milagres e aparecimentos de Anjos, como alguns modernos fizeraõ. Porque a isto se responde, que notorio he, naõ ser a poesia outra cousa, se naõ huma imitaçaõ, ou fabula, a qual tras sempre comsigo, como parte essencial a invocaçaõ das Mu-

sas

ſas do Parnaſo, ſegundo a diviſaõ dos poemas, em que a Caliope coube o Heroico, e por iſſo he invocada nos poemas. Epicos, e eſta fabula pertence ſómente à poeſia, e ſó pelos poetas foi inventada. De maneira que até os Antigos que adoravaõ aos outros Deoſes Gentilicos por verdadeiros, tinhaõ as Muſas por fingidas, porque bem ſabiaõ, que nunca no Parnaſo houvera taes Deoſas, nem por eſſas eraõ tidas, nem adoradas das Republicas; ſendo pois iſto aſſi, claro fica que naõ uſou Luis de Camões de termo algum ſupreſticioſo pedindo ajuda a Divindades Gentilicas (pois eſtas foraõ ſempre conhecidas de todos por fabuloſas) mas que guardou o eſtillo do Poema heroico ſegundo os Latinos, que he invocar as Muſas depois de propor a acçaõ, e aſſi continuou a poeſia com os termos até entaõ coſtumados de poetas Catholicos, e graviſſimos, como foraõ Senaſaro no poema de *Partu Virginis* o Bispo Hieronimo Vide em quaſi todas as poeſias maiores, Bautiſta Mutuano Religioſo Carmelita nas ſuas vidas dos Santos, Juviano Pontano, Angelo Policiano, Miguel Maru-

rulo, e outros que feria largo referir. Porém em naõ introdufir Luis de Camões Anjos, e Santos nas fabulas que fingio, mais parrece digno de louvor que de reprehenfaõ, porque he indecencia grandiffima ufar dos nomes dos Santos para fabulas profanas, com a mefma facilidade com que os Gentios o faziaõ, e affi he muito de calumniar, que nos poemas de Torcato, e Ariofto andem os Anjos, e Santos fallando com os Cavaleiros andantes, e trafendo-lhes recado do Ceo, e que Saõ Joaõ Evangelifta leve a Aftolfo fobre o globo da Lua, a moftrar-lhe o fifo de Roldaõ, que eftava metido em huma redoma de vidro. Naõ fe haõ os Santos de tomar na boca, nem na hiftoria para materia de entretenimento, mas hafe de efcrever delles com toda a reverencia, e decencia devida, que naõ fe compadece mifturar as coufas fagradas com as profanas. Além de fer inconviniente grande em hum livro que trata de argumento verdadeiro, e em que fe haõ de referir verdadeiros milagres, efcreverem-fe milagres fabulofos, fem fe diferençarem huns dos outros, com que os leitores ignorantes, podem

ca-

cair em erro de naõ conhecerem ques devem de ſer cridos. Por tanto querendo o Poeta e vitar taõ grandes incovinientes, uſou dos nomes dos Deoſes gentilicos por materia commua, e notoria de fingimentos poeticos, com que nimguem ſe podia enganar, mas nas couſas verdadeiras, guardando inteiramente o decoro á Religiaõ, introduſio ſempre a Vaſco da Gama, fallando com toda a piedade Catholica; de maneira que os milagres verdadeiros, e couſas ſantas, as trata com a decencia, e gravidade divida, e as ficções ficaõ conhecidas de todos vendo-ſe que ſaõ fabulas notorias. Eſte meſmo eſtilo guardàraõ os mais dos Poetas acima nomeados, aquem podemos acreſcentar Claudiano, que ſegundo a melhor opiniaõ, e mais univerſal foi Catholico, e uſou deſtas invocações, e concilios dos Deoſes com maior liberdade do que vemos nos Luſiadas. Quanto mais que Luis de Camões naõ fez eſtas ficções dos Deoſes a caſo, ſenaõ com muita conſideraçaõ, introduſindo debaixo deſtas ſabulas huma excellente Alegoria, (a que os Poetas chamaõ a alma da fabula) e aſſi enten-

deo debaxo do nome de Jupiter, e Deoses, a divina providencia, e os espiritòs Angelicos, porque governa o mundo, dos quaes os bons nos ajudaõ, e os máos nos empecem. E he taõ antigo este pensamento, que até alguns dos primeiros Filosofos, que estas deidades inventáraõ, naõ quizeraõ entender outra cousa nellas, como se vê largamente de S. Agostinho na sua Cidade de Deos, e ainda da Canonica de S. Pedro que por razaõ do tal intento (segundo S. Hieronimo alegado neste lugar por o Padre Justiniano) (*) chama a estas fabulas doutas; porém como estes Filosofos pola falta do lume da Fé cairaõ em muitos erros, e deraõ com estas fabulas causa á Idolatria, foraõ condenadas do Apostolo no dito lugar dizendo: *Non doctos fabulas secuti notam fecimus vobis Domini nostri Iesu Christi virtutem, & presentiam &c.* mas hoje que naõ ha este perigo, com os exemplos e razões já alegadas tem lugar a Alegorìa que o Poeta nellas entendeo como imitando Virgilio no fim do sexto da Eneida, explicou nestas Oitavas em que intro-

(*) *Inst. in cap. 1. epist. 2. Petr. vers. 18. n. 3.*

troduz a Tetis daclarando a Esphera á D. Vasco da Gama, onde fallando do Ceo Impirio, diz assi:

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estaõ, porque eu Saturno e Jano,
Jupiter, Juno, somos fabulosos,
Fingidos do mortal e cego engano.
So pera fazer Versos deleitosos
Servimos, e se mais a trato humano
Nos póde dar, he só que o nome nosso
Nessas estrellas pôs o engenho vosso.

E tambem porque a Santa providencia
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil que tem prudencia,
Governa o Mundo todo que sustenta.
Insinalo a Profetica siencia,
Em muitos dos exemplos que apresenta
Os que saõ bons guiando favorecem,
Os máos em quanto pódem nos empecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes que antiga poesia,
A seus Deoses já dera fabulando
Que os Anjos da celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando.
Nem nega que esse nome prebeminente,
Tambem aos máos se dá mas falsamente.

Por tanto assi pelas razões, como pelos

 exem-

exemplos fica Luiz de Camões nesta parte livre de toda a calumnia.

Com tudo outra nos resta ainda neste ponto a que responder, e he dizer-se tambem que foi o nosso Poeta pouco honesto nos episodios de taõ honesto poema, o que tem facil reposta, porque como o argumento dos Lusiadas era taõ grave, foi necessario varialo com alguns episodios alegres para entreter os leitores, e para isto fingio a deleitosa Ilha de Santa Elena, e os esposorios que nella celebràraõ Vasco da Gama, e seus soldados com as Nynfas do Occeano, imitando os Poetas antigos, e modernos, que todos meteraõ nos seus poemas estes Episodios amatorios, como se vê em Homero nos amores de Calipso, e de Venus, e Marte, em Virgilio nos da Rainha Dido, e em Appolonio Rhodio, e Valerio Flacò nos damas de Lemnos com os Argonautas; e finalmente nos mais de Torcato Tasso no seu poema Heroico. Mas nesta parte levou ainda Luiz de Camões grande ventagem aos referidos, por quanto elles naõ pretendêraõ declarar algumas Alegorias debaxo destas fabulas (que como dissemos he

a

á alma do poema) antes se vê que naõ tiveraõ nellas outra tençaõ, senaõ deleitarem aos leitores (posto que a fabula de Calipso sofra mais alegoría que as outras) e o nosso Poeta debaxo dos nomes daquellas Ninfas quiz entendér a gloria, fama, memoria, honra, maravilha, e todas as mais prehiminencias, que participaõ os Varões illustres, e esforçados, por premio de suas obras com as quaes seus nomes ficaõ perpetuamente unidos na lembrança dos homens, como se vê nestes versos canto 9. estanc. 89:

Que as Nynfas do Oceano taõ fermosas,
Tetis, e a Ilha angelica pintada,
Outra cousa naõ he que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
Da palma, e louro, a gloria, e maravilha
Estes saõ os deleites desta Ilha.

Como com estas palavras ficava a alegria taõ clara, naõ se podem imputar por indecencia ao Poeta os termos dos esposorios com que a trata, porque esta participaçaõ da immortalidade da fama, significáraõ sempre os antigos por casamentos, com que fingiaõ todos os He-

ro-

roes ou caſados, ou aparentados com as Deoſas.

A utilidade que deſte poema ſe alcança naõ ſe póde explicar em poucas palavras, porque naõ ha ninguem que o lea, que naõ fique inflamado de hum admiravel deſejo de gloria, e de empregar a vida em feitos illuſtres, aventurando-a pela Fé, pelo Rey, e pela Patria. Aqui ſe vem as partes, e experiencia que haõ de ter os conſelheiros, o zello com que os miniſtros ſuperiores devem entender no bem pulico, e o premio que ſe deve dar aos que bem trabalhaõ. Na peſſoa de Vaſco da Gama ſe repreſenta hum excellente modello de prudente e heroico Capitaõ, e nas dos Reys de Portugal, o exemplo de hum perfeito Principe. E ſe naõ deu eſte louvor a todos os que reinaraõ neſte Reyno, foi porque o poema heroico quando ſe funda em hiſtoria verdadeira, que he mais perfeito, ainda que póde acreſcentar a verdade do que paſſou, naõ pode contrariar ao que paſſou na verdade, de maneira, que nem Virgilio pudera dizer que Achiles fora morto per Heitor, nem Homero, que Achiles

ma-

matára a Paris, e assi referem ambos estes Poetas muitos vicios dos seus Princepes, e Rainhas, por naõ ser licito á poesia encontrar nesta parte a verdade da historia, da qual guarda este, e outros muitos preceitos. Pelo que deste poema sepodem tirar excellentes regras para a vida politica, e moral.

O estillo deleitoso com que estes preceitos vaõ acompanhados naõ reconhece em toda a antiguidade superior, e difficultosamente lhe poderemos dar semelhante, porque deixando a dissonancia que os antigos achavaõ nos versos de Homero, como refere Josefo liv. 1. contra Apinun, e os muitos que deixou Virgilio por acabar na sua Eneida, a facilidade, e consonancia deste nosso poema he tal, que naõ parecem os versos compostos per artificio mas ditados da mesma natureza. E naquelles lugares que em a Poetica de Aristoteles se chamaõ, Patêcos, ou Alteradores do animo, move os affectos com palavras taõ proprias, e vehementes, que com summa efficacia faz força a quem os ler, de maneira que fica participante das pai-

xo-

xões que se contem encubertas debaixo daquellas palavras: imprimindo hum generoso alvoroso quando trata da guerra, alegria nas festas, gravidade nas acções dos Principes, compaixaõ na adversa fortuna, e finalmente huma admiravel suavidade em todas as partes do Poema. Porém nas comparações, e discripções se avantaja tanto, que em certo modo se vence assi mesmo, porque com tanta vivesa as pinta, e exprime que parece se representaõ á vista, e naõ ao sentido interior:

He tambem a erudiçaõ parte do estillo deleitoso, e a muita de que o nosso Poeta illustrou o seu Poema he assás notoria, naõ havendo nelle Estancia que naõ tenha particular conceito, doutrina, ou pensamento peregrino, de maneira que naõ se achará Poema nenhum onde em taõ breve escritura se tocassem tantos, e taõ Doutos passos de liçaõ varia, como nos seus Lusiadas, porque quasi naõ ha nas letras humanas lugar insigne de fabula, antiguidade, historia, Mathematica, e qualquer outra sciencia que nelle se naõ achem, e quanto isto he mais ordinaria neste Poema, tanto

he

he mais de admirar nelle, sendo esta parte da Poesia mais dificultosa de todas. Porque como o principal intento nella seja mover affectos do animo naõ se póde alcançar este effeito ornando com elocusaõ, e erudiçaõ estes lugares, como já o notou excellentemente Aristitoles nesta sentença: *O portet laborare in ignavis partibus, & neque moratis, neque sententiarum acumine ornatis, occulit enim valde splendida locutio mores & sententias.* Isto tem acontecido a muitos em Hespanha, que se fizeraõ duros, e asperos encobrindo a força dos pensamentos com os ornamentos das palavras, de que he bom exemplo Francisco de Herrera. Porém Luiz de Camões soube tomar tal meio nesta dificuldade, que naõ ha versos que mais movaõ o sentimento que os seus, nem onde juntamente se veja a oraçaõ mais erudita, e composta. Fazem assi mesmo por esta parte a novidade, e excellencia dos episodios, nos quaes quasi nenhum outro Poeta se lhe póde igualar; porque os mais de Virgilio saõ imitados de Homero, como o banquete de Dido, a Relaçaõ que alli fez Eneas

Eneas da perda de Troya, seus trabalhos, e viagem, os jogos de Sicilia, a jornada do Inferno; e assi teve nelles pouco louvor. E Troquato Tasso naõ se melhorou com as fabulas dos seus encantamentos, e cavalleiros andantes: porque ainda que elegeo fabulas possiveis, tem muito do improvavel; o que he contra os preceitos de Aristoteles, que diz que nos episodios devemos escolher antes os impossiveis provaveis, que naõ os improvaveis possiveis: *Eligere impossibilia & verisimilia potius, quam possibilia, & nullo modo probabilia.* Este preceito guardou Luiz de Camões excelentemente, porque depois de imitar a Virgilio em fazer a acçaõ composta, e naõ simples, com referir D. Vasco da Gama sua viagem a elRei de Milinde, introduz o Episodio da descripçaõ de Europa, e historia de Portugal, com as professias do velho, e Adamastor admiravelmente; depois na figura de Monsaide conta os ritos do Oriente, fez hum novo conselho dos Deoses maritimos, e a discripçaõ do Reino de Cupido no monte Idalio. Naõ he menos excellente a pintura da Ilha de S.

Ele-

Elena, o banquete que nella deu Thetis á D. Vasco da Gama, e seus companheiros, a musica da Serea que cantou os Capitães illustres Portuguezes que depois haviaõ de conquistar a India, e finalmente a descripçaõ dos Globos celestes, e geografia das Provincias novamente descubertas. Quasi todos estes episodios foraõ pensamentos novos, e peregrinos, e tratados com tanta graça, e artefício que juntamente ensinaõ, admiraõ, e deleitaõ, porque naõ ha na Arte do bem dizer tropos nem figuras que aqui se naõ vejaõ exercitadas: variando o estillo, hora grave, grandiloco, e vehemente, hora florido brando, e ainda jocoso; porque como o Poema heroico he hum meio entre o Tragico, e comico, assi participa segundo Aristoteles, da gravidade á Tragedia, como da graça da Comedia. Por onde Homero em muitas partes da Odyssea, e Illiada introduz, historias jocosas, como foi a da prisaõ de Venus, e Marte na rede de Vulcano, e outros casos quasi semelhantes de Jupiter, e Juno; a peleja do pobre Hiro com seu competidor em casa de Penelope, e outros

tros muitos em que o mesmo Poeta refere o riso a que com ellas se moveraõ até os mesmos seus Deoses, e Virgilio tambem no seu 5. liv. descrevendo os jogos que Eneas fez a seu pai Achiles segue no estillo jocoso as Regras que neste particular se devem guardar na Poesia heroica. De maneira que Luiz de Camões assi nesta parte como nas mais se mostrou excellente Poeta, e com esta sua obra ficou enrequecida grandemente a lingoa Portuguesa; porque lhe deu muitos termos novos, e palavras bem achadas, que depois ficáraõ perfeitamente introduzidas. Posto que nesta parte naõ deixáraõ alguns escrupulosos de o condenar, julgando-lhe por defeito as palavras alatinadas que usou no seu Poema. Porém desta censura o absolverá com facilidade quem tiver noticia das leis da Poesia, e da licença que he concedida aos Poetas para fingir, e dirivar novas palavras, porque como tem obrigaçaõ de fallar ornadamente, naõ pódem deixar de enriquecer seus versos com palavras, ou desusadas, ou novas, ou transferidas, que saõ as condições que ensinaõ os

Re-

Rhetoricos para a Oraçaõ ficar com Mageſtade, e fóra do eſtilo humilde, e vulgar. Aſſi o aconſelha Ariſtoteles na ſua Poetica, dizendo: *Locutionem apertam, & non humilem eſſe: apertiſſima quidem igitur eſt ea, quæ ex propriis nominibus, ſed humilis: exemplum autem Cleophontis poeſis, & Steneli. Grandis autem, & immutans vulgarem rationem, quæ peregrinorum ſpeciem habentibus utitur. Peregrinorum autem, ſimilia dico, linguam, & translationem, & productionem, & omne quod præter propium &c.* Neſte lugar diſcorre Ariſtoteles largamente ſobre eſta materia, e defende a novidade dos termos que uſou Homaro contra os que por eſta razaõ o calumniavaõ. O meſmo affirma Iſocrates pai da Eloquencia Grega dizendo na vida de Evagoras: *Poetis multa dantur quibus ornare ſuum Carmen poſſunt. His enim & Deorum cum hominibus congreſſus, tum diſceptationes, & certamina quibus, cum volunt, fingere licet, & cum hæc narrare voluerint, non eadam verborum lege, qua Oratores aſtringuntur. Itaque non ſolum verbis uſitatis, verum*

rum etiam novis, translatis, & peregrinis, & omni deniquæ dicendi genere, suam poesim ornare possunt. Oratoribus autem nihil tale concessum est &c. Esta licença concede mais largamente Horacio aos Poetas Latinos, porque naõ só lhe permite, que usem dos vocabulos antigos que já naõ estaõ em costume, mas que finjaõ de novo os que quiserem, com tanto que se dirivem da lingoa Grega, diz elle:

Et nova, fictaque nuper habebunt verba fidẽ, si Græco fonte cadant, parte detorta; quid autem Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, ademptum Virgilio Varioque? Ego, cur, acquirere pauca Si possum, invideor; Quum lingua Catonis, & Enni
Sermonem patrium ditaverit; & nova rerum Nomina protulerit? Licuit semper que licebit Signatum præsente nota, producere nomen &c.

Tambem Tullio Principe dos Oradores confirma este privilegio aos Poetas dizendo no seu Orador: *In utroque frequentiores sunt, & liberiores poetæ, nam & transferunt verba cum crebrius, tum etiam audacius; & priscis libentius utuntur, & liberius novis.*

Deste privilegio usou tanto Virgilio, que além de declinar muitos nomes lati-

tinos pelas terminações Gregas, e fallar pelas frases daquella lingoa, escreveo por palavras taõ fóra do uso ordinario que Macrobio gasta naõ pouca leitura em mostrar os fundamentos que para isto Virgilio teve, dizendo que todas aquellas palavras trasiaõ sua origem da antiguidade Latina, e foraõ em seus principios usadas. Do mesmo modo falou Torcato, e tanto se valeo do antigo Toscano, e da lingua latina, que destas palavras novas lhe notaraõ hum particular vocabulario. Com estes exemplos fica bem livre o nosso Poeta da calumnia que lhe impoem das palavras alatinadas, as quais saõ taõ proprias, e naturais a nossa lingoa, que se escusaõ os Vocabularios de Torquato, e Virgilio, e se entendem de todos igualmente com o romance Portugues.

Cáe assi mesmo debaixo do estillo deleitoso a boa proporçaõ do mesmo Poema, o qual para ser perfeito ha de ser fundado sobre historia verdadeira, e admiravel, de algum varaõ insigne em Virtude, e valor, e a historia naõ ha de ser larga, porque havendo-se-lhe de acrescentar os episodios, será o vo-

lu-

lume demasiado, e naõ tendo episodios ficará o poema secco, e sem ornamentos que deleitem. Nem menos será de cousas taõ antigas que já naõ estejaõ na memoria dos homens, nem taõ modernas que sejaõ vivos os de quem se escreve (o que todavia se entende, na acçaõ principal, e naõ nos episodios, onde se introduzem profecias que falaõ do presente.) Nem se ha de contar a historia successivamente, mas começando no meio dos successos, alcançar-se-ha depois a noticia do precedente com subito conhecimento. Estes, e os mais preceitos da arte se vem tambem guardados neste Poema como a quem quer que o lê he notorio. Pelo que poderá bem ser, que se Aristoteles o alcançára naõ gastára tantas palavras em louvar os de Homero.

Mas se por veneraçaõ da antiguidade se naõ conceder a palma a este nosso poema entre todos os heroicos, ao menos seguramente se póde julgar por igual ao melhor delles. Deste taõ alto merecimento, e grande beneficio que a Patria recebeo com tal obra, ficando taõ illustrada por seu meio, naõ

te-

teve Luiz de Camões galardaõ algum; porque a mercê que lhe fez ElRei D. Sebaſtiaõ de huma piquena tenſa he tal que em ſua comparaçaõ juſtamente lhe podemos chamar nenhuma. E ainda que muitos atribuaõ iſto á deſgraça do Poeta, eu lho julgo por huma grande felicidade; porque naõ a póde haver maior para hum Varaõ inſigne que achar ocaſiaõ de exercitar alguma excellente virtude, e neſte caſo ſe moſtrou bem a grande generoſidade de Luiz de Camões pois ſó por amor da patria, occupou ſeu engenho em illuſtrar com ſuas obras eſte Reino, e immortalizar ſeus naturais; e foi taõ inteiro na verdade, e alheo de liſonja, que podendo receber premios de muita conſideraçaõ por referir neſta obra peſſoas particulares, ſó tratou nella daquelles Varões illuſtres, que de todos ſaõ univerſalmente conhecidos por taes: como o teſtifica claramente na Eſtanc. 10. do primeiro Canto em que diz a ElRei D. Sebaſtiaõ:

Vereis amor da patria naõ movido
De premio vil, mas alto, e quaſi eterno.
Que naõ he premio vil ſer conhecido,
Por hum pregaõ do ninho meu paterno.

E no Canto 7. Eſtanc. 83. pēdindo favor ás Nynfas do Tejo:

Daimo vòs ſòs que eu tenho já jurado
Que naõ no ēprege em quē o naõ mereça,
Nem por liſonja louve algum ſubido,
Sopena de naõ ſer agradecido.

Deſta tal inteireſa, e verdade eſteve muito alheio Homero, do qual refere Diã Chriſoſtomo Orat. 11. de excidio Illii: que andando mendigando pelas Cidades de Grecia, vendeo por dinheiro os louvores, que na ſua illiada dá indignamente a muitos homens particulares, e a Virgilio deu Octavia irmãa de Auguſto cem mil reis por cada verſo, dos vinte hum que eſcreveo de Marcello ſeu filho; e do que lhe deraõ os amigos deixou depois por herdeiro a Auguſto em duzentos e cincoenta mil cruſados, como aponta Budeo, (*) ſeguindo a Servio, e a Donato; pelo que naõ he muito que elle deduſiſſe a familia dos Julios de Julo, (**) a dos Memios de Mneſteo, a Sergia de Sergeſto, e de Cloanto a Cluenta, cou-

ſas

(*) *Bud. de Aſſe. lib. 3.*
(**) *Atuea. lib. 5.*

ſas todas fabuloſas, e inventadas delle meſmo, ſó para liſongear os poderoſos daquelle tempo, como o nota doutamente Scipiaõ Amirato. (*) Quaõ longe eſteve deſte vicio Luiz de Camões ſe vê claro no que eſcreveo, pois nem ainda o Conde que entaõ era da Vidigueira lhe fez favor algum em remuneraçaõ de quanto diz naquelle Poema do grande D. Vaſco da Gama, como elle o teſtefica dizendo no Cant. 5. Eſtanc. 99.

As Muſas agradeça o noſſo Gama
O grande amor da patria, q̃ as obriga
A dar aos ſeus a lira nome, e fama,
De toda a illuſtre e belica fadiga.
Que elle, nẽ quẽ na eſtirpe ſeu ſe chama,
Calliope naõ tem por tam amiga,
Nẽ as filhas do Tejo, que deixaſſem
As tellas de ouro fino, e que o cantaſſẽ.

Eſte foi Luiz de Camões na compoſiçaõ dos ſeus Luziadas. Porém nas outras partes da Poeſia naõ merece menor louvor, por guardar nellas os preceitos da Arte perfeitamente. Nos verſos pequenos ſe houve com tanta elo-

(*) *Famil. Napolitan. de Scpione. Amirato;* *Diſc.* 1.

quencia, e graça, que Lopo da Vega no prologo do ſeu Santo Iſidoro lhe dá o primeiro lugar; e verdadeiramente foi taõ abundante de conceitos, e taõ facil em os pôr em verſo, que naõ ſei de qual deſtas couſas nos poſſamos mais admirar, porque ſendo muitas vezes os motes ſequiſſimos, e incapazes de bom penſamento, he tanto o que acha que dizer em qualquer materia, que parece incrivel, ainda depois de viſto, e a ſuavidade do verſo ſempre taõ corrente, e facil que parece ſe naõ podia dizer aquillo por outro melhor, nem mais gracioſo modo. Nas Odes, e Cançóes ſeguio o eſtillo grandiloco, e aſſi participaõ da mageſtade dos ſeus Luſiadas.

Cuidaõ alguns, que eſta fraſe grandilica, que ſe vê em parte das ſuas Eglogas, lhe faz exceder o decoro que ſe deve guardar ao ſogeito paſtoril, naõ ſe lembrando de Virgilio que nas ſuas Bucolicas introduz argumentos muito ſuperiores áquelle ſugeito, como he o da quarta Egloga que trata ſó da profecia da Sibilla Cumea, e o da ſexta, em que Sileno diſcorre pela fabrica do mun-

do,

do, e hiſtorias mais notaveis delle, o que tudo excede grandemente o modo paſtoril. Pelo que pois Virgilio a juizo de todos os Criticos naõ merece cenſura em exceder o decoro neſtes argumentos muito menos a merece Luiz de Camões por exceder ſó nas palavras guardando o devido decoro nos argumentos, aſſi das Eglogas Paſtoris, como das Piſcatòrias. Antes he digno de muito louvor neſte genero de poeſia, por ſer o primeiro que deſtas duas eſpecies fez hum mixto, compondo as Eglogas de Peſcadores, e Paſtores juntamente, por peſſoas de dialogo, como ſe vê na que dedicou ao Duque de Aveiro que começa:

A ruſtica contenda deſuſada
Entre as Muſas do Boſque e das Areas.

Onde mais abaixo diz:

Vereis (Duque ſereno) o eſtillo vario
A nós novo, mas n'outro mar cantado
De hũ que ſó foi das Muſas ſecretario.
O Peſcador ſincero que amanſado,
Tem o pego de Pocrita com canto,
Pelas ſonoras ondas compaſſado,
Deſte ſeguindo o ſom que póde tanto,

E

E misturãdo o antigo Mãtuano, &c.
Façamos novo Estillo, e novo espanto

Nas Comedias seguio a fórma que entaõ se praticava, e ainda assi introdusio já algumas prosas imitando os ingenhos Italianos, e ao nosso Francisco de Sá, que deixáraõ os versos em que os Gregos, e Latinos as escreveraõ; porque como tinhaõ muita diversidade delles, escolheraõ os que mais se achavaõ ao fallar solto, o que entre nós naõ póde bem ser pela obrigaçaõ dos consoantes, mas ainda assi tradusio excellentemente a dos *Amphitriões* de Plauto. Outras traducções fez tambem em verso em que se naõ mostrou menos elegante como foi a Eligia da paixaõ de Sanasaro, o Psalmo: *Super flumina Babylonis*, a fabula *de Biblis*, *&* *ade Narciso*, e outras. Tambem se achaõ algumas obras suas em prosa solta, as mais dellas de materia jocosa, e estillo metaforico, que era o que entaõ se presava muito na Corte; por o ter introdusido Fernaõ Cardoso, que foi nelle eminente, ainda que Luiz de Camões o usou com mais policia, e facilidade.

De todas estas obras se póde bem co-

conhecer a grandeza do engenho de seu Author, e a universal noticia que teve das sciencias, e letras humanas; porque quem considerar seus escritos, achará que teve conhecimento da lingua Grega, da Filosofia, Theologia, Mathematicas, historias humanas, e que foi taõ geral em toda a materia, que em qualquer faculdade que trata parece professor della. Pelo que se em algumas de suas obras se achar acaso cousa que desdiga do que se espera de tal Author naõ se deve imputar o defeito a elle, senaõ ao tempo, e aos copiadores, porque como seus versos andáraõ tantos annos, antes de se imprimirem tresladados de varias mãos, com facilidade se poderiaõ corromper como vemos aconteceo ás melhores obras da Antiguidade, e em particular a esta causa se atribuiraõ (como já disse) as dissonancias dos versos de Homero em tempo de Vespasiano. Quanto mais que como Luiz de Camões naõ fazia estas Rimas para as imprimir mas conforme a occasiaõ, e tempo lhe davaõ lugar, naõ hiaõ muitas dellas com aquella perfeiçaõ com que as acabára, se gastára nisso o tem-

po

po que gaſtava Virgilio, o qual dizia, que aperfeiçoava os ſeus verſos como o parto da Urſa.

Por todas eſtas partes foi Luiz de Camões taõ louvado, e conhecido no mundo que Fernando de Herrera chamado de muitos o Divino, ſó a elle dava ventagem, e o excellente Torquato Taſſo (*) confeſſava, que ſó a elle temia, e ſe admirou tanto de ver os ſeus Luſiadas, que inflamado nos louvores do Author publicou o que delle ſentia neſte ſoneto, que naõ ficou para elle menos honroſo que para quem o compôs:

Vaſco le cui felice, ardite antene
In contro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, & fer cola ritorno,
Ne igli par che dicadere, accenne.
Non piu di te per aſpro mar ſoſtene
Quel che fece al Cicople oltraggio, e ſcorno
Ne chi turbo l' Arpie nel ſuo ſoggiorno,
Ne die pui bel ſubieto a colte penne.
Et hor quella del colto, i boun luigi,
Tanto oltre ſtende il glorioſo volo,
Che i tuoi ſpalmati legni ãdar men lunge.
Onde aquelli a cui ſ'alza il noſtro Polo,
E

(*) *Rhim. di Taſſo p. 3. in Vene. ãn.* 1608. *fol.* 111.

E achi ferma in contra i suoi vestigi
Per lui del corso quo la fama aggiunge.

O grande conceito que Lopo da Vega celeberrimo Poeta de nossos tempos faz do nosso Luiz de Camões, se vê bem em seus escritos, dando-lhe sempre o epiteto de excellente. E o Mestre Francisco Sanches Brocense, assás conhecido em toda Hespanha por sua rara erudiçaõ, lhe naõ dá menores titulos, tratando do respeito que se deve ter aos escritos de Virgilio, e doutros semelhantes Poetas, como se vê destas palavras: *Digo esto por la veneracion en que haviamos de tener a los Poetas, siendo tales que verdaderamente meresçan este nombre. Tal me parece a mi Luiz de Camões Lusitano, cuyo subtil ingenio, doctrina entera, cognicion de lengoas, delicada vena, muestran claramente no faltarle nada para la perfeccion de tan alto nombre &c.* O Padre Christovaõ Delrio, e D. Fernando Alvia de Castro, o poem entre os melhores do mundo; Christovaõ Soares de Figueiroa varaõ insigne nas letras humanas, na vida do Marquez de Canhete, o iguala com Homero, e o aplau-

aplauſo univerſal de todos lhe dá o Titulo de Principe dos Poetas; (*) o que na verdade parece ſe lhe deve juſtamente; porque ſe muitos homens doutos de Europa, reconheceraõ a Naçaõ Portugueza huma certa ſuperioridade na Poeſia, como entre outros o confeſſa o Author da Biblioteca Hiſpana dizendo: *Luſitani in poetica, ut & in Muſica regnare feruntur mira animi propenſione, velut enthuſiaſmo rapti &c.* Com razaõ ſe póde dar o nome de Principe dos Poetas a Luiz de Camões, pois elle tem o principado entre todos os Portuguezes.

Porém ſe na eſtimaçaõ de tantos Authores graves eſtá igual a Virgilio, e Homero, tambem parece que lhe naõ ficou inferior nos prodigios que ſe delles em ſuas vidas contaõ; porque foi ſeu engenho taõ ſingular, que naõ faltaõ curioſos, que digaõ, que muitos ſeculos antes foi pronoſticado ao mundo o ſeu Poema pela Sibila Cumea, porque aſſi como qualquer grande perfeiçaõ em huma ſciencia, ou arte, naõ ſe póde alcançar ſem particular concur-

ſo

(*) *Ciguença de S. Hier. 3. p. l. 2. c. 42.*

ſo do Ceo, aſſi parece, que ordena algumas vezes ſeja iſto pronoſticado aos homens muitos tempos antes que aconteça. Veſſe eſta profecia na quarta Egloga de Virgilio, a qual foi toda tirada dos verſos da Sibila, em que profetiſou a felicidade que havia de haver no mundo depois do naſcimento de Chriſto Noſſo Senhor onde diz que o Poeta que havia de cantar a hiſtoria dos ſegundos Argonautas venceria na poeſia a todos os paſſados; e deſejando Virgilio ſer eſte que a Sibila prognoſticava, diz ao filho de Polliaõ (a quem ello erradamente aplicou eſta profecia) que ſe lhe a elle caiſſe a ſorte de ſer eſte Poeta, eſtava certo, que havia de vencer na Poeſia até aos meſmos Deoſes, e inventores dos Verſos:

O mihi tam longe maneat pars ultima vitæ
Spiritus, & quantum ſat erit tua dicere facta,
Non me carminibus vincet nec Tracius Orpheus,
Nec Linus, huic mater quamvis, atque huic pater adſit
Orphei Caliopea, Lino formoſus Apollo.
Pan etiam Arcadia mecum ſi judice certet
Pan etiam Arcadia dicet ſe judice victum.

E certamente que eſte penſamento eſtá fundado em boa razaõ, porque ſe

a

a gloria que os antigos Argonautas; e Achiles alcançáraõ, (*) foi mais pelos excellentes versos em que foraõ cantados, que pela grandesa das façanhas que obráraõ como affirmava Alexandre, com quanta mais razaõ parece que naõ deviaõ ficar inferiores nesta parte aos primeiros Argonautas os nossos segundos Argonautas Lusitanos, de quem, segundo Bozio, e muitos outros, alli falla a Sibilla á letra, pois a nossa navegaçaõ, e os heroicos feitos que os Capitães Portugueses fizeraõ na India, excederaõ tanto aos dos Argonautas, e Achiles, que naõ sofrem comparaçaõ alguma. E naõ sómente podemos aplicar a Luiz de Camões os versos referidos da Sibilla, mas tambem dar-lhe aquelle lugar que em Roma na coroaçaõ de Petrarca deixou desocupado, entre Apollo, e as Musas, no monte Parnaso, aquelle grande Astrologo Barbante Senes, por cujo discurso aquella rica historia se pintou, dizendo que

(*) *Cic. pro Archia Plut. in vita Alex. Boz. de sign. Eccles. Ortel. Ariost. cant.* 15. *Torcat. cant.* 15.

que o mereceria hum Poeta Occidental de lingoa barbara (assi chamavaõ entaõ os Italianos ás de Hespanha) que andando os tempos havia de vir ao mundo. Concluamos logo que se o nosso Poeta naõ cedeo no engenho a Virgilio, e Homero, taõ pouco lhe cedeo nas maravilhas do nascimento; e com mais razaõ nos podemos persuadir que as houvesse em hum Poeta catholico, que nos gentios.

Naõ foi menor a opiniaõ que Luiz de Camões alcançou na Patria que a em que o tiveraõ os estrangeiros: porque ainda que lhe faltáraõ com os premios devidos a seus merecimentos, foi tido em grande estima dos maiores senhores, e mais prezados daquelle tempo, como foraõ o Duque de Bragança, D. Theodosio, e o Duque de Aveiro D. Jorge, o Conde que depois foi do Vimioso D. Francisco de Portugal, D. Manoel de Portugal seu tio, o Viso-Rei D. Constantino, o Conde d' Atouguia D. Luiz d' Ataide, o Conde de Rodondo, e outros que fora largo contar. Nem era de menor valor a mercê que recebeo das senhoras D. Francisca de Aragaõ, D.

Guio-

Guiomar Blasfê, e da senhora Infanta D. Maria, como se vê em suas obras. Tambem referem muitos fidalgos daquelle tempo, que quando succedeo neste Reino ElRei D. Felippe o prudente, depois de chegar a Lisboa mandou fazer diligencia por Luiz de Camões, e sabendo que era fallecido mostrára disso sentimento, porque desejava de o ver por sua fama, e fazer-lhe mercê. De maneira que a pobreza em que viveo, naõ lhe abateo entre os Principes a grande opiniaõ que a suas obras se devia, e se as riquezas fugiraõ delle, ou foi pelas razões que o Plutaõ de Luciano dava contra Timon, ou por elle fazer pouco pelas acquirir, ou por seus merecimentos serem muito grandes: pois he certa a sentença de Tacito, (*) que os beneficios saõ agradaveis em quanto se pódem recompensar, mas que passando deste termo tem o desagradecimento em lugar de premio.

Desta geral reputaçaõ que os naturaes, e estrangeiros tinhaõ delle, naõ he muito lhe nacesse a estima grande que de

(*) *Tacit. lib. 4. histor.*

de si tinha, louvando, e abonando seu engenho em muitas partes dos seus Lusiadas, e mais obras: o que alguns lhe atribuiraõ a vicio, naõ attentando que he impossivel naõ se conhecer hum bom entendimento a si proprio, e ter verdadeira opiniaõ de suas cousas. Aristoteles diz, (*) que o varaõ grande, se se naõ tiver por tal, naõ o será: *Esse sanè magnanimus is videtur, qui cum magnis sit dignus, magnis quoque semet dignum existimat: nam quis non pro dignitate id facit, stolidus est; at virtute præditus neque stolidus, neque stultus est quispiam, &c.* E noutro lugar: *Magni enim viri honore se ipsos dignos maxime existimant, ac pro dignitate illi quidem.* E o mesmo afirma Balthesar Castilhone no seu perfeito Cortezaõ, e lhe premite louvar-se em seu tempo, e lugar conveniente, dizendo na pessoa de Guaspar Palavicino: (**) *Ho conosciuti pochi huomini eccelenti, in qual si voglia cosa, chi non laudino se stessi; e parmi che molto*

(*) *Liv.* 4. *Etic.* c. 3. (**) *Il Cortesan.* *lib.* 1.

to bem comportare lor ſi poſſà. Per che chi ſi ſente valere, quando ſi vede non eſſer per le opere conoſciuto, ſi ſdegna che il valor ſuo ſia ſepolto. Et forza é che a qual che modo lo ſcopra, per non eſſere defraudato de le honore, che é il vero primio de le virtuoſe fatiche: Però tra gli antichi ſcrittori che molto vale, rare volte ſi aſtion di laudarſe ſteſſo &c. E Tullio na ſua primeira Tuſculana reſolve, que aquelle celebre Oraculo *Noſce te ipſum*, naõ foi dito, para ſabermos as miſerias do corpo, mas para cada hum conhecer as excellencias de ſeu proprio animo, e entendimento. Porém ainda que naõ houvera as authoridades de taõ doutos varões, baſtantemente ficava o noſſo Poeta deſculpado, com ſer eſte uſo comum de todos os Poetas, como diz o meſmo Tullio Tuſculanarum queſt. lib. 5. *Adhuc neminem cognovi poetam, qui ſibi non optimus videretur.* E ad Atticum Epiſt. 22. *Nemo umquam, neque poeta, neque orator fuit, qui quemquam, meliorem, quam ſe arbitraretur.* Bom exemplo he deſta opiniaõ Homero na peſſoa de Demodoco, Virgilio

lio em muitos lugares, e Horacio lib. 1. Ode 1. em que se finge coroado entre os Deoses dizendo,

Me doctarum edera præmia fontium
Diis miscent superis

E no liv. 2. Car. escreve toda, a Ode 20. em seu louvor, que começa:

Non usitata nec tenui ferar
Penna biformis per liquidum æthera
Vates &c. (E no Terceiro Ode 30.)

Exegi monumentum ære perennius,
Regalique situ pyramidum altius:
Quod non imber edax, non Aquilo impotens
Possit eruere, aut innumerabilis
Annorum series, & fuga temporum &c.

O mesmo faz Ovidio em muitos lugares, e em particular no lib. 4. Tristibus Eleg. 10. dizendo assim.

Tu mihi (quod rarum est vivo) sublime dedisti
Nomen, ab exèquiis quod dare famasolet,
Nec qui detractat præsentia livor, iniquo
Ullum de nostris dente momordit opus.
Nam tulerint magnos cum sæcula nostra Poetas,
Non fuit ingenio fama maligna meo.
Cũque ego præponã multos mihi, non minor illis
Dicor, et in toto plurimus orbe legor.
Siquid habent igitur vatum præsagia veri,
Protinus ut moriar non ero terra tuus &c.

Estacio lib. 12. da sua Thebaida:

O mihi bissenos multum vigilata per annos
Thebailiam certa præsens tibi famé benignum
Stravit iter, cæpitque novam monstrare futuris.

Jam te magnanimus dignatur noscere Cæsar,
Itala cum studio discit, memorat que juventus.
Vivé precor, nec tu divinam Æneida tenta,
Sed longe sequere, & vestigia semper adora.
Mox tibi siquis adhuc prætendit nubila livor
Occidet, & meriti post me referentur honores

E Sanasaro na sua 4. Piscatoria naõ quiz deixar de lembrar que elle fora o primeiro que trouxera as Eglogas até entaõ Pastoris aos Pescadores.

Nunc litoream nec despice Musam,
Quā tibi post sylvas, post horrida lustra licæi,
(Siquid id est) salsas deduxi primus ad undas;
Ausus inexperta tentare pericula cymba.

Dos outros vulgares naõ ha que referir mais exemplos, pois todos os trasem nas mãos. Pelo que bem se vê a pouca razaõ com que nestà parte póde ser o nosso Poeta notado.

Depois que Luis de Camões imprimio os seus Lusiadas passou o restante da vida em Lisboa, no conhecimento de muitos, e conversaçaõ de poucos; porque tendo já passado por elle as primeiras verduras da mocidade, tinha entrado na idade madura, e só cõmunicava com alguns homens doutos seus amigos, principalmente no Convento de S. Domingos de Lisboa, onde tinha particular familiaridade com alguns Religiosos daquella Santa Casa. Neste tempo lhe

ſobreveo huma larga enfermidade, que lhe ſervio de ſe aparelhar para a morte, a qual elle trazia taõ preſente, que até nas cartas jocoſas falava muito de ſiſo nella, como ſe vê bem das que andaõ impreſſas nas ſuas Rimas. Acreſcentouſe-lhe eſte mal com o ſentimẽto da morte d'ElRey D. Sebaſtiaõ, a quem tinha ententado celebrar em outro heroico poema, ſe ambos durara a vida, e melhor fortuna.

Com eſta, e outras moleſtias ſe lhe foi aggravando a enfermidade até o anno de 1579. no qual faleceo. Eſtava neſte tempo em tanta pobreza, que de caſa de D. Franciſco de Portugal lhe mandàraõ o lançol em que o amortalharaõ, e aſſi foi ſepultado na Igreja de Santa Anna ſem letreiro, ou campa alguma, que moſtraſſe o lugar de ſua ſepultura.

Era quando morreo de pouco mais de cincoenta annos, porque quando compunha os ſeus Luſiadas, diz elle no Canto 10. Eſtanc 9. que tinha já pouco que paſſar da idade do Eſtio para o Outono, o qual começa dos cincoenta por diante.

Vaõ os annos deſcendo, e já do Eſtio
Ha pouco que paſſar até o Outono.

E fallecendo elle ſete annos depois de ſua impreſſaõ (a qual foi no de 1572.)

parece que naõ paſſou dos cincoenta e cinco. Foi Luis de Camões de mean eſtatura, groſſo e chêo do roſto, e algum tanto carregado da fronte, tinha o nariz comprido levantado no meio, e groſſo na ponta; afeava-o notavelmente a falta do olho direito, ſendo mancebo, teve o cabello taõ louro, que tirava a açafroado; ainda que naõ era gracioſo na aparencia era na converſaçaõ muito facil, alegre, e dizidor, como ſe vê em ſeus motes, e eſparſas poſto que já ſobre a idade deu algum tanto em melancollico. Nunqua caſou nem, deixou geraçaõ. Viveo, e morreo em tanta eſtreiteza do neceſſario para a vida, que ſe aquelles tempos naõ foraõ taõ calamitoſos para o Reino, com as couſas de Africa, pudera redundar em afronta dos naturaes, e cauſar admiraçaõ. Ainda que os que tem noticia das hiſtorias humanas entenderaõ bem que eſte he o eſtillo ordinario do mundo, no qual os mais dos homens eminentes ſaõ perſeguidos e deſpreſados em vida. Do grande Homero ſabemos que ſe ſuſtentava pedindo eſmola pela Grecia. A Socrates faltava muitas veſes huma capa com que ſe cobrir, e em fim

veio

veio a morrer condenado pelos Athenienſes, e Ariſtoteles e Demoſthenes, porque o naõ foſſem fugiraõ da meſma Cidade. Scipiaõ morreo deſpojado da fazenda, e deſterrado da patria. A Tullio degollaraõ, e por mais o afrontarem aquella lingoa, em que por tantas vezes conſiſtio a liberdade da Republica, e o grande Epicteto viveo em Roma com tanta miſeria, que naõ tinha mais de ſeu, que hum candieiro de barro, com que ſe alumiava. Acabando porém com a vida as armas da enveja, com que os grandes engenhos ſaõ ſempre combatidos, naſcem elles de novo depois da morte, e veſtidos das azas da fama, alcançaõ à gloria, que ſuas obras mereceraõ; porque os homens naõ pódem fazer guerra, ſenaõ aos corpos, os quaes, como compoſtos de materia fragil, e caduca, ſaõ vencidos de maior potencia. Mas as obras do engenho, como repreſentaõ o animo, que he eterno, duraõ igualmente com o tempo, e com elle acquirem o premio igual a ſeus merecimentos. Daqui veio chegarem depois os Gregos a venerar, como couſas devinas, aos meſmos Homero, Socrates, Demoſthenes, e Ariſtoteles, a

quem

quem em vida perseguiraõ, e em Roma a confessarem os Cidadãos, que naõ podia ser castigada aquella Cidade com maior pena, que privala Scipiaõ do thesouro de sua sepultura, e a dizerem contra os matadores de Tullio, que por se livrarem de sua eloquente lingua, fizeram fallar contra si as de toda a Republica; e foi taõ estimado o nome de Epicteto, que o seu candieiro de barro, por ser possuido de tal dono, se comprou na praça de Roma por trezentos crusados.

Deste mesmo modo vai sucedendo a Luis de Camões, o qual, sendo perseguido em vida de perpetuos infortunios; depois de morto tem alcançado gloriosissimos premios de seus trabalhos, porque pouco depois de seu fallecimento, movido Dom Gonçallo Coutinho do zelo da Patria, a quem o Poeta tinha tanto merecido, lhe mandou cobrir o lugar da sepultura com huma campa de marmore com este honroso epitafio:

Aqui jaz Luis de Camões, Principe dos Poetas de seu tempo: viveo pobre, e miseravelmente, e assim morreo no anno de 1579. Esta campa lhe mandou aqui

por

por D. Gonçalo Coutinho, na qual se naõ enterrará pessoa alguma.

A este Epitafio acrescentou depois outro maior (com gosto do mesmo Dom Gonçallo) Martim Gonçalves da Camara, Presidente, que foi da mesa da Paço, e escrivaõ da puridade d'ElRey Dom. Sebastiaõ grande valido seu, e estimado de todos os Reys deste Reino, varaõ de summa inteiresa, virtude, e temperança, compôs este epitafio á sua instancia o Reverendo Padre Matheus Cardoso Religioso da Companhia de Jesus Lente que foi da primeira cadeira da humanidade da Universidade de Evora, que despois deixando os estudos humanos, se dedicou só aos divinos, e á pregaçaõ do Evangelho nas barbaras Regiões de Angola, aonde ao presente anda, e o Epitafio diz assim.

Naso eligis, Flaccus Lyricis, epigrāmate Marcus
Hic jacet, Heroo carmine, Virgilius!
Ense simul, calamoque auxit tibi Lysia famam,
Unam nobilitant Mars, & Apollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine, at Indo
Et Gangi, telis obstupefecit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingenii, haud gazas, ex Oriente tulit;
Sic bene de patria meruit, dum fulminat ense,
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hespani vertēre poetam

Quæ-

Quælibet hunc vellet terra vocare suum
Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni,
Est sibi: par nemo, nemo secundus erit.

Naõ he pequeno louvor alcançar Luis de Camões depois de morto estas gloriosas memorias por obra de varões taõ illustres, quando até os maiores Principes do Mundo, e os parentes mais chegados com a morte se sepultaõ juntamente no esquecimento dos vivos. Porém naõ he menos honra a que acquirio nos bons engenhos, que se dedicáraõ a tradusir o seu poema heroico, o qual anda convertido nas melhores lingoas de Europa, querendo cada qual fazello proprio por ornamento da sua patria, e para enriquecer seus naturaes com taõ precioso thesouro. E ultimamente o Reverendissimo Bispo de Traga D. Fr. Thome de Faria o traduzio com grande elegancia em verso Heroico Latino, tendo justamente tal occupaçaõ por digna de sua profissaõ, e dignidade, como outros muitos prelados tem feito em semelhantes sugeitos, por ser obra em que se mostra muita erudiçaõ, e engenho. Neste Reino se tem tambem empregado naõ poucos em cõmentarem, e louva-

rem

rem o mesmo Poeta Luis de Camões; alguns sairaõ á luz, e outros se conservaõ manuscriptos, mais dinos, póde ser, da impressaõ, que ós que tiveraõ esta fortuna, qual he o que ha muitos annos tem composto Luis da Silva de Brito Prior do Santo Milagre de Santarem, pessoa assaz conhecida neste Reino pela muita doutrina, e qualidades que nelle concorrem. Dos versos que se tem composto em seu louvor, por serem muitos, referirei só dous Epigramas que se imprimiraõ com as suas Rimas no anno de mil e quinhentos e noventa, e oito: o primeiro Latino feito por Manoel de Sousa Coutinho, taõ illustre no sangue, como nas letras humanas, o qual deixando o seculo, e nome, entrou na sagrada Religiaõ dos Pregadores, onde se chamou Fr. Luis de Sousa, e tem dado com suas obras outra nova esperança á nossa patria. Pelo que por ser o Epigrama de tal sugeito, he para Luis de Camões de grande reputaçaõ.

Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus, alto
Quod Sophocles, tristi naso, quod ore canit.
Mæstitiam, casus, horrentia prælia, amores,
Juncta simul cantu, sed graviore damus.
Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit (illum

Ly-

Lysia in Eois imperiosa plagas. Cillum
Unus tanta dedit? Dedit & maiora daturus,
Ni celeri fato corriperetur, erat.
Ultimus hic choreis Musarum præfuit: illo
Plenior Aonidum est, nubiliorque chorus.
Flos veteris, virtusque novæ fuit ille camænæ.
Debita iure sibi sceptra poesis habet.
In Lusitanos Heliconis culmina tractus
Transtulit antra, liras, serta, fluenta, Deas.
Currere Castalios nostra de rupe liquores
Jussit, ab invito prata virere solo.
Cerne per incultos, Tempe meliora recessus,
Cerne satas, sterili sespite, veris opes.
Omnibus Occidui rident tibi floribus horti,
Non ego jam Lysios, credo, sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes
Traxit, & ab stygio squalida monstra foro.
Thessalicos Lodoice, sacro cum flumine montes
Pieridumque trahis cælituumque choros
Sunt majora tuæ Orphæis miracula vocis,
Attica quid faceres, si tibi lingua foret?

O outro he hum soneto Portugues do nosso celebre Poeta Diogo Bernardes, que no estillo pastoril naõ reconhece superior, o qual por ser taõ qualificado voto, he digno de muita consideraçaõ.

Quem louvara Camões que elle naõ seja
Quem naõ vê que em vaõ cança engenho, & arte?
Elle assi só se louva em toda a parte,
E toda a parte elle só enche de inveja.
Quem juntos n'um esprito ver deseja
Quantos dões entre mil Phebo reparte

(Quer

(Quer elle de Amor cante, quer de Marte)
Por mais naõ desejar elle só veja.
Honrou a patria em tudo, imiga sorte
A fez com elle só ser encolhida,
Em premio de estender della a memoria.
Mas se lhe foi fortuna escasa em vida,
Naõ lhe poude tirar depois da morte
Hum rico amparo de sua fama, & gloria.

Destes testemunhos puderamos traser muitos, mas baste hum universal, que he a grande estima que neste Reino se tem feito de suas obras, das quaes se tem impresso, e gastado mais de vinte mil volumes; e taõ geral he hoje o conhecimento do muito, que mereceo á patria, que se durara ainda agora entre nós o costume dos Romanos, que aos Cidadãos benemeritos levantavaõ estatuas nas praças, naõ duvido, que do publico se lhe dedicára huma mui sumptuosa, mas por naõ carecer deste premio, no modo em que se permite a hum particular lhe mandou Gaspar de Faria Severim, meu sobrinho, esculpir em bronze o seu natural retrato, com a inscripçaõ que se vê no principio deste Discurso.

E para em toda a parte poder acompanhar a este retrato huma breve noticia de sua vida, se lhe ajuntou este Elogio.

ELO-

ELOGIUM.

QUem Homerum credis, Camões est Lusitanus in pari vultu, eadem mentis excelsæ pignora, iidem in vita casus, ut ille ambobus, altero hic orbatus oculo: illi tenuis fortuna, huic semper arcta, semper adversa: Ulyssem ille cecinit, hic Ulyssæos, æqualis cantu, cætera maior, nempe altissimũ meditatus Poema, & expressurus furentem procellis Neptunum, ferro, flamisq̃ Martẽ, ad Indos navigavit, Brachmanas audivit, cum hoste dimicavit (testãtur pulchræ adverso ore cicatrices) quin uti Platonẽ peregrinatione, ita naufragio Cæsarẽ egit, contentus etiã præter scripta nihil eripuisse undis. Patriæ restitutus, quã singulariter nobilitarat, ingratã expertus est; nulla donatus laurea, nullis auctus honoribus, inter cõcives prosus extorris diẽ clausit Adest.43. post ãno quæsita meritis gratia, sublatũ civitas Fato, & Libitinæ ardet furari. Primus Gaspar de Faria Severinuus, novum hoc statuæ genus cõmẽtus dum alii marmoreas, alii aureas properant. Anno 1622. Como se differa.

CA-

CAmões he Lusitano, este que vos parece Homero, na semelhança do rosto, nos mesmos partos do entendimento, e na igualdade da vida. Homero foi falto de ambas as vistas, Camões de huma dellas: aquelle possuio poucas riquezas, este viveo em perpetua pobreza: cantou aquelle Ulysses, este os Ulysseos: mas sendo a Homero igual no canto, no mais foi superior, porque concebendo em seu animo hum soberano Poema, em que havia de pintar a braveza das tormentas de Neptuno, e o furor de Marte a ferro, e fogo, navegou, e passou á India, ouvio os sabios della, pellejou valerosamente com os inimigos (como testificaõ as fermosas feridas recebidas no rosto) e sendo outro Plataõ nas perigrinaçóes, imitou no naufragio a Cesar, contentando-se de livrar só das ondas seus poemas. Tornando á patria, experimentou sua ingratidaõ, depois de a ter singularmente emnobrecido, e sem receber premios, nem honras da poesia, acabou a vida como desterrado entre seus proprios Cidadãos. Chegou porém 43 annos depois

de

de morto o bem merecido galardaõ a ſuas obras procurando o agredecimento livralo da adverſidade da fortuna, e eſquecimento da morte com eſte novo genero de eſtatua, que Gaſpar de Faria Severim primeiro lhe levantou, em quanto outros de marmore, e de ouro lhas preparaõ. Anno 1622.

Deſte modo ficará a imagem do noſſo Poeta ornando as livrarias, e caſas das ſciencias, com grande goſto dos doutos, e curioſos, os quaes já em tempo de Plinio (*) coſtumavaõ ter ornados os Eſtudos com os roſtos daquelles, cujos animos conſervavaõ retratados no meſmo lugar em ſuas obras. E era eſte coſtume taõ uſado em Roma, que até os retratos que naõ havia, ſe fingiaõ, como aconteceo ao de Homero *Ex auro, argento, aut certe ex ære* (diz elle) *in Bibliothecis dicantur illi, quorum immortales animæ in iisdem locis, ibi loquuntur, quinimò etiam qui non ſunt, finguntur, pariuntque deſideria non traditi vultus, ſicut in Homero evenit &c.*

Neſte retrato ficou Luis de Camões aventajado a qualquer grande eſtatua por ma-

(*) *Piln. lib. 35. c. 2.*

maravilhosa, que fosse, porque as estuas naõ ocupaõ mais que hum só lugar, e padecem tambem as injurias do tempo, com as quaes se acabaraõ até aquelles mostruosos Colossos, com que os Antigos quiseraõ eternisar sua memoria, porém as estampas tem aquella propriedade da pintura com a qual diz o mesmo Plinio, que os homens se fizeraõ iguaes aos Deoses, podendo estar juntamente presentes em toda a parte, e por beneficio da impressaõ ficaõ isentos dos poderes do tempo. Estes excellentes premios, que as obras de Luis de Camões tem alcançado, parece antevio elle muitos annos antes, quando considerando o pouco fruito que entaõ lhe rendiaõ seus versos disse na Estanc. 100. do canto. 5. de seus Lusiadas.

Porém naõ deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito,
Que por esta ou qualquer outra via.
Naõ perderá seu preço, e sua valia.

Pelo que tem nelle todos os professores das sciencias hum grande exemplo, para naõ deixarem de occupar seus talentos em beneficio publico, por falta de

de favor, porque quanto mais eſte lhe faltecer de preſente, tanto maiores premios pódem eſperar de futuro.

Com razaõ logo nos podemos conſolar da contraria fortuna, que o noſſo Poeta padeceo em vida, pois além de ter nella por companheiros aos mais illuſtres varões da antiguidade, naõ lhe vai ficando depois da morte inferior nas honras da ſepultura, na autoridade das eſtatuas, na dilataçaõ da fama, com a qual he celebrado por todo o mundo, em tantas lingoas, dos melhores Poetas, Hiſtoricos, e Oradores, de maneira, que ſua glorioſa memoria durará igualmente com os ſeculos vindouros.

F I M.

IN-

INDICE

Dos Discursos, e Vidas deste Livro.

Foi taixado este Livro em papel a quatrocentos e sincoenta rèis. Meza 7 de Novembro de 1791.

Com tres Rubricas.